
FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO DOS
MÉDIUNS

Allan Kardec

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Instruções dos Espíritos sobre os gêneros de
manifestações e as formas de comunicações
com o Mundo dos Espíritos.

Desenvolvimento das atividades mediúnicas e as dificuldades
que se podem encontrar na prática do Espiritismo.



Mundo Maior
Editora e
Distribuidora

FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ
DISPENSANDO CONHECIMENTO

O Livro dos Médiuns
Título do original francês:
LE LIVRE DES MÉDIUMS (Paris, 1861)

Copyright *by* Fundação Espírita André Luiz • 2012

Mundo Maior Editora
Fundação Espírita André Luiz

Diretoria Editorial: Onofre Astinfero Baptista
Editor: Antonio Ribeiro Guimarães
Assistente Editorial: Marta Moro
Capa: André Alves Marouço/Leonardo Lopes
Diagramação: Leonardo Lopes
Revisão: Equipe Mundo Maior
Tradução: Maria Aparecida Becker

Rua São Gabriel, 364 térreo
Guarulhos/SP – CEP 07056-090
Tel.: (11) 4964-4700

www.mundomaior.com.br
e-mail: editorial@editoramundomaior.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kardec, Allan, 1804-1869.
O livro dos médiuns / Allan Kardec ; tradução
Maria Aparecida Becker. -- 2. ed. -- São Paulo :
Mundo Maior Editora, 2012.
Título original: Le livre des médiums
Bibliografia
1. Espiritismo 2. Médiuns I. Título.

12-03253

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Doutrina espírita 133.901

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução.....	13

Primeira Parte

NOÇÕES PRELIMINARES

I Existem Espíritos?	19
II O Maravilhoso e o Sobrenatural	25
III Método	35
IV Sistemas	47

Segunda Parte

DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Capítulo I	Ação dos Espíritos sobre a matéria.....	67
Capítulo II	Manifestações físicas – mesas girantes.....	73
Capítulo III	Manifestações inteligentes.....	77
Capítulo IV	Teoria das manifestações físicas	81
Capítulo V	Manifestações físicas espontâneas	93
Capítulo VI	Manifestações visuais	115
Capítulo VII	Bicorporeidade e transfiguração	133
Capítulo VIII	Laboratório do mundo invisível	143
Capítulo IX	Lugares assombrados.....	151
Capítulo X	Natureza das comunicações	157
Capítulo XI	Sematologia e tiptologia.....	161

Capítulo XII	Pneumatografia ou escrita direta.....	167
Capítulo XIII	Psicografia.....	173
Capítulo XIV	Médiuns.....	177
Capítulo XV	Médiuns escreventes ou psicógrafos	191
Capítulo XVI	Médiuns especiais.....	197
Capítulo XVII	Formação dos médiuns.....	213
Capítulo XVIII	Inconvenientes e perigos da mediunidade	229
Capítulo XIX	Papel dos médiuns nas comunicações espíritas.....	233
Capítulo XX	Influência moral do médium.....	247
Capítulo XXI	Influência do meio	257
Capítulo XXII	Mediunidade entre os animais.....	261
Capítulo XXIII	Obsessão	269
Capítulo XXIV	Identidade dos Espíritos.....	285
Capítulo XXV	Evocações.....	305
Capítulo XXVI	Perguntas que se podem fazer aos Espíritos	331
Capítulo XXVII	Contradições e mistificações.....	347
Capítulo XXVIII	Charlatanismo e prestidigitação.....	357
Capítulo XXIX	Reuniões e Sociedades Espíritas.....	369
Capítulo XXX	Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	387
Capítulo XXXI	Dissertações espíritas	395
Capítulo XXXII	Vocabulário espírita.....	425
Nota explicativa		427

APRESENTAÇÃO

A presença dos Espíritos na trajetória da Humanidade perde-se na noite dos tempos. Vêm como um sopro renovador vencendo distâncias, atestando a imortalidade e abrindo clareiras de esperança nas sombras terrenas. São as vozes dos Invisíveis que rompem as barreiras vibratórias e ressoam como clarinadas em todas as épocas, para despertar os que jazem no sono multimilenar da ignorância.

Após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, o professor Rivail, agora Allan Kardec, sentiu a imperiosa necessidade de escrever uma obra destinada a ser um guia seguro para médiuns e evocadores, o que vale dizer, para os que estivessem integrados nas práticas mediúnicas ou interessados em estudá-las.

Ante seus olhos de pesquisador, Allan Kardec descortinara um universo grandioso. Os próprios habitantes do mundo espiritual se faziam presentes anunciando a realidade da vida após a morte do corpo físico. Vinham descrever, cada um deles, a situação em que se encontravam e comprovar a possibilidade da comunicação entre encarnados e desencarnados. O Codificador pressente ser esta uma revelação capaz de mudar o rumo do raciocínio humano e a perspectiva do futuro, quando se tornasse conhecida em razão das implicações morais decorrentes.

A mediunidade, naquele momento, era praticada como mero entretenimento nas rodas sociais, como também explorada, através dos tempos, com a finalidade de atender à curiosidade daqueles que desejavam saber algo acerca do futuro, previsões relacionadas com guerras e domínios e, em menor escala, para atendimento aos enfermos como, por exemplo, nas práticas dos pajés ou feiticeiros das tribos

indígenas, além de ser utilizada para os trabalhos de magia negra quando direcionada para o mal. Na antiguidade os profetas, os oráculos e as pitonisas eram procurados, e de alguma forma, respeitados, entretanto, a certa altura, ocorreu uma significativa mudança, fruto de ideias religiosas castradoras engessando o pensamento das criaturas, ao tempo em que se promovia, especialmente na Idade Média, uma verdadeira caçada aos médiuns, acusados de bruxarias e muitos sofrendo torturas e condenados à morte.

Pela primeira vez, na história da Humanidade, os fenômenos mediúnicos iriam ser analisados e pesquisados com seriedade e critério científico que estavam por merecer. Esse era o momento certo e ali estava aquele que assumiria a honrosa missão.

O professor Rivail entrega-se ao trabalho, ao qual se dedicaria por mais de três anos.

Quando do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, que marca o advento do Consolador prometido por Jesus, Allan Kardec ao dar-lhe este título quis deixar bem claro e evidente que o mérito da obra pertencia aos seus legítimos autores, ou seja, os Espíritos. Em seguimento à obra básica lança em Paris, em 15 de janeiro de 1861, *O Livro dos Médiuns*. Também este apresenta o ensino dos Espíritos, como o Codificador ressalta na Introdução, entretanto, é possível observar a sua notável contribuição decorrente de suas pesquisas e experiências nas sessões mediúnicas a partir das narrativas dos Espíritos que se comunicavam. Após rigorosa e metódica observação, à qual também associava o confronto com centenas de mensagens recolhidas de vários países e inferindo a consequente universalidade e concordância dos ensinamentos dos Espíritos, é que Kardec formulava a teoria correspondente.

Ainda na Introdução, o autor enfatiza que se dirige “aos que veem no Espiritismo um objetivo sério, que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo”.

Esclarece que todos somos médiuns, isto é, que a faculdade existe em estado latente em todas as criaturas. Mais adiante, no capítulo XIV da segunda parte, define que médium é “todo aquele que sente num grau qualquer a influência dos Espíritos” e que a faculdade é inerente ao

ser humano, não sendo, portanto, “*um privilégio exclusivo*”, mas que usualmente só denominamos médium aquele em que a faculdade se mostra de forma ostensiva. Sob esse prisma devemos dizer que Kardec não era médium, e sim, como já foi dito, um emérito pesquisador, em virtude das características da sua missão.

A ordem sequencial de *O Livro dos Médiuns* evidencia a notável didática do Codificador, pois a tábua das matérias apresenta um raciocínio lógico, confirmando a sua condição de excelente pedagogo, já demonstrada no livro básico.

As noções preliminares, que constituem a primeira parte, levantam as dúvidas mais frequentes em relação ao assunto que o livro se propõe a resolver, o que é feito com rara acuidade e imbatíveis argumentos, preparando gradualmente o leitor para os demais temas expostos a seguir.

Kardec inicia a segunda parte de maneira extraordinária, enveredando pelos esclarecimentos da ação dos Espíritos, sobre a matéria, aprofundando os aspectos atinentes ao perispírito, já mencionado em alguns itens anteriores nesta mesma obra e em *O Livro dos Espíritos*, no qual registra o termo, pela primeira vez, para expressar o envoltório semimaterial do Espírito.

Ele divide os fenômenos mediúnicos em duas partes, as manifestações físicas e as manifestações inteligentes e discorre sobre a grande variedade de cada uma delas. Refere-se à diversidade dos médiuns, que corresponde às diferentes facetas em que a mediunidade se apresenta, elucidando quanto a aspectos técnicos, sempre recomendando o estudo antes da prática. Ressalta quanto ao papel dos médiuns nas comunicações, a influência moral destes, e dá especial ênfase aos inconvenientes e perigos de se praticar a mediunidade sem o conhecimento necessário. Alerta para o fato de que não se deve incentivar a prática mediúmica na infância e em pessoas portadoras de algum tipo de distúrbio mental, usando as expressões próprias da época em que escreve – século XIX – tais como “*sintomas de excentricidade nas ideias, ou enfraquecimento das faculdades mentais*”, o que significaria “*uma predisposição evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer sobreexcitação*”. No rol dos

perigos inclui as obsessões e as mistificações, recomendando precaução quanto aos charlatães e embusteiros. Para facilitar o reconhecimento do tipo de Espíritos que se comunicam, disserta com detalhes sobre questões ligadas à natureza destes e o modo de se distinguir os bons dos maus Espíritos. Partindo de sua própria experiência, apresenta considerações gerais sobre as evocações e comenta quanto às perguntas que podem ser feitas aos Espíritos. Na parte final expõe, no capítulo XXIX, de maneira magistral, os pontos básicos e essenciais relativos às reuniões e Sociedades espíritas, registra o regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas de Paris, e conforme enfatiza o mestre lionês, em nota após o texto, foi assinada por um nome *“que o respeito não nos permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele se há muitas vezes abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas”*.

“Esse nome, diz Kardec, é o de Jesus de Nazaré.”

O Codificador em seguida adverte: *“Quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, com tanto mais desconfiança devem os seus nomes ser acolhidos nos ditados”*.

Reconhece, todavia, a superioridade incontestável da linguagem e das ideias expendidas.

Essa importante mensagem foi posteriormente transcrita, após pequenas supressões, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo VI, “O Cristo Consolador” e Kardec coloca-a como assinada pelo Espírito de Verdade. O que nos leva a inferir que o ESPÍRITO DE VERDADE é JESUS.

Esta página magistral, em sua feição definitiva, conforme está no livro acima citado, assim se inicia:

“Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparsa no seio da Humanidade e disse: ‘Vinde a mim todos vós que sofreis’”.

Em seu parágrafo final há uma conclamação:

“Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: ‘Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade’”. – O Espírito de Verdade – (Paris, 1860)

Analisando-se detidamente *O Livro dos Médiuns*, constatamos a linha de raciocínio adotada pelo Codificador, a sua perfeita coerência e encadeamento que vai da primeira parte até o item 350 do capítulo XXIX. Observemos os seguintes pontos:

No item 30 da primeira parte, “Do método”, Kardec assinala, de forma primorosa, as características do verdadeiro espírita:

“O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso que encontrará satisfação real”.

Em seguida faz um comentário extraordinário:

“O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam”.

Essa felicidade nada tem a ver com a que é atribuída às questões da vida material mas, sim, apresenta-se como uma sensação nova, íntima, advinda do conhecimento que os princípios espíritas proporcionam, ampliando os horizontes mentais e reconfortando e reaquecendo os sentimentos, especialmente quando associada à vivência, o que irá caracterizar o verdadeiro espírita.

Após apresentar com riqueza de detalhes o guia seguro para os médiuns e os que atuam na área da mediunidade, Allan Kardec conclui, mencionando que de nada adianta acreditar na existência dos Espíritos se essa crença não propicia a transformação moral do indivíduo, se é apenas mera curiosidade, se a faculdade for utilizada somente para atender aos interesses materiais ou, o que é pior, para prejudicar quem quer que seja, a Humanidade permanecerá no mesmo patamar evolutivo, em nada progredindo. Ele ressalta, com a autoridade moral e espiritual que lhe são apanágio, que os desígnios da Providência

Divina são os do progresso e união das Sociedades espíritas sérias, as que estão cultivando entre elas os melhores sentimentos e os laços de simpatia e fraternidade, o que as tornariam fortes e respeitáveis, pois demonstrariam estar imbuídas da moral evangélica.

O Codificador proclama na parte final:

“A bandeira que desfraldamos bem alto é a do espiritismo cristão e humanitário, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados, tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade”.

As páginas seguintes desvendam, portanto, para os leitores, um mundo novo. Não mais credices e superstições, nem mistérios ou milagres, mas o natural intercâmbio entre as duas Humanidades, que a partir dessa obra se tornam uma só, integrada na imensurável rede cósmica, mergulhados que estamos no oceano do Amor divino.

Rendamos a Allan Kardec e à falange do Espírito de Verdade o preito do nosso reconhecimento, por terem possibilitado que o Consolador prometido por Jesus se tornasse bendita realidade entre os seres humanos. Façamos agora a nossa parte, pois o Mestre dos mestres e o mestre lionês abençoam aqueles que se disponham a contribuir para que o reinado do Bem se instale em nosso planeta e a Humanidade regenerada possa caminhar para conquistas superiores no rumo da felicidade.

Suely Caldas Schubert

INTRODUÇÃO

A experiência nos confirma todos os dias na opinião de que as dificuldades e os desenganos que se encontram na prática do Espiritismo têm sua fonte na ignorância dos princípios dessa ciência. Somos felizes ao constatar que o trabalho que fizemos para precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado trouxe seus frutos e que, graças à leitura desta obra, muitos podem evitá-los.

Um desejo bem natural, nas pessoas que se ocupam com o Espiritismo, é o de poder entrar em comunicação com os Espíritos. É para aplinar o caminho que esta obra é destinada, fazendo-os aproveitar do fruto de nossos longos e laboriosos estudos, porque se faria uma ideia falsa se pensassem que, por ser perito nessa matéria, fosse suficiente pousar os dedos sobre uma mesa para fazê-la girar, ou ter um lápis à mão para escrever.

Igualmente se enganaria aquele que acreditasse achar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Ainda que cada um encontre em si o germe das qualidades necessárias para tornar-se um deles, essas qualidades existem em graus muito diferentes e seu desenvolvimento tem causas que não dependem de ninguém fazer nascer à sua vontade. As regras da poesia, da pintura, da música não fazem nem poetas, nem pintores, nem músicos daqueles que não possuem o gênio. Elas somente os guiam no emprego das faculdades naturais. O mesmo acontece com nosso trabalho. Seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade medianímica tanto quanto permitam as disposições de cada um, e, sobretudo de dirigir seu emprego de uma maneira útil quando a faculdade existe. Mas aí não está o objetivo único a que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, há uma grande quantidade, que cresce todos os dias, de pessoas que se ocupam das manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os perigos que elas podem e devem necessariamente encontrar numa coisa nova, iniciá-las na maneira de se comunicarem com os Espíritos, indicar-lhes os meios de ter boas comunicações são tarefas que devemos abraçar sob pena de fazer uma coisa incompleta. Não será surpresa achar no nosso trabalho conselhos que, no primeiro momento, poderiam parecer estranhos: a experiência mostrará sua utilidade. Depois de ter estudado com cuidado, se compreenderá melhor os fatos dos quais serão testemunhas; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha. Como instrução prática, esta obra não se dirige apenas aos médiuns, mas a todos aqueles que querem ver e observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas desejariam que publicássemos um manual prático, sucinto, contendo em poucas palavras a indicação de procedimentos a seguir para entrar em comunicação com os Espíritos. Pensam que um livro dessa natureza pode, pela modicidade de seu preço, ser difundido em profusão. Seria um potente meio de propaganda multiplicando os médiuns. Quanto a nós, olhamos isso como mais prejudicial que útil, pelo menos no momento. A prática do Espiritismo é envolta em muitas dificuldades e não está isenta de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode prevenir. Seria uma temeridade que uma indicação demasiado sucinta provocasse experiências feitas com leviandade e das quais se poderia arrepender. São coisas com as quais não é nem conveniente, nem prudente brincar. Cremos fazer um mau serviço colocando à disposição de pessoas estouvadas que achariam engraçado conversar com os mortos. Nós nos dirigimos às pessoas que veem no Espiritismo uma finalidade séria, que compreendam toda a gravidade e não façam das comunicações com o mundo invisível apenas um jogo.

Publicamos uma *Instrução Prática* com o fim de guiar os médiuns. Esta obra está hoje esgotada e, ainda que seja eminentemente grave e séria, não a reimprimiremos mais, porque não a achamos ainda suficientemente completa para esclarecer todas as dificuldades que se possam encontrar. Nós a substituímos por esta aqui, na qual reunimos

todos os dados que uma longa experiência e um estudo consciencioso nos permitiram adquirir. Ela contribuirá, pelo menos esperamos, para dar ao Espiritismo o caráter sério que é sua essência, e afastar dele a ideia de uma ocupação frívola e divertida.

A essas considerações juntaremos uma muito importante: a má impressão que produz sobre os principiantes ou pessoas mal dispostas a visão de experiências feitas levemente e sem conhecimento de causa. Elas têm por inconveniente dar do mundo dos Espíritos uma ideia muito falsa e se prestar à zombaria e críticas frequentemente bem fundadas. É por isso que os incrédulos saem dessas reuniões raramente convertidos e pouco dispostos a verem um lado sério no Espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns têm causado maiores prejuízos do que se pensa.

O Espiritismo alcançou grandes progressos desde alguns anos, mas ele fez imensos avanços desde que entrou numa via filosófica, porque agora ele é apreciado por pessoas esclarecidas. Hoje não é mais um espetáculo: é uma doutrina da qual não riem aqueles que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos para levá-los a manter-se sobre esse terreno, temos a convicção de lhe conquistar mais adeptos úteis que provocando, a torto e a direito, manifestações das quais se poderiam descrever. Todos os dias temos a prova disso pelo número de adeptos que fez só a leitura dos livros dos Espíritos.

Depois de expor em *O Livro dos Espíritos* a parte filosófica da ciência espírita, damos nesta obra a parte prática para o uso daqueles que querem se ocupar das manifestações seja por elas próprias, seja pela observação de experiências alheias. Eles verão as dificuldades que podem encontrar e terão assim um meio de evitá-las. Essas duas obras, seguindo uma a outra, são até certo ponto independentes. Quem quiser se ocupar seriamente do assunto aconselhamos ler primeiro *O Livro dos Espíritos*, pois ele contém princípios fundamentais, sem os quais certas partes deste poderiam ser malcompreendidos.

Melhorias importantes aparecem na segunda edição, mais completa que a primeira. Ela foi corrigida com um cuidado todo particular pelos Espíritos que aí juntaram um grande número de notas e de instruções

do mais alto interesse. Como foi toda revista, eles a aprovaram ou a modificaram à sua vontade, pode-se dizer que é em grande parte obra deles, porque sua intervenção não se limitou a alguns artigos assinados. Nós indicamos os nomes que nos parecem necessários para caracterizar certas citações mais longas, como emanando deles textualmente. De outra maneira, teríamos de citá-las quase em todas as páginas, principalmente a todas as respostas dadas às questões que nos pareciam úteis. Os nomes, como se sabe, importam pouco em semelhante assunto; o essencial é que o conjunto do trabalho responde a finalidade que nos propusemos.

Como aí ajuntamos muitas coisas e muitos capítulos inteiros, também suprimimos alguns artigos como a “Escala Espírita” que já se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Suprimimos também do vocabulário aquilo que não era necessário no quadro desta obra, e que se acha substituído por coisas mais práticas. Desde a segunda edição, o texto não foi alterado.

PRIMEIRA PARTE

NOÇÕES
PRELIMINARES

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A dúvida em relação à existência dos Espíritos tem por causa principal a ignorância da verdadeira natureza deles. Imaginam-se os Espíritos como seres à parte na criação, sem nenhuma prova de sua necessidade. Muitos só os conhecem pelos contos fantásticos que ouviram na infância, mais ou menos como se conhece a História pelos romances. Sem procurar saber se esses contos, desprovidos dos acessórios ridículos, repousam sobre um fundo de verdade, só o lado absurdo os choca. Não se dando ao trabalho de retirar a casca amarga para descobrir a amêndoa, rejeitam tudo, como fazem, na religião, aqueles que, chocados com certos abusos, confundem tudo na mesma reprovação.

Qualquer que seja a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença é necessariamente fundada sobre a existência de um princípio inteligente fora da matéria; ela é incompatível com a negação absoluta desse princípio. Tomamos como ponto de partida na existência a sobrevivência e a individualidade da alma, da qual o espiritualismo é a demonstração teórica e dogmática e o Espiritismo, a demonstração experimental. Façamos, por um instante, abstração das manifestações propriamente ditas, e, raciocinando por indução, vejamos a que consequências chegaremos.

2. No momento que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é necessário admitir também: 1^o que ela é de uma

natureza diferente do corpo, porque, uma vez separada, não tem mais as suas propriedades; 2º que ela goza da consciência de si própria, pois se lhe atribui a alegria e o sofrimento. Do contrário, seria um ser inerte, e tanto valia ter como não ter alma. Isso admitido, essa alma vai para alguma parte; o que acontece com ela e para onde vai?

Segundo a crença comum, ela vai para o céu ou para o inferno, mas onde é o céu e onde é o inferno? Antigamente, dizia-se que o céu estava no alto e o inferno embaixo. Mas o que é o alto e o baixo no Universo, desde que se conhece a esfericidade da Terra, o movimento dos astros que faz o que estava em cima em dado momento ficar embaixo dentro de doze horas, o infinito do espaço no qual o olho mergulha a distâncias incomensuráveis? É verdade que por lugar baixo entende-se também as profundezas da Terra, mas o que se tornaram essas profundezas depois que foram estudadas pelos geólogos? Em que se tornaram igualmente às esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu de estrelas, desde que se sabe que a Terra não é o centro dos mundos, que o nosso Sol não é senão um em milhões de sóis que brilham no espaço, onde cada um é o centro de um turbilhão planetário? Qual é a importância da Terra perdida nessa imensidão? Por qual privilégio injustificável este grão de areia imperceptível que não se distingue nem por seu volume, nem por sua posição, nem por um papel particular, seria o único povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir a inutilidade do infinito e tudo nos diz que esses mundos são habitados. Se forem habitados, eles fornecem seu contingente ao mundo das almas; mas uma vez em que se tornam essas almas, desde que a Astronomia e a Geologia destruíram suas moradas e que a teoria tão racional da pluralidade dos mundos lhes multiplicou ao infinito?

A doutrina da localização das almas não concorda com os dados da Ciência. Assim uma outra doutrina, mais lógica toma lugar, não um lugar determinado e circunscrito, porém o espaço universal: é todo um mundo invisível no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos contata sem cessar. Há nisso uma impossibilidade, qualquer coisa que repugne a razão? Não, de modo algum. Tudo nos diz que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, em que se transformam as penas e as recompensas futuras, se as almas não vão para determinados lugares? Essa ideia é absurda e dá motivo à incredulidade. Digamos que, em lugar disso, as almas gozem sua felicidade ou sofram suas penas em seu íntimo, que sua sorte esteja subordinada a seu estado moral; que a reunião de almas simpáticas e boas seja uma fonte de felicidade; que, segundo seu grau de pureza, elas consigam ver coisas que escapam às mais grosseiras e que todo mundo pode compreendê-las sem esforço. Digamos que as almas não chegam ao seu desenvolvimento máximo senão quando fazem para melhorar e depois de uma série de provas que servem para sua depuração; que os anjos são almas que chegaram ao último grau que todos podem atingir com boa vontade; que os anjos são mensageiros de Deus, encarregados de velar para a execução de Seus desígnios no Universo; que eles são felizes nessa missão gloriosa e damos à sua felicidade uma finalidade mais útil e mais atraente que aquela de uma contemplação perpétua que não seria outra coisa a não ser uma inutilidade perpétua. Digamos que os demônios sejam as almas dos perversos, ainda atrasados, mas que podem se elevar como os outros. Isso estará mais conforme a justiça e a bondade de Deus que a doutrina de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal. Aí está o que a razão mais severa, a lógica mais rigorosa, o bom senso, podem admitir.

As almas que povoam o espaço são precisamente aquelas que se chamam *Espíritos*; os Espíritos não são outra coisa senão as almas dos homens desprovidas de seu envoltório corporal. Se os Espíritos fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética. Se admitirmos que existam almas, torna-se necessário admitir os Espíritos, que nada mais são do que almas. Se admitirmos que as almas estão em toda parte, admite-se igualmente que os Espíritos estão em toda parte. Não podemos negar a existência dos Espíritos sem negar a existência das almas.

3. Esta é uma teoria mais racional que as outras, e já é o bastante que nem a razão, nem a ciência a contradigam; além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a sanção da lógica e da experiência. Encontramos esses fatos nos fenômenos das manifestações espíritas, que são assim a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muita gente admite

a existência das almas e conseqüentemente dos Espíritos, mas nega a possibilidade de se comunicar com eles, pela razão, dizem, que seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Essa dúvida é fundada na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais, geralmente se faz uma ideia falsa, porque os imaginamos seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é verdade.

Imaginemos primeiramente o Espírito em sua união com o corpo. O Espírito é o ser principal, porque é o *ser pensante e sobrevivente*; o corpo é apenas um acessório do Espírito; um envoltório, uma vestimenta que ele deixa quando está muito usado. Além do envoltório material, o Espírito tem um segundo, semimaterial, que o une ao primeiro. Na morte, o Espírito se despoja deste, mas não do segundo, que chamamos *perispírito*. Esse envoltório semimaterial tem a mesma forma do corpo, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, mas que possui ainda algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, portanto, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para parecer um ser humano. Por que então não agiria sobre a matéria? Por seu corpo ser fluídico? Mas não é por meio dos fluidos mais rarefeitos, aqueles que se olha como imponderáveis, a eletricidade, por exemplo, que o homem encontra seus mais potentes motores? E a luz imponderável não exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito, mas suponhamos que seja formado de matéria elétrica, ou outra também sutil, por que não teria a mesma propriedade sendo dirigida por uma vontade?

4. A existência da alma e a de Deus, que são consequência uma da outra, sendo a base de todo o edifício, antes de começar qualquer discussão espírita, importa se assegurar de que o interlocutor admite essa base. Se, às questões seguintes:

Crê em Deus?

Crê ter uma alma?

Crê na sobrevivência da alma após a morte?

Ele responde negativamente, ou diz simplesmente: “*Não sei, gostaria que assim fosse, não estou seguro*”; o que na maior parte das vezes equivale a

uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos contundente, para evitar ferir bruscamente aquilo que se chamam preconceitos respeitáveis. Seria inútil prosseguir. Seria como demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz, porque as manifestações espíritas não são outra coisa senão os efeitos das propriedades da alma. Com tal interlocutor, só resta seguir outra ordem de ideias, se não quisermos perder nosso tempo. Se a base é admitida, não como uma *probabilidade*, mas como verdadeira, incontestável, a existência dos Espíritos decorre muito naturalmente.

5. Resta saber se o Espírito pode se comunicar com o homem, quer dizer, pode fazer com ele uma troca de pensamentos. E por que não? O que é o homem senão um Espírito aprisionado em um corpo? Porque o Espírito livre não poderia se comunicar com o Espírito cativo, como um homem livre pode com aquele que está acorrentado? Desde que se admita a sobrevivência da alma é racional não admitir a sobrevivência das afeições? Desde que as almas estão em todos os lugares, não é natural pensar que aquela de um ser que nos amou durante sua vida venha para perto de nós, que deseja se comunicar conosco e que para isso se serve dos meios que estão à sua disposição? Durante sua vida não agia ela sobre a matéria de seu corpo? Não era ela que lhe dirigia os movimentos? Por que, então, após sua morte, de acordo com um Espírito ligado a um corpo, não emprestaria esse corpo vivo para manifestar seu pensamento como um mudo pode se servir de uma pessoa que fala para se fazer compreender?

6. Façamos, por um instante, abstração dos fatos que, para nós, tornam a coisa incontestável; admitamos a título de simples hipótese. Pedimos que o incrédulo nos prove, não por uma simples negação, porque sua opinião pessoal não é lei, mas por razões que não admitam réplica, que isso não pode ocorrer. Nós nos colocamos sobre seu próprio terreno, uma vez que ele queira apreciar os fatos espíritas com a ajuda das leis da matéria; que ele aproveite nesse arsenal alguma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e prove por *a* mais *b*, sempre partindo do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º que o ser que pensa em nós durante a vida não deve pensar mais após a morte;

2º que, se ele pensa, não deve pensar mais naqueles que ele amou;

3º que, se ele pensa naqueles que amou, ele não deve querer se comunicar com eles;

4º que, se ele pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º que, se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco;

6º que, por seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria;

7º que, se ele pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º que, se pode agir sobre um ser animado, ele pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9º que, podendo fazê-lo escrever, ele não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos demonstrarem que isso não é possível, por razões evidentes como aquelas apresentadas por Galileu, que demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então podemos dizer que suas dúvidas são fundadas. Infelizmente, até hoje, toda sua argumentação se resume nestas palavras: *“Eu não creio, então isso é impossível”*. Os incrédulos dirão que cabe a nós provar a realidade das manifestações; nós a provamos pelos fatos e pelo raciocínio. Se não admitem nem um, nem outro, negam mesmo o que veem, cabe a eles provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e às suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia, com alguma aparência de razão, ser suspeita de ilusão. Mas podemos encontrá-la viva em todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões. É porque, dizem alguns críticos, em todos tempos, o homem tem amado o maravilhoso. — Que é o maravilhoso, segundo sua opinião? — Aquilo que é sobrenatural. O que você entende por sobrenatural? — Aquilo que é contrário às leis naturais. Então você conhece tão bem essas leis que pode marcar um limite ao poder de Deus? Muito bem! Prove que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é nem pode ser uma dessas leis. Siga a Doutrina Espírita e verá que esse encadeamento tem todos os caracteres de uma admirável lei, que resolve tudo que as leis filosóficas não puderam resolver até hoje.

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A possibilidade que ele tem de agir sobre a matéria, de impressionar nossos sentidos e, por conseguinte, transmitir seu pensamento resulta, se assim podemos nos exprimir, de sua constituição fisiológica. Então, não há nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. Que um homem morto e bem morto reviva corporalmente, que seus membros dispersos se reúnam novamente para formar seu corpo, isso é maravilhoso, sobrenatural,

fantástico. Seria uma verdadeira derrogação que Deus poderia fazer por meio de um milagre, mas não há nada parecido na Doutrina Espírita.

8. Não obstante, dirão, você admite que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Isso não é uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, a lei conhecida, mas a Natureza disse sua última palavra? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, levando muitos homens, pudesse triunfar das leis de atração. Aos olhos do vulgo, isso podia parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que tivesse proposto, há um século, transmitir uma mensagem a 500 quilômetros de distância e receber a resposta em alguns minutos seria considerado um louco. Se alguém fizesse isso, teriam acreditado que ele tinha o diabo às suas ordens, pois, à época, só o diabo seria capaz de ir tão rápido. Por que, então, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em dadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isto, note-se, é uma comparação unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os sábios, na observação de certas espécies de fenômenos, quiseram proceder por identificação e acabaram por se enganar. De resto, o fato está aí. Todas as negações nada puderam fazer, porque negar não é provar. Para nós, nada há de sobrenatural, e isso é tudo que podemos dizer no momento.

9. Se o fato está constatado, nós o aceitamos, aceitamos até mesmo a causa citada, aquela de um fluido desconhecido, mas quem prova a intervenção de um Espírito? Aí está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessária aqui toda uma demonstração que não seria cabível, porque ela ressalta de todas as outras partes dos ensinamentos. Entretanto, para resumir em algumas palavras, dizemos que ela está fundada, em teoria, sobre este princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Praticamente, sobre esta observação que os fenômenos ditos espíritos, tendo dado provas de inteligência, devem ter uma causa inteligente fora da matéria; que essa inteligência não sendo aquela dos assistentes — aqui está o resultado de uma experiência — deve estar fora deles, pois não se vê o ser agindo, é então um ser invisível. É então

que, de observação em observação, chegou-se a reconhecer que esse ser invisível, ao qual se dá o nome de Espírito, não é outra coisa senão a alma daqueles que viveram corporalmente e que a morte despojou de seu grosseiro envoltório visível, não lhes deixando senão um envoltório etéreo, invisível em seu estado normal. Eis, então, o maravilhoso e o sobrenatural reduzido a sua mais simples expressão.

Uma vez constatada a existência de seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta da natureza de seu envoltório fluídico; essa ação é inteligente, porque, ao morrer, perderam apenas seus corpos, mas conservaram a inteligência, que é sua essência. Aí está a chave de todos esses fenômenos denominados erradamente sobrenaturais. A existência de Espíritos não é então um sistema preconcebido, uma hipótese imaginária para explicar os fatos. É o resultado de observações e a consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Aqueles que pensarem poder dar desses efeitos inteligentes uma solução mais racional, podendo explicar *todos os fatos*, queiram fazê-lo, e assim se poderá discutir o mérito de cada uma.

10. Aos olhos daqueles que veem a matéria como a única força da Natureza, *tudo que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; e, para eles, *maravilhoso é sinônimo de superstição*. Desse modo, a religião, fundada sobre a existência de um princípio imaterial, é uma teia de superstições. Não ousam dizer em voz alta o que pensam, mas o dizem baixinho. Creem salvar as aparências, concordando que é necessária uma religião para o povo e para disciplinar as crianças. Ora, de duas uma: ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso; se é verdadeiro, ele o é para todo o mundo; se é falso, não é melhor para os ignorantes nem para os mais esclarecidos.

11. Aqueles que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso apoiam-se, geralmente, sobre o princípio materialista, porque negando todo efeito extramaterial, negam, por isso mesmo, a existência da alma. Sonde o fundo dos seus pensamentos, investigue bem o sentido de suas palavras e você verá quase sempre o princípio, se está formulado claramente, colocado sob a capa de uma pretensa filosofia racional sob a qual

eles se escondem. Rejeitando como maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são consequentes consigo próprios. Não admitindo a causa não admitem os efeitos. Daí uma opinião preconceituosa que os tornam incapazes de julgar sadiamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio da negação de tudo que não seja material. Quanto a nós, desde que admitimos os efeitos que são a consequência da existência da alma, segue-se que aceitamos todos os fatos qualificados de maravilhosos. Somos, então, os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Seria conhecer bem pouco o Espiritismo para assim pensar, mas nossos adversários não se importam com isso. A necessidade de conhecer aquilo de que falam é o menor de seus cuidados.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo. Ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, logo o Espiritismo é absurdo. Creem apresentar um argumento sem réplica quando, depois de ter feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os calvinistas das Cévennes, ou as religiosas de Loudun, chegaram a descobrir fatos comprovados de trapaça que ninguém contesta. Essas histórias são o evangelho do Espiritismo? Seus partidários não negaram que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os tenha criado, que o fanatismo os tenha exagerado muito? O Espiritismo não é responsável pelas extravagâncias que se pode cometer em seu nome, como a verdadeira Ciência não o é pelo abuso da ignorância, nem a verdadeira religião pelo excesso de fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo só pelos contos de fadas e pelas lendas populares que são formas de ficção. Do mesmo modo valeria julgar a história pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. Seguindo uma lógica elementar, para discutir uma coisa, é necessário conhecê-la, porque a opinião de um crítico não tem valor se ele não fala com conhecimento de causa. Somente assim, sua opinião, ainda que errônea, pode ser tomada em consideração. Que valor essa opinião pode ter se o crítico desconhece o assunto? A verdadeira crítica deve provar não apenas erudição, mas um conhecimento profundo do assunto em questão, de um julgamento justo e de uma imparcialidade a

toda prova. De outro modo, um violeiro qualquer se daria o direito de julgar Rossini e um aprendiz de pintor de censurar Rafael.

13. O Espiritismo, portanto, não aceita todos os fatos considerados maravilhosos ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que entre os fatos que ele admite, há coisas que para os incrédulos são maravilhosas, o que vale dizer da superstição. Assim seja, mas ao menos não discutam esse ponto, porque sobre os outros nada há a dizer e pregarão aos convertidos, atacando o que o próprio Espiritismo refuta, provam a ignorância e seus argumentos caem por terra. Mas até onde vai a crença do Espiritismo?, dirão. Leia, observe e saberá. Toda ciência só se adquire com o tempo e com o estudo. Ora, o Espiritismo toca as questões mais graves da Filosofia; a todos os ramos da ordem social, que trata ao mesmo tempo do homem físico e do homem moral; é, ele próprio, uma ciência, toda uma filosofia que não pode ser aprendida em algumas horas como toda outra ciência. Seria puerilidade ver todo o Espiritismo nas mesas girantes, como ver toda a Física em certos jogos infantis. Para aquele que não quer parar apenas na superfície, não são horas, mas meses e anos que terá de gastar em sondar todos os seus arcanos. Que se julgue, por isso, o grau de saber e a opinião daqueles que se arrogam o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, frequentemente, de maneira distraída e por passatempo. Dirão, sem dúvida, que não têm tempo disponível necessário a esses estudos. Seja; nada os obriga; mas, então, quando não se tem tempo para estudar uma coisa, não se deve falar dela e ainda menos julgá-la, se não se quer ser acusado de leviandade. Quanto mais alta é a posição dentro de uma ciência, menos desculpável é tratar de um assunto que não se conhece.

14. Resumimos tudo nas seguintes proposições:

1º Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2º Esses fenômenos, sendo fundados sobre uma lei da Natureza nada têm de maravilhosos ou sobrenatural, no sentido comum da palavra;

3º Muitos fatos ditos como sobrenaturais só o são por desconhecimento de causa; o Espiritismo lhes assinalando uma causa os faz entrar no domínio dos fenômenos naturais;

4º Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, há muitos que o Espiritismo demonstra a impossibilidade e que coloca entre as crenças supersticiosas;

5º Ainda que o Espiritismo reconheça em muitas crenças populares um fundo de verdade, não é solidário com todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º Julgar o Espiritismo sobre fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor de sua própria opinião;

7º A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e suas consequências morais constituem toda uma ciência e toda uma filosofia, que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º O Espiritismo só pode olhar como crítico sério aquele que tudo tenha visto, tudo estudado, tudo aprofundado, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que saberá o assunto como o adepto mais esclarecido; que tenha adquirido seus conhecimentos além dos romances da ciência; a quem não se pudesse opor nenhum fato do qual ele não tivesse conhecimento, nenhum argumento no qual não tivesse meditado; que ele refutaria, não pela simples negação, mas por outros argumentos mais peremptórios; que pudesse assinalar uma causa mais lógica aos fatos verificados. Esse crítico está ainda por aparecer.

15. Citamos há pouco a palavra *milagre*. Uma pequena observação sobre o assunto não estará deslocada neste capítulo sobre o maravilhoso.

Em sua acepção primitiva, por sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*. Mas essa palavra, como tantas outras, se afastou do sentido original e hoje se diz, segundo a Academia, de *um ato da potência divina contrária às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, sua acepção usual, e é só por comparação e por metáfora que se aplica às coisas comuns que nos surpreendem e cuja causa nos é desconhecida. Não cabe a nós examinar se Deus pode julgar útil, em certas circunstâncias, derrogar leis estabelecidas por Ele mesmo.

Nosso objetivo é demonstrar que os fenômenos espíritas, ainda que sejam extraordinários, não revogam essas leis, não têm nenhum caráter miraculoso como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica. Os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional; não são milagres, mas simples efeitos que têm sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem um outro caráter, o de ser insólito e isolado. Ora, quando um fato pode se reproduzir à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

A Ciência faz todos os dias milagres aos olhos dos ignorantes. Aí está por que, nos tempos antigos, aqueles que sabiam um pouco mais que os outros passavam por feiticeiros. Como se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram condenados à fogueira. Hoje somos mais civilizados, basta mandá-los para os hospícios.

Que um homem realmente morto, como dissemos no começo, seja chamado à vida por uma intervenção divina, é um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem tem só a aparência da morte, se há nele um resto de *vitalidade latente*, e que a Ciência ou uma ação magnética, consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo, o fato passará por milagroso. O autor será perseguido a pedradas ou venerado, segundo o caráter dos indivíduos. Que no meio de um campo aberto, um físico solte uma pipa e daí venha a tombar um raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente olhado como armado de um poder diabólico e, diga-se de passagem, Prometeu parece ter antecipado Franklin; mas Josué, parando o movimento do Sol, ou antes da Terra, eis o verdadeiro milagre. Não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para operar tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é o da escrita direta e um daqueles que demonstram da maneira mais direta a mais extraordinária ação de inteligências ocultas. Não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos causados por agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, nos esclarecendo sobre essa força, nos dá a chave de inúmeras coisas inexplicadas e inexplicáveis por todo outro e qualquer meio e que puderam em tempos passados passar por prodígios. Ele revela, tal como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos malcompreendida; conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou fazendo com que os mortos escrevam. O milagre não é maior do que o do médico fazendo reviver um moribundo ou o físico fazendo tombar um raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa ciência, fazer milagres seria ou um ignorante de tudo ou pior, um trapaceiro.

16. Os fenômenos espíritas, tanto quanto os fenômenos magnéticos, antes que se conhecessem as causas devem ter passados por prodígios. Ora, como os cétricos, os espíritos fortes, aqueles que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não creem que uma coisa seja possível no momento que eles não a compreendem. Eis por que todos os fatos ditos prodigiosos são objeto de suas zombarias. Como a religião contém um grande número de fatos desse gênero, os cétricos não creem na religião e daí à incredulidade absoluta não há mais que um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, lhes dá uma razão de ser. Vem, portanto, auxiliar a Religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos, que, por não ter mais caráter miraculoso, não são menos extraordinários. Deus não é nem menor nem menos poderoso, por não ter revogado Suas Leis. De quantos gracejos as levitações de São Cupertino foram objeto? A suspensão etérea de corpos pesados é um fato explicado pela lei espírita. Temos sido *testemunhas oculares*. O sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, falou repetidas vezes do fenômeno produzido por São Cupertino. Então, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

17. Ao número de fatos dessa natureza, é necessário colocar em primeiro lugar as aparições, porque são fatos mais frequentes. A de Salette, que divide o próprio clero, não tem para nós nada de insólito.

Seguramente não podemos afirmar que o fato realmente ocorreu, porque dele não temos a prova material. Mas é possível, visto que milhares de fatos análogos recentes que chegaram ao nosso conhecimento. Cremos não somente porque sua realidade foi testemunhada por nós, mas porque sabemos perfeitamente a maneira que eles se produzem. Quem se reportar à teoria das aparições, que abordaremos mais adiante, verá que os fenômenos se tornam mais simples e mais plausíveis, como uma série de fenômenos físicos que só são prodigiosos na falta de uma chave para a sua explicação. Quanto ao personagem que se apresentou às pastorinhas em Salette é outra questão. Sua identidade não nos foi demonstrada. Constatamos apenas que uma aparição pode ter ocorrido, o resto não é de nossa competência. Cada um pode guardar para si suas convicções. O Espiritismo não tem nada com isso. Dizemos apenas que fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma série de coisas que pareciam sobrenaturais. Se alguns desses fatos que passavam por miraculosos aí encontram uma explicação lógica, esse é um motivo para não se apressar em negar aquilo que não se compreende.

Os fenômenos espíritos são contestados por certas pessoas, precisamente porque parecem sair da lei comum e não podem ser explicados. Deem-lhes uma base racional e a dúvida cessará. A explicação, neste século no qual ninguém confia nas palavras, é, então, um poderoso motivo de convicção. Também vemos, todos os dias, pessoas que não foram testemunhas de nenhum fato, que não viram uma mesa girar e que estão tão convencidas como nós, unicamente porque elas leram e compreenderam. Se só se devesse crer no que se vê com os próprios olhos, nossas convicções se reduziriam a bem poucas coisas.

MÉTODO

Maneira de proceder com os materialistas.

18. O desejo muito natural e louvável de todo adepto é o de fazer prosélitos. É visando facilitar seu trabalho que nos propusemos a examinar aqui a marcha mais segura, segundo nós, para atender a essa finalidade, a fim de poupar esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Aquele que quer conhecê-lo seriamente deve, como condição primeira, se dedicar a um estudo sério e convencer-se de que, mais que todas as outras ciências, ele não pode aprender brincando. O Espiritismo toca em todas as questões que interessam à Humanidade. Seu campo é imenso; devemos encará-lo em suas consequências. A crença nos Espíritos forma sua base, mas ela não é suficiente para fazer um espírita esclarecido, assim como a crença em Deus não é suficiente para fazer um teólogo. Vejamos, então, como podemos proceder ao ensino para levar mais seguramente à convicção.

Que os adeptos não fiquem assustados com a palavra ensino. Não há só o ensinamento dado do alto de uma cátedra ou de um púlpito. Há também aquele da simples conversação. Toda pessoa que procura persuadir outra, seja por meio de explicações, seja por meio de experiências, faz do ensino aquilo que desejamos; que o trabalho traga frutos. Por isso cremos nosso dever dar alguns conselhos, de onde poderão tirar proveito aqueles que querem se instruir por si mesmos. Encontrarão um meio de chegar mais seguramente e mais prontamente ao objetivo.

19. Acredita-se que para convencer é suficiente mostrar os fatos. Esse parece ser o caminho mais lógico, entretanto a experiência mostra que não é sempre o melhor. Veem-se pessoas que os fatos mais evidentes não convencem de modo algum. Por que isso acontece? Vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não é o ponto de partida. É esse precisamente o erro em que se cai e que frequentemente acarreta o fracasso de certas pessoas. Não sendo os Espíritos outra coisa senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma. Ora, como o materialista pode admitir que seres vivam fora do mundo material quando eles creem que eles próprios não são mais que matéria? Como podem acreditar em Espíritos fora dele quando não creem terem um em si próprio? Em vão se acumularão provas as mais palpáveis, porque não admitem o princípio.

Todo ensino metódico deve proceder do conhecido ao desconhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria; parta então da matéria e trate antes de tudo de fazê-lo observar, de convencê-lo de que nele há qualquer coisa que escapa às leis da matéria. Em uma palavra, antes de o tornar **espírita**, trate de o tornar **espiritualista**. Para isso, é necessário uma outra ordem de fatos, um ensino todo especial o qual é preciso proceder de outros modos. Falar de Espíritos antes que esteja convencido de ter uma alma é começar por onde deveria terminar. Não se pode admitir a conclusão se não se admite as premissas. Antes de tentar convencer um incrédulo, mesmo por fatos, convém se assegurar de sua opinião em relação à alma, quer dizer, se ele crê em sua existência, à sua sobrevivência ao corpo, à sua individualidade após a morte. Se sua resposta for negativa, será uma pena perder tempo falando-lhe de Espíritos. Eis a regra; não dizemos que não haja exceção, mas deve existir outra razão que o tornará menos refratário.

20. Entre os materialistas é necessário distinguir duas classes. Na primeira colocamos aqueles que o são *por sistema*. Para eles, não há dúvida, é a negação absoluta, raciocinada à sua maneira; para eles o homem é uma máquina montada, mas que se desarranja e que, após

a morte, resta apenas a carcaça. Felizmente, seu número é restrito e não constitui de modo algum uma escola altamente declarada. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que resultariam para a ordem social a vulgarização de tal doutrina. Estendemos o assunto suficientemente no *O Livro dos Espíritos* (nº 147 e parágrafo III da “Conclusão”).

Quando dissemos que a dúvida cessa entre os incrédulos na presença de uma explicação racional, é necessário excetuar os materialistas radicais, aqueles que negam todo poder e todo princípio inteligente fora da matéria. A maior parte se obstina em sua opinião por orgulho, e por amor-próprio aí persistem; eles persistem, apesar de todas as provas contrárias, porque não querem perder a partida. Com essas pessoas aí nada há a fazer, nem se deve acreditar na falsa expressão de sinceridade daqueles que dizem: “Faça-me ver que eu acreditarei”. Há os que são mais francos e dizem: “Mesmo que eu visse não acreditaria”.

21. A segunda classe de materialistas é bem mais numerosa, porque o materialismo é um sentimento antinatural. Compreende aqueles que o são por indiferença, ou por falta de uma coisa melhor. Não o são deliberadamente, e o que mais desejam é crer, porque a incerteza é para eles um tormento. Há neles uma vaga aspiração em relação ao futuro, mas esse futuro lhes foi apresentado sob cores que sua razão não pode aceitar. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Entre esses, a incredulidade não se apoia em um sistema. Assim, apresente-lhes qualquer coisa racional e eles a aceitam com ardor. Assim, podem nos compreender, por que estão mais perto de nós como nem mesmo eles suspeitavam. Com o primeiro não fale nem de revelação, nem de anjos, nem de paraíso; ele não os compreenderá. Colocando-se sobre o terreno deles, prove-lhe que as leis da fisiologia são impotentes para tudo explicar; o resto virá em seguida. Tudo é diferente quando a incredulidade não é preconcebida, porque a crença agora não é absolutamente nula, é um germe latente, abafado por ervas daninhas, mas que uma fagulha pode reanimar; é o cego ao qual se devolve a visão e que se sente feliz por tornar a ver a luz; é o naufrago a quem se estende a tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos, se bem que espiritualistas, pelo menos de nome.

Estes não são menos refratários; são os incrédulos de má vontade. Esses aí seriam incomodados por crer, pois isso perturbaria a tranquilidade dos gozos materiais. Temem ver a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas das quais fazem a sua delícia; fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Quanto a esses, só podemos lamentá-los.

23. Só para lembrar, falaremos de uma quarta classe de incrédulos que chamaremos de *incrédulos interesseiros* ou de *má-fé*. Esses sabem muito bem o que há de certo no Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Deles nada há a dizer nem nada a fazer. Se o materialista puro se engana, ao menos para ele há a desculpa da boa-fé; pode-se corrigi-lo provando seu erro. Neste último, é um partido tomado contra o qual todos os argumentos vêm se quebrar; o tempo se encarregará de abrir seus olhos e de lhes mostrar, talvez à sua custa, onde estavam seus verdadeiros interesses. Não podendo impedir a divulgação da verdade, serão arrastados pela corrente e, com eles, os interesses que eles acreditavam salvar.

24. Além dessa categoria de opositores, há uma infinidade de nuances entre as quais se pode contar os *incrédulos por pusilanimidade*. A coragem lhes virá quando virem que os outros não se queimam. *Os incrédulos por escrupulos religiosos*: um estudo esclarecido lhes ensinará que o Espiritismo sobre as bases fundamentais da Religião respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é dar sentimento religioso a quem não o tem, de fortificar os que andam cambaleando. Depois vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade etc.

25. Não podemos omitir uma categoria que chamaremos de *incrédulos por decepção*. Ela compreende as pessoas que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque provaram enganamentos. Então, desencorajadas, elas tudo abandonaram e tudo rejeitaram. Elas estão no caso daquele que nega a boa-fé porque foram enganados. É ainda um estudo incompleto do Espiritismo e de uma falta de experiência. Aquele que é mistificado pelos Espíritos é porque ele lhe pede o que não devem ou não podem dizer ou porque não está suficientemente esclarecido sobre a coisa para discernir a verdade da

impostura. Muitos, além disso, não veem no Espiritismo senão um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos são feitos para ler a boa sorte. Os Espíritos levianos e zombadores não perdem a ocasião de se divertirem à custa dele. É assim que anunciam maridos às solteiras; ao ambicioso, honras; heranças, tesouros escondidos etc. daí vêm frequentemente as decepções desagradáveis, as quais o homem sério de prudente sabe sempre se preservar.

26. Uma classe numerosa, a mais numerosa mesmo, mas que não pode ser colocada entre os opositores é aquela dos vacilantes. Eles são, geralmente, espiritualistas por princípio; entre a maior parte há uma vaga intuição dos princípios espíritas, uma aspiração face a qualquer coisa que não podem definir; Falta-lhes apenas coordenar e formular os pensamentos. O Espiritismo é para eles como um traço de luz: é a claridade que dissipa a neblina. Esses acolhem o espírita com solicitude, porque o livra das angústias da incerteza.

27. Agora, se lançarmos um olhar nas diversas categorias de *crentes*, acharemos primeiro *os espíritas sem o saber*. É uma variedade ou uma nuance da classe precedente. Sem jamais ter ouvido falar da Doutrina Espírita, eles têm o sentimento inato dos grandes princípios que daí decorrem, e esse sentimento se reflete em certas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto, que os ouvindo se acreditaria completamente iniciados. Acham-se numerosos exemplos nos escritores sagrados e profanos, nos poetas, nos oradores, nos moralistas, nos filósofos antigos e modernos.

28. Entre os que um estudo direto convenceu, podemos distinguir:

1º Aqueles que creem pura e simplesmente nas manifestações. O Espiritismo é para eles uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Nós os chamaremos de *espíritas experimentadores*;

2º Aqueles que veem no Espiritismo mais que fatos. Eles compreendem a parte filosófica; admiram a moral que daí decorre, mas não a praticam. Sua influência sobre seu caráter é insignificante ou nula; não mudam nada em seus hábitos e não se privam de um só prazer. O avaro continua insensível, o orgulhoso todo cheio de si, o invejoso e o

ciumento sempre hostis. Para eles, a caridade cristã é apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*;

3º Aqueles que não se contentam só em admirar a moral espírita, mas que a praticam e aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, eles tratam de aproveitar esses curtos instantes para caminhar na via do progresso, que só pode elevá-los na hierarquia do mundo dos Espíritos; se esforçando em praticar o bem e em reprimir suas más inclinações; suas relações são sempre seguras porque sua convicção os afasta de todo pensamento do mal. A caridade é a regra de sua conduta. Aí estão os *verdadeiros espíritas* ou os melhores *espíritas cristãos*.

4º Há enfim os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita se só tomasse o lado bom das coisas. O exagero em tudo é prejudicial. No Espiritismo, dá uma confiança cega e frequentemente infantil nas coisas do mundo invisível e faz aceitar demasiado fácil e sem controle o que a reflexão e o exame demonstrariam o absurdo ou a impossibilidade, mas o entusiasmo não reflete, ele ofusca. Essa espécie de adeptos é mais prejudicial que útil à causa do Espiritismo; são os menos próprios a convencer, porque não se confia, com razão, em seu julgamento. São enganados facilmente, seja por Espíritos mistificadores, seja por homens que procuram explorar sua credulidade. Se só eles sofressem as consequências, seria um meio-mal; o pior é que, sem querer, dão aos incrédulos que procuram antes as ocasiões de zombar do que se convencer, os quais não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso, sem dúvida, não é nem justo nem racional, mas, sabe-se, os adversários do Espiritismo só reconhecem a sua própria razão, e conhecer a fundo do que falam é o menor de seus cuidados.

29. Os meios de convicção variam extremamente, segundo os indivíduos. Os que persuadem uns nada produzem sobre outros; estes são convencidos por certas manifestações materiais, aquele outro, por comunicações inteligentes, o maior número pelo raciocínio. Podemos dizer que, para a maior parte daqueles que não estão preparados para o raciocínio, os fenômenos materiais são de pouco peso. Quanto mais extraordinários sejam esses fenômenos, quanto mais se afastem das leis

comuns, mais encontram oposição e isso por uma razão bem simples. Duvida-se de uma coisa que não tenha sanção racional. Cada um encara de seu ponto de vista e o explica à sua maneira. O materialista vê aí uma causa puramente física ou uma trapaça; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural, enquanto que uma explicação prévia tem por efeito reduzir as ideias preconcebidas e mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa; compreende-se antes de ver; no momento que a possibilidade é reconhecida, a convicção já está quase realizada.

30. É útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Dissemos que isso depende das causas e da natureza de sua incredulidade. Frequentemente, a insistência em persuadi-lo o faz crer em sua importância pessoal e é uma razão para se obstinar ainda mais. Aquele que não é convencido nem pelo raciocínio nem pelos fatos deve sofrer ainda a prova da incredulidade; é necessário deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo em circunstâncias mais favoráveis. Muitas pessoas pedem para receber a luz, para que perder seu tempo com alguém que a rejeita? Dirija-se aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se crê, e seu exemplo, se multiplicando, vencerá mais resistências que palavras. Ao verdadeiro espírita, não faltarão nunca ocasiões de fazer o bem. Existem corações aflitos a aliviar, consolações a dar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Esta é a sua missão. Aí também encontrará sua verdadeira satisfação. O Espiritismo está no ar, ele se expande pela força das coisas e porque deixa felizes aqueles que o professam. Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem retinir ao seu redor, entre seus amigos, compreenderão seu isolamento e serão forçados se calarem ou se renderem.

31. Para proceder no ensino do Espiritismo, como se faz em todas as outras ciências, é necessário passar em revista toda a série de fenômenos que podem se produzir, começando pelos mais simples, e chegar aos mais complicados. Ora, isso não é possível porque não se faz um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta que se manipula à vontade e se está quase sempre certo de poder regular os efeitos. No

Espiritismo, opera-se com inteligências que gozam de liberdade e nos provam a cada instante que não são submissas aos nossos caprichos. É necessário observar, esperar os resultados, interpretá-los quando ocorrem. Assim dizemos abertamente, *aquele que se vangloria de obtê-los à vontade só pode ser um ignorante ou um impostor*. O Espiritismo verdadeiro não se coloca nunca em espetáculo e nunca subirá em palcos para exibição.

É ilógico supor que Espíritos venham fazer apresentação e se submeter a perguntas como objetos de curiosidade. Os fenômenos podem mesmo não ocorrer quando se tem necessidade, ou se apresentar em uma outra ordem que aquela que se deseja. Acrescentemos que, para os obter, são necessárias pessoas dotadas de faculdades especiais e que essas faculdades variam ao infinito segundo a aptidão do indivíduo. Como é extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, é uma dificuldade a mais, porque seria preciso ter à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

O meio de evitar esse inconveniente é muito simples. É começar pela teoria. Aí todos os fenômenos são passados em revista, são explicados, pode-se conhecê-los, compreender a possibilidade, conhecer as condições nas quais eles podem se produzir e os obstáculos que podem encontrar. Qualquer que seja então a ordem na qual eles são levados pelas circunstâncias, não têm nada que possa surpreender. Essa marcha oferece ainda uma outra vantagem, é de evitar desenganos àquele que quer operar; prevenido contra as dificuldades ele pode se manter em guarda e evitar de adquirir experiência à sua própria custa.

Desde que nos ocupamos com o Espiritismo, será difícil dizer o número de pessoas que vêm para nós e entre elas muitas que permaneciam indiferentes ou incrédulas em presença de fatos os mais patentes e que não foram convencidas senão mais tarde por uma explicação razoável. Quantas outras estão dispostas a convicção pelo raciocínio. Quantas, enfim, terão sido persuadidas sem nada ter visto, mas unicamente por que elas tinham compreendido. É por experiência que falamos e também por que dizemos que o melhor método de ensino espírita é o de se dirigir à razão antes de se dirigir aos olhos. É isso que seguimos nas lições e nos felicitamos por isso.

32. O estudo prévio da teoria tem outra vantagem: a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e a repercussão dessa ciência. Aquele que começa por ver uma mesa girar ou bater pode ser levado à zombaria, porque para ele é difícil imaginar que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Notamos que aqueles que creem, antes de ter visto, mas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são, ao contrário, aqueles que refletem mais. Dedicam-se mais ao fundo que a forma. Para eles, a parte filosófica é a principal, os fenômenos propriamente ditos são o acessório, eles dizem que, mesmo que esses fenômenos não existissem, restaria uma filosofia que resolve problemas insolúveis até nossos dias: a única que dá do passado do homem e de seu futuro a teoria mais racional. Preferem uma doutrina que explique a uma que não explique ou que explique mal.

Aquele que reflete compreende muito bem que se poderia fazer abstração das manifestações e que a doutrina subsistiria. As manifestações vêm corroborar, confirmar, mas elas não são a base essencial. O observador sério não as rejeita. Ao contrário, espera as circunstâncias favoráveis que lhe permitirão disso ser testemunha. A prova disso que falamos é que antes de ter ouvido falar de manifestações, muitas pessoas tinham a intuição desta doutrina que não fez mais que dar um corpo, um conjunto às suas ideias.

33. Não é exato dizer que àqueles que começam pela teoria faltem de observações práticas. Eles as têm, pelo contrário, mais valiosas aos seus olhos que as produzidas nas experiências diante deles, são fatos numerosos de *manifestações espontâneas*, das quais falaremos nos capítulos seguintes. Poucas pessoas não as conhecem, ao menos por ouvir dizer. Muitas são as que obtiveram elas mesmas sem ter prestado senão uma medíocre atenção. A teoria tem por efeito dar explicação e dizemos que esses fatos têm um grande peso porque se apoiam sobre testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supor nem preparação nem conivência. Se os fenômenos provocados não existissem, nem por isso os fenômenos espontâneos deixariam de existir, e o Espiritismo tivesse por resultado apenas uma solução racional, já seria muito. Assim, a maioria daqueles que leem previamente refere os princípios a esses fatos que são para eles uma confirmação da teoria.

34. Estariam estranhamente equivocados sobre nossa maneira de ver se supusessem que aconselhamos negligenciar os fatos. É pelos fatos que chegamos à teoria. É verdade que precisamos para isso um trabalho assíduo e de muitos anos de observações, mas, desde que os fatos nos serviram e nos servem todos os dias, seria inconsequente contestar-lhes a importância, agora, sobretudo, que nós fazemos um livro destinado a fazê-los conhecer. Dizemos somente que, sem o raciocínio eles não são suficientes para determinar a convicção que uma explicação prévia, destruindo as prevenções e mostrando que não tem nada contrário à razão, *dispõe* os indivíduos a aceitá-los.

Isso é tão certo que sobre dez pessoas completamente estranhas que assistirão a uma sessão de experimentação, seja ela a mais satisfatória no ponto de vista dos adeptos, há nove que sairão sem estar convencidas, e algumas mais incrédulas que antes, porque as experiências não terão respondido à sua expectativa. Ocorrerá o contrário com as que puderam informar-se dos fatos por um conhecimento teórico antecipado. Para elas, é um meio de controle, mas nada a surpreende, nem mesmo o insucesso, porque sabem em quais condições os fatos se produzem e que é necessário não pedir o que eles não podem dar. O conhecimento prévio dos fatos dá condições de se tomar conhecimento de todas as anomalias, mas, por outro lado, lhes permite perceber inúmeros detalhes, nuances muito delicadas, que são para elas meios de convicção e que escapam ao observador ignorante. Tais são os motivos que nos levam a não admitir em nossas sessões experimentais senão as pessoas possuindo noções preparatórias suficientes para compreender aquilo que aí se faz, persuadidas que as outras aí perderiam seu tempo ou fariam perder o nosso.

35. Àqueles que querem adquirir esses conhecimentos preliminares pela leitura de nossas obras, eis a ordem que aconselhamos:

1ª *O que é o Espiritismo?* Esta brochura, de uma centena de páginas, é uma exposição sumária dos princípios da Doutrina Espírita, um golpe de vista geral que permite abranger o conjunto sob um quadro restrito. Em poucas palavras, vê-se o objetivo e pode-se julgar o seu alcance. Aí se encontram respostas às principais questões ou objeções que são naturalmente dispostas a fazer pessoas estranhas. Essa primeira leitura,

que pede pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2º *O Livro dos Espíritos*: ele contém a doutrina completa ditada pelos próprios Espíritos com toda a sua filosofia e com todas as suas consequências morais. Trata-se do destino do homem desvelado, a iniciação à natureza dos Espíritos e os mistérios da vida do além. Lendo, compreende-se que o Espiritismo tem um objetivo sério, não é um passatempo frívolo.

3º *O Livro dos Médiuns*: ele é destinado a orientar na prática das manifestações, pelo conhecimento de meios os mais apropriados para se comunicar com os Espíritos; é um guia seja para o médium, seja para os evocadores e o complemento de *O Livro dos Espíritos*.

4º *A Revista Espírita*: é uma coleção variada de fatos, de explicações teóricas e de trechos destacados que completam o que é dito nas duas obras precedentes e que representa a sua aplicação. A leitura pode ser feita ao mesmo tempo em que a das outras obras, mas será mais aproveitável e mais inteligível depois da leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Isso é o que nos concerne. Aqueles que querem tudo conhecer numa ciência deve necessariamente ler tudo que está escrito sobre a matéria, ou pelo menos as coisas principais. Não se limitar a um só autor; devem mesmo ler o contra e a favor, os críticos tanto quanto as apologias, iniciar-se nos diversos sistemas a fim de poder julgar pela comparação. Sob esse assunto, não preconizamos nem criticamos obra alguma, não querendo influir em nada sobre a opinião que se pode formar: levando nossa pedra ao edifício, tomamos nosso lugar nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte, e não temos a ridícula pretensão de ser o único a dispensar a luz. Cabe ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

SISTEMAS

36. Quando os estranhos fenômenos do Espiritismo começaram a se produzir, ou, melhor dizendo, quando se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que suscitaram foi a dúvida sobre a sua realidade e ainda mais sobre sua causa. Quando foram averiguados por testemunhas irrecusáveis e por experiências que cada um podia fazer, ocorreu que cada pessoa interpretou à sua maneira, segundo suas ideias pessoais, suas crenças e suas prevenções. Daí muitos sistemas que uma observação mais atenta deve reduzir a seu justo valor.

Os adversários do Espiritismo acreditaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os espíritas mesmos não estavam de acordo entre si. Era uma bem fraca razão, se pensarmos que os primeiros passos de toda ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo tenha permitido a reunião e a coordenação dos fatos e possa fixar-lhe a meta.

À medida que os fatos se completam e são mais bem observados, as ideias prematuras se desfazem e a unidade se estabelece, pelo menos sobre os pontos fundamentais, senão for em todos os detalhes. Foi isso que se deu com o Espiritismo. Ele não podia escapar à lei comum, e devia mesmo, por sua natureza, que se prestar, mais que a qualquer outra coisa, à diversidade de interpretações. Pode-se dizer mesmo, a esse respeito, que foi mais rápido que as outras ciências mais antigas, a Medicina, por exemplo, que divide ainda os maiores sábios.

37. Numa ordem metódica, para seguir a marcha progressiva das ideias, convém colocar na frente aqueles que chamamos *sistemas negativos*, ou *sistema de negação* aqueles dos adversários do Espiritismo. Refutamos suas objeções na “Introdução” e na “Conclusão”, de *O Livro dos Espíritos*, bem como na pequena obra intitulada *O que é o Espiritismo*. Seria supérfluo voltar ao assunto e nos limitaremos a recordar, em duas palavras, os motivos sobre os quais se fundam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os efeitos físicos e os efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, pela razão que não admitem nada fora da matéria, entende-se que eles neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam sob seu ponto de vista e seus argumentos podem se resumir nos sistemas seguintes:

38. *Sistema do charlatanismo* — Entre os antagonistas, muitos atribuem esses efeitos à esperteza, pela razão de que alguns podem ser imitados. Essa suposição transformaria todos os espíritas em mistificados e todos os médiuns em trapaceiros, sem considerar a posição, o caráter, o saber e a honorabilidade das pessoas. Se ela merecesse uma resposta, diríamos que certos fenômenos da Física são imitados pelos prestidigitadores e que isso nada prova contra a Ciência. E há pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude, e seria necessário ser desprovido de toda educação e urbanidade para ousar vir lhes dizer que elas são cúmplices de charlatanismo.

Num salão respeitável, um senhor que se dizia muito educado, permitiu-se fazer uma observação semelhante. A dona da casa disse-lhe: “Senhor, já que não está satisfeito, devolveremos seu dinheiro à porta”. E, com um gesto, indicou-lhe a saída. Mas devemos concluir, daí, que nunca houve abuso? Para crer nisso, seria necessário admitir que os homens são perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? O mau uso que se faz de uma coisa não pode prejudicá-la. Podemos considerar a boa-fé das pessoas pelos motivos que as fazem agir. Onde não há especulação, não há motivo para charlatanismo.

39. *Sistema de loucura* — Alguns, por condescendência, querem afastar a suspeita de fraude e acreditam que aqueles que não fraudam

são enganados por eles próprios, o que equivale a chamá-los de imbecis. Quando os incrédulos são menos maneirosos, dizem simplesmente que se está louco, atribuindo a si, sem cerimônias, o privilégio do bom senso. Aí está o grande argumento daqueles que não têm boas razões para apresentar. Assim, esse modo de ataque tornou-se ridículo pela força da banalidade e não merece que se perca tempo em contestá-lo. Os espíritas nem se comovem mais com ela. Tomam bravamente seu caminho e se consolam ao pensar que têm por companheiros de infortúnio muita gente cujo mérito é incontestável.

Com efeito, é necessário convir que essa loucura, se loucura há, tem caráter bem singular. É que ela atinge de preferência a classe esclarecida, entre a qual o Espiritismo conta a maioria de seus adeptos. Se, entre esse número se encontram algumas excentricidades, elas não provam mais contra a Doutrina do que os loucos religiosos contra a religião, os loucos melômanos contra a Música e os loucos matemáticos contra a Matemática. Todas as ideias encontraram fanáticos exagerados, e é preciso ser bem obtuso para confundir o exagero de uma ideia com a própria ideia. Para outras explicações sobre o assunto, reveja a nossa brochura: *O que é o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* (“Introdução” parágrafo 15).

40. Sistema de alucinação — Uma outra opinião menos ofensiva, pois tem uma pequena coloração científica, consiste em atribuir os fenômenos a uma ilusão dos sentidos. Assim, o observador teria boa-fé, mas acreditaria ver o que não vê. Quando ele vê uma mesa se levantar e se manter no espaço sem ponto de apoio, a mesa não teria se mexido do lugar. Ele a vê no ar por uma espécie de miragem ou um efeito de refração como aquele que faz ver um astro ou um objeto na água, fora de sua posição real. Isso, a rigor, seria possível, mas aqueles que testemunharam esse fenômeno puderam constatar o isolamento passando sob a mesa suspensa, o que parece difícil se ela não tiver deixado o solo. Por outro lado ocorreu, muitas vezes, de a mesa se quebrar ao cair. Diriam que isso é também um efeito de óptica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode, sem dúvida, fazer que se veja girar uma coisa que não se mexe, ou que nos sintamos rodar

quando estamos imóveis. Mas, quando muitas pessoas em torno de uma mesa são arrastadas por um movimento tão rápido que é difícil segui-la, e algumas dessas pessoas são jogadas por terra, será que todas estão tomadas de vertigem, como um bêbado crê ver sua casa passar diante dele?

41. Sistema do músculo estalante — Se assim for para a visão, seria a mesma coisa para a audição, mas quando as pancadas são ouvidas por toda uma assistência, não se pode atribuí-las a uma ilusão. Afastamos, bem entendido, toda ideia de fraude e supomos que uma observação atenta constatou que elas não são devidas a nenhuma causa fortuita ou material.

É verdade que um sábio médico deu-lhe uma explicação decisiva, segundo ele: “A causa está nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo pequeno perônio”. Ele entra no assunto, com detalhes anatômicos mais completos, para demonstrar por qual mecanismo esse tendão pode produzir esses ruídos, imitar as batidas de tambor e mesmo executar melodias ritmadas; de onde ele conclui que aqueles que creem ouvir bater golpes em uma mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão. O fato não é novo. Infelizmente, para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria não pode explicar todos os casos.

Digamos, primeiramente, que aqueles que gozam da singular faculdade de fazer estalar à vontade seu músculo perônio, ou algum outro, e tocar melodias por esse meio, são pessoas excepcionais, enquanto a de fazer estalar as mesas é muito comum e os que a possuem só muito raramente possuem aquela.

Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e isolada da mesa pode aí produzir vibrações sensíveis ao toque; como esse ruído pode se reproduzir à vontade dos assistentes em diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no teto etc.; como, enfim, a ação desse músculo pode se estender a uma mesa que ninguém toca e a fazê-la mover-se. Essa explicação, se houver uma, só se refere ao fenômeno dos golpes, mas não invalida todos os outros meios de comunicação. Concluimos, então, que ele julgou sem ter visto tudo ou visto com atenção. É lastimável que homens de ciência se apressem em dar explicações sobre

o que eles não conhecem e que os fatos podem desmentir. Seu próprio saber devia torná-los mais ponderados em seus julgamentos, tanto mais quanto é certo que esse saber lhes amplia os limites do desconhecido.

42. *Sistemas das causas físicas* — Aqui saímos dos sistemas da negação absoluta. A realidade dos fenômenos, estando evidenciada, o primeiro pensamento que naturalmente vem ao Espírito daqueles que o reconheceram é atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de um fluido qualquer. Em uma palavra, a uma causa toda física e material. Essa opinião não tinha nada de irracional e teria prevalecido se os fenômenos se limitassem a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo corroborá-la: era, em certos casos, o aumento de potência em razão do número de pessoas. Cada uma delas poderia ser considerada um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, já o dissemos, é a possibilidade de explicação de todos os fatos; se um único fato vem contradizê-la, é porque é falsa, incompleta ou arbitrária. Foi o que não demorou a ocorrer aqui.

Esses movimentos e esses golpes deram sinais inteligentes, obedecendo a uma vontade e respondendo ao pensamento. Deviam, pois, ter uma causa inteligente. Assim que o efeito cessou de ser puramente físico, a causa, por isso mesmo, deveria ter outra fonte. Também o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado e não é encontrado senão entre os que julgam *a priori* e sem terem visto. O ponto principal é, então, constatar a ação inteligente e é por meio dele que se pode convencer aquele que quiser se dar ao trabalho de observar.

43. *Sistema do reflexo* — Reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a fonte dessa inteligência. Pensou-se que pudesse ser a do médium ou dos assistentes, que se refletissem como a luz ou as ondas sonoras. Isso seria possível e só a experiência poderia dar a última palavra. Em primeiro lugar, notemos que esse sistema afasta completamente a ideia puramente materialista, pois, para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por via indireta, é necessário admitir no homem um princípio fora do organismo.

Se o pensamento manifestado tivesse sido sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada. Ora, o fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, não é do mais alto interesse? O pensamento, repercutindo em um corpo inerte e traduzindo-se pelo movimento e pelo ruído, não é uma coisa notável? Não havia aí o que espicasse a curiosidade dos sábios? Por que, então, desdenharam o fato, eles que se esgotam na pesquisa de uma fibra nervosa?

Só a experiência poderia concordar ou discordar dessa teoria. E a experiência a condenou, porque ela demonstra, a cada instante e pelos fatos mais positivos, que o pensamento manifestado pode ser, não apenas estranho aos assistentes, mas que, frequentemente, lhe é inteiramente contrário. A experiência vem contradizer todas as ideias preconcebidas, desfazer todas as previsões. Com efeito, quando eu penso branco e me respondem preto, é difícil acreditar que a resposta venha de mim. Todavia, apoia-se em alguns casos de identidade entre o pensamento manifestado e o dos assistentes; mas o que isso prova, senão que os assistentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não foi dito que devem ser sempre de opinião oposta. Quando, na conversação, o interlocutor emite um pensamento igual ao seu, dir-se-ia, por isso, por acaso, que ele o tirou de você? São suficientes alguns exemplos contrários bem-constatados, para provar que essa teoria não pode ser absoluta.

Como explicar, pela reflexão do pensamento a escrita feita por pessoas que não sabem escrever, as respostas da mais alta importância filosófica obtidas por pessoas iletradas, e aquelas dadas a perguntas formuladas mentalmente ou numa língua desconhecida do médium, e mil outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária só pode ser o resultado de um defeito de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha é provada moralmente pela natureza das respostas, ela o é materialmente pelo fato de a escrita direta, quer dizer, da escrita obtida espontaneamente, sem caneta nem lápis, sem contato, não obstante todas as precauções tomadas para se garantir de todo ardil. O caráter inteligente do fenômeno não seria contestado; então há uma coisa mais que apenas uma ação fluídica.

Além disso, a espontaneidade do pensamento manifestado fora de toda expectativa e de toda pergunta formulada não permite ver nele um reflexo do pensamento dos assistentes.

O sistema do reflexo é muito descortês em certos casos. Quando, em uma reunião de pessoas honestas, surge, inopinadamente, uma dessas comunicações revoltantes de grosseria, seria fazer mau juízo dos assistentes, pretender que ela viesse de um deles. Cada um se apressaria em repudiá-la. (Ver *O Livro dos Espíritos*, “Introdução”, parágrafo 16.)

44. Sistema da alma coletiva — É uma variante do precedente. Segundo esse sistema, só a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de muitos outros vivos presentes e ausentes e forma um todo coletivo reunindo as aptidões, a inteligência e o conhecimento de cada um. Ainda que a brochura na qual essa teoria é exposta seja intitulada “A Luz”, ela nos pareceu de um estilo muito obscuro. Confessamos que pouco compreendemos e só falamos nisso para registrá-la. Além de tudo, é, como muitas outras, uma opinião individual que fez poucos adeptos. *Émah Tirpsé* é o nome que toma o autor para designar o ser coletivo que ele representa. Ele toma por epígrafe: *Nada há de oculto que não deva ser revelado*. Essa proposição é evidentemente falsa, porque há muitas coisas que o homem não pode e não deve saber. Bem presunçoso seria aquele que pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

45. Sistema sonambúlico — Este sistema teve mais partidários e ainda conta com alguns. Como o precedente, admite que todas as comunicações inteligentes têm sua fonte na alma ou Espírito do médium. A fim de explicar sua aptidão para tratar de assuntos fora de seu conhecimento, em vez de supor nele uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma superexcitação momentânea das faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico ou extático que exalta e desenvolve sua inteligência. Não se pode negar, em certos casos, a influência dessa causa, mas basta ver operar a maioria dos médiuns, para se convencer de que ela não pode resolver todos os fatos e que forma a exceção e não a regra.

Nota: Comunhão. A Luz do Fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por *Émah Tirpsé*, uma alma coletiva escrevendo por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, edição da Casa Devroye.

Poderia ser assim, se o médium tivesse sempre a aparência de um inspirado ou de um extático, aparência que poderia perfeitamente simular, se quisesse representar uma comédia. Mas como crer na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a menor consciência do que obtém, sem a menor emoção, sem se preocupar com o que faz, tudo isso olhando em volta, rindo, falando de uma e outra coisa? Concebe-se a superexcitação das ideias, mas não se compreende que ela faça escrever aquele que não sabe escrever e, ainda menos, quando as comunicações são transmitidas por golpes batidos, ou com a ajuda de uma prancheta ou uma cesta.

Veremos, no curso desta obra, a parte que se deve à influência do médium, mas os fatos ou a inteligência estranha que se revela por sinais incontestáveis são tão numerosos e tão evidentes que não deixam dúvida a respeito. O erro da maior parte dos sistemas aparecidos no começo do Espiritismo é ter tirado conclusões gerais de alguns fatos isolados.

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco — Aqui entramos em outra ordem de ideias. Sendo constatada a intervenção de uma inteligência estranha, trata-se de saber qual é a natureza dessa inteligência. O meio mais simples é perguntar-lhe, mas certas pessoas não encontraram aí uma garantia suficiente e não quiseram ver em todas as manifestações senão uma obra diabólica. Segundo eles, só o diabo ou os demônios podem se comunicar. Embora esse sistema tenha poucos adeptos hoje, gozou por certo tempo de algum crédito, pelo caráter mesmo daqueles que procuravam fazê-lo prevalecer. Assinalaremos que os partidários do sistema demoníaco não devem ser considerados entre os adversários do Espiritismo, bem ao contrário. Que os seres que se comunicam sejam demônios ou anjos, são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação de demônios é admitir a possibilidade de se comunicar com o mundo invisível, ou pelo menos com uma parte desse mundo.

A crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, podia não parecer impossível, quando se olhavam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade. Mas depois que se sabe que os Espíritos são as almas daqueles que viveram, ela perdeu todo o seu prestígio e toda a verossimilhança. Porque a consequência seria que

todas essas almas são demônios, fossem elas de um pai, de um filho ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tornaremos demônios, doutrina pouco lisonjeira e pouco consoladora para muita gente. Será bem difícil persuadir uma mãe de que a criança querida que ela perdeu, e que vem lhe dar provas de afeição e de identidade após a morte, seja um suposto satanás. É verdade que entre os Espíritos há os muito maus, que não valem mais do que aqueles denominados *demônios*, por uma razão bem simples: é que há homens muito maus e que a morte não os torna imediatamente melhores. A questão é saber se são os únicos que podem se comunicar. Às pessoas que assim pensamos dirigimos, as seguintes perguntas:

1ª Há bons e maus Espíritos?

2ª Deus é mais poderoso que os maus Espíritos, ou demônios, se quiserdes chamá-los assim?

3ª Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não podem fazê-lo. Se assim é, de duas coisas uma: isso tem lugar pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se é contra a Sua vontade, é que os maus Espíritos são mais poderosos que Ele; se é por Sua vontade, por que, na Sua bondade, não o permitiria aos bons, para contrabalançar a influência dos outros?

4ª Que provas temos da impossibilidade de os bons Espíritos se comunicarem?

5ª Quando apresentamos a sabedoria de certas comunicações, dizem que o demônio usa todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos que há Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria, mas admite-se que a ignorância possa camuflar a verdadeira sabedoria, e uma má natureza camuflar a verdadeira virtude, sem deixar aparecer a fraude?

6ª Se só o demônio se comunica, sendo inimigo de Deus e dos homens, por que ele recomenda orar a Deus, submeter-se à Sua vontade, sofrer sem reclamar as vicissitudes da vida, não ambicionar nem as honras, nem as riquezas, praticar a caridade e todas as máximas do Cristo, em uma palavra, de fazer tudo o que é necessário para

destruir o seu império? Se é o demônio que dá tais conselhos, temos de convir que, ardiloso como é, se mostra bem desajeitado ao fornecer armas contra si próprio¹.

7ª Desde que os Espíritos se comunicam, é porque Deus o permite. Vendo as boas e as más comunicações não é mais lógico pensar que Deus permite umas para nos provar, e outras para nos aconselhar o bem?

8ª Que pensaríeis você de um pai que deixasse seu filho à mercê de exemplos e conselhos perniciosos, que afastasse dele, que lhe interdissesse ver as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? Um bom pai não faria isso. Como pensar que Deus, que é a Bondade por excelência, fizesse menos que o homem?

9ª A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e outros santos, nas aparições, visões, comunicações orais etc. Essa crença não é contraditória com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que certas pessoas tenham professado essa teoria de boa-fé. Cremos também que o fizeram para evitar se preocupar com essas coisas, por causa das más comunicações que todos podem receber. Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram assustar, como se faz com uma criança: “Não toque nisso, porque isso queima”. A intenção pode ser louvável, mas não atinge o objetivo. A proibição só excita a curiosidade e o medo do diabo tolhe a bem poucas pessoas; querem vê-lo, como ele seria feito, e ficam atônitos de não achá-lo tão feio como supunham.

Não se poderia também encontrar outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos aqueles que não são da sua opinião estão errados. Aqueles que pretendem que todas as comunicações são obra do demônio não estariam com medo de não se acharem os Espíritos de acordo com eles em todos os pontos, muito

¹ Essa questão foi tratada em *O Livro dos Espíritos* (nº 128 e seguintes); mas recomendamos a respeito, como em todas as coisas que tocam à parte religiosa, a brochura intitulada: Carta de um católico sobre o Espiritismo, do dr. Grand, antigo cônsul da França (Edição Ledoyen); assim como aquela que publicamos com o título de: Os Contraditores do Espiritismo, do ponto de vista da Religião, da Ciência e do Materialismo.

mais nos que tocam aos interesses deste mundo do que aos do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los de uma maneira terrível. Mas esse meio não deu bons resultados, assim como os outros. Onde o medo do ridículo é grande, deixam-se as coisas correrem.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Corão pensaria certamente que é um mau Espírito; o mesmo ocorreria com um judeu em relação a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, ouvimos um afirmar que o Espírito que se comunicava não podia ser senão o *diabo*, porque ousava pensar diferente dele sobre o poder temporal, se bem que, de resto, só pregasse a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, todas as máximas ensinadas pelo Cristo.

Os Espíritos são as almas dos homens, e os homens não são perfeitos. Daí resulta que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujo caráter se reflete nas comunicações. É um fato incontestável que há Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais se deve manter em guarda, mas pelo fato de encontrarmos no mundo homens perversos, é razão para fugir de toda sociedade? Deus nos deu a razão e o julgamento para apreciar os Espíritos tanto quanto os homens. O melhor meio de se prevenir contra os inconvenientes que a prática do Espiritismo pode apresentar não é interdita-lo, mas de esclarecê-lo. Um temor imaginário só impressiona um instante e não perturba todo o mundo; a realidade claramente demonstrada é compreendida por todos.

47. Sistema otimista — Ao lado dos sistemas que veem nos fenômenos só a ação dos demônios, há outros que só veem ação dos bons Espíritos. Supõem que a alma, livre da matéria, nenhum véu existe mais para ela, que ela deve ter a soberana ciência e a soberana sabedoria. Sua confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível tem sido, para muitos, a fonte de muitas decepções. Aprenderão, à própria custa, a desconfiar de certos Espíritos, como também de certos homens.

48. Sistema uniespírita ou monoespírita — Uma variedade do sistema otimista consiste em se crer que um só Espírito se comunica com os homens, e que esse Espírito é o Cristo, que é o protetor da Terra. Quando se veem comunicações da mais baixa trivialidade, de uma

grosseria revoltante, marcadas de malevolência e de maldade, seria uma profanação e uma maldade supor que elas pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Ainda que, se aqueles que nisso creem, só tivessem recebido comunicações irrepreensíveis, se entenderia a ilusão. Mas a maioria concorda em ter tido algumas muito más, o que eles explicam dizendo que é uma prova que o bom Espírito lhes faz sofrer, ditando-lhes coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer boas coisas para tentar, outros pensam que só Jesus se manifesta, e que Ele pode dizer coisas más para pô-los à prova. Entre essas duas opiniões tão contrárias, quem decidirá? O bom senso e a experiência, porque é impossível que aqueles que professam ideias tão exclusivas tenham visto tudo, completamente.

Quando se lhes adverte com os casos de identidade, que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos pelas manifestações escritas, visuais ou outras, respondem que é sempre o mesmo Espírito — o diabo segundo uns e o Cristo segundo outros — que toma todas as formas; mas não nos dizem por que os outros Espíritos não podem se comunicar, com qual objetivo o Espírito da Verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências, abusar de uma pobre mãe, fazendo-a crer, mentirosamente, que ele é o filho por quem ela chora. A razão recusa-se a admitir que o Espírito, santo entre todos, se preste a representar semelhante comédia. Além disso, negar a possibilidade de toda outra comunicação não é tirar ao Espiritismo o que ele tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos simplesmente que tal sistema é irracional e não pode resistir a um exame sério.

49. *Sistema multiespírita ou poliespírita* — Todos os sistemas que passamos em revista, sem excetuar aqueles de sentido negativo, repousam sobre algumas observações incompletas ou mal-interpretadas. Se uma casa é branca de um lado e vermelha de outro, aquele que a tiver visto só de um lado afirmará que ela é vermelha, outro afirmará que é branca. Os dois estão certos e estão errados. Aquele que olhar a casa de todos os lados dirá que ela é vermelha e branca, só este estará realmente certo. A mesma coisa ocorre em relação à opinião que se faz do Espiritismo; pode ser verdadeira em certos aspectos e falsa se generalizarem o que é parcial, se

tomam pela regra o que é exceção pelo todo o que é apenas uma parte. Por isso dizemos que quem quiser estudar seriamente esta ciência deve fazê-lo muito e por muito tempo. Só o tempo lhe permitirá perceber os detalhes, notar as delicadas nuances, observar uma infinidade de fatos característicos que serão para ele como caminhos de luz. Mas se permanecer na superfície, se expõe a fazer um julgamento prematuro e, por isso, errôneo.

Eis os resultados gerais que extraímos de uma observação completa e que formam agora a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritos, porque os sistemas restritivos não são mais que opiniões isoladas.

1º Os fenômenos espíritos são produzidos por inteligências extracorpóreas, ou seja, por Espíritos;

2º Os Espíritos constituem o mundo invisível, estão por toda parte; os espaços estão povoados por eles ao infinito; há Espíritos ao nosso redor com os quais estamos em contato;

3º Os Espíritos agem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral, e são uma das forças da Natureza;

4º Os Espíritos não são seres à parte na Criação; são as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros mundos e que estão despojados de seu envoltório corporal. Daí se conclui que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que, morrendo, nos tornaremos Espíritos;

5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e malícia, de saber e de ignorância;

6º Eles estão submetidos à Lei do Progresso e podem chegar à perfeição. Como eles têm seu livre-arbítrio, alcançam-na em um tempo mais ou menos longo, segundo seus esforços e sua vontade;

7º Eles são felizes ou infelizes, segundo o bem ou o mal que fizeram durante sua vida e o grau de desenvolvimento a que chegaram. A felicidade perfeita e sem inquietação é o quinhão dos Espíritos chegados ao grau supremo da perfeição;

8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem se manifestar aos homens; o número dos que podem se comunicar é indefinido;

9º Os Espíritos comunicam-se por intermédio de médiuns, que lhes servem de instrumento e de intérprete;

10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela sua linguagem; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas boas: tudo neles atesta a elevação. Os maus enganam e todas as suas palavras levam o selo da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus que os Espíritos percorrem estão indicados na “Escala Espírita” (*O Livro dos Espíritos*, livro II, capítulo I, questão nº 100.) O estudo dessa classificação é indispensável para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, suas boas e más qualidades.

50. Sistema da alma material — Consiste unicamente em uma opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo essa opinião, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou, para melhor dizer, o perispírito seria a própria alma, depurando-se gradativamente pelas diversas transmigrações, como o álcool se depura pelas diversas destilações. A Doutrina espírita, entretanto, considera o perispírito como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. O perispírito sendo matéria, ainda que muito etérea, a alma seria de uma natureza material, mais ou menos essencial, segundo o grau de depuração.

Esse sistema não invalida nenhum dos princípios da Doutrina espírita, porque nada muda nos destinos da alma; as condições de sua felicidade futura são sempre as mesmas; a alma e o perispírito formam um todo, sob o nome de Espírito, como o germe e o perisperma, formam um sob o nome de fruto. Toda a questão se reduz a considerar o todo como homogêneo, em lugar de ser formado de duas partes distintas.

Como se vê, isso não leva a nenhuma consequência e disso não teríamos falado, se não tivéssemos encontrado pessoas levadas a ver uma nova escola no que é, em definitivo, uma simples interpretação de palavras. Essa opinião, restrita como é, ainda que fosse mais generalizada não constituiria uma cisão entre os espíritas, tal como as duas teorias, a de emissão e a das ondulações da luz, não foi entre os físicos. Aqueles que quisessem se afastar, por uma questão tão pueril, provariam que dão mais importância ao acessório que à coisa principal, e que eles são levados à desunião por Espíritos que não podem ser bons. Os bons Espíritos não insuflam nunca a rudeza e a discórdia. Por isso,

concitamos todos os verdadeiros espíritas a se colocarem em guarda contra semelhantes sugestões, e a não darem a certos detalhes mais importância que merecem. O essencial é o fundo.

Não obstante, acreditamos dever dizer algumas palavras sobre em que se apoia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Ela é fundada nos ensinamentos dos Espíritos que nunca variaram a esse respeito. Falamos de Espíritos esclarecidos, porque no meio deles há os que sabem mais, e os que sabem menos que os homens, enquanto que a teoria contrária é uma teoria humana. Não inventamos nem supusemos o perispírito para explicar os fenômenos. Sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a observação só a confirmou (*O Livro dos Espíritos*, questão nº 93.) Ela se apoia, ainda, sobre o estudo das sensações dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, questão nº 257) e sobre o fenômeno das aparições tangíveis que implicariam, segundo outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constituintes da alma e por consequência sua desorganização. Por outro lado, seria necessário admitir que essa matéria, perceptível aos sentidos, é ela mesma o princípio inteligente, o que não é mais racional que confundir o corpo com a alma e a vestimenta com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que ela é *imaterial*, é preciso entender no sentido relativo e não no absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada. Ora, a alma ou Espírito é alguma coisa. Qualificando-a de imaterial, quer-se dizer que sua essência é tão superior que não há nenhuma analogia com o que chamamos de *matéria* e que, assim, para nós ela é imaterial (*O Livro dos Espíritos*, questões nºs 23 e 82.)

51. Eis a resposta dada a esse respeito por um Espírito:

“Aquilo que alguns chamam *perispírito* não é outra coisa senão aquilo que outros chamam de envoltório material fluídico. Direi, para me fazer compreender, de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da visão e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; são, portanto materiais, como se pode compreender. Daí os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos

que não padecem os Espíritos superiores, visto que os fluidos terrenos foram depurados no pensamento, quer dizer, na alma. A alma, para seu progresso, sempre tem necessidade de um agente; a alma sem agente não seria nada, não poderíamos nem imaginá-la. O perispírito, para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos com os homens, seja indiretamente por seu corpo ou seu perispírito, seja diretamente por sua alma; daí, as infinitas variedades de médiuns e comunicações.

“Resta o ponto de vista científico, quer dizer, a essência mesma do perispírito; isso é outro assunto. Compreendi em primeiro lugar, moralmente; resta uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a Ciência não conhece o suficiente, mas aí chegará se quiser marchar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento: não muda de natureza. Não podemos ir mais longe, é um ponto que não pode ser explicado. Pensai que não procuro, como vós? Vós pesquisais o perispírito, nós pesquisamos a alma. Esperai, então”. — *Lamennais*.

Assim, se os Espíritos que podemos considerar adiantados não puderam ainda examinar a natureza da alma, como podemos nós fazê-lo? Então, é uma perda de tempo querer descobrir o princípio das coisas que, como é dito em *O Livro dos Espíritos* (questões nºs 17 e 49), está nos segredos de Deus. Pretender investigar, com a ajuda do Espiritismo, o que não está ainda ao alcance da Humanidade é desviá-lo de sua verdadeira finalidade; é fazer como a criança que quer saber tanto como o idoso. O importante é que aplique o Espiritismo em seu aperfeiçoamento moral. Isso, sim, é o essencial. O resto é apenas curiosidade estéril e quase sempre orgulhosa, cuja satisfação não fará o homem dar nem um passo avante; o único meio de avançar é tornar-se melhor. Os Espíritos que ditaram o livro que leva seu nome provaram sua sabedoria, respeitando, pelo que concerne ao princípio das coisas, os limites que Deus não permite transpor, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras que sólidas e que tombarão um dia diante da razão, como tantas outras

saídas dos cérebros humanos. Disseram só o que é necessário para fazer o homem compreender o futuro que o espera e, por isso mesmo, encorajá-lo ao bem. (Ver 2ª parte, o capítulo I, “Ação dos Espíritos sobre a matéria”.)

SEGUNDA PARTE

MANIFESTAÇÕES
ESPÍRITAS

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Descartada a opinião materialista, condenada ao mesmo tempo pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode se manifestar aos vivos. A questão, assim reduzida à sua mais simples expressão, torna-se singularmente fácil. Poderíamos perguntar por que os seres inteligentes, que vivem de algum modo em nosso meio, ainda que invisíveis por sua natureza, não poderiam comprovar sua presença de uma maneira qualquer. A própria razão diz que não há nada de absolutamente impossível, e já é alguma coisa. Essa crença tem a aceitação de todos os povos, porque a encontramos em todos os lugares e em todas as épocas. Ora, uma intuição não estaria tão generalizada, nem sobreviveria ao tempo, sem repousar sobre alguma coisa convincente. Ela é, ainda, sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, e foi necessário o ceticismo e o materialismo do nosso século para relegá-la entre as ideias supersticiosas. Se, pois, estivermos errados, as autoridades também estarão.

Mas essas são só considerações morais. Uma causa, sobretudo, contribuiu para fortalecer a dúvida, em uma época tão positiva como a nossa, em que se toma conhecimento de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de cada coisa. É a ignorância da natureza dos Espíritos

e dos meios pelos quais eles podem se manifestar. Adquirido esse conhecimento, o fato das manifestações nada mais tem de surpreendente e entra na ordem dos fatos naturais.

53. À primeira vista, a ideia que se faz dos Espíritos torna os fenômenos das manifestações incompreensíveis. Essas manifestações não podem ocorrer senão por ação do Espírito sobre a matéria, e é por isso que aqueles que creem que o Espírito é a ausência de toda matéria, se perguntam, com aparente razão, como ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro, porque o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo é a alma e quando o deixa por ocasião da morte, não sai desprovido de todo envoltório. Todos dizem que conservam a forma humana, e quando nos aparecem é sob essa forma que os reconhecemos.

Observemo-los atentamente no momento em que acabem de deixar a vida; estão num estado de perturbação, tudo é confuso em volta deles; eles veem seu corpo perfeito ou mutilado, segundo o gênero de morte; por outro lado, eles se veem e se sentem vivos, qualquer coisa lhes diz que esse corpo lhes pertence e eles não compreendem por que estão separados. Continuam a se ver com sua forma primitiva e essa visão produz em alguns, durante certo tempo, uma singular ilusão: aquela de se crerem ainda vivos. É necessária a experiência de seu novo estado, para se convencerem da realidade. Dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo torna-se para eles uma velha vestimenta da qual eles se despojaram e que não querem mais; sentem-se mais leves e livres de um peso. Não têm mais dores físicas e são felizes de poderem se elevar, transpor espaços, assim como, quando eram vivos, o faziam muitas vezes nos sonhos¹. Entretanto, malgrado a ausência do corpo,

⁽¹⁾ Se recordar de tudo o que dissemos em *O Livro dos Espíritos* sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (questões nºs 400 a 418), se conceberá que estes sonhos, que quase todo mundo teve, nos quais se vê transportado através do espaço, e como voando, não são mais do que uma lembrança da sensação experimentada pelo Espírito, quando, durante o sono, havia momentaneamente deixado seu corpo material, não levando consigo senão seu corpo fluídico, aquele que conserva depois da morte. Estes sonhos podem, pois, nos dar uma ideia do estado do Espírito quando estiver desembaraçado dos entraves que o retêm à Terra.

eles constatarem sua personalidade, têm uma forma que não os constrange nem embaraça; eles têm a consciência do eu, da individualidade. A que conclusão chegamos? Que a alma não deixa tudo no tûmulo, que leva com ela alguma coisa.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, dos quais falaremos mais tarde, conduziram a este resultado de que há no homem três coisas: 1ª a alma ou Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral; 2ª o corpo, envoltório grosseiro, material, do qual está temporariamente revestido para o cumprimento de certos desígnios providenciais; 3ª o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, servindo de elo entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, a desagregação do envoltório grosseiro, aquele que a alma abandona. O outro envoltório desprende-se e segue a alma que, dessa maneira, ainda tem um envoltório, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, não menos matéria, ainda que, até o presente momento, não pudemos segurá-lo nem submetê-lo à análise.

Esse segundo envoltório da alma ou *perispírito* existe durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, aquele pelo qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos do corpo. Para nos servir de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, enfim, esse agente misterioso, inapreensível, designado sob o nome de fluido nervoso, que representa tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se considera suficientemente nos fenômenos fisiológicos e patológicos. A Medicina, considerando apenas o elemento material ponderável, priva-se, na apreciação dos fatos, de uma causa incessante de ação. Mas não é aqui o lugar de examinar essa questão; faremos apenas uma nota: que o conhecimento do perispírito é a chave de uma infinidade de problemas até agora inexplicadas.

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais se recorre algumas vezes nas Ciências para a explicação de um fato. Sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, é resultado de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por agora, e para não antecipar os fatos que vamos

relatar, nos limitaremos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma nunca se separa de seu perispírito.

55. Diz-se que o Espírito é uma chama, uma fagulha. Isso se refere ao Espírito propriamente dito, como princípio inteligente e moral e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas em qualquer grau que se encontre, é sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da ideia de Espírito e que não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, então, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem. Entretanto, só o perispírito não é mais o Espírito, como apenas o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente aquela sob a qual o conhecemos na vida física. Poderíamos acreditar, então, que o perispírito desembaraçado de todas as partes do corpo se amolda de algum modo sobre ele e lhe conserva a forma, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas diferenças de detalhes e salvo as modificações orgânicas necessárias para o meio no qual o ser é chamado a viver, se encontra entre os habitantes de todos os globos; pelo menos é o que dizem os Espíritos. É igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só possuem o perispírito; é aquela sob a qual em todos os tempos foram representados os anjos e os puros Espíritos. De onde concluímos que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos em qualquer grau de desenvolvimento. Mas a matéria sutil do perispírito não tem a consistência nem a rigidez da matéria compacta do corpo. Ela é, se assim podemos dizer, flexível e expansível. É por isso que a forma que ela toma, se bem que calcada sobre aquela do corpo, não é absoluta; ela se molda à vontade do Espírito, que lhe pode dar tal ou tal aparência, ao seu bel-prazer, enquanto que o envoltório sólido lhe ofereceria resistência invencível.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou se contrai, se transforma. Em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. É por causa dessa

propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito, que quer se fazer conhecer, pode, quando isso é necessário, tomar a exata aparência que tinha em vida, mostrar mesmo marcas corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são seres muito semelhantes a nós, formando ao nosso redor uma população invisível no estado normal. Dizemos estado normal porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque isso é essencial para a explicação que temos a dar. Dissemos que, ainda que fluídico, ele continua sendo uma espécie de matéria, e isso resulta dos fatos das aparições tangíveis sobre as quais voltaremos a falar. Viu-se, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm calor, que se podem apalpar, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que seguram e que, de repente, se desvanecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que obedece a uma vontade, executando certos movimentos, tocando música em um instrumento, prova que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, a impressão que elas fazem sobre nossos sentidos, pois que podem deixar marcas sobre a pele, dar golpes dolorosos, ou acariciar delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Sua desapareção instantânea prova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar do estado sólido ao estado fluídico, e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, quer dizer do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida. Ela se revela apenas por seus atos e esses só podem atingir nossos sentidos materiais por um intermediário material. O Espírito tem necessidade de matéria para agir sobre a matéria. Ele tem por instrumento direto seu perispírito, como o homem tem seu corpo. Seu perispírito é matéria, como acabamos de ver. O Espírito tem, em seguida, por agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual ele age, como nós agimos sobre o ar para produzir certos efeitos com a ajuda da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações.

Encarada dessa maneira, é fácil de se admitir a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se que todos os efeitos que daí resultam entram na ordem dos fatos naturais; conhecida esta, o maravilhoso desaparece. Essa causa está nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma nova ordem de fatos que uma nova lei vem explicar, que não espantará ninguém dentro de algum tempo, como ninguém se espanta hoje por comunicar-se com outra pessoa, em alguns minutos, mesmo a longa distância, por meio da eletricidade.

59. Pergunta-se como o Espírito pode, com a ajuda de uma matéria assim sutil, agir sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas etc. Seguramente não será um homem de ciência que fará essa objeção; porque, sem falar das propriedades desconhecidas que pode ter esse novo agente, não temos sob nossos olhos exemplos parecidos? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra suas mais poderosas forças motrizes? Quando vemos o ar derrubar edifícios, o vapor puxar massas enormes, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade quebrar árvores e furar muralhas, que há de estranho em admitir que o Espírito, com a ajuda de seu perispírito, possa levantar uma mesa? Sobretudo, quando se sabe que ele pode tornar-se visível, tangível e se comportar como um corpo sólido?

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS – MESAS GIRANTES

60. Dá-se o nome de manifestações físicas àquelas que se traduzem por efeitos sensíveis, tal como os ruídos, os movimentos e o deslocamento de corpos sólidos. Umas são espontâneas, independentes de toda vontade; outras podem ser provocadas. Falaremos primeiro das manifestações provocadas.

O efeito mais simples e um dos primeiros observados consiste no movimento circular imprimido a uma mesa. Esse efeito se produz igualmente sobre todos os outros objetos. Sendo a mesa o meio mais usado, prevaleceu o nome de *mesas girantes* para a designação dessa espécie de fenômeno.

Quando dizemos que esse efeito é um dos primeiros que foram observados, queremos dizer nestes últimos tempos, porque é certo que todos os gêneros de manifestações foram conhecidos desde os tempos mais recuados, o que não podia ser diferente, pois são efeitos naturais e, portanto, devem ter sido produzidos em todas as épocas. Tertuliano fala em termos explícitos de mesas girantes e falantes.

Durante algum tempo esse fenômeno alimentou a curiosidade dos salões, depois se cansaram e passaram para outras distrações, porque não era senão um assunto para distração. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes: a moda para as pessoas frívolas,

que raramente consagravam dois invernos ao mesmo divertimento, mas que — coisa prodigiosa para eles — lhe deram três ou quatro. Outro foi o motivo para as pessoas sérias e observadoras, desprezaram as mesas girantes, tendo visto nascer delas alguma coisa séria que prevaleceu; se negligenciaram as mesas girantes, é que se ocuparam das consequências bem mais importantes nos seus resultados: deixaram o alfabeto pela ciência. Eis todo o segredo desse abandono aparente, do qual os trocistas fazem tanto alarido.

Seja como for, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida da Doutrina Espírita, e a esse título devemos tratá-las com algum desenvolvimento, tanto mais que, apresentando os fenômenos na sua grande simplicidade, o estudo das causas se tornará mais fácil, e a teoria uma vez estabelecida nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

61. Para a produção do fenômeno, é necessária a intervenção de uma ou várias pessoas dotadas de aptidão especial que se designa sob o nome de *médiuns*. O número de participantes é indiferente, a menos que entre eles se encontrem alguns ignorados. Quanto àqueles em que a mediunidade é nula, sua presença não dá resultado, e mesmo é mais prejudicial que útil pela disposição de espírito com que se apresentam.

Os médiuns gozam de uma força maior ou menor e produzem, por consequência, efeitos mais ou menos pronunciados. Frequentemente uma pessoa, médium poderoso, produzirá sozinho mais que vinte outros reunidos; bastará colocar as mãos sobre a mesa para que ela se mova no mesmo instante, se levante, revire, dê saltos ou gire com violência.

62. Não há nenhum indício da faculdade mediúnica; só a experiência pode revelá-la. Quando, em uma reunião, se quer fazer uma experiência, é preciso simplesmente sentar ao redor de uma mesa, colocar as mãos abertas sobre ela, sem pressão nem contração muscular. No começo, como se ignoravam as causas do fenômeno, indicavam-se muitas precauções reconhecidas hoje como absolutamente inúteis, como, por exemplo, alternância de sexos, o contato dos dedos mínimos das pessoas para formar uma corrente não interrompida. Essa última precaução parecia necessária quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica. A experiência demonstrou sua inutilidade.

A única prescrição que é rigorosamente obrigatória é o recolhimento, um silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência, se o efeito se faz esperar. Pode ser que se produza em alguns minutos, como pode demorar meia hora ou uma hora; isso depende da força mediúnica dos coparticipantes.

63. Acrescentamos, ainda, que a forma da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, a seda no vestuário dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade ou a luz etc., são tão indiferentes como a chuva ou o bom tempo. Só o volume da mesa pode ter importância, mas apenas no caso em que a força mediúnica seja insuficiente para vencer a resistência. Caso contrário, uma só pessoa, mesmo uma criança, pode levantar uma mesa de cem quilos, enquanto que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não fariam mover a menor das mesinhas.

As experiências assim preparadas, quando o efeito começa a se manifestar, ouve-se, geralmente, um pequeno estalo na mesa; sente-se um estremecimento, que é o prelúdio do movimento. Ela parece fazer esforços para sair do lugar, depois o movimento de rotação se pronuncia; ele se acelera a ponto de adquirir uma rapidez tal que os assistentes mal podem segui-lo. Uma vez estabelecido o movimento, pode-se afastar da mesa que continua a se mover em diversos sentidos, sem contato algum.

Em outras circunstâncias, a mesa se levanta e se firma ora sobre um pé, ora sobre outro, depois toma docemente sua posição natural. Outras vezes, ela se balança para a frente e para trás, imitando o balanço de um navio. De outras, enfim, mas para isso é necessária uma força mediúnica considerável, ela se destaca inteiramente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, levanta-se por vezes até o teto, de modo que se possa passar por baixo; depois ela desce lentamente, balançando-se como faria uma folha de papel, ou tomba violentamente e se quebra, o que prova de maneira patente que não é uma ilusão de óptica.

64. Outro fenômeno que se produz com frequência, segundo a natureza do médium, é o dos golpes batidos na estrutura da madeira, sem nenhum movimento da mesa. Esses golpes, algumas vezes fracos, outras vezes bem fortes, são ouvidos nos outros móveis do aposento, contra as portas, as paredes e o teto. Logo voltaremos a esse assunto. Quando eles têm lugar na mesa, aí produzem uma vibração apreciável pelos dedos e, sobretudo, muito distinta ao ouvido aplicado sobre a mesa.

MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. Pelo que acabamos de ver, nada revela a intervenção de uma força oculta, e esses efeitos poderiam perfeitamente se explicar pela ação de uma corrente magnética ou elétrica, ou de um fluido qualquer. Tal foi a primeira solução dada a esses fenômenos e que podia, com razão, passar por muito lógica. Ela teria prevalecido se outros fatos não viessem demonstrar a sua insuficiência. Esses fatos são as provas de inteligência que os fenômenos deram. Ora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, tornou-se evidente que, mesmo admitindo-se que a eletricidade ou outro fluido representasse um papel, devia haver outra causa. Qual seria ela? Qual era essa inteligência? Isso a continuação das observações revelou.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que seja eloquente, espirituosa ou sábia. Basta ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção ou respondendo a um pensamento. Certamente, quando se vê um cata-vento agitado pelo vento, sabe-se que ele obedece a um impulso mecânico; mas se reconhecermos nos movimentos do cata-vento sinais intencionais, se ele gira à direita ou à esquerda, rápido ou com lentidão, obedecendo a um comando, seremos forçados a admitir, não que o cata-vento seja inteligente, mas que obedece a uma inteligência. Foi isso que ocorreu com a mesa.

67. Vimos a mesa se mover, levantar-se, dar golpes, sob a influência de um ou mais médiuns. O primeiro efeito inteligente notado foi ver esses movimentos obedecerem a um comando. Assim, sem mudar de lugar, a mesa se levantava alternativamente sobre o pé designado, depois, descendo, batia um número determinado de golpes, respondendo a uma pergunta. Em outras vezes, a mesa, sem contato de ninguém, passeava sozinha pela sala, indo para a direita ou para a esquerda, para a frente e para trás, executando diversos movimentos sob a ordem dos assistentes. É evidente que descartamos toda a suposição de fraude, que admitimos a perfeita lealdade dos assistentes, atestada por sua honorabilidade e seu inteiro desinteresse. Falaremos mais tarde sobre as trapaças contra as quais é prudente se prevenir.

68. Por meio de pancada e, sobretudo, por estalidos no interior da madeira, como falamos, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação de diversas batidas do tambor, descarga de fuzilaria ou de pelotão, canhoneio; depois, o ruído estridente de uma serra, batidas de martelo, ritmo de diferentes músicas. Era, como se pode compreender, um vasto campo aberto à exploração. Notou-se que, desde que havia uma inteligência oculta, ela devia poder responder a perguntas. E ela respondeu por *sim* e por *não*, segundo um número convencional de batidas. Essas respostas eram de pouca significação; por isso, a ideia de designar as letras do alfabeto por número correspondente de pancadas e, assim, compor palavras e frases.

69. Esses fatos, renovados à vontade por milhares de pessoas em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência não seria outra senão a do médium, do interrogante e mesmo dos assistentes. A dificuldade estava em explicar como essa inteligência podia se refletir na mesa e se traduzir por pancadas; desde que esses golpes não eram dados pelo médium, deduziu-se que eram dados pelo pensamento. Mas atribuir os golpes ao pensamento seria um fenômeno ainda mais prodigioso que todos os que já tinham sido testemunhados. A experiência não tardou a demonstrar quanto essa opinião era inadmissível. Com efeito, as respostas frequentemente

se achavam em oposição formal ao pensamento dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium, em línguas ignoradas por ele, ou relatando fatos desconhecidos por todos. Os exemplos são tão numerosos, que é quase impossível que alguém que se ocupe com comunicações espíritas não tenha sido muitas vezes testemunha. Citaremos apenas um que nos foi narrado por uma testemunha ocular.

70. Em um navio da marinha imperial francesa, em serviço no mar da China, toda a tripulação, desde os marinheiros até o Estado-Maior, se ocupava das mesas falantes. Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um tenente desse navio, que tinha morrido havia dois anos. Ele veio e, depois de diversas comunicações que deixou todo mundo atônito, ele disse o que se segue, por meio de pancadas: “Peço, encarecidamente, que paguem ao capitão a soma de... (ele indicava a quantia), que lhe devo e que sinto não ter podido pagar antes de morrer”. Ninguém sabia do fato, o próprio capitão havia esquecido essa dívida, por sinal mínima. Procurando em seus livros de contas, ele encontrou a menção à dívida do tenente, cujo número indicado era perfeitamente exato. Perguntamos: do pensamento de quem essa indicação pode ser o reflexo?

71. Aperfeiçoou-se a arte de se comunicar por meio do sistema alfabético, mas o meio era sempre muito demorado. Entretanto, obtinham-se algumas comunicações de certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o Mundo dos Espíritos. Deles surgiram outros meios e é a eles que se deve o das comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse gênero tiveram lugar adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa pequena e leve, colocada sobre uma folha de papel. A mesa, colocada em movimento por influência de um médium, se punha a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se sucessivamente esse meio, servindo-se de pequeninas mesas, do tamanho de uma mão, feitas de propósito; depois de cestas, de caixas de papelão e, por fim, de simples pranchetas. A escrita era tão fluente, tão rápida, tão fácil como a manual. Reconheceu-se, mais tarde, que todos esses objetos não eram definitivos, não passavam de apêndices, verdadeiros porta-lápis, dos quais se podia privar, segurando o médium, com sua própria mão, o lápis. A mão, arrastada por um

movimento involuntário, escrevia sob o impulso dado pelo Espírito, sem concurso da vontade nem do pensamento do médium. Desde então, as comunicações de além-túmulo não têm mais dificuldades do que a correspondência habitual entre os vivos.

Voltaremos a tratar do assunto, que explicaremos em detalhes. Esse rápido esboço mostra a sucessão dos fatos que conduziram à constatação, nesses fenômenos, da intervenção de inteligências ocultas, ou seja, dos Espíritos.

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos de Suspensões – Ruídos – Aumento e Diminuição do Peso dos Corpos.

72. Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como sua possibilidade de agir sobre a matéria, trata-se de saber agora como se opera essa ação, como agem para fazer mover as mesas e outros corpos inertes.

Um pensamento apresenta-se naturalmente, e é aquele que tivemos. Como essa ideia foi combatida pelos Espíritos, que nos deram outra explicação que estávamos longe de esperar, é uma prova evidente de que sua teoria não era a nossa opinião. Ora, a ideia que tivemos todos poderiam ter, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não acreditamos que tenha vindo nunca à cabeça de alguém. É fácil reconhecer quanto é superior à nossa, ainda que mais simples, porque dá a solução de uma infinidade de outros fatos que não tinham uma explicação satisfatória.

73. No momento em que se conhece a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que pode ter sobre a matéria, que nos casos de aparição viram-se mãos fluídicas e mesmo tangíveis segurar objetos e os transportar, era natural acreditar que o Espírito se servia de suas mãos para fazer girar a mesa e que a suspendia no espaço com a força dos braços.

Então, nesse caso, qual a necessidade de ter um médium? O Espírito não poderia agir sozinho? Assim, o médium que poussa suas mãos em sentido contrário ao movimento, ou mesmo que não as poussa, não pode ajudar o Espírito por uma ação muscular qualquer. Deixemos falar os Espíritos que interrogamos sobre o assunto.

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís. Posteriormente foram confirmadas por muitos outros.

1º *O fluido universal é uma emanção da Divindade?*

“Não.”

2º *É uma criação da Divindade?*

“Tudo é criado, exceto Deus.”

3º *O fluido universal é o elemento universal?*

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

4º *Tem qualquer relação com o fluido elétrico, do qual conhecemos o efeito?*

“É o seu elemento.”

5º *Como o fluido universal se nos apresenta na sua maior simplicidade?*

“Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, seria necessário remontar aos Espíritos puros. Em seu mundo, está mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que os rodeia. Entretanto, o estado que se aproxima mais dessa simplicidade é aquele do fluido chamado *fluido magnético animal*.”

6º *Dizem que o fluido universal é a fonte da vida; é ao mesmo tempo a fonte da inteligência?*

“Não, esse fluido anima apenas a matéria.”

7º *Sendo esse fluido que compõe o perispírito, parece estar nele numa espécie de estado de condensação que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita?*

“Até certo ponto, porque ele não possui todas as propriedades da matéria, e é mais ou menos condensado, segundo os mundos.”

8º *Como um Espírito pode movimentar um corpo sólido?*

“Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido liberado pelo médium, próprio para esses efeitos.

9º *Os Espíritos levantam a mesa com a ajuda de seus membros de alguma maneira solidificados?*

“Essa resposta não te trará ainda o que desejas. Quando uma mesa se move sob tua mão, o Espírito evocado tirou do fluido universal o que vai animar essa mesa com uma vida artificial. A mesa assim preparada, o Espírito a atrai e a move sob a influência de seu próprio fluido, liberado por sua vontade. Quando a massa que quer pôr em movimento é muito pesada, chama para ajudá-lo Espíritos que estão nas mesmas condições. Em razão de sua condição etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode agir sobre a matéria grosseira sem intermediário, quer dizer, sem um elo que o ligue à matéria. Esse liame, que constitui o que chamamos de *perispírito*, nos dá a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. Creio ter-me explicado claramente para me fazer compreender.”

Nota: Chamamos a atenção para a primeira frase: “Esta resposta não trará ainda o que desejas”. O Espírito compreendeu perfeitamente que todas as perguntas precedentes tinham por finalidade chegar a essa, e fez alusão ao nosso pensamento que esperava uma outra resposta, quer dizer, a confirmação de nossa ideia sobre a maneira pela qual o Espírito move a mesa.

10º *Os Espíritos chamados em sua ajuda lhe são inferiores? Estão sob suas ordens?*

“Iguais, quase sempre; acodem livremente.”

11º *Todos os Espíritos são aptos a produzir fenômenos desse gênero?*

“Os Espíritos que produzem esses efeitos são sempre inferiores, não estão ainda livres de toda influência material.”

12º *Comprendemos que os Espíritos superiores não se ocupem de coisas que estão abaixo deles, mas perguntamos se, em razão de serem mais desmaterializados, poderiam fazê-lo se tivessem vontade?*

“Eles têm a força moral como outros têm a força física. Quando têm necessidade dessa força, servem-se daqueles que a possuem. Já dissemos que eles se servem dos Espíritos inferiores, vós fazeis com os carregadores.”

Nota: Já foi dito que a densidade do perispírito, se assim se pode exprimir, varia segundo a natureza dos mundos (*O Livro dos Espíritos*, nº 94 e 187.) Parece

que ele varia também, no mesmo mundo, segundo os indivíduos. Nos Espíritos *avançados moralmente*, é mais sutil e se aproxima daquele de Espíritos elevados. Entre os inferiores, ao contrário, se aproxima da matéria e é isso que faz com que esses Espíritos de baixo nível conservem tanto tempo as ilusões da vida terrestre. Pensam e agem como se ainda vivessem; têm os mesmos desejos e, quase podemos dizer a mesma sensualidade. Essa maior densidade do perispírito lhes dá mais *afinidade* com a matéria e torna os Espíritos inferiores mais próprios às manifestações físicas. É pela mesma razão que um homem do mundo, habituado aos trabalhos da inteligência, de corpo frágil e delicado, não pode levantar um fardo pesado como um carregador. A matéria de seu corpo é, de algum modo, menos compacta, os órgãos menos resistentes; ele tem menos fluido nervoso. O perispírito é para o Espírito o que o corpo é para o homem. Sua densidade está em razão da inferioridade do Espírito, e substitui nele a força muscular; quer dizer, lhe dá sobre os fluidos necessários às manifestações, uma força maior do que aqueles cuja natureza é mais etérea. Se um Espírito elevado quer produzir tais efeitos, faz como fazem em nosso meio as pessoas refinadas: dá a tarefa para um *Espírito carregador*.

13º *Se compreendemos bem o que foi dito, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira desse fluido o envoltório semimaterial que constitui seu perispírito, e é por meio desse fluido que age sobre a matéria inerte. É isso?*

“Sim, quer dizer que ele anima a matéria com uma espécie de vida fictícia: a matéria anima-se de vida animal. A mesa que se move sob as tuas mãos vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é mais o Espírito que a empurra, como o homem faz com um fardo; quando a mesa se eleva, não é o Espírito que a levanta com a força dos braços, é a mesa animada que obedece ao impulso dado pelo Espírito.”

14º *Qual é o papel do médium nesse fenômeno?*

“Já disse, o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal acumulado pelo Espírito. É necessária a união desses dois fluidos, quer dizer, do fluido animalizado com o fluido universal, para dar vida à mesa. Note bem, que essa vida é apenas momentânea; ela se extingue com a ação, e muitas vezes antes do fim da ação, assim que a quantidade de fluido não é mais suficiente para animá-la.”

15º *O Espírito pode agir sem o concurso do médium?*

“Ele pode agir sem o conhecimento do médium; quer dizer que

muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos para certos fenômenos, sem o saberem. O Espírito tira deles, como de uma fonte, o fluido animalizado de que tem necessidade; é assim que o concurso de um médium, tal como o entendes, não é sempre necessário, o que tem lugar nos fenômenos espontâneos.”

16º *A mesa animada age com inteligência? Pensa?*

“Não pensa mais do que um bastão com o qual se faz um sinal inteligente, mas a vitalidade de que é animada lhe permite obedecer ao impulso de uma inteligência. Saiba que a mesa em movimento não se torna um *Espírito*, e que não tem, por si mesma, nem pensamento nem vontade.”

Nota: Serve-se frequentemente de uma expressão parecida na linguagem usual: diz-se de uma roda que gira com velocidade, que está animada de um movimento rápido.

17º *Qual a causa preponderante na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?*

“O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento; as duas coisas são necessárias.”

18º *Que papel desempenha a vontade do médium?*

“Chamar os Espíritos e ajudá-los no impulso dado ao fluido.”

18º a. *A ação da vontade é sempre indispensável?*

“Ela aumenta a força, mas não é sempre necessária, desde que o movimento pode ter lugar contra ou malgrado essa vontade; e aí está uma prova de que há uma causa independente do médium.”

Nota: O contato das mãos nem sempre é necessário para fazer mover um objeto. Ele basta para dar o primeiro impulso, mas uma vez o objeto animado, ele pode obedecer à vontade sem contato material; isso depende da força do médium, ou da natureza dos Espíritos. Um primeiro contato nem sempre é necessário; tem-se a prova disso nos movimentos e deslocamentos espontâneos, que não se pensou em provocar.

19^o *Por que todos não podem produzir o mesmo efeito, e por que todos os médiuns não têm a mesma potência?*

“Isso depende do organismo e da maior ou menor facilidade com que a combinação de fluidos pode se operar. Além disso, o Espírito do médium simpatiza mais, ou menos, com os Espíritos estranhos que encontram nele a potência fluídica necessária. Essa potência, tal como a dos magnetizadores, é maior ou menor. Sob esse aspecto, encontramos pessoas inteiramente refratárias; outras em que a combinação não se opera senão por um esforço de vontade; outras, enfim, nas quais se dá tão naturalmente e tão facilmente que nem a percebem, servindo de instrumento sem o saberem, como já falamos.” (Ver cap. V, “Manifestações Físicas Espontâneas”.)

Nota: O magnetismo é, sem dúvida, o princípio desses fenômenos, mas não como se entende geralmente; a prova é que há poderosos magnetizadores que não fariam mover uma minúscula mesa, e pessoas que não podem magnetizar, nem mesmo crianças, que, no entanto, basta colocarem os dedos sobre uma pesada mesa para que esta se agite. Então, se a potência mediúnica não está em razão da potência magnética, é porque tem outra causa.

20^o *As pessoas ditas elétricas podem ser consideradas médiuns?*

“Essas pessoas tiram delas mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem o concurso de Espíritos estranhos. Não são exatamente médiuns, no sentido dado a essa palavra, mas pode ser que um Espírito as assista e se beneficie de suas disposições naturais.”

Nota: Seriam como os sonâmbulos que podem agir com ou sem o concurso de um Espírito estranho. (Ver cap. XIV, “Dos Médiuns”, n^{os} de 172 a 176, “Médiuns sonâmbulos”.)

21^o *O Espírito que age sobre corpos sólidos, para movê-los, está na substância desses corpos ou fora dela?*

“Um e outro. Já falamos que a matéria não é obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo; uma porção do perispírito se identifica com o objeto no qual penetra.

22º *Como o Espírito faz para bater? Serve-se de um objeto material?*

“Não mais que de seus braços para levantar a mesa. Sabe-se que não há martelo à sua disposição. Seu martelo é o fluido combinado, posto em ação por sua vontade para mover ou bater. Quando move um objeto, a luz nos dá a visão do movimento; quando bate, o ar nos transmite o som.”

23º *Entendemos quando bate em um corpo duro, mas como pode fazer ouvir ruídos ou sons articulados pelo ar?*

“Já que age sobre a matéria, pode agir sobre o ar, tanto quanto sobre a mesa. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los como a todos os outros ruídos.”

24º *O senhor diz que o Espírito não se serve das mãos para mover a mesa; entretanto, viu-se, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos que dedilhavam teclados e produziam sons. Não parece que o movimento das teclas é produzido pela pressão dos dedos? Essa pressão não é direta e real quando se faz sentir sobre nós mesmos, quando essas mãos deixam marcas na pele?*

“Não podeis compreender a natureza dos Espíritos e sua maneira de agir por comparações que só dão uma ideia incompleta. É um erro querer assemelhar aos teus os procedimentos deles. Os procedimentos deles devem estar de acordo com sua organização. Já não dissemos que o fluido do perispírito adentra a matéria e se identifica com ela, que a anima com uma vida fictícia? Então, quando o Espírito poussa os dedos sobre as teclas, poussa-os realmente, e os move. Mas não é pela força muscular que pressiona as teclas; anima-as, como ele anima a mesa, e a tecla, que obedece à sua vontade, se move e bate a corda. Aqui se passa uma coisa que terá dificuldade para compreender: é que certos Espíritos são tão pouco desenvolvidos e tão materiais, comparativamente aos Espíritos elevados, que têm ainda a ilusão da vida terrestre e agem como quando tinham seus corpos; não se dão conta da verdadeira causa dos efeitos que produzem como um camponês não se dá conta da teoria dos sons que articula. Pergunta-lhes como eles tocam o piano, dirão que batem nas teclas com seus dedos, porque creem bater. O efeito produz-se instintivamente sem que saibam como e, entretanto, por sua vontade. Quando falam e se fazem ouvir, é a mesma coisa.”

Nota: Dessas explicações resulta que os Espíritos podem produzir todos os efeitos, que nós mesmos podemos produzir, mas por meios apropriados à sua organização. Certas forças que lhe são próprias substituem os músculos que nos são necessários para agir, do mesmo modo que o gesto substitui, entre os mudos, a palavra que lhes falta.

25º Entre os fenômenos que se citam como provas da ação de uma força oculta, há os que são evidentemente contrários a todas as leis conhecidas da Natureza. A dúvida, então, é justa?

“É que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza. Se as conhecesse todas, seria um Espírito superior. Cada dia traz um desmentido àqueles que, crendo tudo saber, pretendem impor limites à Natureza, e nem por isso ficam menos orgulhosos. Desvendando sem cessar novos mistérios, Deus adverte o Homem a desconfiar de sua própria sabedoria, porque um dia virá em que *a Ciência do mais sábio será confundida*. Não tendes, todos os dias, exemplos de corpos animados de movimento capaz de superar a força da gravidade? A bala de canhão, lançada no ar, não supera momentaneamente essa força? Pobres homens que creem ser tão sábios, cuja tola vaidade é a cada dia confundida, saibam que são ainda muito pequeninos.”

75. Essas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade. Delas ressalta o ponto capital que o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, e que esse agente recebe o impulso do Espírito, tanto encarnado como errante. Esse fluido, condensado, constitui o perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito. No estado de encarnado, o perispírito é unido à matéria do corpo; no estado de erraticidade, ele é livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito é mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos falar. Em certas pessoas há uma espécie de emanção desse fluido por conta de sua organização. Aí está, propriamente falando, o que constitui os médiuns de efeitos físicos. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, sua combinação mais ou menos fácil, daí os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão não sendo permanente explica a intermitência da força.

76. Vamos fazer uma comparação. Assim que temos vontade de agir materialmente sobre um ponto qualquer colocado a distância, é o pensamento que quer, mas o pensamento sozinho não irá atingir esse ponto; falta-lhe um intermediário: um bastão, um projétil, uma corrente de ar etc. Note que o pensamento não age diretamente sobre o bastão, porque se não o tocarmos ele não agirá sozinho. O pensamento, que é o Espírito encarnado em nós, está unido ao corpo pelo perispírito; ele não pode mais agir sobre o corpo sem o perispírito, como não pode agir sobre o bastão sem o corpo. Age sobre o perispírito porque é a substância com a qual tem mais afinidade; o perispírito age sobre os músculos, os músculos seguram o bastão, e o bastão atinge o alvo. Quando o Espírito não está encarnado, falta-lhe um auxiliar estranho; esse auxiliar é o fluido com a ajuda do qual torna o objeto próprio para seguir o impulso de sua vontade.

77. Assim, quando um objeto é colocado em movimento, levantado ou lançado no ar, não é o Espírito que o segura, o empurra e o levanta, como faríamos com a mão; ele o *satura*, por assim dizer, de seu fluido combinado com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como o faria um ser vivo, com a diferença que não tendo vontade própria, segue o impulso da vontade do Espírito.

Desde que o fluido vital, dirigido de alguma maneira pelo Espírito, dá vida fictícia e momentânea aos corpos inertes, e que o perispírito não é senão o fluido vital, segue-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele que dá vida a seu corpo, por meio de seu perispírito, ficando a ele unido enquanto seu organismo o permita. Quando ele se retira, o corpo morre. Agora, se em lugar de uma mesa, se talhasse a madeira em estátua, e se agisse sobre essa estátua como sobre a mesa, teremos uma estátua que se move, que bate, em uma palavra, uma estátua momentaneamente animada de uma vida artificial. Como se diz mesas falantes, poderíamos também dizer estátuas falantes. Quanta luz essa teoria lança sobre uma infinidade de fenômenos até agora sem respostas! Quantas alegorias e efeitos misteriosos vêm explicar!

78. Os incrédulos afirmam que o levantamento de mesas sem ponto de apoio é impossível, porque é contrário à lei da gravidade.

Respondemos, primeiro, que sua negação não é uma prova; depois que, se o fato existe, estranhamente contrário a todas as leis conhecidas, isso provaria uma coisa: é que ela repousa sobre uma lei desconhecida, e que os negadores não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da Natureza.

Explicamos, então, essa lei, mas isso não é razão para que ela seja aceita por eles, precisamente porque é dada por Espíritos que deixaram sua vestimenta terrena, em lugar de ser por Espíritos que ainda a têm e que se sentam na Academia. De tal modo que se o Espírito Argo, em vida, tivesse dado essa lei, os incrédulos a aceitariam de olhos fechados. Mas dada pelo Espírito Arago, morto, é uma utopia. Por que isso? Porque creem que Arago estando morto, tudo nele é morto. Não temos a pretensão de os dissuadir; entretanto, como essa objeção poderia embarçar certas pessoas, vamos tentar responder colocando-nos em seu ponto de vista, quer dizer, fazendo abstração por um instante da teoria da animação factícia.

79. Quando se faz o vácuo na campânula da máquina pneumática, essa campânula adere com tal força que é impossível levantá-la, por causa do peso da coluna de ar em cima dela. Quando se deixa entrar o ar, a campânula se abre com a maior facilidade, porque o ar debaixo faz contrapeso com o ar de cima. Entretanto, abandonada a si mesma, ficará sobre o prato em virtude da lei da gravidade. Agora, comprima-se o ar em seu interior, dando-lhe, na parte de baixo, uma densidade maior que a de cima, e a campânula se elevará, apesar da gravidade. Se a corrente de ar é rápida e forte, poderá ser sustentada no espaço sem nenhum apoio visível, à maneira desses bonecos que se faz rodopiar sobre os jatos de água. Porque então o fluido universal, que é o *elemento de toda a matéria*, acumulando-se em torno da mesa, não teria a propriedade de diminuir-lhe ou aumentar-lhe o peso específico relativo, como o ar o faz com a campânula da máquina pneumática, como o gás hidrogênio o faz para os balões, sem que fique derogada a lei da gravidade? Conhecem todas as propriedades e todas as forças desse fluido? Não. Então não neguem um fato só por que não podem explicá-lo.

80. Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode levantar uma mesa, pode levantar uma outra coisa, uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, pode também, com força suficiente, levantar essa poltrona com uma pessoa sentada. Eis a explicação desse fenômeno, produzido cem vezes pelo senhor Home consigo mesmo e com outras pessoas. Ele a repetiu durante uma viagem a Londres e a fim de provar que os espectadores não eram vítimas de uma ilusão de óptica e fez no teto uma marca com um lápis, permitindo que passassem por baixo dele. Sabe-se que o sr. Home era um poderoso médium de efeitos físicos: ele era a causa eficiente e o objeto.

81. Falamos, há pouco, do aumento de peso. É, com efeito, um fenômeno que se produz algumas vezes, e que não tem nada de mais anormal do que a prodigiosa resistência da campânula sob a pressão da coluna atmosférica. Sob a influência de certos médiuns, objetos leves oferecem a mesma resistência, depois, de repente, cedem ao menor esforço. Nessa experiência, a campânula não pesa, nem mais nem menos que seu peso real, mas parece mais pesada por efeito da causa exterior que age sobre ela; o mesmo, provavelmente, ocorre com a mesa. A mesa tem sempre o mesmo peso intrínseco, porque sua massa não aumentou, mas uma força estranha se opõe a seu movimento e essa causa pode estar nos fluidos ambientes que a penetram, como a que aumenta ou diminui o peso aparente da campânula. Faça-se a experiência da campânula pneumática diante de um camponês ignorante. Não compreendendo que é o ar, que ele não vê, que age, não será difícil persuadi-lo de que se trata do diabo.

Talvez se diga que o fluido sendo imponderável, seu acúmulo não pode aumentar o peso de um objeto. De acordo, mas note que, se nos servimos da palavra *acúmulo*, é por comparação e não por assimilação absoluta com o ar. Ele é imponderável: seja, entretanto, nada o prova. Sua natureza íntima nos é desconhecida e estamos longe de conhecer todas as suas propriedades. Antes de se ter experimentado o peso do ar, não se supunha os efeitos desse peso. A eletricidade está também entre os fluidos imponderáveis; entretanto, um corpo pode ser retido

por uma corrente elétrica e oferecer grande resistência àquele que quiser levantá-lo. Então, em aparência, tornou-se mais pesado. Porque não se vê o suporte, seria ilógico concluir que ele não exista. O Espírito pode, pois ter alavancas que nos são desconhecidas. A Natureza prova-nos todos os dias que seu o poder não se limita ao testemunho de nossos sentidos.

Não se pode explicar, senão por uma causa parecida, o fenômeno singular, de que há muitos exemplos, de um jovem fraco, franzino, erguer com dois dedos, sem esforço, como uma pluma, um homem forte e robusto com a cadeira em que se sentava. E as intermitências da faculdade provam que sua causa é estranha à pessoa que a possui.

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Ruídos, Barulhos e Perturbações – Arremesso de objetos – Fenômeno de Transporte.

82. Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados. Mas, algumas vezes, ocorrem espontaneamente, sem participação da vontade e se tornam frequentemente muito importunos. O que exclui a suposição de serem efeitos da imaginação superexcitada pelas ideias espíritas é que se produzem entre pessoas que nunca ouviram nada a esse respeito e quando menos esperavam. Esses fenômenos, que se poderiam chamar de Espiritismo prático natural, são muito importantes, porque não podem ser suspeitos de conivência. Por isso, pedimos às pessoas que se ocupam com fenômenos espíritas, recolherem todos os fatos desse gênero que chegarem ao seu conhecimento, sobretudo, constatarem, com cuidado, a sua realidade com um estudo minucioso das circunstâncias, a fim de assegurarem que não são vítimas de uma ilusão ou de uma mistificação.

Ruídos, barulhos e perturbações

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples são os ruídos e as pancadas; e é aqui, principalmente, que é necessário temer a ilusão, porque uma infinidade de causas naturais pode produzi-las: o vento que sopra ou que agita um objeto, um corpo por causa de sua posição que

se move sozinho sem que se perceba, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto etc., e até mesmo brincadeiras de mau gosto. Os ruídos espíritos têm, aliás, um caráter particular, apresentando uma intensidade e timbre muito variados, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem confundi-los com os estalidos da madeira, o crepitar do fogo, o tique-taque monótono de um relógio. São pancadas secas, às vezes surdas, fracas, leves, algumas vezes claras, distintas; outras vezes barulhentas, que trocam de lugar e se repetem sem ter uma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, aquele que não pode deixar dúvida sobre sua origem, é a obediência à nossa vontade. Se os golpes se fazem ouvir no lugar designado, se respondem ao pensamento, temos de reconhecer neles uma causa inteligente, mas a falta de obediência nem sempre prova o contrário.

84. Admitamos agora que, depois de uma constatação minuciosa, tem-se a certeza de que os ruídos e todos os outros efeitos são manifestações reais; é racional se assustar? Não, seguramente, porque em nenhum caso oferece o menor perigo. As pessoas persuadidas de que é o diabo podem ser afetadas de uma maneira desagradável, como as crianças que temem o lobisomem e o bicho-papão. Essas manifestações adquirem em certas circunstâncias proporções e persistências desagradáveis das quais se tem o desejo natural de se desembaraçar. Uma explicação sobre o assunto é necessária.

85. Já dissemos que as manifestações físicas têm por finalidade chamar nossa atenção sobre alguma coisa e de nos convencer da presença de uma força superior ao homem. Dissemos também que os Espíritos elevados não se ocupam dessa espécie de manifestações; servem-se de Espíritos inferiores para produzi-las, como nos servimos de empregados para as tarefas pesadas. Uma vez que a finalidade foi atingida, a manifestação material cessa, porque não é mais necessária. Um ou dois exemplos explicarão melhor o assunto.

86. Há muitos anos, no começo dos meus estudos sobre o Espiritismo, estando um dia ocupado com um trabalho sobre certo assunto, golpes se fizeram ouvir em torno de mim durante quatro horas seguidas. Era a primeira vez que tal coisa acontecia. Constatei que não tinham

nenhuma causa acidental, mas, no momento, não consegui saber mais. Eu tinha, nessa época, ocasião de ver frequentemente um excelente médium escrevente. No dia seguinte, perguntei ao Espírito que se comunicava por seu intermédio sobre a causa desses golpes. *Era seu Espírito familiar que queria lhe falar*, respondeu-me.

— E o que queria me dizer?

Resposta: Pode perguntar-lhe você mesmo, porque ele está aqui.

Tendo interrogado esse Espírito, ele se fez conhecer sob um nome alegórico (Soube depois por outros Espíritos, que ele pertencia a uma ordem muito elevada e representou na Terra papel muito importante.) Assinalou-me erros no meu trabalho, indicando-me as linhas onde se encontravam, deu-me úteis e sábios conselhos, disse que estaria sempre comigo e que atenderia ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. Depois disso, esse Espírito nunca mais me deixou. Ele me deu muitas provas de uma grande superioridade e sua *intervenção benfazeja e eficaz* ajudou-me nos assuntos da vida material, como nos das coisas metafísicas. Desde nossa primeira conversa, os golpes cessaram. O que queria ele, com efeito? Entrar em comunicação regular comigo, por isso queria me avisar. O aviso dado, depois explicado, as relações regulares estabelecidas, os golpes se tornaram inúteis e cessaram. Não se bate mais o tambor para acordar os soldados, quando eles já estão de pé.

Um fato parecido ocorreu com um de meus amigos. Desde algum tempo, em seu quarto ressoavam ruídos diversos, que se tornavam fâti-gantes. Na ocasião que se apresentou de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, ele soube o que dele queriam. Atendeu ao pedido e, depois disso, não se ouviu mais o barulho. Note-se que as pessoas que têm com os Espíritos um meio regular e fácil de comunicação têm muito mais raramente manifestações desse gênero.

87. As manifestações espontâneas não se limitam a ruídos e batidas. Elas degeneram, muitas vezes, em verdadeiro tumulto e em perturbações. Móveis e objetos diversos são revirados, projéteis de toda espécie são lançados fora, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas, o que não pode ser apenas uma ilusão.

A desordem é quase sempre real, mas algumas vezes é só a aparência da realidade. Ouve-se o barulho num aposento vizinho, barulho de louça que cai e se quebra com estrépito, achas de lenha que rolam no assoalho; corre-se para ver e está tudo tranquilo e em ordem; depois, o tumulto recomeça.

88. As manifestações desse gênero não são nem raras nem novas. São poucas as crônicas locais que não encerram uma história do gênero. O medo, sem dúvida, exagerou fatos que, passando de boca em boca, tomaram proporções gigantescamente ridículas. Com a superstição ajudando, as casas onde se deram foram tidas como assombradas pelo diabo, e vêm daí todos os contos fantásticos ou terríveis de fantasmas. Por seu lado, a trapaça não deixou escapar uma tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso em proveito de interesses pessoais. Entende-se, de resto, a impressão que fatos desse gênero, mesmo reduzidos à realidade, podem fazer sobre personalidades fracas e predispostas pela educação às ideias supersticiosas. O meio mais seguro de prevenir os inconvenientes que possam ter, pois não se pode impedi-los, é fazer conhecer a verdade. As coisas mais simples se tornam assustadoras quando a causa é desconhecida. Quando se tiver familiaridade com os Espíritos, e aqueles aos quais se manifestam não mais creem ter uma legião de demônios atrás de si, não terão mais medo.

Pode-se ver na *Revista Espírita* o relato de muitos fatos autênticos desse gênero, entre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas estrepolias duraram mais de oito anos (n^{os} de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorp (agosto de 1858); a do padeiro das Grandes-Vendas, perto de Dieppe (março de 1860); a da Rua de Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de "*História de um condenado*" (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860), e muitas outras.

89. Os fatos dessa natureza tomam caráter de verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, encontravam de manhã suas roupas espalhadas, escondidas até sobre o teto, rasgadas e cortadas em pedaços, apesar das precauções que tomavam de fechá-las à chave. É frequente que pessoas deitadas, mas

perfeitamente acordadas, vejam sacudir as cortinas, puxar violentamente suas cobertas e seus travesseiros, sendo levantadas do colchão e, algumas vezes, atiradas fora do leito. Esses fatos são mais frequentes do que se crê; mas, na maior parte das vezes, aqueles que são vítimas não ousam falar do assunto por medo do ridículo. Temos conhecimento de que se acreditava tratar certos indivíduos daquilo que se olhava como alucinação, submetendo-os ao tratamento dos alienados, o que os tornava realmente loucos. A Medicina não pode compreender essas coisas, porque não admite nas causas senão o elemento material, de onde resultam enganos geralmente funestos. A História, um dia, contará certos tratamentos do século dezenove, como se conta hoje certos procedimentos da Idade Média.

Admitimos perfeitamente que certos fatos são obra da malícia ou da maldade, mas, se após as constatações feitas, verificou-se que não são obra dos homens, é de se convir que uns dirão do diabo, outros dirão dos Espíritos; mas de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, como entre nós os homens sérios e graves, não se divertem a fazer gracinhas. Muitas vezes perguntamos a tais Espíritos o motivo que os leva a perturbar assim o repouso dos outros. A maior parte não tem outra finalidade a não ser se divertir; são Espíritos mais levianos que maus, que riem dos medos que ocasionam e das pesquisas inúteis que se fazem para descobrir a causa do tumulto. Às vezes, se apegam a um indivíduo e se divertem em incomodá-lo, e o perseguem por toda parte. Outras vezes se apegam a um lugar sem outro motivo que seus caprichos. Algumas vezes é também uma vingança, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável: querem chamar a atenção e estabelecer comunicação, seja para dar um aviso útil à pessoa a qual se dirigem, seja para pedirem alguma coisa para eles próprios. Vimos uns pedirem preces, outros o cumprimento de um voto que não tiveram tempo de cumprir; outros, enfim, querem, no interesse de seu próprio repouso, reparar uma má ação cometida em vida.

Em geral, é errado ter medo deles. Sua presença pode ser importuna, mas não perigosa. Entende-se o desejo de se desembaraçar deles, mas

se faz para isso o contrário do que seria necessário. Se esses são Espíritos que se divertem, quanto mais se toma a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças indisciplinadas que perseguem mais ainda os que se impacientam e assustam os medrosos. Se as pessoas tomassem o partido de rirem de suas brincadeiras, eles acabariam por se cansar e ficariam tranquilos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, os desafiava a fazerem tal ou tal coisa, que ao fim de uns dias não voltaram mais.

Como dissemos, há os que têm motivos menos frívolos. É sempre útil saber o que querem. Se pedem qualquer coisa, pode-se estar certo que cessarão suas visitas desde que seu desejo seja satisfeito. O melhor meio é evocar o Espírito por meio de um bom médium escrevente. Pelas suas respostas se verá logo com quem se está tratando e se agirá convenientemente. Se é um Espírito infeliz, a caridade manda tratá-lo com o respeito que merece; se é um gozador, pode-se tratá-lo sem rodeios; se é um malvado, é necessário pedir a Deus que o torne melhor. Em todos os casos, a prece tem sempre um bom resultado. A gravidade das fórmulas de exorcismo os faz rir, e não lhe dão nenhuma importância. Se puder entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar das qualificações burlescas e amedrontadoras que se dão, para se divertirem com a credulidade dos outros.

Voltaremos com mais detalhes sobre esse assunto e sobre as causas que tornam os exorcismos ineficazes, no capítulo IX, “Lugares Assombrados”, e capítulo XXIII, “Da Obsessão”.

91. Esses fenômenos, embora produzidos por Espíritos inferiores, são frequentemente provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com a finalidade de convencer da existência de seres incorpóreos e de uma força superior ao homem. A repercussão que daí resulta e o pavor que causam chamam a atenção e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples encarar os fenômenos como efeitos da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa buscar outras. Mas, quando objetos são revirados ou atirados à cabeça das pessoas, seria necessária uma imaginação bem complacente para imaginar que semelhantes coisas são imaginação, quando não são.

Quando se nota um efeito qualquer, esse efeito tem necessariamente uma causa. Se uma fria e calma observação demonstra que esse efeito é independente de toda vontade humana e de toda causa material; se nos dá sinais *evidentes de inteligência e de livre vontade, o que é o seu sinal mais característico*, é forçoso atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É isso que os estudos espíritas nos ensinam da maneira menos contestável, pelos meios que nos dão para nos comunicarmos com eles.

Esses estudos nos ensinam a distinguir a parte real da falsa, ou da exagerada, nos fenômenos que se nos apresentam. Se um efeito insólito se produz: ruído, movimento, aparição mesmo, o primeiro pensamento que se deve ter é que ele possua uma causa natural, porque é a mais provável. É necessário pesquisar essa causa com o maior cuidado e não admitir a intervenção de Espíritos senão após conscientemente averiguada. É o meio de evitar a ilusão. Aquele que, por exemplo, sem estar próximo de ninguém, recebeu uma bofetada ou um golpe de bastão nas costas, como já se viu, não duvidará da presença de um ser invisível.

Deve-se manter em guarda não somente contra os relatos que podem ser mais ou menos exagerados, mas contra as próprias impressões, e não atribuir uma origem oculta a tudo o que não se compreende. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver em tudo Espíritos ocupados em revirar móveis, quebrar louças, suscitar, enfim, mil confusões domésticas quando é mais racional atribuir ao descuido.

92. A explicação dada ao movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos que vimos. Os ruídos, embora mais fortes que os golpes na mesa, têm a mesma causa. Os objetos lançados ou deslocados o são pela mesma força que levanta um objeto qualquer. Uma circunstância vem apoiar essa teoria: podemos perguntar onde está o médium nesse caso. Os Espíritos disseram-nos que em caso semelhante há sempre alguém cujo poder se exerce sem ele saber. As manifestações espontâneas produzem-se muito raramente em lugares isolados. É quase sempre em casas habitadas que elas ocorrem,

pelo fato da presença de certas pessoas que exercem uma influência sem o querer. Essas pessoas são verdadeiros médiuns que ignoram suas faculdades, e que nós chamamos *médiuns naturels*. Estão para os outros médiuns o que os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos e devem ser observados.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de uma aptidão especial para a produção desses fenômenos parece ser necessária na maioria dos casos, embora haja aqueles em que o Espírito parece agir sozinho. Mas, então, ele poderia tirar o fluido animalizado de uma pessoa que não está presente. Isso explica por que os Espíritos que nos rodeiam sem cessar não produzem perturbações a cada instante. É necessário primeiramente que o Espírito o queira, que tenha um objetivo, um motivo; sem isso nada faz. Em seguida, é necessário que encontre, precisamente no lugar onde quer agir, uma pessoa apta a ajudá-lo, coincidência que ocorre raramente. Se essa pessoa aparece inopinadamente, ele a aproveita. Apesar da reunião de circunstâncias favoráveis, ele poderia ser impedido por uma vontade superior que não o deixe agir à sua vontade. Pode também só lhe ser permitido agir dentro de certos limites, e nos casos em que as manifestações sejam julgadas úteis, seja como meio de convicção, seja como prova para a pessoa que delas é objeto.

Arremesso de objetos

94. Citaremos a propósito do assunto a conversação originada dos fatos que se passaram em junho de 1860, na Rua des Noyers, em Paris. Os detalhes estão na *Revista Espírita*, de agosto de 1860.

1º (A São Luís) *O senhor teria a bondade de nos dizer se os fatos que se diz terem passado na Rua des Noyers são reais? Quanto à possibilidade, não duvidamos.*

“Sim, esses fatos são verdadeiros, mas a imaginação das pessoas os exagerou, seja por medo, seja por ironia; mas, repito, eles são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte às custas dos habitantes do lugar.”

2º *Há, na casa, uma pessoa que seja a causa dessas manifestações?*

“Elas são sempre causadas pela presença da pessoa à qual se ataca; é

que o Espírito perturbador não gosta do morador do lugar onde está e quer lhe pregar peças, ou fazer com que ele se mude.”

3º Perguntamos se, entre os moradores da casa, há alguém que seja a causa desses fenômenos por uma influência mediúnica espontânea e involuntária?

“Isso é necessário, visto que sem ele o fato não poderia se dar. Um Espírito habita um lugar de sua predileção. Aí permanece até que uma pessoa que lhe seja conveniente se apresente; quando essa pessoa chega, o Espírito se diverte o quanto pode.”

4º É indispensável a presença dessa pessoa no lugar?

“É o caso mais comum, e é o do caso citado. Por isso eu disse que, sem isso, o fato não teria podido acontecer, mas não quero generalizar. Há casos em que a presença no lugar não é necessária.”

5º Sendo esses Espíritos de ordem inferior, a aptidão para lhes servir de auxiliar é um fator desfavorável para a pessoa? Isso anuncia uma simpatia com seres dessa natureza?

“Não necessariamente, porque essa aptidão vem de uma disposição física; entretanto, indica, frequentemente, uma tendência material que seria preferível não ter: porque quanto mais a pessoa se eleva moralmente, mais atrai os bons Espíritos, afastando naturalmente os maus.”

6º Onde o Espírito pega os projéteis dos quais se serve?

“Esses objetos são, quase sempre, encontrados nos próprios lugares ou na vizinhança. Uma força saída do Espírito os lança no espaço, e eles tombam no lugar designado pelo Espírito.”

7º Desde que as manifestações espontâneas são muitas vezes permitidas e mesmo provocadas com a finalidade de convencer, parece-nos que, se certos incrédulos fossem pessoalmente o objeto, seriam forçados a se renderem à evidência. Eles se queixam algumas vezes de não poderem ser testemunhas de fatos concludentes. Não dependeria dos Espíritos, dar-lhes uma prova sensível?

“Os ateus e os materialistas não são a cada passo testemunhas do poder de Deus e do pensamento? Isso não os impede de negar Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os Seus contemporâneos? Os fariseus que Lhe diziam: “Mestre, faça-nos ver algum prodígio”, não

se parecem com esses que lhes pedem hoje fazer ver as manifestações? Se não estão convencidos com as maravilhas da Criação, não o serão nem mesmo que um Espírito lhes apareça da maneira menos equívoca, porque seu orgulho os torna como cavalos empacados. As ocasiões de ver não lhes faltarão se as procurarem de boa-fé. É por isso que Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que fez para aqueles que procuram sinceramente se instruir, porque Deus só recompensa homens de boa vontade. Tal incredulidade não impedirá de se cumprir a vontade de Deus. Veja como não impediu a Doutrina de se espalhar. Pare de se inquietar com sua oposição, que é para a Doutrina o que a sombra é para a pintura: dá-lhe maior relevo. Que mérito teriam serem convencidos pela força? Deus deixa-lhes toda a responsabilidade por sua teimosia, e essa responsabilidade é maior do que pensam. Bem-Aventurados os que creem sem terem visto, disse Jesus, porque não duvidam do poder de Deus.”

3º Acredita que seria útil evocar esse Espírito para lhe pedir algumas explicações?

— “Evoque-o, se quiser, mas é um Espírito inferior que dará respostas insignificantes.”

95. Entrevista com o Espírito perturbador da Rua des Noyers.

1ª Evocação.

“Por que me chamou? Quer, então, umas pedradas? Então é que veremos um bom salve-se quem puder, apesar do seu ar de valentia.”

2ª Mesmo que nos desse pedradas, isso não nos amedrontaria. Pedimos mesmo que se puder nos mande algumas.

“Aqui não posso fazer, o senhor tem um guardião que vela pela sua segurança.”

3ª Na Rua des Noyers, havia uma pessoa que servia de auxiliar para facilitar as peças que pregava aos moradores da casa?

“Certamente, encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e prudente para me impedir, porque eu sou alegre, e gosto, às vezes, de me divertir.”

4ª Qual era a pessoa que lhe servia de instrumento?

“Uma criada.”

5º *Era sem saber que servia de auxiliar?*

“Oh! sim; a pobre moça era a mais assustada.”

6º *Agia com um fim hostil?*

“Eu, eu não tinha nenhum objetivo hostil, mas os homens, que de tudo se apossam, torcerão a coisa em seu favor.”

7º *Que entende por isso? Não o compreendemos.*

“Eu procurava me divertir, mas os senhores estudam a coisa e terão mais um fato para mostrar que nós existimos.”

8º *Você diz que não tinha um fim hostil, no entanto quebrou todas as vidraças do apartamento. Causou assim um prejuízo real.*

“Isso é um detalhe.”

9º *Onde encontrava os objetos que você atirava?*

“Eles são muito comuns. Achei-os no pátio e nos jardins vizinhos.”

10º *Você os encontrou todos ou fabricou alguns?*

“Não criei nada e nada compus.”

11º *Se não os tivesse encontrado poderia tê-los fabricado?*

“Seria bem mais difícil; mas, a rigor, misturam-se matérias e faz-se uma coisa qualquer.”

12º *Agora, diga-nos como os lançou?*

“Ah! Isso é mais difícil de dizer. Fui ajudado pela natureza elétrica daquela moça, ligada à minha menos material. Nós dois pudemos assim transportar os materiais.”

13º *Penso que você gostaria de nos dar algumas informações a seu respeito. Diga-me, primeiro, faz muito tempo que é morto?*

“Faz bastante tempo, uns cinquenta anos.”

14º *O que era em vida?*

“Não era grande coisa; catava coisas neste bairro, e muitas vezes me diziam bobagens, porque eu apreciava demais o licor vermelho do bom velho Noé. Eu também queria pô-los a correr.”

15º *Era você mesmo, de boa vontade, quem respondeu às nossas perguntas?*

“Eu tinha um instrutor.”

16º *Quem é esse instrutor?*

— “Seu bom rei Luís.”

Nota: Essa pergunta foi feita por causa da natureza de certas respostas que parecem ultrapassar a capacidade desse Espírito, pelas ideias e pela linguagem. Não há nada demais que tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido, que queria aproveitar essa ocasião para nos dar uma instrução. Isso é um fato muito comum, mas uma particularidade notável nessa circunstância é que a influência de outro Espírito se fez sentir sobre a escrita mesmo. Nas respostas em que ele interferiu a escrita é mais regular e corrente; a do trapeiro é angulosa, grosseira, irregular, algumas vezes pouco legível, revelando outro caráter.

17ª *Que faz você agora; ocupa-se com seu futuro?*

“Ainda não. Ando errante. Pensam tão pouco em mim na Terra, ninguém reza por mim; assim não sou ajudado, não trabalho.”

Nota: Veremos mais tarde quanto pode contribuir para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores, a prece e os conselhos.

18ª *Qual era seu nome?*

“Jeannet.”

19ª *Muito bem, Jeannet, nós rezaremos por você. Diga-nos se a evocação deu-lhe prazer ou a contrariou?*

“Antes prazer, porque são boas pessoas, alegres viventes, ainda que um pouco austeros. Não faz mal. Os senhores me ouviram e eu estou contente.” – Jeannet

Fenômeno de transporte

96. Esse fenômeno não difere daqueles que acabamos de falar, senão pela intenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos quase sempre graciosos, e pela maneira suave e algumas vezes delicada com que são transportados. Consiste no transporte espontâneo de objetos que não existem no lugar onde se está; são, na maior parte das vezes, flores, algumas vezes frutas, doces, joias etc.

97. Digamos, desde logo, que esse fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação e, por conseguinte, é necessário manter-se em guarda contra a trapaça. Sabe-se até onde vai a arte da prestidigitação

em fatos de experiências desse gênero. Mesmo sem estar diante de um profissional, poderíamos ser vítimas de uma manobra hábil e interesseira. A melhor das garantias está *no caráter, na honorabilidade notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos. Em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; enfim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único meio de descobrir aquilo que parece suspeito.

98. A teoria do fenômeno de transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na dissertação seguinte de um Espírito, do qual todas as comunicações têm o selo incontestável da profundidade e da lógica. No curso desta obra se acharão muitas. Esse Espírito se fez conhecer pelo nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como Espírito protetor do médium que lhe serviu de intérprete.

“É indispensável, para obter fenômenos dessa ordem, ter consigo médiuns que chamarei de sensitivos, quer dizer, dotados, no mais alto grau, de faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar em volta deles com profusão seu fluido animalizado.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento e à menor sensação, que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são as mais aptas a se tornarem excelentes médiuns de efeitos físicos de tangibilidade e de transporte. Com efeito, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do envoltório refratário que isola esse sistema na maioria dos encarnados, os torna propícios ao desenvolvimento desses diversos fenômenos. Em consequência, com um sujeito dessa natureza e cujas outras faculdades não são hostis à mediunização, se obterão mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, de golpes batidos nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes, e mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte. Com mais razão, se obterão esses resultados se, em lugar de um médium, se contar com a ajuda de vários igualmente bem dotados.

Mas da produção desses fenômenos à obtenção daqueles de transporte há todo um abismo, porque, neste caso, não somente o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, mas, bem mais, o Espírito não pode operar senão por meio de um único aparelho mediúnico, quer dizer que muitos

médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Ocorre que, ao contrário, a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera, trava radicalmente sua operação. A esses motivos que, como se vê, são importantes, ajunte-se que os transportes necessitam sempre de uma maior concentração e, ao mesmo tempo, uma maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão dos médiuns mais bem dotados, aqueles cujo aparelho eletromedianímico é mais bem condicionado.

Em geral, os fatos de transporte são e permanecerão muito raros. Não tenho necessidade de demonstrar por que eles são e serão menos frequentes que os outros fatos de tangibilidade; do que já foi dito é fácil deduzir. Além disso, esses fenômenos são de uma natureza tal, que nem todos os médiuns estão preparados para isso, que nem todos os Espíritos podem produzi-los. É necessário que entre o Espírito e o médium exista certa afinidade, uma certa analogia, em uma palavra, uma certa semelhança que permite à parte expansível do fluido perispirítico do encarnado de se misturar, de se unir, de se combinar com o do Espírito que quer fazer um transporte. Essa fusão deve ser tal que a força resultante torne-se, por assim dizer, una, como uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, produz um foco, uma claridade única. Por que essa união, essa fusão? É porque, para a produção desses fenômenos, é necessário que as propriedades essenciais do Espírito agente sejam aumentadas com algumas das do mediunizado; é que o fluido vital indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador é obrigado a se impregnar dele. Só então ele pode, por intermédio de certas propriedades do meio ambiente, desconhecidas pelos encarnados, isolar, tornar invisíveis e fazer mover certos objetos materiais e até pessoas.”

Nota de Allan Kardec: Como se vê, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual faltam termos a língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: eletromediúnico, perispirítico, não são de invenção nossa. Os que nos têm criticado por havermos criado os termos espírita, Espiritismo, perispirito, que não tinham termos análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

“Não me é permitido, no momento, revelar essas leis particulares que regem os gases e os fluidos que rodeiam vocês, mas, antes que anos se passem, antes que uma existência de homem seja cumprida, a explicação dessas leis e desses fenômenos serão revelados, e verão surgir uma nova variedade de médiums, que cairão num estado cataléptico particular, assim que forem mediunizados.

Vejam de quantas dificuldades a produção de transportes se acha cercada. Disso pode-se concluir que os fenômenos dessa natureza são muito raros, como já disse, e com tanto mais razão que os Espíritos se prestam muito pouco a eles, porque exige da parte deles um trabalho quase material, que lhes é aborrecimento e fadiga. Além disso, acontece que, muitas vezes, apesar da energia e vontade, o estado do médium lhe opõe uma barreira intransponível.

É, então, evidente, e não duvido que seu raciocínio o sancione, que os fatos tangíveis de batidas, de movimentos e de levantamento são fenômenos simples, que se operam pela concentração e dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e trabalho de médiums que são aptos para isso, quando são ajudados por Espíritos amigos e benfazejos; enquanto que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não podem se operar senão por um único Espírito e um único médium e precisam, fora das necessidades da tangibilidade, uma combinação toda particular para isolar e tornar invisíveis o objeto ou os objetos que serão transportados.

Todos os espíritas compreendam minhas explicações e se deem conta dessa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tateabilidade da matéria inerte. Creiam nisso, como creem nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos são cheios de analogia, e são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores estes que os incrédulos, nada faço para convencê-los nem me ocupo com eles. Serão, um dia, convencidos pela força da evidência, porque é necessário que se inclinem diante do testemunho unânime dos fatos espíritas, como foram forçados a fazê-lo diante de tantos outros fatos que no princípio rejeitaram.

“Para resumir: se os fatos de tangibilidade são frequentes, mas os de transporte são muito raros, porque aí as condições são muito difíceis. Por

consequente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, porque muitas vezes o próprio Espírito acha-se impedido de fazê-lo. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí se encontram elementos refratários que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Esses fenômenos, ao contrário, se produzem quase sempre em particular, espontaneamente, a maior parte das vezes sem o médium saber e sem premeditação, dando-se, muito raramente, quando estes estão prevenidos. De onde se conclui que há um motivo legítimo de suspeita todas as vezes que um médium se vangloria de obtê-los à vontade, de dar ordens aos Espíritos, como se fossem seus criados, o que é simplesmente um absurdo. Tenha-se em vista, ainda, por regra geral que os fenômenos espíritas não são feitos para serem dados em espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a essa espécie de coisa, pode ser apenas para fenômenos simples, e não para aqueles que, tais como transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrem-se, espíritas, que se é absurdo rejeitar sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é sábio aceitar todos cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente e de uma maneira instantânea, aceite-o. Não é demais repetir, não aceite nada cegamente; que cada fato sofra um exame minucioso, profundo e severo; porque o Espiritismo, tão rico de fenômenos sublimes e grandiosos, não tem nada a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

Sei bem o que vão me dizer: é que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos. Mas se não tivesse havido outros meios de convicção, não haveria hoje a centésima parte dos espíritas que há. Fale ao coração, é por aí que farão as mais sérias conversões. Se crê ser útil para certas pessoas agir com fatos materiais, apresente-lhes ao menos em circunstâncias tais que não possam dar lugar a nenhuma falsa interpretação e, sobretudo, não se afastem das condições normais desses fenômenos; porque os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em lugar de convencê-los. — Erasto

99. O fenômeno de transporte oferece uma particularidade muito singular: é que certos médiuns não o obtêm senão em estado sonambúlico, e isso se explica facilmente. Nos sonâmbulos, há um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e seu perispírito em relação ao corpo que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal é o caso dos transportes de que fomos testemunhas.

As perguntas seguintes foram dirigidas ao Espírito que os produziu, mas suas respostas são por vezes insuficientes. Nós as submetemos ao Espírito Erasto, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, e que as completou por notas muito judiciosas. Um é o artesão, o outro; o sábio, e a comparação dessas duas inteligências é um estudo instrutivo, porque prova que não é suficiente ser Espírito para compreender tudo.

1ª *Quer me dizer, por favor, por que os transportes que faz não se produzem senão no sono magnético de médium?*

“Isso tem relação com a natureza do médium. Os fatos que produzo quando o meu médium está dormindo, poderia produzir igualmente com um outro em estado de vigília.”

2ª *Por que demora tanto o transporte de objetos, e por que excita a cobiça do médium, despertando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?*

“Esse tempo me é necessário para preparar os fluidos que servem ao transporte. Quanto à excitação, tem apenas a finalidade de divertir as pessoas e o sonâmbulo.”

Nota de Erasto: O Espírito que respondeu nada mais sabe. Não se dá conta do motivo dessa cobiça que desperta instintivamente, sem lhe compreender o efeito. Ele crê divertir, enquanto que, na realidade provoca, sem perceber, uma maior emissão de fluido. Isso é uma consequência da dificuldade que apresenta o fenômeno, dificuldade sempre maior quando não é espontâneo, sobretudo com certos médiuns.

3ª *A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium e poderia se produzir com outros médiuns e com maior prontidão?*

“A produção depende da natureza do médium e não pode se produzir senão com naturezas correspondentes; para a presteza, o hábito que temos correspondendo sempre com os mesmos médiuns nos é de grande valia.”

4ª *A influência de pessoas presentes embarça de algum modo?*

“Quando há incredulidade, oposição, podem nos perturbar bastante. Gostamos de fazer nossas provas com os que acreditam e com pessoas entendidas em Espiritismo, mas não quero dizer que a má vontade possa nos paralisar completamente.”

5ª *Onde pega as flores e os bombons que transporta?*

“As flores, nos jardins, onde me agradem.”

6ª *E os bombons? O confeiteiro deve ter percebido sua falta.*

“Pego-os onde quero. O vendedor não percebe nada, porque coloco outros em seu lugar.”

7ª *Mas os anéis têm valor: onde os toma? Isso não é errado, não prejudica aquele de quem os tirou?*

“Peguei-os em lugares desconhecidos de todos, de maneira que ninguém possa ser prejudicado.”

Nota de Erasto: Creio que o fato foi explicado de maneira incompleta, em razão da capacidade do Espírito que respondeu. Sim, pode ter havido um prejuízo real, mas o Espírito não quis confessar que tinha desviado o que quer que seja. Um objeto só pode ser substituído por um idêntico, da mesma forma, do mesmo valor. Por conseguinte, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir um objeto por outro parecido com aquele que tomou, não teria razão para tomá-lo, pois poderia dar aquele que serve de substituto.

8ª *É possível transportar flores de um outro planeta?*

“Não, não é possível para mim.”

(A Erasto) Outros Espíritos poderiam?

“Não, isso não é possível em razão da diferença de meio ambiente.”

9ª *Poderia trazer flores de outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo?*

“Sendo no planeta Terra, posso.”

10ª *Poderia fazer desaparecer e devolver os objetos que você transporta?*

“Assim como os fiz vir, posso fazê-los desaparecer à vontade.”

11ª *A produção do fenômeno de transporte não lhe causa dificuldade, um embarço qualquer?*

“Não nos causa nenhum embarço quando temos a permissão.”

Poderia causar grandes embaraços, se quiséssemos produzir efeitos sem estar autorizados.”

Nota de Erasto: O Espírito não quer falar de suas dificuldades, ainda que sejam reais, pois ele é forçado a fazer uma operação, por assim dizer, material.

12ª *Quais são as dificuldades que encontra?*

“Nenhuma outra senão as más disposições fluídicas, que nos podem ser contrárias.”

13ª *Como leva o objeto? Pega-o com as mãos?*

“Não, envolvo-o em mim mesmo.”

Nota de Erasto: Ele não explica claramente sua operação, porque não envolve o objeto em sua própria pessoa; mas como seu fluido pessoal é dilatável, penetrável e expansível, combina uma parte desse fluido com uma parte do fluido animalizado do médium, e é nessa combinação que esconde e transporta o objeto. Não é certo, portanto, dizer que o envolveu em si.

14ª *Transportaria com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de cinquenta quilos, por exemplo?*

O peso não é nada para nós. Levamos flores, porque isso é mais agradável que um peso volumoso.”

Nota de Erasto: Certo; ele pode transportar 100 ou 200 quilos de objetos, porque a gravidade que existe para os vivos não existe para o Espírito; mas ele ainda não se dá conta daquilo que se passa. A massa de fluidos combinados é proporcional à massa dos objetos. Em uma palavra, a força deve estar em razão da resistência; de onde se conclui que, se um Espírito não transporta senão uma flor ou um objeto leve, é porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15ª *Há, algumas vezes, desaparecimento de objetos, cuja causa é ignorada; seria obra de Espíritos?*

“Isso acontece frequentemente, mais do que se possa pensar. Poderia

ser remediado, pedindo-se ao Espírito para trazer de volta o objeto desaparecido.”

Nota de Erasto: É verdade, mas muitas vezes aquilo que foi levado, levado está; porque tais objetos que não se encontram mais em casa são levados para muito longe. Entretanto, como a subtração de objetos exige quase as mesmas condições fluídicas dos transportes, não podem ter lugar senão com a ajuda de médiuns dotados de faculdades especiais. Assim, quando alguma coisa desaparecer, há mais probabilidade de ser um descuido que a ação de Espíritos.

16ª *Há feitos que se consideram como naturais e que são causados por certos Espíritos?*

“Seus dias estão cheios desses fatos que você não compreende, que nem sonhou com eles e que um pouco de reflexão faria vê-los claramente.”

Nota de Erasto: Não atribua aos Espíritos aquilo que é obra do homem; mas creia em sua influência oculta, constante, que faz nascer ao seu redor mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento de seus atos e da sua existência.

17ª *Entre os objetos transportados, não há aqueles que podem ser fabricados pelos Espíritos? Quer dizer: produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem fazer no fluido, ou no elemento universal?*

“Não por mim, não tenho permissão; só um Espírito elevado pode fazê-lo.”

18ª *Como conseguiu introduzir os objetos, já que a sala estava fechada?*

“Eu os fiz entrar comigo, envolvidos, por assim dizer, na minha substância; não posso falar mais, porque isso não é explicável.”

19ª *Como fez para tornar visíveis esses objetos, que eram invisíveis um instante antes?*

“Tirei a matéria que os envolvia.”

Nota de Erasto: Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido tirado metade do perispírito do médium, metade do Espírito que opera.

20ª (A Erasto) *Um objeto pode ser transportado para um lugar perfeitamente fechad. Em uma palavra, o Espírito pode espiritualizar um objeto material, de maneira que ele possa penetrar a matéria?*

“Essa questão é complexa. Para os objetos transportados, o Espírito pode torná-los invisíveis, mas não penetráveis; não pode romper a agregação da matéria, o que seria a destruição do objeto. Esse objeto tornado invisível pode ser levado para onde o Espírito quiser e só o largar no momento conveniente para fazê-lo aparecer. É diferente com o objeto que compomos. Nestes introduzimos os elementos da matéria, e como esses elementos são essencialmente penetráveis, como atravessamos os corpos densos com a facilidade de um raio de sol atravessando uma vidraça, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto em um lugar, por mais fechado que esteja, mas somente nesse caso.”

Nota: Ver a seguir, para a teoria da formação espontânea de objetos, o capítulo intitulado: “Laboratório do Mundo Invisível”.

MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Perguntas Sobre as Aparições – Ensaio Teórico Sobre as Aparições – Espíritos Glóbulos – Teoria da Alucinação.

100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes são, sem dúvida, aquelas pelas quais os Espíritos podem se tornar visíveis. Pode-se ver, pela explicação desse fenômeno, que ele não é mais sobrenatural que os outros. A seguir, estão as respostas dadas pelos Espíritos sobre o assunto.

1ª Os Espíritos podem se tornar visíveis?

“Sim, sobretudo durante o sono. Entretanto, algumas pessoas os veem também durante a vigília, mas é mais raro.”

Nota: Enquanto o corpo repousa, o Espírito se livra dos liames materiais; é mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos com os quais entra em comunicação. O sonho é a lembrança desse estado. Quando não se lembra de nada, diz-se que não sonhou, mas a alma viu e gozou sua liberdade. Aqui trataremos mais especialmente das aparições no estado de vigília.

Nota: Ver, para outros detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, *O Livro dos Espíritos*, cap. “Emancipação da Alma”, questão nº 409.

2ª Os Espíritos que se manifestam pela visão pertencem mais a uma classe que a outra?

“Não. Podem pertencer a todas as classes, das mais elevadas às mais inferiores.”

3ª *É permitido a todos os Espíritos se manifestarem visivelmente?*

“Todos o podem, mas nem sempre têm permissão, ou vontade de fazê-lo.”

4ª *Qual é o objetivo dos Espíritos que se manifestam visivelmente?*

“Isso depende; segundo sua natureza, o objetivo pode ser bom ou mau.”

5ª *Como essa permissão pode ser dada, quando o objetivo é mau?*

“É para experimentar aqueles aos quais aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, porém o resultado pode ser bom.”

6ª *Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que têm más intenções, em se fazerem ver?*

“Assustar, e muitas vezes vingar-se.”

6ª a *Qual é o objetivo dos Espíritos que vêm com boa intenção?*

“Consolar as pessoas que os lamentam; provar que existem e que estão perto; dar conselhos e algumas vezes reclamar assistência para si mesmos.”

7ª *Que inconveniente haveria se a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e geral? Não seria um meio de tirar as dúvidas dos mais incrédulos?*

“O homem, estando constantemente rodeado de Espíritos, vê-los incessantemente o perturbaria, o constrangeria nas suas ações e lhe tiraria sua iniciativa na maior parte dos casos, enquanto que, se crendo só, age mais livremente. Quanto aos incrédulos, eles têm muitos meios de se convencerem, se quisessem aproveitá-los e não estiverem cegos pelo orgulho. Há pessoas que viram e nem por isso creem, porque dizem que isso é ilusão. Não se inquietem com essas pessoas, Deus se encarregará delas.

Nota: Haveria tanto inconveniente em se ver constantemente em presença de Espíritos como ver o ar que nos rodeia, no qual milhares de animais microscópicos pululam em torno e sobre nós. Daí, devemos concluir que o que Deus faz está benfeito, e que Ele sabe melhor que nós o que nos convém.

8ª *Se a visão de Espíritos tem inconvenientes, por que é permitida em certos casos?*

“Para dar uma prova de que nem tudo morre com o corpo, e que a alma conserva sua individualidade após a morte. Essa visão passageira é suficiente para dar essa prova e atestar a presença de amigos perto de vocês, mas não tem o inconveniente da permanência.”

9ª *Nos mundos mais avançados que o nosso, a visão de Espíritos é mais frequente?*

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente entra em relação com os Espíritos; é a grosseria do envoltório que torna mais difícil e mais rara a percepção de seres etéreos.”

10ª *É racional se assustar com a aparição de um Espírito?*

“Aquele que reflete deve compreender que um Espírito, seja qual for, é menos perigoso que um vivo. Os Espíritos, aliás, estão em toda parte e não há necessidade de vê-los para saber que estão ao nosso lado. O Espírito que quiser incomodar pode fazê-lo sem se fazer ver, com maior segurança. Ele não é perigoso porque é um Espírito, mas pela influência que pode exercer sobre o pensamento, desviando do bem e empurrando para o mal.”

Nota: As pessoas que têm medo da solidão e do escuro raramente se dão conta da causa de seu pavor. Elas não saberiam dizer do que têm medo, mas, seguramente, deveriam temer mais encontrar homens do que Espíritos, porque um malfeitor é mais perigoso vivo que depois de morto. Uma senhora de nosso conhecimento teve uma noite, em seu quarto, uma aparição tão bem definida, que acreditou estar na presença de alguém, e seu primeiro movimento foi de susto. Assegurando-se de que não havia ninguém, ela disse: “Parece que é apenas um Espírito; posso dormir tranquila”.

11ª *A pessoa que vê um Espírito pode conversar com ele?*

“Perfeitamente, e é isso mesmo que se deve fazer em casos semelhantes, perguntando ao Espírito quem é, o que deseja e o que se pode fazer para ser-lhe útil. Se o Espírito é infeliz e sofredor, a comiseração de que é testemunha o consola; se é um Espírito benfazejo, pode vir com a intenção de dar bons conselhos.”

11ª a. *Como o Espírito pode responder, nesse caso?*

“Pode fazê-lo por sons articulados, como faria uma pessoa viva. O mais frequente é a transmissão de pensamentos.”

12ª *Os Espíritos que aparecem com asas têm-nas realmente, ou essas asas são uma aparência simbólica?*

“Os Espíritos não têm asas; não têm necessidade delas, pois podem se transportar para todo lugar como Espíritos. Aparecem de modo a impressionar a pessoa a quem se mostram. Uns aparecem em roupas comuns, outros envolvidos em mantos, alguns com asas, como atributos da categoria de Espíritos que representam.”

13ª *As pessoas que vemos em sonhos são sempre as que aparentam ser?*

“São quase sempre as mesmas que vosso Espírito vai encontrar ou que vêm ao vosso encontro.”

14ª *Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência de pessoas que nos são caras, para nos induzir ao erro?*

“Eles tomam aparência fantasiosa só para se divertirem à custa de outros, mas há coisas com que não lhes é permitido brincar.”

15ª *Sendo o pensamento uma espécie de evocação, compreende-se que provoquem a presença do Espírito; mas como, muitas vezes, as pessoas em que mais se pensa, que se deseja ardentemente rever, não se apresente nunca em sonho, enquanto se veem pessoas que nos são indiferentes e nas quais não se pensa nunca?*

“Os Espíritos não têm sempre a possibilidade de se manifestarem à vista, mesmo em sonho, apesar do desejo que se tem de vê-los. Causas independentes da vontade deles podem impedi-los. Quase sempre é também uma prova, que o mais ardente desejo não pode vencer. Quanto às pessoas indiferentes, se não se pensa nelas é possível que elas pensem em quem ainda está na Terra. Além disso, não se pode fazer uma ideia das relações do Mundo dos Espíritos, aí onde se encontra uma infinidade de conhecidos íntimos, antigos e novos, dos quais não se têm ideia no estado de vigília.”

Nota: Desde que não se tenha nenhum meio de controlar as visões ou aparições, pode-se, sem dúvida, colocá-las na conta das alucinações; mas quando são

confirmadas pelos acontecimentos, não poderíamos atribuí-las à imaginação. Tais são, por exemplo, as aparições no momento da morte, em sonho ou em estado de vigília, de pessoas em quem não pensamos e que, por diversos sinais, revelam as circunstâncias inesperadas de seu falecimento. Já se viu, muitas vezes, cavalos empinarem e se recusarem a andar diante de aparições que assustavam aqueles que os conduziam. Se a imaginação é alguma coisa entre os homens, certamente nada é para os animais. Além disso, se as imagens que se veem em sonho, fossem sempre um efeito das preocupações da vigília, nada explicaria o fato, tão frequente, de nunca sonharmos com as coisas em que mais pensamos.

16ª *Por que certas visões são mais frequentes nas doenças?*

“Elas igualmente ocorrem no estado de perfeita saúde; mas, na doença, os laços materiais são relaxados e a fraqueza do corpo deixa mais liberdade ao Espírito, que entra mais facilmente em comunicação com outros Espíritos.”

17ª *As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certas regiões. Alguns povos são mais bem dotados que outros para essa espécie de manifestação?*

“Há um relatório de cada aparição? As aparições, os ruídos, todas as manifestações são igualmente espalhadas por toda a Terra, mas apresentam caracteres distintos segundo os povos entre os quais se verificam. Entre alguns, por exemplo, a escrita é pouco divulgada, não há médiuns escreventes; entre outros, existem muitíssimos; além disso, há mais ruídos e movimentos que comunicações inteligentes, porque estas são menos procuradas e apreciadas.”

18ª *Por que as aparições ocorrem à noite? Não seria um efeito do silêncio e da obscuridade sobre a imaginação?*

“É pela mesma razão que se veem as estrelas durante a noite e não durante o dia. A grande claridade pode apagar uma aparição delicada, mas é um erro pensar que a noite seja especial para isso. Perguntai a todos que já tiveram visões, e verificareis que a maior parte ocorreu de dia.”

Nota: As aparições são muito mais frequentes e gerais do que se crê; mas, muitas pessoas não as revelam por medo do ridículo, outras as atribuem à ilusão.

Se são mais frequentes entre certos povos é porque aí se conservam mais cuidadosamente as tradições verdadeiras ou falsas, quase sempre ampliadas pelo atrativo do maravilhoso a que o aspecto da localidade se presta mais ou menos. A credulidade faz então ver efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais comuns. O silêncio, a solidão, o escarpado das ravinas, o murmúrio das florestas, as rajadas de tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens; enfim, tudo se presta à ilusão para imaginações simples e ingênuas, que contam de boa-fé aquilo que viram e o que pensam que viram. Mas ao lado da ficção, há a realidade que o estudo sério do Espiritismo desvencilha de todos os acessórios ridículos da superstição.

19ª *A visão de Espíritos se produz no estado normal ou só no estado extático?*

“Pode ocorrer em condições perfeitamente normais; entretanto, as pessoas que os veem estão, quase sempre, em um estado particular, vizinho do êxtase que lhes dão uma espécie de dupla vista.” (Ver *O Livro dos Espíritos*, questão nº 447.)

20ª *Aqueles que veem os Espíritos os veem com seus olhos?*

“Assim o creem, mas, na realidade, os veem com a alma e a prova é que podem vê-los de olhos fechados.”

21ª *Como o Espírito pode se tornar visível?*

“O princípio é o mesmo de todas as manifestações e está nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações à vontade do Espírito.”

22ª *O Espírito propriamente dito pode se tornar visível, ou só pode com a ajuda do perispírito?*

“No estado material, ou seja, de encarnados, os Espíritos não podem se manifestar senão com a ajuda do seu envoltório semimaterial; é o intermediário pelo qual agem sobre os sentidos dos encarnados. É sob esse envoltório que aparecem, algumas vezes, com forma humana, ou outra, seja nos sonhos, seja mesmo em vigília, tanto na luz como na obscuridade.”

23ª *Pode-se dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?*

“Condensação não é a palavra. É apenas uma comparação que pode ajudar a compreender o fenômeno, porque não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, se produz no perispírito uma disposição particular, que não tem analogia para os vivos, e que o torna perceptível.”

24ª *Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e também inacessíveis ao tato?*

“Não podemos pegá-los tal como não se pegam os sonhos. Em seu estado normal, entretanto, podem impressionar o tato e deixar traços de sua presença, e mesmo em certos casos, tornarem-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre eles e os vivos há uma matéria.”

25ª *Todo mundo está apto a ver Espíritos?*

“No sono sim, mas não na vigília. Durante o sono, a alma vê sem intermediário. Na vigília, é sempre influenciada pelos órgãos; eis por que as condições não são as mesmas.”

26ª *Como podemos ver os Espíritos em vigília?*

“Essa faculdade depende do organismo; está relacionada com a faculdade maior ou menor que tem o fluido do vidente de se combinar com o do Espírito. Assim, não é suficiente ao Espírito a vontade de se mostrar; é necessário ainda que encontre na pessoa a quem quer se fazer ver a aptidão necessária.”

26ª a *Essa faculdade pode se desenvolver pelo exercício?*

“Pode, como todas as outras faculdades; mas esta é uma que é melhor esperar o desenvolvimento natural do que provocá-lo, porque há o risco de superexcitar a imaginação. A visão geral e permanente de Espíritos não está nas condições normais do homem.”

27ª *Pode-se provocar a aparição de Espíritos?*

“É possível algumas vezes, mas muito raramente. Ela é quase sempre espontânea. Para provocá-la, é necessário ser dotado de uma faculdade especial.”

28ª *Os Espíritos podem se tornar visíveis sob outra aparência que não a humana?*

“A forma humana é a forma normal; o Espírito pode variar a aparência, mas é sempre o tipo humano.”

28ª a. *Eles não podem se manifestar sob forma de chama?*

“Podem produzir chamas, clarões, como muitos outros efeitos para atestar sua presença, mas não são o próprio Espírito. A chama é, às vezes, apenas uma miragem, ou uma emanção do perispírito; não é, em todo caso, senão uma parte do perispírito que aparece todo inteiro apenas nas visões.”

29ª *Que pensar da crença que atribui os fogos-fátuos à presença de almas ou Espíritos?*

“Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida.”

29ª a *A flama azul que apareceu, diz-se, sobre a cabeça de Servius Tullius, ainda criança, é uma fábula ou uma realidade?*

“Era real e foi produzida por um Espírito familiar para avisar sua mãe. Essa mãe, médium vidente, tinha percebido uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Todos os médiuns videntes não veem no mesmo grau, como os médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa. Enquanto essa mãe viu apenas uma chama, outro poderia ter visto todo o Espírito.”

30ª *Os Espíritos poderiam se apresentar sob a forma de animais?*

“Isso pode acontecer, mas são sempre Espíritos muito inferiores que tomam essa aparência. Não seria, em todo caso, senão uma aparência momentânea, seria absurdo crer que um animal verdadeiro qualquer pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais, nada mais.”

Nota: Só a superstição pode fazer crer que certos animais são animados por Espíritos. É necessário ter uma imaginação bem complacente ou muito impressionável para ver alguma coisa de sobrenatural nas circunstâncias um pouco bizarras em que eles se apresentam algumas vezes; mas o medo faz sempre ver o que não existe. Todavia, o medo nem sempre é a fonte dessa ideia. Conhecemos uma senhora, por sinal muito inteligente, que se afeiçoou demais a um grande gato preto, porque acreditava ser ele de uma natureza sobre-animal. Ela nunca tinha ouvido falar de Espiritismo; se o tivesse conhecido, teria compreendido o ridículo da causa de sua predileção, provando-lhe a impossibilidade de semelhante metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, pelos sonhos: são as visões. Não podemos examinar todos os casos que os sonhos podem apresentar. Resumindo, diremos que podem ser: uma visão atual de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado, e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. São muitas vezes quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar sob nossos olhos para nos dar úteis avisos e sábios conselhos, se são bons Espíritos; ou para nos induzir a erros e lisonjear nossas paixões, se são Espíritos imperfeitos. A teoria seguinte se aplica aos sonhos e a todos os casos de aparições. (Ver *O Livro dos Espíritos*, questão nº 400 e seguintes.)

Creemos ser uma injúria ao bom senso de nossos leitores, refutando o que há de absurdo e ridículo no que se chama comumente de interpretação de sonhos.

102. As aparições propriamente ditas ocorrem no estado de vigília, em que a pessoa goza da plenitude e da inteira liberdade de suas faculdades. Elas se apresentam geralmente sob uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa. É frequente, ao primeiro olhar, um clarão esbranquiçado cujos contornos se desenham pouco a pouco. De outras vezes, as formas são nitidamente acentuadas, e distinguem-se os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer uma descrição bem precisa. As maneiras, o aspecto, são semelhantes aos do Espírito quando encarnado.

Podendo tomar todas as aparências, o Espírito apresenta-se sob aquela que pode melhor fazê-lo reconhecer, se tal é seu desejo. Assim, se bem que como Espírito não tenha mais nenhuma enfermidade corporal, ele se mostrará acidentado, manco, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário para sua identificação. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; mas, se o evocarmos como Esopo, mesmo que tenha tido muitas existências depois, aparecerá feio e corcunda, com seu traje tradicional.

Algo notável, ao menos em circunstâncias particulares, é que as partes menos definidas da aparição são os membros inferiores, enquanto que

a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre nítidos: também não os vemos nunca caminhar e, sim, deslizar como sombras. Quanto ao vestuário, compõe-se mais comumente de um manto, terminando em longas pregas flutuantes. É assim, com uma cabeleira ondulante e graciosa, a aparência de Espíritos que nada conservaram das coisas terrestres. Os Espíritos das pessoas que conhecemos têm geralmente as roupas que usavam no último período de suas vidas.

É frequente ter atributos característicos de sua posição, como uma auréola, ou asas para aqueles que podem ser considerados anjos; enquanto outros têm o que os lembram em suas ocupações terrestres: um guerreiro pode aparecer com sua armadura, um sábio com seus livros, um assassino com seu punhal... Os Espíritos superiores têm uma bela figura, nobre e serena. Os inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial, e, algumas vezes, apresentam ainda traços dos crimes que cometeram ou dos suplícios que sofreram. A questão das vestes e de todos esses objetos acessórios é o que mais espanta. Voltaremos ao assunto num capítulo especial, porque ele se liga a outros fatos importantes.

103. Falamos que as aparições têm qualquer coisa de vaporoso. Em certos casos pode-se compará-las a uma imagem refletida num espelho sem “aço” e que, malgrado sua nitidez, não impede de se ver através dela os objetos que estão atrás. É assim que as distinguem os médiuns videntes. Eles as veem ir, vir, entrar num apartamento ou de lá sair, circular entre a multidão de vivos, parecendo, pelo menos para os Espíritos comuns, tomar parte ativa em tudo o que se faz ao seu redor, se interessar, escutar o que se diz. Com frequência aproximam-se de uma pessoa, sopram-lhe ideias, influenciam-na, consolam-na se são bons, zombam se são maus, mostram-se tristes ou contentes dos resultados que obtiveram. São em uma palavra, a contraparte do mundo corporal.

Tal é esse mundo oculto que nos rodeia, no meio do qual vivemos sem o perceber, como vivemos, sem nos a percebermos, no meio de miríades de seres microscópicos. O microscópio revelou-nos o mundo dos infinitamente pequenos que não supúnhamos existir. O Espiritismo, ajudado pelos médiuns videntes, nos revelou o mundo de Espíritos, que também é uma das forças ativas da Natureza. Com a ajuda dos

médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível, iniciar-nos em seus hábitos, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com a ajuda de alguns homens que gozam da faculdade da visão. (Ver capítulo XIV, “Os Médiuns”, o artigo referente aos médiuns videntes.)

104. O Espírito que quer ou pode aparecer reveste-se algumas vezes de uma forma mais nítida ainda, tendo todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer que se tem diante de si um ser corporal. Em alguns casos, enfim, e sob certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, o que quer dizer que se pode tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, e o mesmo calor como se fosse um corpo vivo. Isso não o impede de se esvanecer com a rapidez de um raio. Então, não é pelos olhos que se constata sua presença, mas pelo toque. Pode-se atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, mas a dúvida não é permitida quando se pode segurar, palpar, quando ela própria nos segura e aperta.

Os casos de aparições tangíveis são os mais raros, mas aqueles que ocorreram nesses últimos tempos pela influência de alguns médiuns poderosos, e que têm toda a autenticidade de testemunhos irrecusáveis, provam e explicam aqueles que a História relata a respeito de pessoas que se mostraram depois de sua morte, com todas as aparências de realidade. De resto, como falamos, por extraordinários que sejam esses fenômenos, todo o maravilhoso desaparece, quando se conhece a maneira como se produzem, e se compreende que longe de serem uma derrogação das leis naturais, são apenas uma nova aplicação dessas mesmas leis.

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e isso é comum a uma infinidade de fluidos que sabemos existir e, no entanto, jamais vimos. Mas ele pode também, do mesmo modo que certos fluidos, sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma modificação em sua disposição molecular. É então que nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (não tomar esta palavra ao pé da letra; nós a empregamos pela falta de outra, a título de comparação) pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas pode instantaneamente retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos

nos dar conta desse efeito pelo do vapor, que pode passar do estado invisível ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e vice-versa.

Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior, como no caso do gás. Quando nos aparece, é porque coloca seu perispírito no estado necessário para o tornar visível; mas para isso só sua vontade não é suficiente, porque a modificação do perispírito se opera por sua combinação com o fluido próprio do médium. Ora, essa combinação nem sempre é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é geral. Assim, não é suficiente que o Espírito queira se mostrar, não é suficiente que uma pessoa queira vê-lo; é preciso que os dois fluidos possam se combinar, que haja entre eles uma espécie de afinidade. Além disso, que a emissão do fluido da pessoa seja abundante o bastante para operar a transformação do perispírito, e provavelmente ainda outras condições que nos são desconhecidas. É necessário, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer ver por tal pessoa, o que nem sempre lhe é permitido, ou apenas o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

106. Outra propriedade do perispírito e que se relaciona com sua natureza etérea é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe é obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Não há lugares fechados que impeçam a entrada de Espíritos. Podem visitar o prisioneiro no calabouço, tão facilmente como a um homem no meio de um campo.

107. As aparições no estado de vigília não são nem raras nem novas, e têm acontecido em todos os tempos. A História conta um grande número. Sem remontar a tão longe, em nossos dias, elas são frequentes e muitas pessoas que as tiveram, no primeiro momento as tomaram pelo que se convencionou chamar de alucinações. São frequentes nos casos de morte de pessoas ausentes que vêm visitar parentes ou amigos. Às vezes não têm um objetivo determinado, mas pode-se dizer que em geral os Espíritos que aparecem são atraídos pela simpatia. Que cada pessoa examine bem suas lembranças e verá que poucos não têm conhecimento de fatos desse gênero, cuja autenticidade não pode ser colocada em dúvida.

Espíritos glóbulos

108. Às considerações precedentes acrescentaremos o exame de alguns efeitos ópticos, que deram lugar ao singular sistema de *Espíritos glóbulos*.

O ar não é sempre de uma limpidez absoluta. Há ocasiões em que as correntes de moléculas aeriformes e sua agitação produzida pelo calor são perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isso por grupos de Espíritos agitando-se no espaço. Basta mencionar essa opinião para refutá-la. Mas eis outro gênero de ilusão não menos bizarro, contra o qual é bom estar prevenido.

O humor aquoso do olho oferece pontos mal perceptíveis que perderam sua transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido que os movimenta. Eles produzem no ar ambiente e a distância, pelo efeito da refração, a aparência de pequenos discos, variando de um a dez milímetros de diâmetro e que parecem flutuar na atmosfera. Vimos pessoas tomarem esses discos por Espíritos que as seguiam e as acompanhavam por toda parte e, no seu entusiasmo, tomaram por figuras as nuanças de irisação, o que é tão racional como ver uma figura na Lua. Uma simples observação feita por elas mesmas as reconduziriam à realidade.

Esses *discos* ou *medalhões*, dizem elas, não somente as acompanham como seguem todos os seus movimentos. Vão à direita, à esquerda, para o alto, para baixo, ou param segundo o movimento da cabeça. Isso não é de admirar, pois os *discos* estão no globo ocular e lhes seguem os movimentos. Se fossem Espíritos, é necessário convir que estariam limitados a um papel demasiado mecânico para seres inteligentes e livres; papel bem fastidioso, mesmo para Espíritos inferiores, e, com mais forte razão, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores.

Alguns tomam por maus Espíritos os pontos negros ou *moscas amauróticas*. Esses discos, assim como as manchas negras, têm um movimento ondulatório, que não se afasta nunca da amplitude de um certo ângulo, e o que aumenta a ilusão é que não seguem bruscamente os movimentos da linha visual. A razão é bem simples. Os pontos opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno,

como dissemos, estão em suspensão, têm sempre tendência a descer. Eles sobem com o movimento dos olhos de baixo para o alto; mas, chegando a certa altura, se se fixa o olho, veem-se os discos descerem e depois pararem. Sua mobilidade é extrema, porque é suficiente um movimento imperceptível do olho para os fazer mudar de direção e os fazer percorrer rapidamente toda a amplitude do arco no espaço em que se produz a imagem. Enquanto não se possa provar que uma imagem possui um movimento próprio, espontâneo e inteligente, não se pode ver aí senão um simples fenômeno óptico ou fisiológico.

O mesmo ocorre com as *fagulhas*, algumas vezes mais ou menos compactas, parecendo feixes, produzidas pela contração do músculo ocular, e que são causadas provavelmente pela eletricidade fosforescente da íris, pois são circunscritas na circunferência do disco desse órgão.

Ilusões semelhantes só podem ser o resultado de observações incompletas. Aquele que tiver estudado seriamente a natureza dos Espíritos, por todos os meios que permitem a ciência prática, compreenderá tudo que elas têm de pueril. Tanto combatemos as teorias arriscadas dos que atacam as manifestações, como as que são baseadas na ignorância dos fatos. Devemos procurar destruir as ideias falsas que provam mais entusiasmo que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal que bem junto aos incrédulos, por si sós dispostos a procurar o lado ridículo das coisas.

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações. Seu conhecimento deu a chave de uma infinidade de fenômenos. Deu à Ciência Espírita um grande avanço e a fez entrar numa nova via, tirando-lhe toda a característica do maravilhoso. Nele encontramos, pelos próprios Espíritos, porque foram eles que nos colocaram no caminho certo, a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí acharemos ainda a de muitos outros fenômenos que temos de examinar, antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor as compreenderemos quanto melhor tomarmos conhecimento de suas causas fundamentais. Se compreendermos bem esse princípio, poderemos aplicá-lo aos diversos fatos que poderão se apresentar ao observador.

110. Estamos longe de considerar a teoria que demos como absoluta, e como sendo a última palavra. Ela será, sem dúvida, completada ou retificada mais tarde por novos estudos. Mas incompleta ou imperfeita como é hoje, pode sempre ajudar a se entender a possibilidade dos fatos por causas que nada têm de sobrenatural. Se é uma hipótese, não se lhe pode recusar o mérito da racionalidade e da probabilidade, e que vale tanto quanto todas as explicações que dão os negadores para provar que tudo é só ilusão, fantasmagoria e subterfúgio nos fenômenos espíritas.

Teoria da alucinação

111. Aqueles que não admitem o mundo incorpóreo e invisível creem tudo explicar com a palavra *alucinação*. A definição dessa palavra é conhecida: é um erro, uma ilusão de uma pessoa que crê ter percepções que não tem realmente (do latim *allucinari*, errar, que vem de *ad lucem*); mas os sábios não deram, que o saibamos, uma razão fisiológica.

A Óptica e a Fisiologia não parecem ter mais segredos para eles. Como é que ainda não explicaram a natureza e a fonte das imagens que se oferecem ao Espírito em certas circunstâncias? Querem tudo explicar pelas leis da matéria. Que o façam, mas deem então por essas leis uma teoria da alucinação. Boa ou má, será sempre uma explicação.

112. A causa dos sonhos nunca foi explicada pela Ciência. Ela os atribui a um efeito da imaginação, mas não diz o que é a imaginação, nem como produz essas imagens tão claras e tão nítidas que nos aparecem algumas vezes. É explicar uma coisa que não é conhecida, por outra que também não o é; a questão é que fica tudo como estava.

Concluem ser uma lembrança das preocupações do estado de vigília, mas, admitindo mesmo essa solução, que nada resolve, resta ainda saber qual é esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como explicar, sobretudo, essas visões de coisas reais que não se viu nunca em vigília, e aquelas em que nem mesmo se pensou? Só o Espiritismo podia nos dar a chave desse fenômeno bizarro, que passa despercebido por causa mesmo de ser muito comum, como todas as maravilhas da Natureza que calcamos sob nossos pés.

Os sábios desdenharam de ocupar-se com a alucinação. Contudo, ela, seja real ou não, é um fenômeno que a Fisiologia tem que se mostrar capaz de explicar, sob pena de confessar sua incompetência. Se um dia um sábio resolver dar, não uma definição, mas uma explicação fisiológica, veremos se sua teoria resolve todos os casos. Que ele não omita, principalmente, os fatos tão comuns de aparições de pessoas no momento de sua morte. Que diga de onde vem a coincidência da aparição com a morte da pessoa. Se era um fato isolado, poderia ser atribuído ao acaso, mas como é muito frequente, o acaso não tem essas repetições. Se aquele que vê a aparição tivesse ainda a imaginação chocada com a ideia de que a pessoa deve morrer, que seja; mas quase sempre a aparição é de uma pessoa na qual menos se pensa. Então, a imaginação nada tem a ver com isso. Pode-se ainda explicar menos pela imaginação, o conhecimento das circunstâncias da morte de que não se tinha ideia.

Os que admitem a alucinação dirão que a alma (se admitem uma alma) tem momentos de superexcitação em que suas faculdades são exaltadas? Estamos de acordo, mas, quando o que ela vê é real, não se trata de uma ilusão. Se, na sua exaltação, a alma vê uma coisa que não está presente, então é porque ela se transporta. Se nossa alma pode se mover em direção a uma pessoa ausente, por que a dessa pessoa não poderia se transportar para nos ver? Que, na sua teoria da alucinação, levem em conta esses fatos e não se esqueçam de que uma teoria à qual se pode opor fatos contrários é necessariamente falsa ou incompleta.

Esperando suas explicações, vamos tentar emitir algumas ideias sobre o assunto.

113. Os fatos provam que há aparições verdadeiras que a teoria espírita explica perfeitamente e que só podem negar aqueles que não admitem nada fora do organismo; mas, ao lado das visões reais, há alucinações no sentido dado a essa palavra? Isso não se pode duvidar. Qual é sua origem? São os Espíritos que vão nos mostrar o caminho, porque a explicação nos parece estar toda nas respostas dadas às seguintes perguntas:

1ª As visões são sempre reais, não serão algumas vezes efeitos da alucinação? Quando se vê, em sonho ou de outra maneira, o diabo, por

exemplo, ou outras coisas fantásticas que não existem, não são um produto da imaginação?

“Sim, algumas vezes, quando se fica chocado por certas leituras ou por histórias de feitiçarias que impressionam, lembra-se delas e se crê ver o que não existe. Falamos, também, que o Espírito, sob seu envoltório semimaterial, pode tomar todas as espécies de formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode aparecer com chifres e garras, se isso lhe dá prazer, para brincar com a credulidade, como um bom Espírito pode se mostrar com asas e uma figura radiosa.”

2ª Podem se considerar como aparições as figuras e outras imagens que se apresentam às vezes quando se cochila, ou simplesmente quando se fecham os olhos?

“Assim que os sentidos se entorpecem, o Espírito se livra e pode ver ao longe, ou de perto, aquilo que não poderia ver com os olhos. Essas imagens são sempre visões, mas podem ser efeito de impressões que a vista de certos objetos deixou no cérebro que conserva traços, como guarda sons. O Espírito desembaraçado vê então no seu próprio cérebro essas impressões que aí estão fixadas como sobre uma chapa fotográfica. A variedade e a mistura formam conjuntos bizarros e fugitivos que se apagam logo, apesar dos esforços que se faz para retê-los. É a uma causa semelhante que se atribui certas aparições fantásticas que não têm nada de real e que se produzem frequentemente nos estados de doenças.”

Sabe-se que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro; por qual singular fenômeno essas impressões tão variadas, tão múltiplas, não se confundem? Aí está um mistério impenetrável, mas que não é mais estranho que aquele das ondulações sonoras que se cruzam no ar e se conservam distintas. Em um cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são nítidas e precisas; em um estado menos favorável, se apagam e se confundem. Daí a perda da memória ou a confusão das ideias. Isso parece menos extraordinário ainda, se admite, como na frenologia, um destino especial a cada parte e mesmo a cada fibra do cérebro.

As imagens chegadas ao cérebro pelos olhos deixam aí uma impressão, que faz com que se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si,

mas não é senão uma questão de memória, pois nada se vê. Ora, num certo estado de emancipação, a alma vê o cérebro e aí reencontra essas imagens, sobretudo aquelas que mais a tocaram, segundo a natureza das preocupações ou as disposições de espírito. É assim que aí reencontra a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais bizarros que viu em alguma época em pinturas ou mesmo em narrações, porque estas também deixam marcas. Assim, a alma vê realmente, mas vê apenas uma imagem fotográfica no cérebro. No estado normal, essas imagens são fugitivas e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente. Todavia, no estado de doença, o cérebro está mais ou menos enfraquecido, não existe o equilíbrio entre todos os órgãos, alguns conservam sua atividade, enquanto outros de algum modo estão paralisados. Daí a permanência de certas imagens que não se apagam, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior normal. Aí está a verdadeira alucinação e a causa principal das ideias fixas.

Como se vê, tomamos conhecimento dessa anomalia por uma lei fisiológica bem conhecida, a das impressões cerebrais, embora nos fosse necessária a intervenção da alma. Ora, se os materialistas não puderam ainda dar uma solução satisfatória desse fenômeno, é porque não querem admitir a alma; assim, dirão que nossa explicação é má, porque partimos de um princípio que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido por uma imensa maioria desde que há homens sobre a Terra, e a negação de alguns não pode fazer-se lei.

Nossa explicação é boa? Nós a damos pelo que ela pode valer à falta de outra e, se quiserem, a título de simples hipótese, esperando uma melhor. Tal como está, explica todos os casos de visões? Certamente que não. Mas desafiamos todos os fisiologistas para dar uma, em seu ponto de vista exclusivo, que resolva todas; porque, quando pronunciarem suas palavras sacramentais de superexcitação e de exaltação, nada disseram; então, se todas as teorias de alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que há outra coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visão, pois alguém poderia contradizê-la. Pode ser correta, se restrita a certos efeitos apenas.

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

Aparições de Espíritos Vivos – Homens duplos – Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua – Vespasiano – Transfiguração – Invisibilidade.

114. Esses dois fenômenos (bicorporeidade e transfiguração) são variações das manifestações visuais e, por mais maravilhoso como possam parecer à primeira vista, se reconhecerá facilmente, pelas explicações que podem ser dadas, que não se afastam da ordem dos fenômenos naturais. Repousam, um e outro, sobre o princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito depois da morte se aplica também ao perispírito dos vivos. Sabemos que, durante o sono, o Espírito recobra parte de sua liberdade, quer dizer, se isola do corpo, e é nesse estado que tivemos muitas vezes ocasião de observá-lo. O Espírito, esteja o homem vivo ou morto, tem sempre seu envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas que descrevemos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Fatos bem positivos não podem deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Citaremos alguns exemplos que são do nosso conhecimento pessoal e dos quais podemos garantir a exatidão, pois muitas pessoas podem acrescentar casos semelhantes consultando suas lembranças.

115. A esposa de um de nossos amigos viu muitas vezes, durante a noite, entrar em seu quarto, com a luz acesa ou não, uma vendedora de frutas da vizinhança que ela conhecia de vista, mas à qual nunca tinha falado. Essa aparição lhe causou muito medo, tanto maior porque nessa época essa senhora não tinha conhecimento do Espiritismo e esse fenômeno se repetia com frequência. A vendedora estava perfeitamente viva e provavelmente dormia àquela hora. Enquanto seu corpo material estava em sua casa, seu Espírito e seu corpo fluídico estavam na casa daquela senhora; por qual motivo? É isso que não se sabe. Em caso semelhante, um espírita iniciado nessa espécie de coisas lhe teria feito a pergunta, mas a senhora não teve a mínima ideia. A aparição desaparecia sem que ela soubesse como, e, após a desapareição, ia assegurar-se de que todas as portas estavam perfeitamente fechadas e de que ninguém poderia ter entrado em seu apartamento. Essa precaução lhe provava que estava bem-acordada, que não estava iludida por um sonho.

Outras vezes, ela viu um homem que não conhecia, mas um dia ela viu seu irmão que estava na Califórnia. Ele tinha a aparência de uma pessoa real, que no primeiro momento ela acreditou na sua volta e quis lhe dirigir a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo para nada. Uma carta recebida posteriormente lhe provou que ele não estava morto. Essa senhora era o que se pode chamar de médium vidente natural, mas, nessa época, como já dissemos, nunca tinha ouvido falar de médiuns.

116. Outra senhora, que reside na província, estando gravemente doente, viu, uma noite, perto das dez horas, um senhor idoso, morador da cidade, que ela conhecia de vista, sem ter nenhuma intimidade. Esse senhor estava sentado em uma cadeira, perto de seu leito e de tempos em tempos tomava uma pitada de tabaco. Parecia estar velando por ela. Surpresa com tal visita àquela hora, quis lhe perguntar o motivo, mas o senhor lhe fez sinal de não falar e de dormir. Muitas vezes ela quis lhe dirigir a palavra e cada vez a mesma recomendação. Ela terminou por adormecer. Depois de alguns dias, restabelecida, recebeu a visita desse mesmo senhor em uma hora mais conveniente, e dessa vez era realmente ele. Usava a mesma roupa, a mesma tabaqueira e as mesmas maneiras. Certa de que ele tinha vindo durante sua doença, agradeceu-lhe a gentileza. Muito

surpreso, o senhor disse-lhe que não tinha a honra de vê-la há muito tempo. Essa senhora, que conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que ocorrera, mas, não querendo se explicar mais com ele, se contentou em dizer que provavelmente havia sonhado.

Isso é provável, dirão os incrédulos, os “espíritos fortes”, o que para eles é sinônimo de pessoa esclarecida; mas é certo que essa senhora não dormia de todo como a outra. — É que agora ela sonhava acordada, ou seja, teve uma alucinação. — Eis a palavra mágica, a explicação universal de tudo que não se compreende. Como já refutamos suficientemente essa objeção, prosseguiremos dirigindo-nos àqueles que nos podem compreender.

117. Eis um outro fato mais característico, e estamos curiosos de ver como se poderia explicar só pelo jogo da imaginação.

Um senhor, morador de uma província, nunca quis se casar, apesar da insistência da família. Haviam notadamente insistido em favor de uma pessoa, moradora em uma cidade vizinha. Um dia, estando no seu quarto, ficou admirado de se ver em presença de uma jovem, vestida de branco, com a cabeça ornada com uma coroa de flores. Ela lhe disse que era sua noiva, estendeu-lhe a mão que ele tomou entre as suas e nela viu um anel. Ao cabo de uns instantes, tudo desapareceu. Surpreso com essa aparição e estando seguro de que estava bem acordado, informa-se se alguém teria vindo procurá-lo durante o dia, mas lhe disseram que não tinham visto ninguém. Um ano depois, cedendo a novas solicitações de um parente, ele se decidiu ir ver aquela que lhe propunham. Chegou no dia de Corpus Christi, e pessoas chegavam da procissão. Uma das primeiras essoas que vê entrando na casa é a jovem que ele reconhece como aquela que lhe tinha aparecido, vestida do mesmo modo, porque o dia da aparição era o mesmo da festa de Corpus Christi. Ele ficou atônito e a jovem, por seu lado, grita de surpresa e se sente mal. Melhorando, a jovem conta que tinha visto essa pessoa, no mesmo dia do ano anterior. O casamento foi realizado. Era em 1835, e nesse tempo não se cogitava de Espíritos. Além disso, eram pessoas de um positivismo extremo e de imaginação a menos exaltada do mundo.

Pode-se dizer que um e outro tinham o espírito tocado pela ideia da união proposta, mas é preciso não esquecer que esse futuro marido era tão indiferente, que deixou passar um ano sem ir ver a noiva que lhe ofereciam.

Admitindo mesmo essa hipótese, restaria explicar a dupla aparição, a coincidência das roupas com o dia de Corpus Christi e o reconhecimento físico de pessoas que nunca se tinham visto, circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de ir mais longe, devemos responder a uma pergunta que será feita com certeza, que é a de saber como o corpo pode viver enquanto o Espírito está ausente. Podemos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que é independente da presença do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito. Devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca fica completamente separado do corpo. Os Espíritos, assim como certos médiuns videntes, reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um traço luminoso que termina em seu corpo, fenômeno que nunca se dá quando o corpo está morto, porque então a separação é completa. É por essa ligação que o Espírito é avisado imediatamente, a qualquer distância que esteja, da necessidade que o corpo tem de sua presença, e então volta com a rapidez do raio. Daí resulta que o corpo não pode nunca morrer durante a ausência do Espírito e não pode nunca acontecer que este, na sua volta, encontre a porta fechada, como dizem certos romancistas nas histórias para recrear. (Ver *O Livro dos Espíritos*, questão nº 400 e seguintes.)

Homens duplos

119. Voltemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, afastada do corpo, pode aparecer como o de uma pessoa morta e ter toda a aparência da realidade; ainda mais, pelas mesmas causas que explicamos, pode tomar uma tangibilidade momentânea. É esse fenômeno designado sob o nome de *bicorporeidade*, que deu lugar às histórias de homens duplos, quer dizer, indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Eis dois exemplos tirados, não de lendas populares, mas da história eclesiástica: Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua.

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo exigido por se mostrar simultaneamente em dois lugares diferentes, o que se tomou por um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Itália, e, no tempo em que ali pregava, seu pai, que estava em Lisboa, ia para o suplício, acusado de assassinato. Nesse momento, Santo Antônio apareceu, demonstrou a inocência de seu pai e deu a conhecer o verdadeiro criminoso que, mais tarde, sofreu o castigo. Foi constatado que, nesse momento, Santo Antônio não tinha deixado a Itália.

Santo Afonso foi evocado e interrogado por nós sobre os fatos acima. Eis as respostas que deu:

1ª Poderia nos dar a explicação desse fenômeno?

“Sim. Quando o homem está completamente desmaterializado por sua virtude, quando elevou sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares de uma vez. Eis como: o Espírito encarnado, sentindo o sono chegar, pode pedir a Deus que se transporte a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiser chamar, abandona então seu corpo, seguido de uma parte do perispírito e deixa a matéria em um estado vizinho da morte, porque resta no corpo um laço que liga o Espírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo que desejam saber.”

2ª Isso não nos dá a explicação da visibilidade e tangibilidade do perispírito.

“O Espírito desligado da matéria, segundo seu grau de elevação pode se tornar tangível.”

3ª O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outro lugar?

“A alma pode se dividir quando se sente levada para um lugar diferente de onde se encontra o corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, o que é muito raro, mas então o corpo não está num estado perfeitamente normal, porém está sempre em um estado mais ou menos extático.”

Nota: A alma não se divide no sentido literal da palavra. Ela se irradia em direções diferentes e pode assim se manifestar em muitos lugares sem estar dividida; é o mesmo que uma luz que pode se refletir em muitos espelhos simultaneamente.

4º *Que aconteceria a um homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece ao longe, se fosse despertado bruscamente?*

“Isso não aconteceria, porque, se alguém tiver a intenção de acordá-lo, o Espírito voltaria ao corpo, porque ele pode ler o pensamento.”

Nota: Uma explicação idêntica nos foi dada muitas vezes por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não nos dá a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. Tácito relata um caso análogo. Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria para esperar o retorno periódico dos ventos de verão e a estação em que o mar se torna seguro, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestou o favor do céu e o interesse dos deuses por esse príncipe.

Esses prodígios redobram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada dos deuses, para consultá-los a respeito do Império. Ordena que o templo fosse fechado para todos; entrou e estava atento ao que ia falar o oráculo, quando percebeu atrás dele um dos principais egípcios, chamado Basilido, que sabia estar doente em lugar distante muitos dias de viagem de Alexandria. Perguntou aos sacerdotes se Basilido tinha vindo aquele dia ao templo; perguntou aos passantes se o tinham visto na cidade, enfim, enviou homens a cavalo e se assegurou de que naquele momento mesmo o egípcio estava a oitenta milhas de distância. Então não duvidou mais que a visão foi sobrenatural e o nome de Basilido ficou sendo um oráculo para ele. (Tácito, *Histórias*, livro IV, caps. 81 e 82.)

121. O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem, então, dois corpos, mas desses dois corpos só um é real, o outro é apenas aparência; pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo, a vida da alma. Ao acordar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma entra no corpo material. Não parece possível, pelo menos não temos exemplos e a razão parece demonstrar que, no estado de separação, os dois corpos possam gozar simultaneamente e no mesmo grau da vida ativa e inteligente. Ressalta, ainda, do que dissemos,

que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanecesse visível: a aproximação da morte chama o Espírito para o corpo, mesmo que seja só por um instante. Disso resulta, também, que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não tem vida orgânica e não é formado de carne e osso; desaparece no momento em que se quiser matá-lo.

Nota: Ver na *Revista Espírita*, janeiro de 1859, *O Duende de Bayonne*; fevereiro de 1859, *Os agêneres; meu amigo Hermann*; maio de 1859, *O liame entre o Espírito e o corpo*; novembro de 1859, *A alma errante*; janeiro de 1860: *O Espírito de um lado e o corpo de outro*; março de 1860, *Estudo sobre o Espírito de pessoas vivas; o doutor V. e a senhorita I*; abril 1860: *O fabricante de São Petersburgo; aparições tangíveis*; novembro de 1860, *História de Maria d'Agreda*; julho de 1861: *Uma aparição providencial*.

122. Passemos ao segundo fenômeno, o da transfiguração. Consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo. Eis, a respeito, um fato do qual podemos garantir a perfeita autenticidade, e que se passou nos anos 1858 e 1859 nos arredores de Saint-Étienne.

Uma jovem de 15 anos gozava da singular faculdade de se transfigurar, quer dizer, de tomar, em dados momentos, toda a aparência de certas pessoas mortas. A ilusão era tão completa, que se acreditava ver a pessoa diante de si, tanto eram semelhantes os traços do rosto, o olhar, o som da voz e até o modo de falar. Esse fenômeno se repetiu dezenas de vezes sem interferência da vontade da jovem. Ela tomou, muitas vezes, a aparência de seu irmão, morto alguns anos antes; tinha-lhe não só a aparência, mas o talhe e o volume do corpo. Um médico do lugar, muitas vezes testemunha desses efeitos bizarros, querendo se assegurar de que não era vítima de uma ilusão, fez a experiência seguinte. Tivemos o relato dele mesmo, do próprio pai da jovem e de outras testemunhas oculares muito honradas e dignas de fé. O médico teve a ideia de pesar a jovem em seu estado normal, e depois na transfiguração, quando a jovem tinha a aparência de seu irmão mais velho, de 20 e poucos anos, que era maior e mais forte. Pois bem, viu-se que nesse estado o peso era

quase o dobro. A experiência foi conclusiva. Era impossível atribuir essa aparência a uma simples ilusão de óptica.

Tentemos explicar esse fato, que em algum tempo foi chamado de *milagre* e que nós chamamos simplesmente de fenômeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode ter por causa uma simples contração muscular que pode dar à fisionomia expressão totalmente diferente, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Observamo-la, frequentemente, entre certos sonâmbulos, mas nesse caso a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e seu peso não diminuirá nem aumentará. No caso aqui tratado é evidente que há qualquer coisa a mais. A teoria do perispírito vai nos colocar no caminho certo.

Aceita-se, em princípio, que o Espírito pode dar a seu perispírito qualquer aparência, que, por uma modificação na disposição molecular, pode lhe dar a visibilidade, a tangibilidade e, por consequência, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode sofrer as mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Imaginemos, agora, o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando em volta do corpo de maneira a envolvê-lo como se fosse um vapor. Nesse estado, pode sofrer as mesmas modificações como se estivesse separado; se ele perde sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e velar-se como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Poderá mesmo mudar de aspecto, tornar-se brilhante se tal for a vontade e o poder do Espírito. Outro Espírito, combinando seu próprio fluido com o primeiro, pode lhe substituir a aparência de tal maneira que o corpo real desaparece sob um envoltório fluídico exterior cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Tal parece ser a causa verdadeira do fenômeno estranho — e raro, é preciso dizer — da transfiguração.

Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira que para os corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou; sofreu a influência de um agente exterior que pode aumentar-lhe ou diminuir-lhe o peso relativo, como já explicamos (ver os itens nº 78 e seguintes). É, então, provável que se a

transfiguração ocorresse sob o aspecto de uma criança pequena, o peso teria diminuído em proporção.

124. Admite-se que o corpo possa tomar outra aparência, de maior ou de mesma dimensão; mas como poderia parecer menor, a de uma criancinha, como acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Não dissemos que esse fato tenha se produzido; somente quisemos mostrar, referindo-nos à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos sua possibilidade nem sua impossibilidade. No caso de acontecer, o fato de não poder ser explicado satisfatoriamente não invalidaria a coisa. Não podemos esquecer que estamos no começo desta ciência e que ela está longe de ter dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Além disso, as partes excedentes do corpo poderiam ter sido tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta das explicações anteriores e daquelas que foram dadas com relação ao fenômeno dos transportes, nas questões nº 96 e seguintes.

125. Resta-nos falar sobre o singular fenômeno dos *agêneres* que, por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Mas, como explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), cremos inútil reproduzir aqui os detalhes. Diremos apenas que é uma variação da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de fazer uma ilusão completa. (Do grego *a*, privativo, e *geine, geinomai*, engendrar: não gerado).

LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos tangíveis – Modificações das propriedades da matéria – Ação magnética curadora.

126. Dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, de panos flutuantes ou mesmo com suas roupas comuns. Os panos soltos parecem ser costume geral no mundo dos Espíritos. Pergunta-se onde vão pegar as vestimentas em tudo semelhantes àquelas que usavam em vida, com todos os acessórios do traje. É certo que não levaram esses objetos com eles, pois ainda estão aqui à nossa vista. De onde provêm o que usam no outro mundo? Essa questão sempre intrigou; para muitas pessoas era um assunto de simples curiosidade. Entretanto, confirmava uma questão de princípios de grande importância, porque sua solução nos colocou no caminho de uma lei geral que igualmente encontra aplicação no nosso mundo corporal. Muitos fatos vieram complicar a questão e demonstrar a insuficiência das teorias que tinham sido aventadas.

Podia-se, até certo ponto, aceitar a existência do traje, porque se pode considerá-lo como fazendo parte do indivíduo. O mesmo não se dá com os objetos acessórios, como a tabaqueira do visitante da dama doente, que falamos no item nº 116. Notemos aqui que não se trata de um morto,

mas de um vivo e que esse senhor, quando veio em pessoa, tinha uma tabaqueira em tudo semelhante. Onde, então, seu Espírito havia encontrado aquela que trazia quando estava ao pé do leito da doente? Podemos citar um grande número de casos, nos quais Espíritos de mortos ou de vivos apareceram com diversos objetos como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc.

Tivemos então o pensamento de que os corpos inertes poderiam ter seus análogos etéreos no mundo invisível. Que a matéria condensada que forma os objetos poderia ter uma parte quintessenciada escapando aos nossos sentidos. Essa doutrina não é destituída de verossimilhança, mas não podia explicar todos os fatos. Havia um, sobretudo, que parecia desafiar todas as interpretações. Até agora se tratou de imagens ou aparências; vimos que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e se tornar tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido se desvanece como uma sombra. Isso já é um fenômeno extraordinário, mas maior ainda é a produção de matéria sólida persistente, como provam numerosos fatos autênticos, notadamente aqueles da escrita direta, que trataremos em detalhes num capítulo especial. Entretanto, como esse fenômeno se liga intimamente ao assunto que estamos tratando no momento, e que representa uma das suas aplicações mais positivas, anteciparemos a ordem em que devia aparecer.

127. A escrita direta ou *pneumatografia* é a que se produz espontaneamente, sem o recurso da mão do médium, nem do lápis. É suficiente tomar uma folha de papel em branco, o que se deve fazer com todas as precauções necessárias para se assegurar que não se pode ser vítima de uma trapaça, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel. Se houver condições convenientes, ao fim de um tempo mais ou menos longo, aparecerão sobre o papel caracteres traçados, signos diversos, palavras, frases e até comunicações, o mais frequente com uma substância cinzenta, semelhante ao grafite, outras vezes com um lápis vermelho de tinta comum e mesmo de tinta de impressão. Eis o fato em sua simplicidade e cuja reprodução, ainda que pouco comum, não é muito rara, porque há pessoas que a obtêm com facilidade. Se colocássemos um lápis junto

ao papel, poderíamos crer que o Espírito se serviu dele para escrever; mas, desde que o papel é deixado inteiramente só, é evidente que a escrita é formada por uma matéria nele depositada. De onde o Espírito pegou essa matéria? Tal é a questão, a cuja solução fomos conduzidos pela tabaqueira a que nos referimos há pouco.

128. O Espírito São Luís nos deu a solução nas respostas seguintes:

1ª Citamos um caso de aparição de pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e tomava pitadas. Experimentava a sensação que se sente em tal ação?

“Não.”

2ª Essa tabaqueira tinha a forma daquela da qual ele se servia habitualmente e que estava em sua casa. O que era essa tabaqueira nas mãos desse homem?

“Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como de fato foi, e que a aparição não fosse tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que essa senhora acreditasse na realidade de sua presença e tomou todas as aparências da realidade.”

3ª O senhor diz que é uma aparência, mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de óptica. Queremos saber se essa tabaqueira era apenas uma imagem da realidade, ou se havia qualquer coisa de material?

“Certamente. É com a ajuda desse princípio material que o perispírito toma a aparência das vestimentas parecidas àquelas que usava quando vivo.”

Nota: É evidente que é necessário entender aqui a palavra aparência no sentido de aspecto, imitação. A tabaqueira real não estava lá, aquela que o Espírito tinha nas mãos era só uma representação, era, então, uma aparência comparada à original, ainda que formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que não devemos tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo nossas ideias, nos expomos a grandes decepções. Por isso é necessário aprofundar o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresentem a menor ambiguidade. É uma recomendação que

nos fazem constantemente os próprios Espíritos. Sem a explicação que pedimos, a palavra *aparência*, constantemente reproduzida em casos semelhantes, poderia dar lugar a uma falsa interpretação.

4ª A matéria inerte se desdobraria? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestiria a forma dos objetos que vemos? Em uma palavra, esses objetos teriam seu duplo etéreo no mundo invisível, como os homens aí são representados pelos Espíritos?

“Não é assim que isso acontece. O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço de sua atmosfera, um poder que vocês estão longe de imaginar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e lhes dar a forma aparente própria a seus projetos.”

Nota: Essa pergunta, como se viu, era a tradução do nosso pensamento, quer dizer, da ideia que havíamos formado sobre a natureza desses objetos. Se as respostas fossem, como alguns o pretendem, o reflexo do pensamento, teríamos obtido a confirmação da nossa teoria, em lugar de uma teoria contrária.

5ª Coloco a pergunta novamente, de uma maneira categórica, a fim de evitar qualquer equívoco: As vestimentas com as quais os Espíritos se cobrem são alguma coisa?

“Parece-me que minha resposta precedente resolve a questão. Não sabe que o próprio perispírito é alguma coisa?”

6ª Dessa explicação resulta que os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade e que, assim, por exemplo, quanto à tabaqueira, o Espírito não a encontrou pronta, mas ele próprio a fez no momento em que teve necessidade dela, por um ato de sua vontade, e que também pode desfazê-la. O mesmo deve acontecer com outros objetos, tais como vestimentas, joias etc.

“É evidente.”

7ª Essa tabaqueira foi visível para aquela senhora, a ponto de parecer real. O Espírito poderia torná-la tangível?

“Poderia.”

8ª Nesse caso, essa senhora poderia tomá-la nas mãos, crendo ter uma verdadeira tabaqueira?

“Sim.”

9ª *Se a tivesse aberto, encontraria tabaco e, se ela o tomasse, poderia espirrar?*

“Sim.”

10ª *O Espírito pode dar ao objeto não somente a forma, mas propriedades especiais?*

“Se assim o quiser. De acordo com esse princípio é que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Terão provas da poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria e que estão longe de suspeitar, como já disse.”

11ª *Suponhamos, então, que ele queira fazer uma substância venenosa e que se uma pessoa a tomasse, ficaria envenenada?*

“Poderia fazê-la, mas não teria feito, porque não lhe é permitido.”

12ª *Teria o poder de fazer uma substância salutar e própria para curar em casos de doenças, se o caso se lhe apresentasse?*

“Sim, muitas vezes.”

13ª *Poderia, do mesmo modo, fazer uma substância alimentar; suponhamos que seja um fruto, um alimento qualquer. Alguém que dele comesse ficaria saciado?*

“Sim, sim. Mas não procure tanto aquilo que é tão fácil de compreender. Apenas um raio de sol é suficiente para tornar perceptíveis a seus órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço no meio do qual vocês vivem; não sabem que o ar contém vapor de água? Condense-o e voltará ao estado normal; prive-o do calor e essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido, muito sólido. E outras substâncias das quais os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Somente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os seus: a vontade e a permissão de Deus.”

Nota: A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que tem existência e propriedades apenas temporárias e de certa maneira convencionais, pode produzir a saciedade? Essa substância, em contato com o estômago, produz a *sensação* de saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido,

pode também agir sobre o estômago e aí produzir a sensação de saciedade. Todavia, pedimos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não fiquem com ciúmes, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. São casos muito raros, excepcionais, e não dependem nunca da vontade de alguém; de outra maneira todos se alimentariam e se curariam com os menores custos.

14ª *Os objetos tornados tangíveis pela vontade do Espírito poderiam ter um caráter de permanência e de estabilidade, a fim de serem usados?*

“Poderiam, mas isso não se faz, porque é contrário às leis.”

15ª *Todos os Espíritos têm no mesmo grau o poder de produzir objetos tangíveis?*

“O certo é que quanto mais elevado for o Espírito, mais facilmente o obterá. Mas isso ainda depende das circunstâncias: os Espíritos inferiores podem ter esse poder.”

16ª *O Espírito tem noção de que maneira pode produzir suas vestimentas ou os objetos que torna aparentes?*

“Não, às vezes concorre para sua formação por um ato instintivo que ele próprio não compreende, se não estiver suficientemente esclarecido para isso.”

17ª *Se o Espírito pode tirar do elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades, pode também daí tirar o que for necessário para escrever, e, por conseguinte, isso nos parece dar a chave do fenômeno da escrita direta?*

“Enfim, você chegou onde queria.”

Nota: Era lá, com efeito, onde queríamos chegar com todas as perguntas preliminares. A resposta prova que o Espírito lera o nosso pensamento.

18ª *Se a matéria da qual o Espírito se serve não tem persistência, como é que os traços da escrita direta não desaparecem?*

“Não tire conclusões apressadas. Primeiro, eu não disse: — ‘nunca’. Tratava-se de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados que é útil conservar, e se conservam. Eu disse que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam se tornar objetos usuais,

porque, na verdade, não há agregação de matéria como nos corpos sólidos.”

129. A teoria acima pode se resumir assim: O Espírito age sobre a matéria, tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com a aparência de diversos corpos que existem na Terra. Pode também operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito que a exerce quase sempre como um ato instintivo, quando isso é necessário, sem se dar conta disso. Os objetos formados pelo Espírito têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou à sua necessidade; pode fazê-los e desfazê-los como quiser. Esses objetos podem, em certos casos, ter aos olhos das pessoas vivas todas as aparências da realidade, quer dizer, tornarem-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. O que há é uma formação, não uma criação, pois o Espírito não pode tirar nada do nada.

130. A existência de uma matéria elementar única é quase geralmente admitida hoje pela Ciência e confirmada, como se viu, pelos Espíritos. Essa matéria dá nascimento a todos os corpos da Natureza; pelas transformações que ela sofre, produz também as diversas propriedades desses mesmos corpos; é assim que uma substância salutar pode tornar-se venenosa por uma simples modificação e a Química nos oferece numerosos exemplos. Todo mundo sabe que duas substâncias inofensivas combinadas em certas proporções podem produzir uma deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambas inofensivas, formam a água; ajunte um átomo de oxigênio e tem-se um líquido corrosivo. Sem modificar as proporções, é suficiente uma simples modificação do modo da agregação molecular, para modificar as propriedades. É assim que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Desde que o Espírito tem, por sua vontade, uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, admite-se que possa não somente formar substâncias, mas ainda modificar suas propriedades, fazendo aqui o efeito de um reativo.

131. Essa teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas até agora inexplicado, que é o da modificação das propriedades da água pela vontade. O Espírito agente é o do

magnetizador, a maioria das vezes assistido por um Espírito estranho; ele opera uma transmutação com a ajuda do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica universal ou elemento universal. Se o Espírito pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente produzir um fenômeno análogo sobre os fluidos do organismo. Daí o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida.

Sabe-se o papel importante que representa a vontade em todos os fenômenos do magnetismo, mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é mesmo uma propriedade da matéria a mais etérea. A vontade é o atributo essencial do Espírito, quer dizer, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele age sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus componentes, cujas propriedades íntimas podem também ser transformadas.

A vontade é o atributo do Espírito encarnado, tanto quanto do errante; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar em razão da força de vontade. O Espírito encarnado podendo agir sobre a matéria elementar, pode, igualmente, variar-lhe as propriedades dentro de certos limites. É assim que se explica a faculdade de curar pelo contato e imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau maior ou menor. (Ver no capítulo XIV, “Os Médiuns”, item relativo aos *médiuns curadores*. Ver também na *Revista Espírita*, julho 1859, pp.184 e 189 e “O zuavo de Magenta” e “Um oficial do exército da Itália”.)

LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas que se produziram em todos os tempos e a persistência de alguns Espíritos em darem marcas ostensivas de sua presença em certos lugares são a fonte da crença em lugares assombrados. As respostas seguintes foram dadas a questões sobre esse assunto.

1ª *Os Espíritos se apegam somente às pessoas, ou também às coisas?*

“Isso depende de sua elevação. Certos Espíritos podem se apegar aos objetos terrestres. Os avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que não estão suficientemente desmaterializados podem vigiá-los e guardá-los.”

2ª *Os Espíritos errantes têm lugares de predileção?*

“É ainda o mesmo princípio. Os Espíritos já desaparecidos das coisas da Terra preferem lugares onde são amados. São mais atraídos pelas pessoas que pelos objetos materiais. Entretanto, podem momentaneamente ter preferência por certos lugares, mas esses são sempre Espíritos inferiores.”

3ª *Desde que o apego dos Espíritos por um lugar é um sinal de inferioridade, é igualmente uma prova de que são maus?*

“Seguramente que não. Um Espírito pode ser pouco desenvolvido sem ser mau por isso; não ocorre o mesmo entre os homens?”

4ª *A crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas tem algum fundamento?*

“Não. Os Espíritos vão a esses lugares como a toda parte. A imaginação fica chocada com o aspecto lúgubre de certos lugares e atribui

a isso a presença dos Espíritos, o que é muitas vezes apenas um efeito muito natural. Quantas vezes o medo fez tomar a sombra de uma árvore por um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento por uma alma do outro mundo?! Os Espíritos gostam da presença dos homens, por isso procuram mais os lugares habitados que os isolados.”

4ª *a Entretanto, do que já sabemos da diversidade de caráter dos Espíritos, deve haver misantropos entre eles, que podem preferir a solidão.*

“Também aqui não respondi de uma maneira absoluta. Disse que eles podem ir aos lugares desertos como a outro qualquer; aqueles que ficam em lugares afastados é porque lhes apraz. Isso não é razão para que as ruínas sejam forçosamente lugares de sua predileção. O que é certo é que eles estão mais nas cidades e palácios que no fundo dos bosques.”

5ª *As crenças populares têm, geralmente, um fundo de verdade; qual pode ser a fonte da crença em lugares assombrados?*

“O fundo de verdade é a manifestação de Espíritos, na qual o homem acreditou em todos os tempos, por instinto; mas, como já disse, o aspecto dos lugares lúgubres choca a imaginação, e aí o homem coloca, naturalmente, os seres que olha como sobrenaturais. Essa crença supersticiosa é fortalecida pelos relatos dos poetas e pelos contos fantásticos que lhe embalaram a infância.”

6ª *Os Espíritos que se reúnem têm para isso dias e horas de predileção?*

“Não. Os dias e as horas são medidas de tempo, em uso entre os homens e para a vida corporal, mas os Espíritos não têm necessidade nem se inquietam com isso.”

7ª *Qual é a origem da ideia de que os Espíritos têm preferência pela noite?*

“A impressão produzida sobre a imaginação pelo silêncio e a obscuridade. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento razoável do Espiritismo deve destruir. O mesmo acontece com a crença de dias e horas propícios. A influência da meia-noite nunca existiu, a não ser nos contos.”

7ª *a Se é assim, por que, então, certos Espíritos anunciam sua chegada e suas manifestações para essa hora e em dias determinados como a sexta-feira, por exemplo?*

“São Espíritos que se aproveitam da credulidade e se divertem com isso. É pela mesma razão que alguns dizem ser o diabo, ou se dão nomes infernais. Mostre-lhes que não é tolo, e eles não voltarão mais.”

8ª *Os Espíritos voltam, de preferência, aos túmulos onde repousam seus restos mortais?*

“O corpo é apenas uma vestimenta; não ligam mais para esse envoltório que os fez sofrer do que o prisioneiro para suas correntes. A lembrança das pessoas que lhes são caras é a única coisa à qual dão valor.”

8ª a *As preces que se fazem sobre seus túmulos lhes são agradáveis e os atraem mais do que as feitas em qualquer outro lugar?*

“A prece é uma evocação que atrai os Espíritos, como todos sabem. A prece tem tanto mais de ação quanto mais fervorosa e mais sincera. Ora, diante de um túmulo venerado, as pessoas ficam mais concentradas, e a conservação de relíquias piedosas é um testemunho da afeição que se dá ao Espírito e à qual é sempre sensível. É sempre o pensamento que age sobre o Espírito e não os objetos materiais. Esses objetos têm mais influência sobre aquele que ora, fixando neles sua atenção, que sobre o Espírito.”

9ª *Depois dessas explicações, a crença em lugares assombrados não pareceria falsa?*

“Falamos que certos Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais; podem sê-lo por certos lugares que elegeram como domicílio até que cessem as circunstâncias que para aí os levaram.”

9ª a *Quais são as circunstâncias que podem contribuir para isso?*

“Sua simpatia por pessoas que frequentam esses lugares ou o desejo de se comunicar com elas. Entretanto, suas intenções não são sempre tão louváveis. Quando se trata de maus Espíritos podem querer exercer uma vingança sobre certas pessoas das quais têm coisas a reclamar. A estada em um lugar determinado pode ser também, para alguns, uma punição que lhes é imposta, sobretudo se cometeram ali um crime, a fim de que tenham sempre esse crime diante dos olhos.

Nota: Ver *Revista Espírita*, fevereiro de 1860: “História de um condenado”.

10ª *Os lugares assombrados o são sempre por seus antigos habitantes?*

“Nem sempre, porque se o antigo habitante é um Espírito elevado, não ligará mais para sua moradia terrestre do que para seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares não têm outro motivo que seu capricho, a menos que sejam atraídos pela simpatia por certas pessoas.”

10ª a *Eles podem permanecer num lugar para proteger uma pessoa e sua família?*

“Certamente, se são bons Espíritos; mas, nesse caso, não manifestam nunca sua presença por coisas desagradáveis”.

11ª *Existe alguma coisa de real na história da Dama de Branco?*

“É uma história tirada de mil fatos verdadeiros.”

12ª *É racional ter medo de lugares assombrados por Espíritos?*

“Não. Os Espíritos que assombram certos lugares e aí fazem barulho procuram mais se divertir à custa da credulidade e da covardia das pessoas do que fazer o mal. Além disso, imagine, há Espíritos por toda parte; assim, em qualquer parte que esteja, terá Espíritos ao seu lado, mesmo nas casas mais pacíficas. Só parecem assombrar certas casas, para achar ocasião de manifestar sua presença.”

13ª *Há meios de expulsá-los?*

“Sim, e a maior parte das vezes o que se faz para isso serve para atraí-los em vez de afastá-los. O melhor meio de expulsar os maus é atrair os bons. Atraíam então os bons Espíritos fazendo o bem, o mais possível, e os maus irão embora, porque o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons e terão só bons Espíritos a seu lado.”

13ª a *Há pessoas boas que, todavia, estão expostas às travessuras de maus Espíritos?*

“Se essas pessoas são realmente boas, isso pode ser uma prova para exercitar-lhes a paciência e incitá-las a serem ainda melhores; mas, creiam, que aqueles que mais falam da virtude não são os que a possuem. Aquele que possui qualidades reais as ignora e nem sequer fala delas.”

14ª *Que pensar com relação à eficácia do exorcismo para expulsar maus Espíritos de lugares assombrados?*

“Já se viu esse meio dar resultado? Não se viu, ao contrário, a algazarra redobrar depois dessas cerimônias de exorcismo? É que eles se divertem em serem tomados pelo diabo.

“Os Espíritos que não vêm com má intenção podem também manifestar sua presença por ruídos e mesmo se tornando visíveis, mas nunca fazem algazarra incômoda. São sempre Espíritos sofredores que podem ser aliviados com orações; outras vezes, são Espíritos benfazejos que querem provar que estão por perto, ou então Espíritos levianos que se divertem. Como aqueles que perturbam o repouso das pessoas com algazarra são quase sempre Espíritos que se divertem, o que há de melhor a fazer é rir deles; desistirão se virem que não conseguem assustar nem impacientar.” (Ver cap. V, “Manifestações físicas espontâneas”.)

O que resulta das explicações acima é que há Espíritos que se ligam a certas localidades e aí permanecem de preferência, mas que nem por isso têm necessidade de manifestar sua presença por efeitos sensíveis. Um lugar qualquer pode ser a permanência forçada ou de predileção de um Espírito, mesmo mau, sem que ele tenha jamais produzido alguma manifestação.

Os Espíritos que se ligam aos lugares ou às coisas materiais não são Espíritos superiores, mas, sem serem superiores, podem não ser maus nem ter más intenções. São companheiros mais úteis que prejudiciais. Eles se interessam pelas pessoas e podem protegê-las.

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas.

133. Dissemos que todo efeito que revela em sua causa um ato de livre vontade, mesmo que seja insignificante, acusa uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa que responda ao nosso pensamento, ou apresente um caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se o resultado se limitasse a isso, não haveria para nós senão um interesse secundário; no entanto, nos daria a prova de que nesses fenômenos há mais coisas que uma ação puramente material. A utilidade prática que daí sairia, para nós, seria nula ou pelo menos restrita. É muito diferente quando essa inteligência adquire um desenvolvimento que permite uma troca regular e seguida de pensamentos; agora não são mais simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras comunicações. Os meios de que se dispõem hoje permitem obtê-las tão extensas, tão explícitas e tão rápidas como as que mantemos com os homens.

Se bem compreendemos, segundo a “Escala espírita” (Ver *O Livro dos Espíritos*, questão nº 100), a variedade infinita que existe entre os Espíritos com relação à inteligência e moralidade, entenderemos facilmente a diferença que deve existir em suas comunicações. Elas devem refletir a elevação ou a inferioridade de suas ideias, seu saber

e sua ignorância, seus vícios e suas virtudes. Em poucas palavras, não devem se assemelhar mais do que as dos homens, desde o selvagem até o europeu mais esclarecido. Todas as diferenças que apresentam podem ser agrupadas em quatro categorias principais; segundo suas características mais decisivas, são: *grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas*.

134. As *comunicações grosseiras* são aquelas que se traduzem por expressões que chocam a decência. Elas não podem vir senão de Espíritos de baixo nível, ainda contaminados de todas as impurezas da matéria, e não diferem em nada das que poderiam vir de homens viciosos e grosseiros. Elas repugnam a toda pessoa que tem a menor delicadeza de sentimento, porque são, segundo o caráter do Espírito, triviais, sujas, obscenas, arrogantes, malévolas e ímpias.

135. As *comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombeteiros ou maliciosos, mais astuciosos que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem. Como nada têm de maldade, agradam a certas pessoas que com elas se divertem e encontram prazer nessas entrevistas fúteis, nas quais se fala muito para não se dizer nada. Esses Espíritos têm saídas mordazes e espirituosas, misturando brincadeiras banais com duras verdades que chocam sempre por sua justeza. Esses Espíritos levianos pululam em torno de nós e aproveitam todas as ocasiões de se intrometerem nas comunicações. A verdade é o menor de seus cuidados, porque eles têm um mórbido prazer de mistificar aqueles que têm a fraqueza e a presunção de crer em suas palavras. As pessoas que se comprazem nessas espécies de comunicações dão naturalmente acesso aos Espíritos levianos e mentirosos. Os Espíritos sérios delas se afastam, como entre nós os homens sérios se afastam de pessoas irresponsáveis.

136. As *comunicações sérias* são as que tratam de assuntos graves e de maneira séria. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria e que tem um objetivo útil, mesmo que seja de interesse particular é, por isso mesmo, séria, mas nem por isso está isenta de erros. Os Espíritos sérios não são todos igualmente esclarecidos; há muita coisa que ignoram e sobre as quais podem se enganar de boa-fé. É por isso que os Espíritos verdadeiramente superiores recomendam, sem cessar, submeter todas as comunicações ao controle da razão e da mais severa lógica.

É necessário distinguir as comunicações *sérias verdadeiras* das comunicações *sérias falsas*, o que nem sempre é fácil. É tendo ao seu favor a gravidade da linguagem, que certos Espíritos presunçosos ou falsos sábios procuram fazer prevalecer ideias as mais falsas e os sistemas os mais absurdos; e, para se darem mais crédito e mais importância, não têm escrúpulos em se enfeitarem com nomes os mais respeitáveis e mesmo os mais venerados. Aí está um dos maiores tropeços da ciência prática. Voltaremos ao tema mais tarde com todos os desenvolvimentos de que necessita um assunto tão importante. Ao mesmo tempo, daremos os meios de se prevenir contra o perigo das falsas comunicações.

137. As *comunicações instrutivas* são as comunicações sérias que têm como objeto principal um ensinamento qualquer dado pelos Espíritos sobre as Ciências, a Moral, a Filosofia etc. São mais ou menos profundas segundo o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para retirar dessas comunicações um fruto real, é fundamental que sejam regulares e seguidas com perseverança. Os Espíritos sérios ligam-se àqueles que querem aprender e os ajudam, enquanto deixam para os levianos o cuidado de divertirem aqueles que veem nessas manifestações apenas uma distração passageira. É pela frequência e regularidade dessas comunicações que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais nos relacionamos e o grau de confiança que merecem. Se é necessário experiência para julgar os homens, precisamos mais ainda para julgar os Espíritos.

Dando a essas comunicações a qualificação de *instrutivas*, nós a supomos *verdadeiras*, porque algo que não fosse verdadeiro não poderia ser instrutivo, mesmo expresso na mais imponente linguagem. Não poderíamos colocar nessa categoria certos ensinamentos que têm de sério só a forma, às vezes empolada e enfática com a ajuda da qual os Espíritos, mais presunçosos do que sábios que os ditam, esperam iludir. Esses Espíritos, não podendo suprir o que lhes falta, não seriam capazes, por muito tempo, de sustentar seus papéis; mostram logo seu lado fraco, por pouco que suas comunicações tenham seguimento, ou quando se saiba empurrá-los até seus últimos redutos.

138. Os meios de comunicação são muito variados. Os Espíritos agem sobre nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem se manifestar à nossa visão nas aparições, ao toque por impressões tangíveis, ocultas ou visíveis, ao ouvido por ruídos, ao olfato por odores sem causa conhecida. Esse último modo de manifestação, ainda que muito real, é, sem contradita, o mais incerto pelas numerosas causas que podem induzir em erro; assim, não nos deteremos aí. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de obter comunicações, quer dizer, uma troca regular e seguida de pensamentos. Esses meios são: as *pancadas*, a *palavra* e a *escrita*. Desenvolveremos o seu estudo em capítulos especiais.

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Linguagem dos sinais e das pancadas – Tiptologia alfabética.

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por golpes ou tiptologia. Esse meio primitivo, que se ressentia da infância da arte, oferecia recursos muito limitados e estava reduzido, nas comunicações às respostas monossilábicas por sim ou por não, com a ajuda de um número convencionado de golpes. Mais tarde foi aperfeiçoado, como já dissemos.

Por médiuns especiais, obtém-se os golpes de duas maneiras. É necessário, geralmente, para esse modo de operar certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que se poderia chamar de *tiptologia basculante*, consiste nos movimentos da mesa que se eleva de um lado, depois tomba batendo o pé. É suficiente para isso que o médium coloque as mãos sobre a beira da mesa. Se deseja conversar com um determinado Espírito, é necessário fazer a evocação. Caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegar ou aquele que já tem o hábito de vir. Estando convencionado um golpe para *sim*, dois golpes para *não*, isso é indiferente, dirige-se ao Espírito a pergunta que se deseja. Veremos mais tarde aquelas que devemos nos abster. O inconveniente

está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a questão de maneira a conduzir para um *sim* ou para um *não*. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: o que deseja? Ele não poderia responder senão por uma frase; é necessário então dizer: deseja tal coisa? — Não. Tal outra? — Sim; e assim por diante.

140. Note-se que, com o emprego desse meio, o Espírito junta às vezes uma espécie de *mímica*, quer dizer, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força dos golpes. Exprime assim a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão de movimentos; a cólera e a impaciência, batendo com força golpes repetidos como uma pessoa que bate o pé com raiva, algumas vezes jogando a mesa por terra. Se é bondoso e polido, no começo e no fim da sessão inclina a mesa em forma de saudação. Se quiser se dirigir diretamente a uma pessoa presente, leva a mesa até ela com doçura ou violência, segundo queira testemunhar afeição ou antipatia. Aí está, propriamente falando, a sematologia ou linguagem dos sinais, como a *tiptologia* é a linguagem das pancadas.

Eis um notável exemplo do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor, conhecido nosso, estava um dia em sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam das manifestações, e recebeu nesse momento uma carta nossa. Enquanto ele a lia, a mesinha que servia às experiências foi subitamente em direção a ele. Terminada a leitura da carta, vai colocá-la sobre uma mesa na outra extremidade da sala; a mesinha o segue até a mesa onde estava a carta. Surpreso com essa coincidência, ele pensa que há alguma relação entre esse movimento e a carta; interroga o Espírito que responde ser o nosso Espírito familiar. Informado do ocorrido, perguntamos, por nossa vez, a esse Espírito, qual o motivo da visita que fizera àquele senhor. Respondeu: “É natural que eu tenha ido ver as pessoas com as quais você está em relação, a fim de poder dar-lhe e também a eles os conselhos necessários”.

É evidente que o Espírito quis chamar a atenção desse senhor e procurava uma ocasião de lhe fazer saber que ele estava lá. Um mudo não se teria saído melhor.

Tiptologia alfabética

141. A *tiptologia alfabética* não demorou a se aperfeiçoar e se enriqueceu de um meio de comunicação mais completo, aquele da tiptologia alfabética, que consiste em designar as letras do alfabeto por meio de pancadas, pelo qual pode-se obter palavras, frases e mesmo discursos inteiros. Seguindo um método, a mesa bate tantos golpes quantos necessários para indicar cada letra, quer dizer, um golpe pelo *a*, dois para o *b*, e assim por diante. Durante esse tempo uma pessoa escreve as letras à medida que forem ditadas. Quando o Espírito termina, o faz saber por um sinal qualquer já convencionado.

Esse modo de proceder, como se pode ver, é muito longo, demanda um tempo enorme para as comunicações de certa extensão; entretanto, há pessoas que têm tido paciência de se servir dele para obter ditados de muitas páginas. A prática fez descobrir meios mais rápidos que permitem melhor desempenho. O que está mais em uso consiste em ter diante de si todo um alfabeto escrito assim como uma série de números marcando as unidades. Enquanto o médium está à mesa, outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, se a intenção for obter uma palavra, ou uma série de algarismos, quando se tratar de números. Chegando sobre a letra necessária, a mesa bate por si mesma um golpe; a pessoa escreve a letra. Depois se recomeça para a segunda, depois para a terceira e assim por diante. Se uma letra for escrita errada, o Espírito adverte por alguns golpes ou por um movimento da mesa e o processo recomeça. Com o hábito, se vai suficientemente rápido; mas se abrevia bastante o tempo adivinhando o fim de uma palavra começada e que o sentido da frase faz conhecer. Se há dúvida, pergunta-se ao Espírito se ele quis colocar tal palavra e ele responde por um *sim* ou por um *não*.

142. Todos esses efeitos que indicamos podem ser obtidos de uma maneira ainda mais simples por pancadas que se podem ouvir na madeira mesmo da mesa, sem nenhuma espécie de movimento e que descrevemos no capítulo II, “Manifestações físicas — Mesas girantes”, nº 64. É a *tiptologia interna*, também conhecida como passiva. Nem todos os médiuns são apropriados a este último modo de comunicação, porque há os que as obtêm apenas pelos golpes na mesa basculante. Entretanto, com exercício, a maioria pode consegui-lo. Essa maneira

tem a dupla vantagem de ser mais rápida e menos sujeito à suspeita que a basculante, que se pode atribuir a uma pressão voluntária. É verdade que os golpes internos poderiam também ser imitados por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser imitadas, o que não prova nada contra elas. (Ver no fim deste volume o capítulo XXVIII, “Fraudes e prestidigitação”, o artigo “Fraudes e trapaças”).

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que tenham sido introduzidos nessa maneira de proceder, eles não podem jamais atingir a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita, assim é muito pouco usada hoje em dia. Entretanto, é muito interessante do ponto de vista do fenômeno, principalmente pelos novatos, e tem a vantagem de provar de maneira categórica a independência absoluta do pensamento do médium. Às vezes se obtém respostas tão imprevistas, tão surpreendentes e certas, que seria necessário estar muito prevenido para não se render à evidência. Assim é para muitas pessoas um poderoso motivo de convicção; mais por esse meio que por outro qualquer. Os Espíritos não gostam de atender aos caprichos de curiosos que querem colocá-los à prova por questões sem maior importância.

143. Com o objetivo de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos como quadrantes com letras parecidas com os usados nos telégrafos. Uma agulha móvel, colocada em movimento por influência do médium com a ajuda de um fio condutor e de uma polia, indica as letras. Conhecemos esses instrumentos só por desenhos e pelas descrições que foram publicadas na América. Não podemos discutir-lhe o mérito, mas a sua complicação já é um inconveniente. Achamos que a independência do médium é atestada pelos golpes íntimos e bem mais ainda pelo imprevisto das respostas, que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, que estão sempre dispostos a ver em tudo cordéis e preparações, serão ainda mais levados a suspeitar de um mecanismo especial que de uma mesinha despojada de qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, mas do qual a má-fé pode facilmente abusar, como veremos no capítulo “Fraudes”, que chamaremos de *Mesa-Girardin*, em lembrança do uso que dela fazia Mme. Émile

de Girardin nas numerosas comunicações que obtinha como médium. Mme. De Girardin, mulher de espírito como era, tinha a fraqueza de acreditar nos Espíritos e em suas manifestações. Esse instrumento consiste em um tampo de mesinha móvel, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando livre e facilmente em seu eixo, à maneira de uma roleta. Sobre a superfície e na circunferência são traçados, como sobre um mostrador, as letras, os algarismos e as palavras *sim* e *não*. No centro está uma agulha fixa. O médium poussa seus dedos sobre a borda da mesinha, esta gira e para quando a letra desejada está sob a agulha. Toma-se nota das letras indicadas e assim se formam suficientemente rápido as palavras e as frases.

Note-se que a mesinha não gira sob os dedos, mas que os dedos aí permanecem seguindo seu movimento. Talvez um médium poderoso possa obter um movimento independente, cremos possível, mas nunca fomos testemunha disso. Se a experiência pudesse ser feita dessa maneira, seria mais concludente porque afastaria toda possibilidade de trapaça.

145. Resta-nos destruir um erro muito conhecido, que consiste em confundir os Espíritos que se comunicam por pancadas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como um outro e é tão digno de Espíritos elevados como a escrita e a palavra. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem dela se servir como também de outros modos. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento e não o instrumento de que se servem para transmitir. Sem dúvida, preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, os mais rápidos, mas à falta de lápis e papel se servirão sem escrúpulo da comum mesa falante, e a prova é que se obtém por esse meio as mais sublimes. Se não nos servimos dela não é que a desprezemos, mas unicamente que como fenômeno já nos ensinou tudo que podia e que nada mais pode acrescentar às nossas convicções, e que a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Nem todos os Espíritos que batem são Espíritos batedores. Esse nome deve ser reservado para aqueles que se pode chamar de *batedores de*

profissão e que, com a ajuda desse meio, têm prazer em fazer espetáculos para divertir uma reunião ou a envergonhar por suas importunações. Da parte deles pode-se esperar algumas vezes coisas espirituais, mas jamais coisas profundas. Assim seria perder seu tempo dirigir-lhes questões de certa importância científica ou filosófica. Sua ignorância e sua inferioridade lhes valeram o justo título, da parte de outros Espíritos, a qualificação de pelotiqueiros, ou saltimbancos, do mundo espiritual. Ajuntemos que, se eles agem por própria conta, são também instrumentos dos quais se servem os Espíritos superiores quando estes precisam produzir efeitos materiais.

PNEUMATOLOGIA OU ESCRITA DIRETA

Pneumatologia ou Escrita Direta – Pneumatofonia.

146. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da *psicografia* na qual é a transmissão do pensamento do Espírito por meio da escrita pela mão de um médium.

O fenômeno da escrita direta é, sem dúvida, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária para se dar conta da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, é ainda mais neste caso, um dos mais estranhos que já se apresentaram, mas que cessa de parecer sobrenatural desde que se compreenda o princípio.

À primeira revelação desse fenômeno, o sentimento dominante foi de dúvida. A ideia de trapaça veio ao pensamento; com efeito, todos conhecem a ação das tintas ditas simpáticas, cujos traços, no começo completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Seria possível então um abuso da credulidade e não afirmamos que jamais tenha havido algum. Estamos convencidos de que certas pessoas, seja com um fim mercenário, ou unicamente por amor próprio e por fazer crer no seu poder, empregaram subterfúgios (ver capítulo XXVIII, “Charlatanismo”, art. sobre “Fraudes”.)

Mas porque se pode imitar uma coisa, isso não quer dizer que a coisa não exista. Nestes últimos tempos não encontraram um meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? E porque esse procedimento de escamoteador tenha percorrido todas as feiras, pode-se concluir que não há sonâmbulos verdadeiros? Porque certos mercadores vendem vinho adulterado é razão para que não haja vinho puro? O mesmo acontece com a escrita direta. As precauções para se assegurar da realidade dos fatos, são, aliás, bem simples e bem fáceis e graças a essas precauções, hoje não pode haver mais nenhuma dúvida.

147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito; que os Espíritos existiram em todos os tempos e em todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos, devem ter produzido igualmente a escrita direta tanto na antiguidade como em nossos dias. É assim que se pode explicar a aparição de três palavras na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos que foram abafados pelas fogueiras, deve ter conhecido também a escrita direta. Talvez procurassem na teoria das modificações que o Espírito pode fazer na matéria, e que desenvolvemos no cap. VII, “Bicorporeidade e transfiguração”, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Sejam quais forem os resultados obtidos nas diversas épocas, só foi depois da vulgarização das manifestações espíritas que se levou a sério a questão da escrita direta. A primeira pessoa que parece ter tido conhecimento do fato, em Paris, nestes últimos anos, foi o sr. Barão de Guldenstubbe, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de *fac-símiles* de escritas que obteve. O fenômeno era já conhecido na América. A posição social do sr. de Guldenstubbe, sua independência, a consideração que gozava no mundo mais elevado, afastam, incontestavelmente, toda suspeita de fraude voluntária, porque ele não podia ser movido por nenhum motivo de interesse. Poder-se-ia acreditar que ele fosse o juguete de uma ilusão, mas a isso um fato vem a seu favor. A obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça e toda causa de erro.

Nota: *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações*, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta, pelo sr. Barão de Guldenstubbe — 1º vol. in 8º, com 15 pranchas, e 93 *fac-símiles*. Preço 8 francos, em Paris: livrarias Franck (Rua Richelieu) e Ledoyen.

148. A escrita direta se obtém, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, pelo recolhimento, pela prece e pela evocação. Às vezes é obtida nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé de estátuas ou de imagens que se evocam. É evidente que o lugar não tem outra influência, senão a de provocar um maior recolhimento e uma maior concentração do pensamento, porque já foi provado que se obtém igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel doméstico, se estão nas condições morais desejadas e que se goza da faculdade mediúmica necessária.

No princípio, pensou-se que era necessário deixar um lápis junto ao papel. O fato poderia ser mais bem explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam objetos; que os agarram e os lançam, algumas vezes através do espaço. Podem, então, segurar o lápis e dele se servir para traçar os caracteres, desde que lhe deem um impulso por intermédio da mão do médium, de uma prancheta etc., podem fazê-lo de uma maneira direta. Não se tardou a reconhecer que o lápis não era necessário e que era suficiente um simples pedaço de papel dobrado ou não, sobre o qual se acha, depois de alguns minutos, caracteres traçados. Aqui, o fenômeno troca de aspecto e nos coloca numa ordem de coisas inteiramente novas. Esses caracteres foram traçados com uma substância qualquer; do momento que não se ofereceu a ele essa substância, então ele a fez, a compôs. Onde foi buscá-la? Lá estava o problema.

Voltando às explicações dadas no cap.VIII, nº 127 e 128, aí se achará a teoria completa desse fenômeno. Nessa escrita, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos. Ele próprio faz a matéria e os instrumentos de que tem necessidade, tirando esses materiais do elemento primitivo universal ao qual faz sofrer, por sua vontade as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Assim, pode fabricar lápis vermelho, tinta de impressão ou tinta comum, como lápis

preto, até mesmo caracteres tipográficos suficientemente resistentes para dar no papel o rebaixo da impressão, como vimos alguns exemplos. A filha de um senhor que conhecemos, criança de 12 ou 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância parecida ao pastel.

149. Tal é o resultado ao qual nos conduziu o fenômeno da tabaqueira relatado no capítulo VII, no 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque vimos aí ocasião de pesquisar uma das leis mais sérias do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mistérios do mundo visível. É assim que de um fato comum em aparência pode brotar a luz. O importante é observar tudo com cuidado, é o que cada um pode fazer como nós, quando não se limitará a ver os efeitos sem procurar as causas. Se nossa fé se fortalece dia a dia é porque compreendemos; façam as pessoas compreenderem, se querem fazer prosélitos sérios. A inteligência das causas tem um outro resultado, o de traçar uma linha de demarcação entre a verdade e a superstição.

Se encararmos a escrita direta no ponto de vista das vantagens que pode oferecer, diremos que, até agora, sua principal utilidade foi a constatação material de um fato grave: a intervenção de uma força oculta que encontra aí um novo meio de se manifestar. As comunicações que se obtêm assim são raramente de alguma extensão. São geralmente espontâneas e limitadas a poucas palavras, sentenças, às vezes sinais ininteligíveis. Têm sido obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos etc., mas ainda não se prestam a entrevistas seguidas e rápidas como permitem a psicografia ou escrita por médiuns.

Pneumatofonia

150. Os Espíritos podem produzir ruídos e golpes, podem também fazer ouvir gritos de toda espécie e sons vocais imitando a voz humana, a nosso lado ou no vazio do ar. É a esse fenômeno que damos o nome de *pneumatofonia*. Do que conhecemos sobre a natureza dos Espíritos, pode-se pensar que alguns dentre eles, quando são de ordem inferior, têm a ilusão e acreditam falar como em vida. (Ver *Revista Espírita*, fevereiro de 1858: “História do fantasma da senhorita Clairon”.)

É necessário, todavia, se precaver de tomar por vozes ocultas todos os

sons que não têm causas conhecidas ou de simples zunido nos ouvidos e, sobretudo, de crer que há a menor verdade na crença comum que o ouvido que zune nos avisa que falam de nós em alguma parte. Esses zunidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm nenhum sentido, enquanto que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos, e por causa disso pode-se reconhecer que são devidos a uma causa inteligente e não accidental. Em princípio, os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos que podem atestar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, há pelo menos cem chances de que sejam devidos a causas fortuitas.

151. Quase sempre acontece que no meio sono, ouve-se palavras, nomes, algumas vezes frases inteiras, isso tão fortemente que nos acorda em sobressalto. Embora possa acontecer que em certas ocasiões seja realmente uma manifestação, esse fenômeno nada tem de positivo para que se possa atribuí-lo a uma causa análoga àquela que desenvolvemos na teoria da alucinação, cap. VI, nº 111 e seguintes. O que se ouve nesse estado não tem consequência. Não se dá o mesmo quando estamos inteiramente acordados, porque então, se é um Espírito que se faz ouvir, pode-se quase sempre fazer com ele troca de pensamentos e manter uma conversação regular.

Os sons espíritos ou pneumatofônicos têm duas maneiras distintas de se produzir. É algumas vezes uma voz interior que ressoa no nosso foro íntimo. Ainda que as palavras sejam claras e distintas, não têm nada de material. Outras vezes são exteriores e tão distintamente articuladas como se viessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado. De qualquer maneira que se produza, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e não pode senão raramente ser provocado.

PSICOGRAFIA

Psicografia indireta: cestas e pranchetas – Psicografia direta ou manual.

152. A ciência espírita progrediu mais rapidamente que as outras. Apenas alguns anos separam esses meios primitivos e incompletos que se chamavam trivialmente de mesas falantes e já podemos nos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens o fazem entre eles, e isso pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita tem a vantagem de assinalar mais materialmente a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se pode conservar, como o fazemos com nossa correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de um lápis. Assim elas eram preparadas.

153. Dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer. Tomemos, em lugar de uma mesinha, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (quer seja em madeira ou vime, pouco importa). Se pelo fundo dessa cesta se fizer passar um lápis, solidamente preso, a ponta para fora e embaixo, e que se mantenha em equilíbrio sobre a ponta do lápis colocado ele próprio sobre uma folha de papel, colocando os dedos nas bordas da cesta, esta tomará seu movimento; em lugar de girar, levará o lápis em diversos sentidos sobre o papel de maneira a formar sejam traços insignificantes, sejam caracteres de escrita. Se um espírito é evocado e queira se comunicar, responderá,

não por golpes batidos como na tiptologia, mas por palavras escritas. O movimento da cesta não é mais automático como nas mesas girantes, torna-se inteligente. Nessa disposição, o lápis, chegado à extremidade da linha, não volta para começar outra linha; continua circularmente, de tal maneira que a linha da escrita forma uma espiral e que é necessário virar muitas vezes o papel para ler o que está escrito. A escrita assim obtida não é muito legível, já que as palavras não estão bem separadas. Porém, o médium, por uma espécie de intuição, a decifra facilmente. Por economia, pode-se substituir a ardósia e o lápis de ardósia por papel e lápis comum. Demos a essa cesta o nome de *cesta-pião*. Às vezes, a cesta é substituída por uma caixa de papelão, parecida com caixas de pílulas, o lápis em forma de eixo como no brinquedo chamado *pião*.

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para atender ao mesmo objetivo. O mais cômodo é aquele que chamaremos *cesta de bico* e que consiste em adaptar na cesta uma haste de madeira inclinada, fazendo sair de dez a quinze centímetros de um lado, na posição de um mastro de proa de um barco. Por um furo praticado na extremidade dessa haste, ou desse bico, faz-se passar um lápis suficientemente longo para que a ponta repouse sobre o papel. Quando o médium põe os dedos na borda da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve, como no caso acima, com uma diferença que a escrita é mais legível, as palavras separadas, e as linhas não são mais em espiral. Seguem como na escrita comum, e o médium pode facilmente levar o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de muitas páginas tão rapidamente como se fossem escritas com a mão.

155. A inteligência que age se manifesta às vezes por outros sinais. Chegado ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para retornar. Se o Espírito quer se reportar a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, ele a procura com a ponta do lápis, como se faria com o dedo, depois o sublinha. Se quer, enfim, se dirigir a um dos assistentes, a ponta da haste se volta em sua direção. Para abreviar, ele exprime muitas vezes as palavras *sim* e *não* por sinais de afirmação e de negação que fazemos com a cabeça; se quer exprimir cólera e impaciência, bate com força a ponta do lápis e frequentemente o quebra.

156. Em lugar de cesta, algumas pessoas se servem de uma espécie de pequena mesa feita a propósito de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco de altura, com três pés, um dos quais leva um lápis e os outros dois são arredondados ou guarnecidos de pequenas bolas de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outros se servem simplesmente de uma *prancheta* de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, oblonga ou oval. Sobre uma das bordas tem um buraco *oblíquo* onde se põe o lápis. Colocado para escrever, ele se acha inclinado e se apoia por um de seus lados sobre o papel. O lado que pousa sobre o papel é algumas vezes guarnecido de duas pequenas bolas para facilitar o movimento. Compreende-se que todos esses dispositivos nada têm de absoluto; o mais cômodo é o melhor.

Com todos esses aparelhos, é necessário sempre serem duas pessoas a operar. Não é preciso que a segunda pessoa seja dotada de faculdades mediúnicas: serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir o cansaço do médium.

157. Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, por oposição à *psicografia direta* ou *manual* obtida pelo próprio médium. Para compreender esse último procedimento, é preciso se dar conta do que se passa nessa operação. O Espírito estranho que se comunica age sobre o médium; este, sob essa influência, dirige *maquinalmente* seu braço e sua mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve. A mão se agita sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é, de modo algum, a cesta que se torna inteligente*; ela é um instrumento dirigido por uma inteligência. Na realidade, é um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprima esse intermediário e coloque o lápis na mão do médium, terá o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, porque o médium escreve como o faz em condições normais. Assim, toda pessoa que escreve com a ajuda de uma cesta, prancha ou outro objeto, pode escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, a *escrita à mão*, chamada por alguns de *escrita involuntária*, é, sem contradita, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo, porque não exige nenhuma preparação e se

presta como a escrita corrente às dissertações mais longas. Voltaremos ao assunto quando falarmos a respeito dos médiuns.

158. No começo das manifestações, quando não se tinha ideia precisa sobre o assunto, muita coisa foi publicada com esta designação: *Comunicação de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa* etc. Compreende-se hoje tudo o que essas expressões têm de insuficiente e de errado, abstração feita de seu caráter pouco sério. Com efeito, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não são senão instrumentos ininteligentes, ainda que animados momentaneamente de vida fictícia, que não podem comunicar nada por elas mesmas. Aqui toma o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio. Seria o mesmo que um autor colocasse sobre o título de sua obra que a escrevera com pena metálica ou com pena de ganso. Esses instrumentos não são absolutos. Conhecemos alguém que, no lugar da *cesta-pião* que descrevemos, se servia de um funil no gargalo do qual passou o lápis. Poderia, então, haver comunicações de funil, de caçarola ou de uma saladeira. Se essas comunicações têm lugar por meio de pancadas, que essas pancadas sejam batidas por uma cadeira ou um bastão, não é mais uma mesa falante, mas uma cadeira falante ou um bastão falante. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas o modo de obtenção. Se a comunicação tem lugar pela escrita, seja qual for o suporte do lápis, o que há, para nós, é *psicografia*. Se for pelos golpes, é a *tiptologia*. O Espiritismo tomando proporções de ciência tem necessidade de uma linguagem científica.

MÉDIUNS

Médiuns de efeitos físicos – Pessoas elétricas – Médiuns sensitivos ou impressionáveis – Médiuns sonâmbulos – Médiuns curadores – Médiuns pneumatógrafos.

159. Toda pessoa que sente a influência de Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é um médium. Essa faculdade é inerente ao homem e, por isso, não é de modo algum um privilégio exclusivo e são poucas as pessoas que não as têm. Pode-se dizer, então, que todo mundo é mais ou menos médium. Entretanto, essa qualificação não se aplica senão àqueles cuja faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. Deve-se notar que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, uma aptidão especial para cada ordem de fenômeno, que apresentam tantas variedades quantas as espécies de manifestações. As principais são: *médiuns de efeitos físicos; médiuns sensitivos ou impressionáveis; auditivos; falantes; videntes; sonâmbulos; curadores; pneumatógrafos; escreventes ou psicógrafos.*

160. Os *médiuns de efeitos físicos* estão mais especialmente aptos a produzir fenômenos materiais, tais como os movimentos de corpos inertes, os ruídos etc. Pode-se dividi-los em médiuns *facultativos* e *médiuns involuntários*. (Ver a segunda parte, capítulos II e IV.)

Os *médiuns facultativos* são aqueles que têm consciência de seu poder e que produzem fenômenos espíritos por ato de sua vontade. Essa faculdade, inerente à espécie humana como já tivemos ocasião de dizer, está longe de existir entre todos no mesmo grau. Mas, se há poucas pessoas entre as quais seja absolutamente nula, aquelas que estão aptas a produzir grandes efeitos, tais como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte e, sobretudo, as aparições são mais raras ainda. Os efeitos mais simples são a rotação de objetos, de golpes ou pancadas dadas pelo movimento desse objeto ou no interior da própria substância. Sem dar importância demasiada a esses fenômenos, também é bom não negligenciá-los. Podem dar lugar a observações interessantes e ajudar a convicção. Note-se que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe entre aqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita ou a palavra. Geralmente, a faculdade diminui em um sentido à medida que se desenvolve em outro.

161. Os *médiuns involuntários* ou *naturais* são aqueles cuja influência se exerce sem querer. Não têm nenhuma consciência de seu poder e, muitas vezes, o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece nada extraordinário. Isso faz parte deles, como as pessoas dotadas da segunda visão e que nem suspeitam disso. Essas pessoas são dignas de observação e não se deve negligenciar de recolher e estudar os fatos desse gênero que chegam ao nosso conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e muitas vezes entre crianças bem pequenas. (Ver o capítulo “Manifestações físicas espontâneas”.)

Esta faculdade não é, de modo algum, por si mesma, o indício de um estado patológico, porque não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui está doente, isso vem de uma causa estranha. Assim, os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la desaparecer. Pode ser consecutiva, em certos casos, de uma fraqueza orgânica, mas não é a causa eficiente. Não seria razoável, então, inquietar-se com ela do ponto de vista da saúde. O inconveniente viria se a pessoa, tornando-se médium facultativo, fizesse dessa faculdade uso abusivo. Nesse caso, ela teria emissão demasiado abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta à ideia das torturas morais e físicas as quais a Ciência submeteu algumas vezes seres fracos e delicados, a fim de se assegurar que não havia trapaça da parte deles. Essas *experimentações*, muitas vezes feitas com más intenções, são sempre prejudiciais aos organismos sensíveis. Isso poderia resultar em graves desordens no organismo. Fazer tais provas é brincar com a vida. O observador de boa-fé não tem necessidade do emprego desses meios. Aquele que está familiarizado com essas espécies de fenômenos sabe que eles pertencem mais à ordem moral que física, e que em vão se procurará a solução nas nossas ciências exatas.

Por isso mesmo que esses fenômenos pertencem à ordem moral, deve-se evitar com o maior cuidado tudo o que pode excitar a imaginação. Sabe-se dos acidentes que o medo pode ocasionar e haveria menos imprudência se conhecêssemos todos os casos de loucura e neuroses que têm origem nos contos de lobisomem e bicho-papão. Então, o que aconteceria se estivessem convencidos de que se trata do *diabo*? Aqueles que acreditam em tais ideias não sabem a responsabilidade que assumem; eles *podem matar*. Ora, o perigo não é só pelo doente, é também para aqueles que o rodeiam, que podem ficar apavorados pelo pensamento de que sua casa tornou-se um depósito de demônios. É essa crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Com um pouco mais de discernimento, entretanto, se compreenderia que, queimando os corpos considerados possuídos pelo diabo, não se queimavam o diabo. Desde que se queria ficar livre do diabo, era ele que deviam matar. A Doutrina Espírita, nos esclarecendo sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, dá nessa crença o golpe de misericórdia. *Então, longe de fazer nascer essa ideia, deve-se como um dever de moralidade e de humanidade, combatê-la onde exista.*

O que é necessário fazer, quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente num indivíduo, é deixar o fenômeno seguir seu curso natural: a Natureza é mais prudente que os homens. A Providência tem seus planos e a mais humilde criatura pode ser o instrumento dos maiores desígnios. Mas é necessário convir que esse fenômeno adquira

algumas vezes proporções fatigantes e importunas para todos¹. Em todos esses casos eis o que fazer. No capítulo V, “Manifestações físicas espontâneas”, já demos alguns conselhos sobre o assunto, dizendo que é necessário entrar em contato com o Espírito para saber o que ele quer. O meio seguinte tem como base a observação.

Os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são, em geral, Espíritos de ordem inferior e que se pode dominar pela ascendência moral; é essa ascendência que é necessário adquirir. (Ver os n^{os} 251, 254 e 259.)

Para obter essa ascendência, é necessário passar de *médium natural* para *médium facultativo*. Produz-se, então, um efeito parecido àquele que tem lugar no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa, geralmente, quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se extingue a faculdade emancipadora da alma: apenas se dá a ela outro curso. O mesmo acontece com a faculdade mediúmica. Para isso, em lugar de entravar os fenômenos, o que raramente se consegue e que apresenta perigos, é preciso exercitar o médium a produzi-los à sua vontade se impondo ao Espírito. Por esse meio o médium consegue dominá-lo e de um dominador algumas vezes tirânico faz um ser subordinado e frequentemente muito dócil. Um fato digno de nota e justificado pela experiência é que em caso semelhante uma criança tem tanta ou mais autoridade que um adulto. Nova prova que vem em apoio do ponto principal da Doutrina: que o Espírito só é criança no corpo e que tem em si um desenvolvimento anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que lhe dá ascendência sobre Espíritos que lhes são inferiores.

¹ **Nota:** Um dos fatos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza do fenômeno, é, sem dúvida, aquele que teve lugar em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. É tanto mais digno de nota porque reúne, mais ou menos e) na mesma pessoa, todos os gêneros de manifestações espontâneas: algazarra a agitar a casa, movimentação dos móveis, objetos lançados ao longe por mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons pelo ar, instrumentos tocando sozinhos, comunicações inteligentes etc., e o que não é de pouca importância, a constatação desses fatos durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de fé por seu saber e sua posição social. O relato autêntico foi publicado na época em muitos jornais alemães e, notadamente, numa brochura hoje esgotada e muito rara. A tradução completa acha-se na *Revista Espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessários. Segundo sabemos, é a única publicação francesa que foi feita. Além do interesse que esses fenômenos despertam, são muito instrutivos do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

A moralização do Espírito pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente, se o médium não está em estado de fazê-lo, é um meio muito eficaz. Mais tarde voltaremos ao assunto.

163. É a essa categoria de médiuns que parecem pertencer as pessoas dotadas de uma certa dose de eletricidade natural, verdadeiras *pillhas humanas*, produzindo pelo simples contato todos os efeitos da atração e da repulsão. Entretanto, é errado olhá-los como médiuns, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito. Ora, no caso do qual falamos, experiências concludentes provaram que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Essa faculdade bizarra, que quase se pode chamar de uma enfermidade, pode se aliar à mediunidade, como se pode ver na história do Espírito batedor de Bergzabern; mas, às vezes, ela é completamente independente. Assim, como dissemos, a única prova da intervenção de Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Desde que esse caráter não exista, pode-se atribuí-los a uma causa puramente física. A questão é saber se as *pessoas elétricas* teriam aptidão maior para se tornar médiuns de efeitos físicos. Acreditamos nisso, mas seria resultado de experiência.

Médiuns sensitivos ou impressionáveis

164. Chamam-se assim as pessoas suscetíveis de sentir a presença de Espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de toque na pele, nos membros, que elas próprias não sabem o que seja. Essa variedade não tem caráter bem definido; todos os médiuns são necessariamente impressionáveis. A impressionabilidade é assim mais uma qualidade geral que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não pode ser confundida, porque há pessoas que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos a presença de Espíritos, como outras bem sensíveis que nada percebem.

Essa faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir uma tal sutileza que aquele que dela é dotado reconhece, não só a natureza boa ou má do Espírito que está ao seu lado, mas sua individualidade, como o cego reconhece não sei como a aproximação de tal ou tal pessoa.

Assim torna-se, em relação aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito faz sempre uma impressão boa e agradável. A de um mau, ao contrário, é penosa, ansiosa e desagradável; tem como que um cheiro de impureza.

Médiuns auditivos

165. Eles ouvem a voz dos Espíritos. É o que dissemos falando da pneumatofonia. Algumas vezes trata-se de uma voz íntima falando no interior da mente; outras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta como aquela de uma pessoa viva. Os médiuns auditivos podem assim entrar em conversação com os Espíritos. Assim que têm o hábito de se comunicar com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo tom de voz. Quando não se é dotado dessa faculdade, pode-se igualmente comunicar com um Espírito por intermédio de um médium auditivo que faz o papel de intérprete.

Essa faculdade é muito agradável quando o médium só ouve bons Espíritos ou apenas os que ele evoca. Não é a mesma coisa quando um mau Espírito se apega a ele e o faz ouvir a cada instante coisas desagradáveis e muitas vezes inconvenientes. É necessário deles se desembaraçar pelos meios que indicamos no capítulo XXIII, “A Obsessão”.

Médiuns falantes

166. Os médiuns audientes que só transmitem o que ouvem não são, propriamente, *médiuns falantes*. Estes últimos, muito frequentemente, não ouvem nada. Neles, o Espírito age sobre os órgãos da palavra como age sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo se comunicar, o Espírito se serve do órgão que é mais flexível no médium. De um, empresta a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, a audição. O médium falante se exprime, geralmente, sem ter consciência do que diz; com frequência diz coisas completamente fora de suas ideias habituais, de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência. Ainda que esteja perfeitamente acordado e no estado normal, raramente conserva a lembrança do que diz. Resumindo, a palavra dele é um instrumento

de que o Espírito se serve e com a qual uma pessoa estranha pode entrar em comunicação, como se faz no caso de um médium audiente.

A passividade do médium falante não é sempre tão completa; alguns têm intuição do que dizem no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Voltaremos ao assunto quando trataremos dos médiuns intuitivos.

Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes têm a faculdade de ver os Espíritos. Há os que gozam dessa faculdade no estado normal, enquanto estão perfeitamente acordados, guardando lembrança exata deles. Outros só no estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. Essa faculdade raramente é permanente. É quase sempre o efeito de uma crise momentânea e passageira. Pode-se colocar na categoria de médium vidente todas as pessoas dotadas da segunda visão. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho resulta de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, os médiuns videntes. Explicamos esse fenômeno no capítulo VI, “Manifestações visuais”.

O médium vidente julga ver com os olhos, como aqueles que têm a dupla visão; mas, na realidade, é a alma que vê. É por isso que esses médiuns veem tão bem com os olhos abertos como com os olhos fechados; de onde se conclui que um cego pode ver Espíritos como aquele que tem a vista intacta. Sobre esse ponto há um estudo interessante a fazer, é saber se essa faculdade é mais frequente entre os cegos. Os Espíritos que foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham a percepção de certos objetos pela alma e que não estavam mergulhados na obscuridade total.

168. É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, principalmente no momento da morte de pessoas que se amou ou conheceu e que vieram avisar que não são mais deste mundo. Há numerosos exemplos de fatos desse gênero, sem falar das visões durante o sono. Outras vezes, são parentes ou amigos, ainda que mortos há mais ou menos tempo, aparecem, seja para avisar de um perigo,

seja para dar um conselho ou pedir um serviço. O serviço que um Espírito pode reclamar está geralmente no cumprimento de uma coisa que ele não pode fazer em vida, no socorro das preces. Essas aparições são fatos isolados que têm sempre um caráter individual e pessoal e não constituem uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, ao menos muito frequente de ver Espíritos, mesmo os estranhos. É essa faculdade que constitui, propriamente falando, os médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, há os que só veem os que evocam e dos quais podem fazer uma descrição com minuciosa exatidão. Descrevem os menores detalhes de seus gestos, a expressão da fisionomia, os traços do rosto, as roupas e até os sentimentos dos quais parecem animados. Há outros entre os quais essa faculdade é ainda mais geral: veem toda a população espírita ambiente ir, vir e, poderíamos dizer, entregue a seus afazeres.

169. Certa noite, assistimos à representação da ópera *Obéron* com um médium vidente muito bom. Havia na sala um grande número de lugares vazios, mas dos quais muitos estavam ocupados por Espíritos que tinham o ar de tomar parte no espetáculo; alguns iam para perto dos espectadores e pareciam escutar sua conversação. No palco se passava uma outra cena: atrás dos atores, muitos Espíritos de humor jovial se divertiam em contracená-los, imitando seus gestos de uma maneira grotesca. Outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para lhes dar energia. Um deles estava constantemente perto de uma das principais cantoras. Acreditamos que suas intenções eram um tanto levianas. Nós o chamamos após o encerramento do ato. Ele veio a nós e reprovou com alguma severidade nosso julgamento temerário: “Não sou o que vocês pensam — disse ele — sou seu guia, seu Espírito protetor; estou encarregado de dirigi-la”. Após alguns minutos de conversação séria, nos deixou dizendo: “Adeus, ela está no seu camarim, é preciso que eu vá velar por ela”. Evocamos em seguida o Espírito de Weber, autor da ópera e lhe perguntamos o que pensava da execução de sua obra. “Não está mal, disse ele, mas está fraca; os atores se limitam a cantar, é tudo, faltou inspiração”. Depois acrescentou:

“Esperem, vou tentar lhes dar um pouco do fogo sagrado. Então, nós o vimos no palco, planando sobre os atores; um eflúvio parecia partir dele e se derramar sobre os atores. Nesse momento, houve entre eles um aumento visível de energia.

170. Eis um outro caso que prova a influência dos Espíritos sobre os homens, sem que estes o percebam. Estávamos, como naquela noite, em uma representação teatral com outro médium vidente. Tendo estabelecido conversação com um *Espírito espectador*, este nos disse: “Estão vendo aquelas duas senhoras sozinhas naquele camarote de primeira? Pois bem! Vou me esforçar para que deixem a sala”. Isso dito, foi se colocar no camarote em questão e falar às duas senhoras. De repente, estas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se olharam, pareceram se consultar, depois se foram e não voltaram mais. O Espírito nos fez um gesto cômico para mostrar que ele tinha mantido sua palavra, mas nós não o revimos mais para pedir mais explicações. É assim que pudemos, muitas vezes, ser testemunhas do papel que os Espíritos representam entre os vivos. Nós os temos observado em diferentes lugares de reunião, no baile, no concerto, no sermão, em funerais, em casamentos etc., e em todos os lugares os encontramos atizando más paixões, fomentando a discórdia, excitando as brigas, se regozijando de suas proezas. Outros, ao contrário, combatem essa influência perniciosa, mas só raramente são ouvidos.

171. Sem dúvida, a faculdade de ver Espíritos pode se desenvolver, mas é uma das faculdades que é melhor esperar o desenvolvimento natural sem o provocar, se não quiser ser o juguete de sua imaginação. Quando o germe de uma faculdade existe, ela se manifesta por si própria. Em princípio, é preciso ficar contente com aquilo que Deus nos deu, sem procurar o impossível. Querendo ter demais, arrisca-se a tudo perder.

Quando falamos que as aparições espontâneas são frequentes (nº 107), não quisemos dizer que são comuns. Quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, são mais raros ainda e deve-se desconfiar daqueles que dizem gozar dessa faculdade. É prudente só ter fé com provas positivas. Não falamos também daqueles que têm a ridícula

ilusão dos Espíritos glóbulos, a que nos referimos no item nº 108, mas àqueles que pretendem ver os Espíritos de uma maneira racional. Certas pessoas podem, sem dúvida, se enganar de boa-fé, mas outras podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, é preciso ter em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habitual dessa pessoa. É sobretudo nas circunstâncias de detalhes que se pode encontrar o controle mais seguro, porque há casos que não podem deixar dúvida, como, por exemplo, a exatidão do retrato do Espírito feito pelo médium que jamais o conheceu em vida. O fato seguinte está nessa categoria:

Uma senhora viúva, cujo marido se comunicava frequentemente, achava-se com um médium vidente que não a conhecia e muito menos à sua família. O médium disse: “Vejo um Espírito perto da senhora”. “Ah! — disse a senhora — é, sem dúvida, meu marido que não me deixa quase nunca”. “Não — respondeu o médium — é uma mulher de certa idade; ela tem uma fita branca na cabeça”.

Por essa particularidade e outros detalhes descritos, a senhora reconheceu sua avó, em quem absolutamente pensava no momento. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria fácil aproveitar o pensamento da senhora. No lugar do marido, em quem ela pensava, o médium viu uma mulher com um penteado particular de que nada poderia lhe dar ideia. Esse fato prova uma outra coisa: que a visão, no médium não era o reflexo de nenhum pensamento estranho. (Ver nº 102).

Médiuns sonâmbulos

172. O sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor dizendo, são duas ordens de fenômenos que se acham quase sempre reunidas. O sonâmbulo age sob a influência de seu próprio Espírito. É sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora dos limites dos sentidos. O que ele exprime tira dele mesmo, suas ideias são mais exatas que no estado normal, seus conhecimentos mais extensos porque sua alma é livre. Ele vive por antecipação a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência estranha; é passivo

e o que diz não vem dele. Resumindo, o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento e o médium, o de outrem. O Espírito que se comunica com um médium comum pode também se comunicar com um sonâmbulo; às vezes, mesmo o estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, torna essa comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes. Podem conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos; o que dizem fora do círculo de seus conhecimentos pessoais lhes é sugerido por outros Espíritos. Eis um exemplo notável, no qual a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e do Espírito estranho se revela da maneira mais evidente:

173. Um dos meus amigos usava como sonâmbulo um jovem de 14 ou 15 anos de idade, de inteligência comum e instrução extremamente limitada. Apesar disso, em estado sonambúlico, deu provas de uma lucidez extraordinária e de uma grande perspicácia. Principalmente no tratamento de doenças, fez um grande número de curas tidas como impossíveis. Um dia, dava uma consulta a um doente do qual descrevia o mal com exatidão perfeita. “Isso não basta — lhe disseram — trata-se agora de indicar o remédio”. “Não posso — respondeu o jovem. Meu anjo doutor não está aqui”. “Que você entende por anjo doutor?”. “Aquele que me dita os remédios”. “Então não é você que indica os remédios?”. “Oh! não, pois já lhe disse que é o meu anjo doutor que os indica”.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de *ver* a doença era um trabalho de seu próprio Espírito que, para isso, não tinha necessidade alguma de assistência, mas a indicação dos remédios lhe era dada por um outro. Esse outro não estando lá, o jovem nada podia fazer. Sozinho, era apenas um *sonâmbulo*; assistido pelo que chamava de anjo doutor, era um *sonâmbulo-médium*.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que depende do organismo e que é independente da elevação, do desenvolvimento e mesmo do estado moral da pessoa. Um sonâmbulo pode ser muito lúcido e ser incapaz de resolver certas questões se seu Espírito é pouco avançado. Aquele que fala por si mesmo pode dizer coisas boas ou más, justas ou

falsas, colocar mais ou menos delicadeza e escrúpulo em seus procedimentos, segundo o grau de elevação ou de inferioridade de seu próprio Espírito. É então que a assistência de um Espírito estranho pode suprir suas deficiências, mas um sonâmbulo pode ser assistido por um mentiroso, leviano ou mesmo mau, como acontece com os médiuns. É aqui que as qualidades morais têm grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver *O Livro dos Espíritos*, “Sonambulismo”, nº 425; e, neste, o cap. XX, “Influência moral do médium”.)

Médiuns curadores

175. Mencionamos aqui essa variedade de médiuns apenas de passagem, porque esse assunto exigiria demasiados estudos para nosso esquema. Sabemos que um médico de amigos nossos propôs tratar desse assunto numa obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que esse gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque, pelo olhar, por um gesto, sem o socorro de nenhuma medicação. Dirão, sem dúvida, que não é outra coisa senão o magnetismo. É evidente que o fluido magnético representa aqui um grande papel; mas, quando se examina esse fenômeno com cuidado, se reconhece que há alguma coisa a mais. A magnetização comum é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; nesse caso, as coisas se passam de modo diferente. Quase todos os magnetizadores estão mais ou menos aptos a curar, se souberem agir convenientemente. Enquanto entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, alguns a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma força oculta que constitui a mediunidade torna-se evidente em certas circunstâncias, quando se considera que a maioria das pessoas que se pode, com razão, qualificar de médiuns curadores têm recurso na prece, que é uma verdadeira evocação. (Ver nº 131).

176. Eis as respostas que nos foram dadas para as perguntas seguintes aos Espíritos sobre o assunto:

1ª *Pode-se considerar as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médium?*

“Disso não se pode duvidar.”

2ª *Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem. Ora, o magnetizador, tirando sua força de si próprio, não parece ser o intermediário de nenhuma força estranha?*

“Isso é um erro, a força magnética está no homem, sem dúvida, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que o médium chama em seu socorro. Se magnetizas para curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa em ti e em teu doente, aumenta tua força e tua vontade, dirige teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

3ª *Há bons magnetizadores que não acreditam em Espíritos?*

“Pensas então que os Espíritos agem só sobre aqueles que acreditam neles? Aqueles que magnetizam para o bem são ajudados pelos bons Espíritos. Todo homem que deseja fazer o bem os chama sem se aperceberem, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e das más intenções, ele chama os maus.”

4ª *Aquele que, tendo a força, acreditasse na intervenção dos Espíritos, agiria mais eficazmente?*

“Faria coisas que seriam vistas como milagres.”

5ª *Certas pessoas têm verdadeiramente o dom de curar pelo simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?*

“Certamente, não há tantos exemplos disso?”

6ª *Nesse caso, há ação magnética ou apenas influência de Espíritos?*

“Um e outro. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, desde que ajam sob a influência de Espíritos, mas não se pode dizer que sejam médiuns curadores, como o entendes.”

7ª *Esse poder pode ser transmitido?*

“O poder, não, mas o conhecimento das coisas necessárias para exercê-lo, se o possui. Há pessoas que nem suspeitariam ter esse poder se não acreditassem que ele lhe é transmitido.”

8ª *Pode-se obter curas apenas pelas preces?*

“Sim, algumas vezes, desde que Deus o permita, mas talvez para o bem do doente seja de sofrer ainda; então acreditam que suas preces não foram ouvidas.”

9ª *Há fórmulas de preces mais eficazes umas que outras?*

“Só a superstição pode atribuir virtude a certas palavras. Só Espíritos

ignorantes ou mentirosos podem conservar semelhantes ideias prescrevendo fórmulas. Entretanto, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes dar confiança. Nesse caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que é aumentada pela ideia dada ao emprego dela.”

Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se esse nome aos médiuns aptos a obter a escrita direta, o que não é dado a todo médium escrevente. Esta faculdade é, até o presente, muito rara. Ela, provavelmente, se desenvolve pelo exercício, mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma constatação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência nos pode revelar se a temos ou não. Pode-se experimentar e além disso pode-se perguntar a um Espírito protetor por outros meios de comunicação. Segundo a maior ou menor poder do médium, obtém-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. É suficiente colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer ou designado pelo Espírito, durante dez minutos ou um quarto de hora, algumas vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais. Por isso é impossível se obter qualquer coisa em reunião de pessoas pouco sérias, ou que não estivessem animadas por sentimentos simpáticos e benevolentes. (Ver a teoria da escrita direta, cap. VIII, “Laboratório do mundo invisível”, nº 127 e seguintes, capítulo XII, “Pneumatografia”.)

Nos próximos capítulos, trataremos dos médiuns escreventes, de uma maneira especial.

MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns Mecânicos, Semimecânicos, Inspirados ou Involuntários, de Pressentimentos.

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. É para ele que se devem encaminhar todos os esforços, porque permite estabelecer com os Espíritos relações tão seguidas e tão regulares como aquelas que existem entre nós. Deve-se dedicar tanto mais a ela porque é pela escrita que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade que têm de se exprimir, eles nos fazem conhecer seus pensamentos íntimos e nos colocam em posição de julgá-los e apreciá-los em seu justo valor. A faculdade de escrever, para um médium, é a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício.

Médiuns mecânicos

179. Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não poderemos duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita, por vezes, com tanta violência que escapa da mão do médium. Algumas vezes, ela se dirige para certas pessoas do círculo para nelas bater. De outras seus movimentos testemunham sentimento

afetuoso. A mesma coisa acontece quando o lápis é colocado na mão; às vezes é lançado ao longe com força, ou então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa com cólera, mesmo que o médium esteja na maior calma e se admire de não estar senhor de si. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam sempre a presença de Espíritos imperfeitos. Os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benfazejos, se não são ouvidos convenientemente se retiram e outros tomam o seu lugar. O Espírito pode, então, exprimir diretamente seu pensamento, seja pelo movimento de um objeto cuja mão do médium é apenas o ponto de apoio, seja por sua ação sobre a própria mão do médium.

Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, dá a esta um impulso completamente independente da vontade do médium. A mão avança sem interrupção e malgrado o médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer e só se detém quando termina.

O que caracteriza o fenômeno nesta circunstância é que o médium não tem a mínima ideia do que escreve. A inconsciência absoluta, no caso, constitui aquilo que se chama de *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é preciosa porque não pode deixar nenhuma dúvida sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento tem lugar também por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que damos esse nome ao Espírito encarnado. O Espírito estranho, no caso, não age sobre a mão para fazê-la escrever, não a segura, não a guia, age sobre a alma com a qual se identifica. A alma sob esse impulso dirige a mão e a mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante saber, é que o Espírito comunicante não substitui a alma do médium, porque não saberia deslocá-la; ele a domina e, à revelia dela, impõe-lhe sua vontade. Nessa circunstância, o papel da alma não é absolutamente passivo; é ela que recebe o pensamento do Espírito e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, ainda que não seja seu próprio pensamento; é o que se chama de *médium intuitivo*.

Assim sendo, dirão, nada prova que seja um Espírito estranho quem escreve, não o do médium. A distinção é, com efeito, algumas vezes bem difícil de fazer, mas isso pouco importa. Entretanto, pode-se reconhecer que o pensamento sugerido nunca é preconcebido; ele nasce à medida que se escreve. Frequentemente é contrário à ideia anterior que se tinha formado; pode estar além dos conhecimentos e das capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é aquele de uma máquina; o intuitivo age como o faria um intérprete. Este, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo, assimilá-lo de alguma maneira para poder traduzir com fidelidade. Esse pensamento não é seu; apenas atravessa seu cérebro. Este é exatamente o papel do médium intuitivo.

Médiuns semimecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa dos dois; sente um impulso dado à sua mão sem a participação de sua vontade, ao mesmo tempo tem consciência do que escreve à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento segue o ato da escrita; no segundo, o precede; no terceiro, o acompanha. Estes últimos são os mais numerosos.

Médiuns inspirados ou involuntários

182. Toda pessoa que, seja no estado normal, seja no estado de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias anteriores, pode ser considerada médium inspirado. É, como se vê, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta aí é bem menos sensível, porque, no inspirado, é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio daquele que é sugerido. O que caracteriza este último é a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, mas é mais a ajuda daqueles que nos querem bem e que não fazemos questão de seguir os conselhos. Ela se aplica a todas as circunstâncias da

vida, nas resoluções que devemos tomar. Nesse sentido, pode-se dizer que todos são médiuns, porque não há ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares que fazem esforços para sugerir a seus protegidos pensamentos salutares. Se todos estivessem compenetrados dessa verdade, teríamos mais frequentemente a inspiração do anjo da guarda nos momentos em que não se sabe o que dizer ou o que fazer. Que se invoque o Espírito protetor com fervor e confiança em caso de necessidade e ficaremos admirados das ideias que surgirão como por encanto, seja para tomar uma decisão difícil, ou para alguma coisa importante a fazer. Se nenhuma ideia vier, deve-se esperar. A prova de que a ideia que surge é estranha a si é que, se ela fosse dele, estaria sempre à sua disposição, não havendo razão para que não se manifestasse à vontade. Quem não é cego é só abrir os olhos para ver. Do mesmo modo, aquele que tem ideias próprias, as terá sempre à sua disposição. Se essas ideias não lhe vêm à vontade, o médium é obrigado a buscá-las fora de si mesmo.

Nessa categoria estão ainda pessoas que, sem serem dotadas de inteligência superior e sem sair do estado normal, têm relâmpagos de lucidez intelectual que lhes dá, momentaneamente, uma facilidade admirável de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos que se chamam justamente de inspiração, as ideias abundam, seguem-se, encadeiam-se por assim dizer sozinhas, por uma impulsão involuntária e quase febril. Parece que uma inteligência superior veio nos ajudar e que nosso Espírito ficou livre de um fardo.

183. Todos os homens de gênio, artistas, sábios, literatos, são, sem dúvida, Espíritos avançados, capazes por si próprios de compreender e conceber grandes coisas. Ora, é precisamente porque são capazes que os Espíritos que querem o cumprimento de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias. É assim que são *médiuns sem o saberem*. Eles têm uma vaga impressão de uma assistência estranha, porque aquele que faz um apelo à inspiração não faz outra coisa que uma evocação. Se não esperava ser ouvido, porque diria com tanta frequência: “Meu bom gênio, venha ajudar-me.”

As respostas seguintes confirmam essa asserção:

1ª *Qual é a causa primeira da inspiração?*

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.”

2ª *A inspiração tem por objeto apenas a revelação de grandes coisas?*

“Não. Ela tem, muitas vezes, relação com as circunstâncias mais comuns da vida. Por exemplo, você quer ir a alguma parte: uma voz secreta diz para não ir, porque há perigo, ou então, essa voz diz para fazer uma coisa na qual você nem pensava; é a inspiração. Há bem poucas pessoas que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos.”

3ª *Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração, podem ser considerados médiuns?*

“Sim, porque nesses momentos sua alma está mais livre e como que separada da matéria, então recobra em parte sua faculdade de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações de outros Espíritos que a inspiram.”

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Podem ter uma espécie de dupla visão que lhes permite ver as consequências de coisas presentes e o encadeamento dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, é feita de comunicações ocultas e é nesse caso que se pode dar a eles o nome de *médiuns de pressentimentos*, que são uma variedade dos *médiuns inspirados*.

MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns — Quadro Sinótico das Diferentes Variedades dos Médiuns.

185. Além das categorias de médiuns que enumeramos, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuances que constituem o que se chama de médiuns especiais, dotados de aptidões particulares ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relacionada à natureza do Espírito e leva o selo de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas o mérito é o mesmo quanto à hierarquia, há incontestavelmente entre eles uma propensão a se ocupar mais de uma coisa que de outra. Os *Espíritos batedores*, por exemplo, não saem nunca das manifestações físicas. Entre aqueles que dão manifestações inteligentes, há Espíritos de poetas, musicistas, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Falamos de Espíritos de ordem média, porque, chegadas a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há a do médium, que é para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível e no qual descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um grande músico tem ao seu dispor muitos violinos, que, para a pessoa comum, são bons instrumentos, mas entre os quais um grande artista faz diferença, percebendo nuances

de extrema delicadeza que lhe farão escolher uns e rejeitar outros, nuances que compreende mais por intuição, mas que não pode definir. O mesmo acontece com os médiuns. Com qualidades iguais em forças mediúnicas, o Espírito dará preferência a um ou a outro, segundo o gênero de comunicação que ele quer fazer. Assim, veem-se pessoas escreverem, como médiuns, admiráveis poesias, ainda que, em condições ordinárias, não tenham podido ou sabido fazer dois versos. Outras, ao contrário, que são poetas e que, como médiuns, não puderam nunca escrever senão prosa, malgrado seu desejo. A mesma coisa acontece com o desenho, com a música etc. Há os que, sem terem conhecimentos científicos, têm uma aptidão particular para receber comunicações dessa ordem. Outros são pelos estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérprete aos Espíritos moralistas. Resumindo, seja qual for a flexibilidade do médium, as comunicações que recebe com mais facilidade têm geralmente um selo especial. Há mesmo os que não saem de um certo círculo de ideias e, quando dele se afastam, têm comunicações incompletas, lacônicas e frequentemente falsas. Fora das causas de aptidão, os Espíritos se comunicam ainda mais ou menos de bom grado por tal ou tal intermediário, segundo suas simpatias. Assim, com as mesmas condições, aliás, o mesmo Espírito será mais explícito com certos médiuns, unicamente porque esses melhor lhes convêm.

186. Seria um erro pensar que só por se ter um bom médium, com escrita fácil, se pudesse obter boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição é, sem dúvida, se assegurar da fonte de onde elas emanam, quer dizer, das qualidades do Espírito que as transmite, contudo, é necessário também prestar atenção às qualidades do instrumento que se dá ao Espírito. É preciso estudar a natureza do médium como se estuda a natureza do Espírito, porque aí estão os dois elementos essenciais para se obter um resultado satisfatório. Existe, ainda, um terceiro elemento que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga, e isso se compreende. *Para que uma comunicação seja boa, é preciso que emane de um bom Espírito; para que esse bom Espírito possa transmiti-la, é preciso um bom instrumento; para que ele queira transmiti-la é necessário*

que a finalidade lhe convenha. O Espírito, que lê no pensamento, julga se a questão que lhe propõem merece uma resposta séria e se a pessoa que a formula é digna de recebê-la. Caso contrário, não perde seu tempo a semear bons grãos sobre pedras. É então que os Espíritos levianos e zombeteiros se metem, porque, pouco se incomodando com a verdade, não olham o assunto como deviam e são geralmente pouco escrupulosos sobre os fins e os meios.

Resumimos aqui os principais gêneros de mediunidade, a fim de apresentar, de alguma maneira, o quadro sinótico, compreendendo aqueles que descrevemos nos capítulos anteriores, indicando os números onde estão com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes variedades de médiuns por analogia de causas e de efeitos, sem que essa classificação tenha algo de absoluta. Algumas se encontram frequentemente; outras, ao contrário, são raras e mesmo excepcionais, o que tivemos cuidado de mencionar. Essas últimas indicações foram fornecidas pelos Espíritos que, de resto, revisaram esse quadro com um cuidado todo particular e o completaram por numerosas observações e novas categorias, de tal sorte que é, por assim dizer, inteiramente obra deles. Indicamos por aspas suas observações textuais quando acreditamos dever ressaltá-las. São, na maior parte, de Erasto e de Sócrates.

Diferentes variedades de médiuns

187. Podem-se dividir os médiuns em duas grandes categorias:

Médiuns de efeitos físicos: aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais ou de manifestações ostensivas. (ver item nº 60)

Médiuns de efeitos intelectuais: aqueles que estão mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. (ver itens nº 65 e os seguintes)

Todas as outras variedades se ligam mais ou menos diretamente a uma ou a outra dessas duas categorias; algumas se ligam às duas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico, e que aos efeitos físicos se junta, às vezes, um efeito inteligente. O limite entre os dois é algumas vezes difícil de estabelecer, mas isso não acarreta maiores

consequências. Sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* estão aqueles que podem mais especialmente servir de intermediários para as comunicações regulares e seguidas. (ver item nº 133.)

188. Variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade:

Médiuns sensitivos: pessoas suscetíveis de sentir a presença de Espíritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maior parte dos médiuns os distingue pela impressão que causam. (ver item nº 164.)

“Os médiuns delicados e muito sensitivos devem se abster de comunicações com Espíritos violentos, ou cuja impressão é penosa, por causa da fadiga que daí resulta.”

Médiuns naturais ou inconscientes: aqueles que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação de sua vontade e na maior parte das vezes à sua revelia. (ver item nº 161.)

Médiuns facultativos ou voluntários: aqueles que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato de sua vontade. (ver item nº 160.)

“Seja qual for essa vontade, os médiuns nada podem fazer se os Espíritos a isso se recusam, o que prova a intervenção de um poder estranho.”

189. Variedades especiais para efeitos físicos:

Médiuns tiptólogos: aqueles por influência dos quais se produzem os ruídos e os golpes. Variedade muito comum com ou sem a participação da vontade.

Médiuns motores: aqueles que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito comum. (ver item nº 61.)

Médiuns de translações e suspensões: aqueles que produzem a translação no espaço e a suspensão de corpos inertes no ar sem qualquer ponto de apoio. Há também aqueles que podem elevar-se a si próprios. Mais ou menos raros, segundo o desenvolvimento do fenômeno: muito raro no último caso. (ver item nº 75 e seguintes.)

Médiuns de efeitos musicais: eles provocam música em certos instrumentos sem contato. Muito raros. (ver item nº 74, questão 24.)

Médiuns de aparições: aqueles que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito raros. (ver item nº 100, questão 27, nº 104.)

Médiuns de transporte: aqueles que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translação. Excepcionais. (ver item nº 96.)

Médiuns noturnos: aqueles que só obtêm certos efeitos físicos na obscuridade. Aqui está a resposta de um Espírito à pergunta para saber se esses médiuns podem ser considerados como formando uma variedade.

“Certamente se pode fazer uma especialidade, mas esse fenômeno tem mais a ver com as condições ambientes do que da natureza do médium ou do Espírito. Devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos podem chegar, pelo exercício, a agir tão bem à luz como na obscuridade. Essa variedade de médium é pouco numerosa e, é necessário dizer, a favor dessa condição, que dá toda liberdade no emprego de truques da ventriloquia e dos tubos acústicos. Charlatães têm abusado frequentemente da credulidade se fazendo passar por médiuns só para ganhar dinheiro. Mas o que importa? Pelotiqueiro de salão, como pelotiqueiro de praça pública, serão desmascarados e os Espíritos lhes provarão que não é bom se intrometer nas suas obras. Sim, repito, certos charlatães serão castigados de uma maneira bem rude, para afastá-los da profissão de falsos médiuns. De resto, isso não durará muito tempo.”— **Erasto**

Médiuns pneumatógrafos: aqueles que obtêm escrita direta. Fenômeno muito raro, e muito fácil de imitar pela trapaça. (ver item nº 77.)

Nota: Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, para colocar a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, dizem, que: “Os efeitos inteligentes são aqueles pelos quais os Espíritos se servem do material cerebral do médium, o que não é o caso na escrita direta; a ação do médium é aqui material, enquanto que no médium escrevente, mesmo completamente mecânico, o cérebro representa sempre um papel ativo”.

Médiuns curadores: são aqueles que têm o poder de curar ou de aliviar as dores pela imposição das mãos ou pela prece.

“Essa faculdade não é essencialmente mediúnica; ela pertence a

todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não; é muitas vezes uma exaltação do poder magnético fortificado, em caso de necessidade, pelo concurso dos bons Espíritos.” (ver item nº 175.)

Médiuns excitadores: são pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, por sua influência, a faculdade de escrever.

“É aqui mais um efeito magnético que um fato de mediunidade propriamente dita, porque nada prova a intervenção de um Espírito. Em todo caso, pertence à ordem dos efeitos físicos.” (ver o cap. XVII, “Formação de Médiuns”.)

190. Médiuns especiais para efeitos intelectuais. Aptidões diversas.

Médiuns auditivos: aqueles que ouvem os Espíritos. Muito comuns. (ver item nº 165.)

“Há muitos que pensam que ouvem aquilo que só está na sua imaginação.”

Médiuns falantes: aqueles que falam sob a influência de Espíritos. Muito comuns. (ver item nº 166.)

Médiuns videntes: aqueles que veem Espíritos em estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito em uma circunstância particular é muito freqüente, mas a visão habitual ou facultativa sem distinção é excepcional. (ver item nº 167.)

“Essa é uma aptidão à qual se opõe o estado atual dos órgãos. Por isso é útil não se crer sempre na palavra dos que dizem ver Espíritos.”

Médiuns inspirados: são aqueles que recebem pensamentos sugeridos pelos Espíritos, muitas vezes à sua revelia, seja para atos comuns da vida, seja para grandes trabalhos da inteligência. (ver item nº 182;)

Médiuns de pressentimentos: pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição das coisas futuras comuns. (ver item nº 184.)

Médiuns proféticos: variedade de médiuns inspirados, ou de pressentimentos. Recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão que os médiuns de pressentimentos, a revelação de coisas futuras de interesse geral. Estão encarregados de fazer conhecer aos homens, para a instrução destes.

“Se há verdadeiros profetas, há também os falsos, que tomam os sonhos de sua imaginação por revelações, quando não são mistificadores

que se fazem passar por tais por ambição.” (ver *O Livro dos Espíritos*, item nº 624, “Caráter do verdadeiro profeta”.)

Médiuns sonâmbulos: aqueles que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (ver item nº 172.)

Médiuns extáticos: aqueles que, em estado de êxtase, recebem revelações dos Espíritos.

“Muitos extáticos são joguetes de sua própria imaginação e Espíritos zombeteiros aproveitam de sua exaltação. São muito raros os que merecem inteira confiança.”

Médiuns pintores ou desenhistas: aqueles que pintam ou desenhavam sob a influência dos Espíritos. Falamos daqueles que obtêm coisas sérias, porque não poderíamos dar esse nome a certos médiuns aos quais os Espíritos zombeteiros fazem produzir coisas grotescas que desabonariam o último dos estudantes.

Os Espíritos levianos são imitadores. Quando apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhadores, aos quais os Espíritos zombeteiros se divertiram a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, para ofuscar os desenhos de Júpiter, ao menos pela dimensão se não pela qualidade, fez um médium desenhar um monumento ocupando um enorme número de folhas para atingir a altura de dois andares. Muitos outros produziram autorretratos, que eram verdadeiras caricaturas. (ver *Revista Espírita*, agosto de 1858.)

Médiuns músicos: aqueles que executam, compõem ou escrevem música sob influência de Espíritos. Há médiuns musicistas mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados como para as comunicações literárias. (ver “Médiuns de efeitos musicais”.)

Variedades de médiuns escreventes:

191. 1ª. Segundo o modo de execução:

Médiuns escreventes ou psicógrafos: aqueles que têm a faculdade de escrever eles mesmos sob a influência de Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros. (ver item nº 179.)

Médiuns semimecânicos: aqueles cuja mão trabalha involuntariamente, mas que têm consciência instantânea das palavras e das frases à medida que escrevem. Os mais comuns. (ver item nº 181.)

Médiuns intuitivos: aqueles a quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é guiada pela vontade. Diferem dos médiuns inspirados, no que estes não têm necessidade de escrever, enquanto que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. (ver item nº 180.)

“São muito comuns, mas também sujeitos a erros, porque não podem discernir o que vem dos Espíritos e o que vem de sua própria cabeça.”

Médiuns polígrafos: aqueles que a escrita muda com o Espírito que se comunica, ou que estão aptos a reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida. O primeiro caso é muito comum; o segundo, aquele da identidade de escrita, é mais raro. (ver item nº 219.)

Médiuns políglotas: aqueles que têm a faculdade de falar ou escrever em idiomas que lhes são estranhos. Muito raros.

Médiuns iletrados: aqueles que escrevem como médiuns, sem saber ler nem escrever no estado normal.

“Mais raros que os precedentes; há uma grande dificuldade a vencer.”

192. 2ª. Segundo o desenvolvimento da faculdade:

Médiuns novatos: aqueles cujas faculdades não estão ainda completamente desenvolvidas e a quem falta a experiência necessária.

Médiuns improdutivos: aqueles que não conseguem obter senão coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem significação. (ver item capítulo XVII, “Formação de Médiuns”.)

Médiuns feitos ou formados: são aqueles cujas faculdades mediúnicas são completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações que recebem com facilidade, prontidão, sem hesitação. Compreende-se que esse resultado só pode ser obtido pelo hábito, enquanto que, entre os novatos, as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos: aqueles cujas comunicações, ainda que fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: as comunicações que recebem têm toda a

amplitude e extensão que se pode esperar de um escrevente conceituado.

“Essa aptidão liga-se à expansão e à facilidade de combinação dos fluidos. Os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que comportam grandes desenvolvimentos.”

Médiuns experimentados: a facilidade de execução é uma questão de hábito que se adquire em pouco tempo, enquanto que a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, julgar suas qualidades boas ou más pelos sinais os mais minuciosos, discernir a mistificação de Espíritos zombadores que se abrigam sob as aparências da verdade. Compreende-se facilmente a importância dessa qualidade, sem a qual todas as outras são sem utilidade real. O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto do organismo. Acreditam-se grandes mestres porque escrevem facilmente. Repudiam todos os conselhos e tornam-se presas de Espíritos mentirosos e hipócritas que os escravizam bajulando seu orgulho. (ver o capítulo XXIII, sobre “Obsessão”.)

Médiuns flexíveis: aqueles cujas faculdades se prestam mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem se manifestar espontaneamente ou por evocação.

“Essa variedade de médiuns se aproxima muito dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos: aqueles por meio dos quais um Espírito se manifesta de preferência e mesmo com a exclusão de todos os outros, e responde pelos que são chamados através do médium.

“Isso se dá por falta de maleabilidade. Quando o Espírito é bom, ele pode se ligar ao médium por simpatia e com uma finalidade louvável; quando ele é mau, tem sempre em vista colocar o médium sob sua dependência. É mais um defeito que uma qualidade, muito vizinho da obsessão.” (ver capítulo XXIII, “Da obsessão”.)

Médiuns de evocações: os médiuns flexíveis são naturalmente os mais apropriados a esse gênero de comunicações e às questões de detalhes que se podem dirigir aos Espíritos. Para os casos de evocação há médiuns inteiramente especiais.

“Suas respostas se limitam quase sempre num quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos assuntos gerais.”

Médiuns de ditados espontâneos: recebem, de preferência, comunicações espontâneas da parte de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando essa faculdade é especial em um médium, é difícil, algumas vezes impossível, fazer uma evocação por seu intermédio.

“Entretanto são mais bem aparelhados que aqueles da variedade anterior. Compreenda que a aparelhagem aqui tratada se refere ao material cerebral, porque é necessário às vezes, direi quase sempre, uma grande soma de inteligência para os ditados espontâneos, aqueles que merecem verdadeiramente esse nome, e não qualquer frase incompleta e alguns pensamentos banais que se encontram em todas as agendas humanas.”

193. 3ª. Segundo o gênero e a especialidade das comunicações:

Médiuns versificadores: obtêm mais facilmente que outras comunicações versificadas. Muito comum para os maus versos; muito raro para os bons.

Médiuns poéticos: sem escrever versos, as comunicações que recebem têm qualquer coisa de vaporoso, de sentimental; sem nenhuma sensação de rudeza; são, mais que outros, apropriados à expressão de sentimentos ternos e afetuosos. Tudo aí é vago, e seria inútil pedir-lhes alguma coisa precisa. Muito comum.

Médiuns positivos: suas comunicações têm, em geral, um caráter de nitidez e de precisão que se presta aos detalhes circunstanciados, aos ensinamentos exatos. Muito raros.

Médiuns literários: não têm o tom vago dos médiuns poéticos, nem o terra a terra dos médiuns positivos. Dissertam com sagacidade; seu estilo é correto, elegante e frequentemente de uma notável eloquência.

Médiuns incorretos: podem obter muito boas coisas, pensamentos de moralidade irrepreensível, mas seu estilo é difuso, carregado de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo vem, geralmente, da falta de cultura intelectual do médium que não é para o Espírito, um bom instrumento sob esse aspecto. O Espírito dá pouca importância para isso. Para ele, o

pensamento é a coisa essencial e deixa livre para o médium dar a forma conveniente. Não é a mesma coisa com as ideias falsas e ilógicas de uma comunicação. São sempre um índice da inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores: são aqueles que têm uma aptidão especial para as dissertações históricas. Essa faculdade, como todas as outras, é independente dos conhecimentos do médium, porque se vê pessoas sem instrução, e mesmo crianças, tratar de assuntos muito além de sua capacidade. Variedade rara de médiuns positivos.

Médiuns científicos: não dizemos sábios, porque podem ser muito ignorantes e não obstante são mais especialmente apropriados às comunicações relativas às ciências.

Médiuns medicinais: sua qualidade é de servir mais facilmente aos Espíritos para as prescrições médicas. É necessário não confundi-los com os *médiuns curadores*, porque eles não fazem senão transmitir o pensamento do Espírito e não têm eles mesmos nenhuma influência. Muito comuns.

Médiuns religiosos: recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso, ou que tratam das questões de religião, não importando suas crenças e seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: suas comunicações têm por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns para as questões morais.

Nota de Erasto: “Todas essas nuances são variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto àqueles que têm uma aptidão especial para certas comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, acima de seu alcance atual, estejam certos de que possuíram esses conhecimentos em uma outra existência, que permaneceram com ele em estado latente. Elas fazem parte de materiais cerebrais necessários ao Espírito que se manifesta. São os elementos que lhe facilitam a via para comunicar suas próprias ideias, porque esses médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais flexíveis do que seria um ignorante”.

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: essas palavras indicam o gênero de comunicações que certos médiuns recebem habitualmente

e a natureza dos Espíritos que as transmitem. Aquele que estudou o mundo espírita em todos os degraus da escala, sabe que há alguns cuja perversidade é igual a dos homens mais depravados, que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos abjetos, se contentam com expressões triviais. Compreende-se que esses médiuns devam ter o desejo de ser liberados da preferência que esses Espíritos lhes dão, que devem invejar aqueles que, nas comunicações que recebem nunca tiveram uma palavra maldosa. Seria preciso uma estranha aberração de ideias e estar separado do bom senso para crer que semelhante linguagem pudesse vir de bons Espíritos.

194. 4ª. Segundo as qualidades físicas do médium:

Médiuns calmos: escrevem com lentidão, sem demonstrar a menor agitação.

Médiuns velozes: escrevem com rapidez maior do que o poderiam fazer voluntariamente no estado normal. Os Espíritos comunicam-se com ele com a rapidez do raio. Poder-se-ia dizer que há neles uma superabundância de fluidos que lhes permite se identificar imediatamente com o Espírito. Essa qualidade tem algumas vezes seu inconveniente, pois a rapidez da escrita torna-a muito difícil para ler por outra pessoa que não seja o médium.

“É muito fatigante, porque o médium despende demasiado fluido.”

Médiuns convulsivos: estão num estado de superexcitação quase febril. Suas mãos e algumas vezes toda sua pessoa é agitada por um tremor que não podem dominar. A causa principal está sem dúvida no organismo, mas também depende muito da natureza dos Espíritos que se comunicam a eles. Os Espíritos bons e benfazejos dão sempre uma impressão doce e agradável; os maus, ao contrário, uma penosa impressão.

“É preciso que esses médiuns não se sirvam senão raramente de sua faculdade mediúnica, da qual, o uso frequente pode afetar o sistema nervoso.” (ver capítulo XXIV, “Identidade dos Espíritos”, o artigo “Distinção dos bons e maus Espíritos”.)

195. 5ª. Segundo as qualidades morais do médium:

Nós os mencionamos de passagem e para completar o quadro, visto que serão desenvolvidos a seguir em capítulos especiais: “Da influência moral dos médiuns”, “Da obsessão”, “Da identidade dos Espíritos” e outros, sobre os quais chamamos uma atenção especial. Aí se verá a influência que as qualidades e as dificuldades dos médiuns podem exercer sobre a segurança das comunicações e quais são os que se pode chamar, com razão, de *médiuns imperfeitos* ou *bons médiuns*.

196. Médiuns imperfeitos:

Médiuns obsedados: aqueles que não podem se desembaraçar de Espíritos importunos e zombeteiros, mas não se enganam com eles.

Médiuns fascinados: aqueles que são enganados por Espíritos zombeteiros e têm ilusão sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: aqueles que sofrem uma dominação moral e às vezes material da parte dos maus Espíritos.

Médiuns levianos: aqueles que não levam a sério sua faculdade e dela se servem por divertimento ou para coisas fúteis.

Médiuns indiferentes: aqueles que não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem e não modificam em nada sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos: aqueles que têm a pretensão de ser os únicos em relação com Espíritos superiores. Acreditam na sua infalibilidade e olham como inferior e errado tudo o que não venha deles.

Médiuns orgulhosos: aqueles que sentem vaidade das comunicações que recebem. Creem não ter mais nada a aprender em Espiritismo. Não tomam para eles as lições que frequentemente recebem da parte dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem, querem tê-las todas.

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos. Eles se ressentem das críticas que suas comunicações podem ser objeto, se aborrecem com a menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para se fazer admirar e não para pedir conselhos. Geralmente têm aversão às pessoas que não os aplaudem sem reservas e abandonam as reuniões nas quais não podem se impor e dominar.

“Deixe-os ir se pavonear alhures e procurar ouvidos mais complacentes ou se retirar no isolamento; as reuniões que privam de sua presença não têm uma grande perda.” – **Erasto**

Médiuns mercenários: aqueles que exploram sua faculdade.

Médiuns ambiciosos: aqueles que, sem colocarem sua faculdade a prêmio, esperam dela tirar vantagens.

Médiuns de má-fé: aqueles que, tendo faculdades reais, simulam aquelas que não têm para se dar importância. Não se pode dar o nome de médium às pessoas que não tendo nenhuma faculdade mediúnica, só produzem efeitos pela charlatanice.

Médiuns egoístas: aqueles que servem de suas faculdades só para uso pessoal e guardam para eles as comunicações que recebem.

Médiuns ciumentos: aqueles que olham com despeito os médiuns mais apreciados que eles e que lhes são superiores.

Todas essas más qualidades têm sua contrapartida no bem.

197. Bons médiuns:

Médiuns sérios: aqueles que não se servem de sua faculdade senão para o bem e para as coisas úteis. Acreditam profaná-la, fazendo-a servir à satisfação dos curiosos e dos indiferentes ou por futilidades.

Médiuns modestos: aqueles que não dão valor às comunicações que recebem, ainda que sejam belas, olham-se como estranhos e não se creem ao abrigo das mistificações. Longe de fugir dos conselhos desinteressados eles os solicitam.

Médiuns devotados: aqueles que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando for necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e mesmo seus interesses materiais, em favor do próximo.

Médiuns seguros: aqueles que, além da facilidade da execução, merecem confiança, por seu caráter, a natureza elevada dos Espíritos que os assistem e que são os menos expostos a ser enganados. Veremos mais tarde que essa segurança não depende dos nomes mais ou menos respeitáveis que tomam os Espíritos.

Nota de Erasto: “É incontestável que expondo assim as qualidades e os erros dos médiuns, isso suscitará contrariedades e mesmo animosidades entre alguns deles; mas o que importa? A mediunidade se espalha a cada dia mais, e o médium que levar a mal estas reflexões provará uma coisa, que não é um bom médium, quer dizer, que é assistido por maus Espíritos. De resto, como já disse, tudo será apenas por um tempo e os maus médiuns, aqueles que abusam ou que fazem mau uso de suas faculdades sofrerão tristes consequências, como já aconteceu para alguns. Aprenderão à própria custa o preço de aproveitar em benefício de suas paixões terrestres um dom que Deus lhe deu para seu desenvolvimento moral. Se não puderem reconduzi-los ao bom caminho, lamenta-os, porque serão reprovados por Deus”.

Nota de Sócrates: “Este quadro é de uma grande importância, não somente para os médiuns sinceros que procurarão de boa-fé, lendo, se preservar das dificuldades às quais estão expostos, mas para todos aqueles que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Esse quadro deveria estar sempre sob os olhos de quem quer que se ocupe de manifestações, assim como da *escala espírita*, da qual é o complemento. Esses dois quadros resumem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que se crê, a reconduzir o Espiritismo ao seu verdadeiro caminho”.

198. Todas essas variedades de médiuns apresentam graus infinitos na sua intensidade. Há muitos que não constituem, propriamente falando, mais que nuances, mas não deixam de ser aptidões especiais. Compreende-se que deve ser muito raro que a faculdade de um médium seja rigorosamente circunscrita em um só gênero. O mesmo médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, mas há sempre uma que predomina, e é essa que ele deve se esforçar para cultivar se ela é útil. É um erro grave querer forçar de qualquer maneira o desenvolvimento de uma faculdade que não se possui. É necessário cultivar todas aquelas de que se reconhece o germe em si, mas perseguir as outras é, primeiro, perder seu tempo e, em segundo lugar, talvez perder, enfraquecer seguramente, aquelas faculdades de que se é dotado.

Nota de Sócrates: “Quando o princípio, o germe de uma faculdade existe, manifesta-se por sinais bem evidentes. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode melhorar muito e obter grandes e belas coisas; se ocupando de tudo, não obterá nada de bom. Notem que o desejo de estender sem limite o círculo de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos não deixam jamais impune, os bons sempre os abandonam e eles se tornam o joguete dos Espíritos mentirosos. Infelizmente não é raro ver médiuns não se contentar com os dons recebidos e aspirar, por amor- próprio ou ambição, possuir faculdades excepcionais próprias a lhes fazerem famosos. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médium seguro*”.

199. O estudo da especialidade dos médiuns é necessário, não somente por estes, mas ainda para o evocado. Segundo a natureza do Espírito que se deseja chamar e as questões que se quer fazer, convém escolher o médium mais apto a dirigir-se ao primeiro que aparece, é se expor a respostas incompletas ou erradas. Façamos uma comparação nos fatos comuns. Não se confia uma redação, mesmo uma simples cópia, ao primeiro que chega, porque ele sabe escrever. Um músico quer executar um trecho de música de sua composição. Tem à sua disposição muitos cantores, todos hábeis; entretanto, não os tomará ao acaso. Escolherá para seu intérprete aquele cuja voz, expressão, todas as qualidades respondam melhor à natureza do trecho. Os Espíritos fazem o mesmo com os médiuns e nós devemos fazer o mesmo com os Espíritos.

É de se notar que às variações que a mediunidade apresenta podem ainda se juntar outras que não estão em relação com o caráter do médium; por exemplo; um médium naturalmente alegre e jovial pode ter habitualmente comunicações graves, severas mesmo e vice-versa. É ainda uma prova evidente que age sob o impulso de uma influência estranha. Voltaremos ao assunto no cap. XX, “Influência Moral do Médium”.

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade — Mudança de caligrafia — Perda e suspensão da mediunidade.

200. Aqui trataremos especialmente dos médiuns escreventes, porque é o gênero de mediunidade mais divulgado e, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo; aquele que dá resultados mais satisfatórios e mais completos. É também aquele que todos ambicionam. Infelizmente não há, até agora, nenhum diagnóstico que possa indicar, mesmo aproximadamente, que se possui essa faculdade. Os sinais físicos, aos quais certas pessoas acreditavam ver os indícios, nada têm de certos. Esses sinais podem ser encontrados nas crianças e nos velhos, entre os homens e as mulheres, qualquer que seja o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de constatar a existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita por meio de cestas e pranchetas ou diretamente com a mão. Este meio é o mais fácil, e pode-se dizer o único empregado hoje em dia, e o que recomendamos de preferência. O procedimento é dos mais simples; consiste unicamente em tomar um lápis e papel e colocar-se na posição de uma pessoa que escreve, sem qualquer outra preparação. Mas, para se ter bom resultado, muitas recomendações são indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos evitar tudo o que possa incomodar o livre movimento da mão. É mesmo preferível que ela não repouse totalmente sobre o papel. A ponta do lápis deve se apoiar para traçar sem encontrar demasiada resistência. Todas as precauções se tornam inúteis quando se consegue escrever correntemente, porque agora nenhum obstáculo poderia parar a mão; são apenas preliminares do aprendizado.

202. É indiferente se servir da pena ou do lápis. Certos médiuns preferem a pena, mas esta só é conveniente àqueles que são formados e escrevem calmamente. Há os que escrevem com tal velocidade que o uso da pena seria quase impossível, ou, pelo menos, muito incômodo. O mesmo ocorre quando a escrita é brusca e irregular, ou quando se trata de Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder se relacionar com Espíritos de pessoas que lhe são caras, mas ele deve moderar sua impaciência, porque a comunicação com um determinado Espírito oferece muitas dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa se comunicar, é necessário que haja entre ele e o médium relações fluídicas que não se estabelecem imediatamente. É só à medida que a faculdade se desenvolve que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para entrar em contato com o primeiro Espírito comunicante. Pode acontecer, também, que aquele com o qual se quer se comunicar não esteja em condições propícias para fazê-lo, *malgrado sua presença*, como pode ser também que não tenha a possibilidade nem a permissão de atender ao apelo que lhe é feito. É por isso que convém, no começo, não se obstinar a pedir um Espírito determinado, à exclusão de qualquer outro, porque acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, é preciso desenvolver a faculdade, e para isso é necessário fazer um apelo geral e se dirigir a seu anjo guardião.

Não há fórmula sacramental. Aquele que pretender indicar alguma pode ser chamado de trapaceiro, porque para os Espíritos a forma não

é importante. Todavia, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes: *Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir a um bom Espírito se comunicar comigo e me fazer escrever; rogo também ao meu anjo guardião me assistir e afastar os maus Espíritos*. Espera-se, então, que um Espírito se manifeste fazendo escrever qualquer coisa. Pode ser aquele que se deseja, como pode ser também um Espírito desconhecido ou o anjo guardião. Em todo caso, geralmente ele se faz conhecer escrevendo seu nome. Mas então se apresenta a questão da *identidade*, uma das que requerem muita experiência, porque há poucos principiantes que não foram expostos a serem enganados. Trataremos dessa questão em capítulo especial.

Quando se quer fazer apelo a Espíritos determinados, é essencial, no começo, não se dirigir senão àqueles que se sabe ser bons e simpáticos e que podem ter um motivo para vir, como parentes ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser assim formulada: *Em nome de Deus, rogo ao Espírito de tal pessoa que se comunique comigo*; ou então: *Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito de tal pessoa se comunicar comigo*; ou outra fórmula representando o mesmo pensamento. Não é necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de tal modo que a resposta seja um simples *sim* ou *não*, por exemplo: “*Você está aí? — Quer me responder? — Pode me fazer escrever?*” etc. Mais tarde essa precaução torna-se inútil. No começo, é apenas uma relação a estabelecer. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se trate de interesse privado e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver capítulo XXV, “Das Evocações”.)

204. Uma coisa ainda mais importante a observar que o modo de apelo é a calma e o recolhimento, juntos a um desejo ardente e uma firme vontade de ser bem-sucedido. Por vontade, não entendemos uma vontade efêmera, que age por impulso e que é a cada minuto seja interrompida por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada, *sem impaciência nem desejos febris*. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e pelo afastamento de tudo o que possa causar distrações. Agora só resta uma coisa a fazer: é

renovar todos os dias suas tentativas durante dez minutos ou um quarto de hora ao menos de cada vez, isso durante quinze dias, um mês, dois meses ou mais, se necessário. Conhecemos médiuns que não se formaram senão depois de seis meses de exercício, enquanto que outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar por outro médium, um Espírito sério e avançado. Mas é de notar que, quando se coloca ao Espírito a questão de saber se ele é ou não médium, respondem quase sempre afirmativamente, o que não impede que os ensaios sejam às vezes infrutíferos. Isso se explica naturalmente. Faz-se a um Espírito uma pergunta geral, ele responde de uma maneira geral. Como se sabe, nada é mais flexível que a faculdade mediúnica, pois pode se apresentar sob formas as mais variadas e em graus muito diferentes. Pode-se, então, ser médium sem se aperceber, e num sentido que não é aquele ao qual se pensa. A esta pergunta vaga: Sou médium? O Espírito pode responder – Sim. A esta outra mais precisa: Sou médium escrevente? Pode responder – Não. É preciso conhecer a natureza do Espírito que se interroga. Há alguns tão levianos e tão ignorantes, que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estouvados. Por isso aconselhamos para se dirigir a Espíritos esclarecidos, que respondem de boa vontade a essas questões e indicam o melhor caminho a seguir, se houver a possibilidade de êxito.

206. Um meio que quase sempre dá bons resultados é empregar como auxiliar momentâneo um bom médium escrevente, flexível, já formado. Se este coloca sua mão ou seus dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que ela não o faça imediatamente. Compreende-se o que se passa nesta circunstância: a mão que segura o lápis se torna um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta ou uma prancheta. Isso não impede de ser esse exercício muito útil quando se pode empregá-lo, visto que, frequente e regularmente repetido, ajuda a transpor o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. É suficiente, algumas vezes, magnetizar, com essa intenção, o braço e a mão daquele que quer escrever. Mas, muitas vezes, o magnetizador se limita a colocar sua mão sobre o ombro e vimos o outro escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito pode se produzir igualmente sem nenhum

contato e por efeito único da vontade. Compreende-se sem esforço que a confiança do magnetizador em sua própria força para produzir esse resultado deve representar um grande papel, e que um magnetizador incrédulo teria pouca ou nenhuma ação.

O concurso de um guia experimentado é muito útil para o iniciante observar uma multidão de pequenas precauções que ele despreza frequentemente em detrimento da rapidez do progresso, principalmente para esclarecer sobre a natureza das primeiras perguntas e a maneira de formulá-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa quando se está suficientemente hábil.

207. Outro meio que pode contribuir consideravelmente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir-se certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e pela comunidade de intenção. Assim, todas, simultaneamente, em silêncio absoluto, com recolhimento religioso, tentam escrever, fazendo um apelo ao seu anjo guardião ou a um Espírito simpático qualquer. Uma delas pode igualmente fazer, sem designação especial e por todos os integrantes da reunião, um apelo geral aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: *Em nome de Deus, Todo-Poderoso, rogamos aos bons Espíritos se comunicar pelas pessoas aqui presentes.* É raro que nesse número de pessoas não haja quem dê prontamente sinais de mediunidade ou mesmo escreva correntemente em pouco tempo.

Compreende-se o que se passa nesta circunstância. As pessoas unidas por uma comunidade de intenção formam um todo coletivo, cuja força e sensibilidade se acham acrescidas por uma espécie de influência magnética que ajuda o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por esse concurso de vontades, encontram-se, provavelmente, alguns que descobrirão nos assistentes o instrumento que lhes convém. Se não for um, será o outro, e eles se aproveitarão disso.

Este meio deve ser empregado nos grupos nos quais faltam médiuns ou nos que não os têm em número suficiente.

208. Têm-se procurado processos para a formação de médiuns, como se tem procurado meios de diagnósticos, mas até agora não conhecemos métodos mais eficazes que aquele que indicamos.

Na persuasão de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade seja uma resistência material, certas pessoas pretendem vencê-la por uma espécie de ginástica capaz de deslocar o braço e a cabeça. Não despreveremos esse processo que nos vem do outro lado do Atlântico, não somente porque não temos nenhuma prova de sua eficácia, mas pela convicção de que pode oferecer perigo para os de compleição delicada pelo abalo do sistema nervoso. Se os rudimentos da faculdade não existirem, nada poderia dá-los, mesmo a eletrização, que foi empregada sem sucesso com o mesmo fim.

209. A fé entre os aprendizes de médiuns não é uma condição primordial; ela ajuda os esforços, sem dúvida, mas não é indispensável. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade são suficientes. Já se viram pessoas inteiramente incrédulas ficarem admiradas de escreverem, à sua revelia, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade tem relação com a predisposição orgânica.

210. O primeiro indicador de uma disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco, a mão é arrastada por uma impulsão que não pode dominar. No começo, não traça senão sinais insignificantes; depois os caracteres se desenham mais e mais nitidamente e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos, é necessário abandonar a mão ao seu movimento natural não opondo resistência, nem impelindo-o.

Certos médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o começo, algumas vezes desde a primeira sessão, o que é muito raro. Outros fazem durante muito tempo traços e verdadeiros ensaios caligráficos. Os Espíritos dizem que isso é para exercitar a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não se pode duvidar de que seja um Espírito que se diverte, porque os bons Espíritos nunca fazem nada de inútil. Nesse caso, é necessário redobrar de fervor para pedir a assistência dos Espíritos bons. Se, malgrado isso não houver mudança, é preciso parar, desde que se aperceba que não se obtém nada de sério. Pode-se recommençar a tentativa cada dia, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos para não dar satisfação aos Espíritos zombadores.

A estas observações um Espírito ajunta: *“Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais. Quando, ao fim de alguns meses, não se obtém senão coisas insignificantes, sim ou não, letras sem sentido, é inútil persistir a sujar papel em pura perda. Essas pessoas são médiuns, porém médiuns improdutivos. Aliás, as primeiras comunicações obtidas não devem ser consideradas senão como exercícios que se confiam a Espíritos secundários; por isso não se deve dar muita importância, em razão de Espíritos, que são por assim dizer, empregados como mestres de escrita, para treinar os médiuns iniciantes. Não creiam que sejam Espíritos elevados que façam ao médium esses exercícios preparatórios. Acontece que, se o médium não tiver uma finalidade séria, esses Espíritos permanecem ligados a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova, para se desenvolverem; cabe a eles fazer o necessário para angariar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores”*.

211. A dificuldade da maioria dos médiuns iniciantes é de ter que tratar com Espíritos inferiores e devem se sentir felizes se forem apenas Espíritos levianos. Toda a sua atenção deve ser a de não os deixar dominar a situação, porque, uma vez firmados, não será fácil deles se desembaraçar. É um ponto importante, principalmente no começo, que sem as precauções necessárias pode-se perder o fruto das mais belas faculdades.

O primeiro ponto consiste em se colocar com uma fé sincera sob a proteção de Deus e pedir a assistência de seu anjo da guarda, que é sempre bom, enquanto que os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou maus.

O segundo ponto é se dedicar com muito cuidado a reconhecer por todos os indícios que a experiência fornece a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se os indícios forem suspeitos, é necessário fazer um apelo fervoroso a seu anjo guardião e repelir com todas as suas forças o mau Espírito, provando-lhe que não se é tolo, a fim de desencorajá-lo. Por isso, o estudo prévio da teoria é indispensável, se quisermos evitar os inconvenientes inseparáveis da inexperiência. Nos capítulos XXIII, “Da Obsessão” e XXIV, “Da identidade dos Espíritos”, acharemos instruções muito

desenvolvidas sobre o assunto. Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, pode-se olhar como prova *infallível* de inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, irregular, deformada, de dimensão exagerada, ou apresentando formas ridículas e inusitadas. A escrita pode ser muito má, pouco legível mesmo, o que tem mais a ver com o médium que com o Espírito, sem ter nada de insólito. Vimos médiuns tão enganados, que mediam a superioridade do Espírito à dimensão dos caracteres e que davam grande importância a letras moldadas, como as de imprensa, puerilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212. Se é importante não cair o médium sob a dependência de maus Espíritos, mais importante ainda é não se entregar voluntariamente. É preciso que um desejo imoderado de escrever faça crer que é indiferente se dirigir ao primeiro Espírito que apareça, salvo se pretende livrar-se dele mais tarde, se não lhe convier mais, porque não se pede assistência impunemente, seja para o que for, um mau Espírito que pode fazer pagar caro seus serviços.

Algumas pessoas—impacientes de ver se desenvolverem nelas a faculdade mediúnica, muito lenta a seu ver — tiveram a ideia de chamar em sua ajuda um Espírito qualquer, *mesmo que fosse mau*, contando dispensá-lo depois. Muitas têm sido servidas a contento e escreveram imediatamente, mas o Espírito, não se importando de ter sido chamado nessas condições, foi menos dócil para ir embora que para vir. Conhecemos pessoas que foram punidas da presunção de se crerem fortes para afastá-los à vontade, por anos de obsessão de toda natureza, por mistificações as mais ridículas, por uma fascinação tenaz e mesmo por infelicidades *materiais* e as mais cruéis decepções. O Espírito se mostra primeiro abertamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer crer ou à sua conversão ou à pretensa força de seu subjugado, para expulsá-lo quando quisesse.

213. A escrita é algumas vezes bem legível, as palavras perfeitamente destacadas; mas, com certos médiuns, é difícil da escrita ser decifrada por outros: é preciso adquirir o hábito de fazê-lo. Frequentemente é formada por grandes traços; os Espíritos são pouco econômicos de papel. Quando uma palavra ou uma frase é ilegível, pede-se ao Espírito

que recomece, o que eles fazem, geralmente de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este consegue quase sempre obter uma mais nítida por exercícios frequentes e regulares, *ai empregando uma forte vontade* e pedindo com ardor ao Espírito para ser mais correto. Certos Espíritos adotam sinais convencionais que passam a usar nas reuniões habituais. Para marcar que uma questão os desgosta e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um longo traço ou qualquer outra coisa equivalente.

Quando o Espírito termina o que tinha para dizer ou que não quer mais responder, a mão permanece imóvel e o médium, seja qual for seu poder e sua vontade, não pode obter nem uma palavra a mais. Ao contrário, enquanto o Espírito não terminou, o lápis continua sem que seja possível detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão segura convulsivamente o lápis e se põe a escrever sem poder opor-se. O médium, aliás, sente quase sempre alguma coisa que indica que houve apenas uma parada ou que o Espírito já terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

Tais são as explicações essenciais que temos a dar no que toca ao desenvolvimento da psicografia. A experiência fará conhecer, na prática, certos detalhes que seria inútil relatar aqui e que os princípios gerais podem orientar. Que muitos tentem e se achará mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica. É ela que todos procuram obter com razão, mas o mecanismo puro é muito raro. Ele se mistura com frequência à intuição. O médium, tendo consciência daquilo que escreve, é naturalmente levado a duvidar de sua faculdade; não sabe se isso vem dele ou de um Espírito estranho. O médium nada tem a temer e deve prosseguir assim mesmo; que ele se observe com cuidado e reconhecerá no que escreve uma infinidade de coisas que não estavam no seu pensamento, que até são contrários, prova evidente que não vêm dele. Que ele continue e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se não é dado ao médium ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para obter esse resultado serão infrutíferas; seria errado se crer deserdado por isso. Se é dotado apenas da mediunidade intuitiva,

é preciso que se contente, ela não deixará de render grandes serviços se souber colocá-la em seu proveito e não repudiá-la.

Se, depois de inúteis tentativas durante algum tempo, nenhum indício de movimento involuntário se produza, ou se esses movimentos são demasiado fracos para dar resultados, ele não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe venha à cabeça, sem se inquietar se isso vem dele ou de uma fonte estranha: a experiência lhe ensinará a fazer a distinção. Acontece frequentemente, aliás, que o movimento mecânico se desenvolva mais tarde.

Falamos anteriormente que há casos em que é indiferente saber se o pensamento vem do médium ou de um Espírito estranho. Isso se dá, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado faz um trabalho de imaginação por si mesmo. Pouco importa que se atribua um pensamento que lhe foi sugerido; se lhe vêm boas ideias, que agradeça ao seu bom gênio, e ele sugerirá outra. Tal é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúmica completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que ele seja o que se diz um médium feito, seria muito errado se ele se acreditasse dispensado de todas as instruções. Ele venceu apenas uma resistência material, mas é agora que começam as verdadeiras dificuldades e que precisa mais do que nunca da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se ele quer voar cedo demais com suas próprias asas, não tardará a ser vítima de Espíritos mentirosos que procurarão explorar sua presunção.

217. Uma vez a faculdade desenvolvida no médium, é essencial que dela não abuse. A satisfação que ela provoca entre certos médiuns principiantes excita neles um entusiasmo, que é importante moderar. Devem pensar que ela lhe foi dada para o bem e não para satisfazer uma vã curiosidade. É útil se servir dela nos momentos oportunos e não a cada instante. Os Espíritos, não estando sempre às suas ordens, correm o risco de ser vítimas de mistificadores. É bom adotar para isso, dias e horas determinados, para que se preparem com maior recolhimento e que os Espíritos que queiram vir se encontrem prevenidos e também estejam em melhores condições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelar de nenhum modo, é preciso renunciar, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Aquele que não sabe uma língua se serve de um tradutor; é preciso fazer o mesmo, quer dizer, recorrer a outro médium. A falta de médium não significa privação de assistência de Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de se exprimir, mas não um meio exclusivo de atração. Aqueles que nos amam estão perto de nós, sejam médiuns ou não; um pai não abandona seu filho, porque este é surdo e cego, e não pode vê-lo nem ouvi-lo; ele o envolve na sua solicitude como fazem os bons Espíritos para nós; se não podem nos transmitir materialmente seus pensamentos, eles nos ajudam pela inspiração.

Mudança de caligrafia

219. Um fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é a mudança de caligrafia, segundo os Espíritos que se comunicam. O mais notável é que a mesma caligrafia se reproduz constantemente com o mesmo Espírito. Algumas vezes é idêntica à que tinha em vida. Veremos mais tarde as consequências que se podem tirar quanto à identidade dos Espíritos. A mudança de caligrafia não tem lugar senão entre os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque entre eles o movimento da mão é involuntário e dirigido pela vontade como nas circunstâncias ordinárias. Mas a uniformidade da caligrafia, mesmo em um médium mecânico, nada prova contra sua faculdade, porquanto a variação da forma não é uma condição absoluta na manifestação dos Espíritos: tem relação a uma aptidão especial de que nem sempre são dotados os médiuns mecânicos. Designamos aqueles que têm essa aptidão de *Médiuns polígrafos*.

Perda e suspensão da mediunidade

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e suspensões momentâneas, seja para manifestações físicas, seja para a escrita. Aqui estão as respostas dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre o assunto:

1ª *Os médiuns podem perder sua faculdade?*

“Isso acontece frequentemente, qualquer que seja o gênero dessa faculdade; mas quase sempre é uma interrupção momentânea que cessa com a causa que a produziu.”

2ª *A causa da perda da mediunidade está no esgotamento do fluido?*

“Qualquer faculdade de que o médium seja dotado, ele nada pode sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando o médium nada mais obtém, não é a faculdade que lhe faz falta; são os Espíritos que não querem ou não podem se servir dele.”

3ª *Que causa pode provocar no médium o abandono dos Espíritos?*

“O uso que faz de sua faculdade é a causa mais poderosa para os Espíritos. Podemos abandoná-los, quando dela se servem para coisas frívolas, ou com objetivos ambiciosos; quando se recusam a transmitir nossa palavra ou colaborar para a produção de fenômenos para os encarnados que os chamam ou que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é dado ao médium para seu próprio prazer e, ainda menos, para servir sua ambição, mas em vista de seu aperfeiçoamento e para fazer conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium não responde mais às suas expectativas e aos avisos que lhe dá, ele se retira para procurar um protegido mais digno.”

4ª *O Espírito que se retira não pode ser substituído e, nesse caso, se compreenderia a suspensão da faculdade?*

“Não faltam Espíritos que queiram, acima de tudo, se comunicar e estão prontos para substituir aqueles que se retiram, mas, quando é um bom Espírito que deixa o médium, pode muito bem não o deixar senão momentaneamente e o privar por um certo tempo de toda comunicação, a fim de lhe servir de lição e lhe provar que sua faculdade *não depende dele* (médium) e por isso não deve se envaidecer. Essa impotência é também para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência estranha, de outro modo não haveria intermitência.

“De resto, a interrupção da faculdade não é sempre uma punição; testemunha algumas vezes a solícitude do Espírito pelo médium pelo qual tem afeição. Ele quer dar-lhe o repouso material que julga necessário, nesse caso, não permite a outros Espíritos substituí-lo.”

5ª *Veem-se, entretanto, médiuns muito merecedores, moralmente falando, que não experimentam nenhuma necessidade de repouso e ficam muito contrariados com as interrupções das quais não compreende a finalidade.*

“É a fim de pôr sua paciência à prova e de julgar de sua perseverança; é porque os Espíritos não assinalam nenhum prazo para essa suspensão, querem ver se o médium desanimará. Às vezes, também, é para deixar tempo para meditar sobre as instruções que lhe dera. É sobre essa meditação de nossos ensinamentos que conhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome àqueles que não são na realidade senão amadores de comunicações.”

6ª *É necessário, nesse caso, que o médium continue suas tentativas para escrever?*

“Se o Espírito lhe aconselha, sim; se ele diz para se abster, deve fazê-lo.”

7ª *Haveria um meio de abreviar essa prova?*

“A resignação e a prece. No mais, basta fazer a cada dia uma tentativa de alguns minutos, porque seria inútil perder tempo em tentativas infrutíferas; a tentativa não tem outro objetivo que o de se assegurar se a faculdade foi recuperada.”

8ª *A suspensão implica o afastamento dos Espíritos que se comunicam habitualmente?*

“De modo algum, o médium está na posição de uma pessoa que perdeu momentaneamente a visão, não terá por isso menos amigos, embora não possa vê-los. O médium pode e deve continuar a conversar pelo pensamento com os Espíritos familiares e sentir-se persuadido de que é ouvido. Se a falta de mediunidade pode privar as comunicações materiais com certos Espíritos, não pode privar as comunicações morais.”

9ª *Assim, a interrupção da faculdade mediúnica não significa sempre uma apreensão da parte dos Espíritos?*

“Não, sem dúvida, pois pode ser uma prova de benevolência.”

10ª *Por qual sinal pode-se reconhecer uma censura nessa interrupção?*

“Que o médium interrogue sua consciência e se pergunte o uso que fez de sua faculdade, o bem que daí resultou para os outros, o proveito dos conselhos que lhe foram dados e terá a resposta.”

11ª *O médium que não pode mais escrever pode pedir ajuda a outro médium?*

“Isso depende da causa da interrupção. Esta tem muitas vezes por motivo deixar algum tempo sem comunicação depois de ter dado conselhos, a fim de que não se habituem a nada fazer sem nós. Nesse caso, não será satisfatório se servir de outro médium, e isso também tem uma finalidade, a de provar que os Espíritos são livres e não depende dos senhores fazê-los agir à sua vontade. É por essa razão também que aqueles que não são médiuns não obtêm sempre todas as comunicações que desejam.”

Nota: Na verdade, deve-se observar que aquele que recorre a um terceiro para as comunicações, apesar da qualidade do médium, nada obtém de satisfatório, enquanto que, em outras ocasiões, as respostas são explícitas. Isso depende da vontade do Espírito, do qual nada se consegue trocando de médium. Parece que os Espíritos obedecem a uma palavra de ordem, o que não se consegue com um também não se obterá com outro. É melhor não insistir e não se impacientar, se não se quer ser vítimas de Espíritos zombadores, que responderão, se quisermos com todas as forças; os bons os deixarão agir para punir nossa insistência.

12ª *Com qual finalidade a Providência dotou certos indivíduos da mediunidade de uma maneira especial?*

“É uma missão da qual são encarregados e da qual são felizes. São os intermediários entre os Espíritos e os homens.”

13ª *Entretanto, há médiuns que empregam sua faculdade com má vontade?*

“São médiuns imperfeitos; não conhecem o valor do favor que lhe é concedido.”

14ª *Se é uma missão e como não é privilégio dos homens de bem, como é que essa faculdade é dada a pessoas que não merecem nenhuma estima e que abusam dela?*

“Ela lhe é dada, porque eles têm necessidade para seu próprio aperfeiçoamento, a fim de que estejam preparados para receber bons ensinamentos. Se não aproveitarem desses ensinamentos, sofrerão as

consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo que é necessário dar a eles o que não têm?”

15ª *As pessoas que têm um grande desejo de escrever como médiuns e que não o conseguem podem concluir qualquer coisa contra elas no tocante à boa vontade dos Espíritos?*

“Não, porque Deus pode ter recusado essa faculdade, como pode ter recusado o dom da poesia ou da música, mas, se não gozam desse favor, podem gozar de outros.”

16ª *Como um homem pode se aperfeiçoar pelo ensinamento dos Espíritos quando não tem, por ele ou por outros médiuns, os meios de receber ensinamento direto?*

“Não têm eles os livros como o cristão tem o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, o cristão não tem necessidade de ter ouvido as palavras da boca do próprio Mestre.”

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde – idem sobre o cérebro – Idem sobre as crianças.

221. 1ª *A faculdade mediúnica é indício de um estado patológico qualquer, ou simplesmente anormal?*

“Anormal algumas vezes, mas não patológica; há médiuns de saúde vigorosa; aqueles que são doentes o são por outras causas.”

2ª *O exercício da faculdade mediúnica pode causar a fadiga?*

“O exercício muito prolongado de toda faculdade leva à fadiga. A mediunidade está no mesmo caso, principalmente aquela que se aplica aos efeitos físicos. Ela ocasiona necessariamente um gasto de fluido que leva à fadiga e que se repara pelo repouso.”

3ª *O exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo no ponto de vista da saúde, abstração feita do abuso?*

“Há casos em que é prudente, necessário mesmo, abster-se ou ao menos moderar o uso; isso depende do estado físico do médium. O médium sente, geralmente, quando está cansado, então deve abster-se.

4ª *Há pessoas para as quais esse exercício tenha mais inconvenientes que para outras?*

“Como disse anteriormente, isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar toda causa de superexcitação, e a prática da mediunidade é uma delas.” (ver os itens nºs 188 e 194.)

5ª *A mediunidade poderia causar a loucura?*

“Não mais que qualquer outra coisa, quando não há predisposição pela fraqueza do cérebro. A mediunidade não causará a loucura, se esta já não existir em germe, mas, se este existe, o que é fácil reconhecer pelo estado moral da pessoa, o bom senso diz que devemos tomar muito cuidado, porque toda causa de abalo pode ser prejudicial.”

6ª *Há inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?*

“Certamente. Afirmo que é muito perigoso, porque esses organismos frágeis e delicados seriam demasiado abalados, e sua jovem imaginação ficaria superexcitada. Também os pais prudentes os afastarão dessas ideias, ou pelo menos lhes falarão apenas das consequências morais.”

7ª *Entretanto, há crianças que são médiuns naturalmente, seja para os efeitos físicos, seja para a escrita e visões. Nesse caso, há o mesmo inconveniente?*

“Não, quando a faculdade é espontânea na criança, que está na sua natureza e que sua constituição se presta a isso. Não é a mesma coisa quando é provocada e superexcitada. Note que a criança que tem visões fica pouco impressionada; isso lhe parece uma coisa natural, à qual ela presta uma fraca atenção e que logo esquece. Mais tarde o fato lhe vem à memória e é facilmente explicado se ela conhece o Espiritismo.”

8ª *Qual é a idade que se pode, sem inconvenientes, praticar a mediunidade?*

“Não há idade precisa, isso depende do desenvolvimento físico e mais ainda do desenvolvimento moral. Há crianças de 12 anos que serão menos afetados que certas pessoas adultas. Falo da mediunidade em geral, mas aquela que se aplica em efeitos físicos é mais fatigante para o organismo. A escrita tem outro inconveniente que tem a ver com a inexperiência da criança, se quisesse praticar sozinha e dela fazer um brinquedo.”

222. A prática do Espiritismo, como veremos mais tarde, demanda muito tato para desfazer os ardis dos Espíritos zombeteiros. Se homens

adultos são suas vítimas, a infância e a juventude estão ainda mais expostas por sua inexperiência. Sabe-se que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode tratar com os Espíritos sérios. As evocações feitas com leviandade e por brincadeira são uma verdadeira profanação que abre um acesso fácil aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos; como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, seria para temer se ela fizesse disso um jogo, se estivesse entregue a si própria. Mesmo nas condições mais favoráveis, deseja-se que uma criança dotada da faculdade mediúnica não a exerça senão sob a vigilância de pessoas experimentadas que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito que se deve às almas daqueles que viveram. Vê-se, depois disso, que a questão da idade é subordinada às circunstâncias tanto de temperamento como de caráter. Entretanto, o que ressalta claramente das respostas anteriores, é que não se deve forçar o desenvolvimento dessa faculdade nas crianças quando não é espontânea e que, em todos os casos, é necessário usá-la com toda circunspeção; que não é necessário nem excitá-la nem encorajá-la entre as pessoas débeis. É necessário afastar, por todos os meios possíveis, aquelas que tiverem dado os menores sintomas de excentricidade nas ideias ou enfraquecimento das faculdades mentais, porque há nelas predisposição evidente à loucura que toda causa superexcitante pode desenvolver. As ideias espíritas não têm, a esse respeito, uma influência maior, mas a loucura, vindo a se declarar, tomará o caráter da preocupação dominante, como tomaria um caráter religioso, se a pessoa se entregasse em excesso às práticas da devoção e se apontasse o Espiritismo como responsável. O que há de melhor a fazer com todo indivíduo que mostre uma tendência à ideia fixa é dirigir suas preocupações para outro lado a fim de proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

Chamamos a atenção, a esse respeito, sobre o parágrafo XII da “Introdução”, de *O Livro dos Espíritos*.

PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do Espírito pessoal do médium — Sistema dos médiuns inertes — Aptidão de certos médiuns para línguas, música, desenho etc — Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns.

223. *1ª Quando o médium exerce sua faculdade, está num estado perfeitamente normal?*

“Algumas vezes está num estado de crise mais ou menos pronunciado. É isso que o fatiga e por isso tem necessidade de repouso. Mas, frequentemente, seu estado não difere sensivelmente do estado normal, principalmente entre os médiuns escreventes.”

2ª As comunicações escritas ou verbais podem também provir do Espírito do próprio médium?

“A alma do médium pode se comunicar como a de qualquer outro; se goza de certo grau de liberdade, recupera suas qualidades de Espírito. A prova está na alma de pessoa viva que vem nos visitar e se comunicar pela escrita, muitas vezes sem que a chamem. É bom saberem que, entre os Espíritos evocados, há alguns que estão encarnados na Terra.

Então eles falam como Espíritos e não como homens. Por que o mesmo não aconteceria com o médium?”

2ª a. Esta explicação não parece confirmar a opinião daqueles que creem que todas as comunicações emanam do Espírito do médium e não de um Espírito estranho?

“Estão errados só em serem absolutos, porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo, mas isso não é razão para que outros Espíritos não atuem também por seu intermédio.”

3ª Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou um estranho?

“Pela natureza das comunicações. Estude a circunstância e a linguagem e distinguirá. É, sobretudo, no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então ele é mais livre, mas no estado normal é mais difícil. Há respostas que é impossível lhe atribuir, por isso, digo para estudar e observar.”

Nota: Quando falamos com uma pessoa, distinguimos facilmente o que ela fala e o que é apenas um eco; com os médiuns é a mesma coisa.

4ª Desde que o Espírito do médium pôde adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob seu envoltório corporal, dos quais se lembra como Espírito, não pode tirar de seu próprio interior as ideias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

“Isso acontece às vezes no estado de crise sonambúlica ou extática, mas, ainda uma vez, há circunstâncias que não permitem a dúvida. Estuda *bastante* e medita.”

5ª As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre inferiores às do Espírito estranho?

“Sempre, não, porque o Espírito estranho pode ser de ordem inferior a do médium e por isso falar menos sensatamente. Vê-se no sonambulismo, porque aí é o Espírito do sonâmbulo que se manifesta e que diz muitas vezes coisas muito boas.”

6ª O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente seu pensamento, ou esse pensamento tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque é ligado ao corpo que serve para falar; é necessário um elo entre os senhores e os Espíritos estranhos que se comunicam, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia ao longe, e na ponta do fio, uma pessoa inteligente que a receba e a transmita.”

7ª O Espírito encarnado no médium exerce influência nas comunicações que deve transmitir e que provêm de Espíritos estranhos?

“Sim, porque se não lhe é simpático, pode alterar suas respostas assemelhando-as às suas ideias e às suas tendências, *mas não influencia os Espíritos comunicantes*; é apenas um mau intérprete.”

8ª Essa é a causa de preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não há outra. Procuram o intérprete que mais simpatiza com eles e que transmita mais exatamente seu pensamento. Se não houver simpatia, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência. Torna-se um intérprete de má vontade e frequentemente infiel. O mesmo ocorre entre os homens quando os conselhos de um sábio são transmitidos por um estouvado ou um homem de má-fé.”

9ª Compreende-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas não para os mecânicos.

“As pessoas não se dão bem conta do papel que representa o médium. Existe aí uma lei que ainda não foi bem captada. Lembrem-se de que, para operar o movimento de um corpo inerte, o Espírito tem necessidade de uma porção de fluido animalizado que empresta ao médium para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta obedeça a sua vontade. Então, compreendam bem que, para uma comunicação inteligente, ele tem necessidade de um intermediário inteligente e que esse intermediário é o Espírito do médium.”

9ª a. Isso não parece aplicável àquilo que se chama de mesas falantes, porque, quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas dão respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium em nada participa.

“É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida fictícia momentânea, mas não a inteligência. Jamais um corpo inerte foi inteligente. É o Espírito do médium que recebe o pensamento à

sua revelia e o transmite pouco a pouco com a ajuda de diversos intermediários.”

10ª *Disso parece resultar que o Espírito do médium não está nunca completamente passivo?*

“Está passivo quando não mistura suas ideias àquelas do Espírito estranho, mas não é nunca absolutamente passivo. Seu concurso é sempre necessário como intermediário, mesmo no que chamam de médiuns mecânicos.”

11ª *Não há mais garantia de independência no médium mecânico que no intuitivo?*

“Sem dúvida nenhuma e, para certas comunicações, um médium mecânico é preferível, mas isso se torna indiferente, segundo as circunstâncias. Quero dizer que há comunicações que reclamam menos precisão.”

12ª *Entre os diferentes sistemas sugeridos para explicar os fenômenos espíritas, há um que consiste em crer que a verdadeira mediunidade está num corpo completamente inerte, em uma cesta ou em um papelão, por exemplo, que serve de instrumento; que o Espírito estranho se identifica com esse objeto e o torna não somente vivo, mas inteligente. Daí o nome de médiuns inertes dados a esses objetos. Que pensariam disso?*

“Não há senão uma palavra a dizer sobre isso. É que, se o Espírito tinha transmitido a inteligência ao papelão ao mesmo tempo que a vida, o cartão escreveria sozinho sem o concurso do médium. Seria singular que o homem inteligente se tornasse máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. É um dos numerosos sistemas nascidos de uma ideia preconcebida e que cai como tantos outros diante da experiência e da observação.”

13ª *Um fenômeno bem conhecido poderia dar crédito à opinião que há nos corpos inertes animados mais que a vida, mais ainda que a inteligência; é o caso das mesas, cestas etc., que exprimem, por seus movimentos, a cólera ou a afeição?*

“Quando um homem agita um bastão com cólera, não é o bastão que está em cólera, nem a mão que segura o bastão, mas o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes que o

bastão; não têm nenhum sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência. Em uma palavra, não é o Espírito que se transforma em cesta, nem que escolheu a cesta para nela morar.”

14ª *Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, pode-se considerá-los como uma variedade de médium designando-os de médiuns inertes?*

“É uma questão de palavra que pouco importa, já que entenderam bem. São livres de chamar homem de marionete.”

15ª ***Aptidões de certos médiuns para línguas.*** *Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento; não têm linguagem articulada; não há para eles senão uma só língua. Por isso, um Espírito pode se exprimir por meio mediúmico numa língua que jamais falou em vida. Nesse caso, de onde tira as palavras das quais se serve?*

“Você mesmo acaba de responder sua pergunta dizendo que os Espíritos têm uma só língua, que é a do pensamento. Essa língua é compreendida por todos, tanto pelos homens como pelos Espíritos. O Espírito errante, dirigindo-se ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala em francês, nem em inglês, mas a língua universal que é aquela do pensamento. Para traduzir suas ideias numa linguagem articulada, transmissível, tira suas palavras do vocabulário do médium.”

16ª *Se é assim, o Espírito não deveria poder se exprimir senão na língua do médium, enquanto se vê escrever em línguas desconhecidas deste último. Não há aí uma contradição?*

“Note, em primeiro lugar, que todos os médiuns não são igualmente aptos a esse gênero de exercício, e em seguida que os Espíritos não se prestam a isso senão acidentalmente, quando julgam que isso pode ser útil. Mas para as comunicações usuais e de certa extensão preferem se servir de uma língua familiar, porque apresenta menos dificuldade material a vencer.”

17ª *A aptidão de certos médiuns de escrever numa língua que lhe é estranha não viria de que essa língua lhe seria familiar em outra existência da qual conservam a intuição?*

“Isso pode acontecer, mas não é uma regra. O Espírito pode, com algum esforço, vencer momentaneamente a resistência material que

encontra; é isso que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.”

18ª *Uma pessoa que não sabe escrever poderia escrever como médium?*

“Sim, mas compreende-se aí uma grande dificuldade mecânica a vencer; a mão não tem o hábito do movimento necessário para formar as letras. O mesmo acontece entre os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.”

19ª *Um médium muito pouco inteligente poderia transmitir comunicações de ordem elevada?*

“Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência, assim como das qualidades morais, e à falta de um melhor instrumento, o Espírito pode se servir daquele que está mais à mão; mas é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, prefere o médium que lhe oferece menos obstáculos materiais. E depois, uma outra consideração: o idiota, algumas vezes só é idiota pela imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais avançado do que se crê; temos a prova por certas evocações de idiotas mortos ou vivos.”

Nota: Aqui está um fato constatado pela experiência: muitas vezes evocamos idiotas vivos que deram provas patentes de identidade e responderam de maneira muito sensata e mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito que sofre o constrangimento onde se encontra. Um médium idiota pode, então, algumas vezes, oferecer ao Espírito que quer se manifestar mais recursos que se crê. (Ver a *Revista Espírita*, julho de 1860, art. sobre a *Frenologia e Fisiognomonía*).

20ª *De onde vem a aptidão de certos médiuns de escrever em versos, malgrado sua ignorância em fazer poesia?*

“A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em versos como podem escrever numa língua que não conhecem; e depois podem ter sido poetas em outra existência, e, como já disse, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos para o Espírito que deve chegar à perfeição em todas as coisas. Assim, o que aprenderam no passado

lhes dá, sem que se apercebam, uma facilidade que não têm no estado habitual.

21ª *Acontece a mesma coisa com aqueles que têm aptidão especial para o desenho e a música?*

“Sim, o desenho e a música são também maneiras de exprimir o pensamento. Os Espíritos se servem de instrumentos que lhes ofereçam mais facilidade.”

22ª *A expressão do pensamento pela poesia, o desenho ou a música depende unicamente da aptidão especial do médium ou do Espírito que se comunica?*

“Algumas vezes, do médium, algumas vezes do Espírito. Os Espíritos superiores têm todas as aptidões; os inferiores são de conhecimentos limitados.”

23ª *Por que um homem dotado de grande talento numa existência não a tem na existência seguinte?*

“Não é sempre assim, porque às vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou numa precedente. Mas pode acontecer que uma grande faculdade adormeça durante certo tempo para deixar outra mais livre para se desenvolver. É um germe latente que se descobrirá mais tarde e do qual resta sempre alguns traços ou ao menos uma vaga intuição.”

224. O Espírito que se quer comunicar compreende todas as línguas, porque elas são a expressão do pensamento, e ele compreende pelo pensamento. Para transmitir esse pensamento é preciso um instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação do Espírito não pode transmiti-la senão pelos órgãos de seu corpo; esses órgãos não podem ter, para uma língua desconhecida, a flexibilidade que têm por aquela que lhes é familiar.

Um médium, que sabe falar apenas o francês, poderá, acidentalmente, dar uma resposta em inglês, por exemplo, se o Espírito o quiser. Mas os Espíritos que já acham a linguagem humana demasiado lenta, em comparação à rapidez do pensamento, pois abreviam o quanto podem, se impacientam da resistência mecânica que experimentam; aí está o motivo por que não o fazem sempre. É também a razão pela qual um médium novato, que escreve penosamente e com lentidão, mesmo

na própria língua, não obtêm em geral senão respostas breves e sem desenvolvimento. Assim, os Espíritos recomendam de não fazerem por seu intermédio senão perguntas simples. Para aquelas de alto alcance, é necessário um médium formado, que não oferece nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não tomaríamos para leitor um estudante que apenas soletra. Um bom operário não gosta de se servir de maus instrumentos.

Juntemos outra consideração de grande gravidade no que diz respeito às línguas estrangeiras. Os ensaios desse gênero são sempre feitos com o objetivo de curiosidade e experimentação. Nada é mais antipático aos Espíritos que as provas às quais se ensaia submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se prestam a isso e se afastam desde que se quer entrar nesse caminho. Tanto gostam das coisas úteis e sérias quanto lhes repugna se ocupar de coisas fúteis e sem sentido. É, dirão os incrédulos, para nos convencer, e esse objetivo é útil, pois pode ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso os Espíritos respondem: “Nossa causa não tem necessidade daqueles que têm demasiado orgulho para se crer indispensáveis. Chamamos a nós aqueles que nos *querem* e são muitas vezes os menores, os mais humildes. Jesus fez os milagres que Lhe pediam os escribas e de quais homens se serviu para revolucionar o mundo? Se querem se convencer, terão outros meios que não os de exigências; comecem primeiro por se submeter; não está na ordem das coisas o estudante impor sua vontade ao mestre.”

Resulta daí que, exceto algumas exceções, o médium toma o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição e que a expressão desse pensamento pode e deve mesmo, o mais frequente, se ressentir da imperfeição desses meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os pensamentos os mais elevados, os mais filosóficos, falando como um camponês, porque, sabe-se, para os Espíritos o pensamento domina tudo. Isso responde à objeção de certos críticos a respeito das incorreções de estilo e de ortografia, que se pode ter ao reprovar os Espíritos, e que podem vir do médium tanto quanto do Espírito. É uma futilidade dar atenção a semelhantes coisas. Não é menos pueril

querer reproduzir essas incorreções com minuciosa exatidão, como vimos algumas vezes. Pode-se corrigi-los sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam característica do Espírito que se comunica, no caso será útil conservá-las como prova de identidade. É assim, por exemplo, que vimos um Espírito escrever constantemente *Jule* (sem s), falando a seu neto, porque, em vida, escrevia dessa maneira, ainda que o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever seu nome.

225. A dissertação seguinte, dada espontaneamente por um Espírito superior, que se revelou por comunicações de ordem mais elevada, resume da maneira mais clara e mais completa a questão do papel dos médiuns:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, que sejam mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. Com efeito, comunicamos com os Espíritos encarnados diretamente, como com os Espíritos propriamente ditos, pela irradiação de nosso pensamento.

“Nossos pensamentos não têm necessidade da vestimenta da palavra para ser compreendida pelos Espíritos; todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar, por isso unicamente, dirigimos nosso pensamento em direção a eles, e em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por tais e tais Espíritos segundo seu desenvolvimento, enquanto que em outros não desperta nenhuma lembrança; nenhum conhecimento no fundo do coração ou do cérebro é perceptível por eles. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apropriado a transmitir nosso pensamento para os outros encarnados, mesmo que não o compreenda, que um Espírito desencarnado e pouco desenvolvido não poderia fazer, se fôssemos forçados a recorrer à sua mediação, porque o ser terrestre coloca seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que um Espírito não pode fazer.”

“Assim, quando encontramos num médium o cérebro pleno de conhecimentos adquiridos em sua vida atual e seu Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, próprios a facilitar nossas

comunicações, servimo-nos dele de preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação é muito mais fácil que com um médium cuja inteligência seria limitada e cujos conhecimentos anteriores seriam insuficientes. Vamos nos fazer compreender por algumas explicações nítidas e precisas.

“Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior se encontra desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade própria à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar a nosso pensamento a vestimenta da palavra correspondente a esse pensamento, seja o médium intuitivo, semimecânico, ou mecânico puro. É por isso que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele, procedendo de Espíritos diversos, levam um selo de forma e cor pessoal a esse médium. Sim, ainda que o pensamento lhe seja inteiramente estranho, que o assunto saia do quadro no qual se move habitualmente, que o que queremos dizer não provenha de modo algum dele, não deixa de influenciar a forma, pelas qualidades, as propriedades que são inerentes à sua individualidade. É absolutamente como quando se olha diversas paisagens com lunetas coloridas, verdes, brancas ou azuis; mesmo que os lugares ou objetos olhados sejam diferentes e independentes uns dos outros, exibem sempre uma coloração que provém da cor das lunetas. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses frascos cheios de líquidos coloridos e transparentes que se vê nas mostras das farmácias. Pois bem, somos como pontos de luz que iluminamos certas paisagens morais, filosóficas e internas, através de meios azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos lapidados, mais ou menos transparentes, quer dizer por médiuns mais ou menos inteligentes, não chegam sobre os objetos que queremos iluminar, senão emprestando a cor, ou melhor, a forma própria e particular a esses médiuns. Enfim, para terminar, uma última comparação: nós, Espíritos, somos como compositores de música que compusemos ou queremos improvisar uma ária e temos à mão apenas um piano, ou um violino, ou uma flauta, ou um fagote ou um apito

barato. É incontestável que, com o piano, a flauta, ou o violino, executaremos nosso trecho de maneira bem compreensível para nossos ouvintes; ainda que os sons provenientes do piano, do fagote ou da clarineta sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição será sempre a mesma, nas diversas variações dos sons. Mas, se tivermos à nossa disposição apenas um apito barato ou um funil de folha, aí estará a dificuldade.

“Quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco desenvolvidos, nosso trabalho se torna bem mais longo, bem mais penoso, porque somos obrigados a utilizar recursos incompletos, o que é uma complicação para nós, porque então somos forçados a decompor nossos pensamentos e proceder, palavra por palavra, letra por letra, o que é um aborrecimento, uma fadiga e um entrave real à prontidão e ao desenvolvimento de nossas manifestações.

“Somos felizes de encontrar médiuns bem apropriados, bem aparelhados, munidos de material prestes a funcionar, bons instrumentos em uma palavra, porque então nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que *mediunizamos*, tem apenas de dar um impulso à mão que nos serve de porta-caneta ou de porta-lápis, enquanto que, com médiuns maldotados, somos obrigados a fazer um trabalho análogo àquele que fazemos quando nos comunicamos por pancadas, quer dizer, apontando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos comunicar.

“É por essas razões que nos dirigimos às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, ainda que seja entre essa classe que se encontram os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. Por isso deixamos hoje aos Espíritos brincalhões e pouco desenvolvidos o exercício das comunicações tangíveis de pancadas e de transportes, que os homens pouco sérios preferem a vista de fenômenos que chocam seus olhos e seus ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

“Quando queremos proceder por ditados espontâneos, agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium, e juntamos nosso material

com os elementos que ele nos fornece, e isso inteiramente à sua revelia. É como se tirássemos de sua bolsa a quantia que aí pudesse ter e que arranjássemos as diferentes moedas seguindo a ordem que nos parecesse a mais útil.

“Mas quando o médium quer nos interrogar de tal ou tal modo, é bom que reflita seriamente, a fim de questionar de uma maneira metódica, facilitando assim nosso trabalho de resposta. Como foi dito em uma instrução precedente, o cérebro das pessoas está num estado de desordem inextricável, e nos é tão penoso quanto difícil nos mover no dédalo de seus pensamentos. Quando as perguntas devem ser feitas por terceiros, é bom, é útil que a série de questões seja comunicada com antecedência ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele se impregne, por assim dizer. Agora teremos maior facilidade para responder, pela afinidade que existe entre nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

“Certamente podemos falar de Matemática por meio de um médium que a desconhece, mas às vezes o Espírito desse médium possui esse conhecimento no estado latente, quer dizer, pessoal ao ser fluídico e não ao ser encarnado, porque seu corpo atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. A mesma coisa ocorre com a Astronomia, a Poesia, a Medicina e as línguas diversas, assim como de todos os outros conhecimentos particulares à espécie humana.

“Enfim, temos ainda o meio de elaboração penoso em uso com os médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, reunindo letras e palavras como na tipografia.

“Como já dissemos, os Espíritos não têm necessidade de revestir seu pensamento; eles percebem e os comunicam entre si, pelo único fato de que esse pensamento existe neles. Os seres corporais, ao contrário, não podem perceber o pensamento senão em palavras. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, enfim, são necessários aos encarnados, para perceber mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.” – **Erasto e Timotéo**

Nota: Esta análise do papel dos médiuns e dos procedimentos com a ajuda dos quais os Espíritos se comunicam é tão clara como lógica. Daí decorre um princípio, que o Espírito tira, *não suas ideias*, mas os materiais necessários para os exprimir do cérebro do médium e, quanto mais esse cérebro for rico em materiais, mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime na língua familiar do médium, encontra nele as palavras todas formadas para revestir as ideias; se o faz numa língua estranha ao médium, encontre neste apenas as letras; por isso o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como quisesse escrever em alemão quem não sabe nem uma palavra dessa língua. Se o médium não sabe ler nem escrever, ele não domina nem mesmo as letras. É necessário conduzir a mão como a um principiante. Aí está uma dificuldade ainda maior a vencer. Esses fenômenos são possíveis e deles há numerosos exemplos, mas compreende-se que essa maneira de proceder pouco combine com a extensão e a rapidez das comunicações e que os Espíritos devem preferir os instrumentos mais fáceis, ou, como dizem, mais bem aparelhados em seu ponto de vista.

Se aqueles que pedem esses fenômenos como meio de convicção tivessem estudado previamente a teoria, saberiam em quais condições excepcionais eles se produzem.

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

Questões diversas — Dissertação de um Espírito sobre a influência moral do médium.

226. 1ª *O desenvolvimento de mediunidade é em razão do desenvolvimento moral do médium?*

“Não. A faculdade propriamente dita tem relação com o organismo; é independente da moral. O mesmo não acontece com o uso que pode ser mais ou menos bom, segundo as qualidades do médium.”

2ª *Sempre se disse que a mediunidade é uma graça, um dom de Deus, um favor. Por que, então, não é privilégio dos homens de bem, e por que se veem pessoas indignas que são dotadas em alto grau e que as desperdiçam?*

“Todas as faculdades são favores dos quais devemos dar graças a Deus, pois há homens que delas são privados. Poderiam perguntar porque Deus dá uma boa vista a malfeitores, agilidade aos gatunos, eloquência àqueles que dela se servem para dizer coisas más. A mesma coisa com a mediunidade: pessoas indignas são dotadas, porque têm mais necessidade que as outras para se aperfeiçoarem; pensam que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ele os multiplica sob seus passos. Ele os coloca nas mãos, cabe a eles aproveitar. Judas, o traidor, não fez milagres e curou doentes como apóstolo?”

“Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar sua traição mais odiosa.”

3ª Os médiuns que fazem mau uso de sua faculdade, que não se servem para fazer o bem, ou que não aproveitam sua instrução, sofrerão as consequências disso?

“Se as usam mal, serão duplamente punidos, porque têm um meio a mais para se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e que tropeça é mais censurável que o cego que tomba no fosso.”

4ª Há médiuns a quem são dadas espontaneamente e quase constantemente comunicações sobre um mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre certos defeitos determinados, isso tem uma finalidade?

“Sim, essa finalidade é de esclarecê-los sobre um assunto sempre repetido, ou de corrigi-los de certos defeitos. Por isso a uns falarão sem cessar do orgulho; a outros, da caridade. Só a insistência pode lhe abrir os olhos. Não há médium desperdiçando sua faculdade, por ambição ou por interesse, ou comprometendo-a por um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade etc., que não receba de tempos em tempos alguns avisos da parte dos Espíritos. O mal é que na maior parte das vezes não os tomam para si.”

Nota: Os Espíritos oferecem suas lições de maneira indireta, para darem maior mérito aos que as aproveitam, mas a cegueira e o orgulho são tais entre certas pessoas que eles não se reconhecem nas lições recebidas; e tem mais: se o Espírito lhe dá a entender que é delas que se trata, elas se ofendem e o chamam de mentiroso ou atrevido. Isso prova que o Espírito tinha razão.

5ª Nas lições que são ditadas ao médium de maneira geral e sem aplicação pessoal, este não age como elemento passivo para servir à instrução de outrem?

“Algumas vezes esses avisos e conselhos não são ditados por ele pessoalmente, mas por outros aos quais não podemos nos dirigir senão por meio desse médium, mas que deve tomar a sua parte, se não está cego pelo amor-próprio.

“Não creia que a faculdade mediúnica tenha sido dada para corrigir somente uma ou duas pessoas; não, o objetivo é maior: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento muito pouco importante como indivíduo. Por isso, quando damos instruções que devem beneficiar todos, nos servimos daqueles que possuem as faculdades necessárias. Admitamos que virá um tempo quando os bons médiuns serão comuns, para que os bons Espíritos não tenham necessidade de se servir de maus instrumentos.”

6ª *Desde que as qualidades do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como se explica que um médium dotado de boas qualidades transmita respostas falsas ou grosseiras?*

“Conheces o recôndito de sua alma? Aliás, sem ser vicioso, ele pode ser leviano e frívolo; tem necessidade de uma lição para que se mantenha em guarda.”

7ª *Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que poderiam fazer muito de bom, sejam instrumentos de erro?*

“Eles procuram influenciá-las, mas quando se deixam arrastar para um mau caminho, eles as deixam ir. É por isso que delas se servem com repugnância, porque *a verdade não pode ser interpretada pela mentira.*”

8ª *É absolutamente impossível ter boas comunicações por um médium imperfeito?*

“Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se ele tem uma bela faculdade, bons Espíritos podem se servir dele, à falta de um outro, numa circunstância particular, mas não o fazem sempre, desde que encontrem um que lhes convém melhor, lhe dão a preferência.”

Nota: Observe-se que assim que os bons Espíritos julgam que um médium cessa de ser bem assistido e torna-se, por suas imperfeições, presa de espíritos zombadores, provocam quase sempre circunstâncias que revelam seus erros e o afastam de pessoas sérias e bem intencionadas, cuja boa-fé poderia ser abusada. Nesse caso, sejam quais forem suas faculdades, nada há a lastimar.

9ª *Qual será o médium que se poderia chamar perfeito?*

“Perfeito, infelizmente vocês sabem que a perfeição não é da Terra. Se assim fosse ninguém estaria aqui. Diga então bons médiuns e já é muito, porque eles são raros. O médium perfeito será aquele sobre o qual os maus Espíritos jamais ousariam tentar enganar; o melhor é aquele que, não simpatizando senão com bons Espíritos, foi enganado menos vezes.”

10ª *Se ele não simpatiza senão com bons Espíritos, como podem permitir que seja enganado?*

“Os bons Espíritos o permitem, algumas vezes, com os melhores médiuns, para que exercitem seu julgamento e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso; e depois, por melhor que seja um médium, nunca é tão perfeito que não tenha um lado fraco pelo qual possa ser atacado. Isso lhe serve de lição. As falsas comunicações que recebe de tempos em tempos são avisos para que não se creia infalível e não se orgulhe, porque o médium que obtém as coisas mais notáveis não tem que se glorificar mais que um tocador de órgão que produz belas músicas apenas girando a manivela de seu instrumento.”

11ª *Quais são as condições necessárias para que as palavras dos Espíritos superiores nos cheguem livres de qualquer alteração?*

“Querer o bem; expulsar o egoísmo e o orgulho: os dois procedimentos são necessários.”

12ª *Se a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrar, isso não é um obstáculo à propagação da verdade?*

“Não, porque a luz chega sempre para aquele que a quer recebê-la. Quem quiser esclarecer-se deve fugir das sombras e essas sombras são as impurezas do coração.

“Os Espíritos, que são olhados como a personificação do bem, não se rendem nunca de boa vontade ao apelo daqueles cujo coração está manchado pelo orgulho, a cupidez e a falta de caridade.

“Que aqueles que querem se esclarecer despojem-se de toda vaidade humana e humilhem sua razão diante do poder infinito do Criador. Será a melhor prova de sua sinceridade, e essa condição cada um pode preencher.”

227. Se o médium, no ponto de vista da execução, é apenas um instrumento, sob o aspecto moral exerce uma grande influência. Para se comunicar, o Espírito estranho se identifica com o Espírito do médium. Essa identificação não pode ter lugar se não houver simpatia entre eles, e pode-se dizer afinidade. A alma exerce sobre o Espírito estranho uma espécie de atração ou de repulsão, segundo o grau de sua semelhança ou diferença. Os bons têm afinidade pelos bons e os maus pelos maus; de onde se vê que as qualidades morais do médium têm influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se é vicioso, os Espíritos inferiores vêm se agrupar em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons. As qualidades que atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo, o desapego das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são portas abertas que dão acesso aos maus Espíritos, mas aquelas que exploram com maior habilidade é o orgulho, porque é o defeito que menos se confessa a si mesmo. O orgulho perdeu numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem isso, poderiam ter-se tornado pessoas notáveis e úteis; enquanto que, se tornando presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades primeiro se perverteram, depois se aniquilaram, e muitos se humilharam pelas mais amargas decepções.

O orgulho entre os médiuns se traduz por sinais evidentes sobre os quais é necessário chamar a atenção, que é uma das coisas que devem inspirar desconfiança sobre a veracidade das suas comunicações. Primeiro é uma confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que as deu; daí certo desdém por tudo que não vem deles porque se creem ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com os quais se enfeitam os Espíritos que dizem protegê-los, os fascina e, como seu amor-próprio sofreria de confessar que são vítimas, eles os evitam se afastando de seus amigos e de quem quer que pudesse lhes abrir os olhos; têm a

condescendência de ouvir esses amigos, mas não tomam conhecimento de suas advertências, porque duvidar do seu Espírito guia é quase uma profanação. Ofendem-se com a menor observação, com uma simples crítica, e chegam a odiar até as pessoas que lhes prestaram favores. A favor desse isolamento provocado pelos Espíritos que não querem ter contraditores, esses tudo fazem para conservá-los em suas ilusões, assim fazem-nos tomar os maiores absurdos por coisas sublimes. Assim, a confiança absoluta na superioridade do que obtém, desprezo pelo que não vem deles, importância irrefletida dada aos grandes nomes, rejeição dos conselhos, levar a mal qualquer crítica, afastamento daqueles que podem dar advertências desinteressadas, crença em sua habilidade, apesar do defeito da inexperiência: tais são os caracteres dos médiuns orgulhosos.

É necessário lembrar também que o orgulho é frequentemente despertado no médium pelas pessoas que o rodeiam. Se possui faculdades acima do comum, é procurado e elogiado; ele se crê indispensável e logo toma ares de suficiência e desdém quando presta seu concurso. Mais de uma vez tivemos ocasião de lamentar os elogios que fizemos a certos médiuns, com a finalidade de encorajá-los.

229. Ao lado disso, vejamos o médium verdadeiramente bom, aquele em quem se pode confiar. Suponhamos primeiro uma facilidade de execução bem grande para permitir aos Espíritos se comunicar livremente sem ser entravados por nenhuma dificuldade material. Isso feito, o que importa mais a considerar é a natureza dos Espíritos que o assistem habitualmente, e por isso não é o nome que se deve olhar, mas a linguagem. Ele não deve perder de vista que as simpatias que granjeará entre os bons Espíritos serão em razão daquilo que fará para afastar os maus. Persuadido de que sua faculdade é um dom que lhe foi dado para o bem, não procura se prevalecer disso, não se faz nenhum mérito. Aceita as boas comunicações que lhes são feitas como uma graça da qual deve se esforçar de se tornar digno pela bondade, por sua benevolência e sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este se humilha porque não se crê merecedor desse favor.

Dissertação de um Espírito sobre a influência moral

230. A instrução seguinte nos foi dada sobre este assunto por um Espírito do qual já divulgamos muitas comunicações:

“Como já dissemos: os médiuns, apenas como tais, têm uma influência secundária na comunicação dos Espíritos; sua tarefa é de uma máquina elétrica, que transmite as mensagens telegráficas de um ponto afastado a outro ponto da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o empregado do telégrafo sobre seu aparelho; quer dizer, como o tique-taque do telégrafo traça, a milhares de quilômetros, sobre uma tira de papel, os sinais da mensagem, o mesmo acontece conosco, comunicamos através de distâncias imensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do encarnado, o que lhes queremos ensinar por meio do aparelho mediúnico. Mas, assim como as influências atmosféricas agem e perturbam as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium age e perturba algumas vezes a transmissão de nossas mensagens do além, porque somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, na maioria das vezes essa influência é anulada, por nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, ditados de alto alcance filosófico, comunicações de uma perfeita moralidade são transmitidas algumas vezes por médiuns pouco apropriados a esses ensinamentos superiores; enquanto que, de outro lado, comunicações pouco edificantes chegam por médiuns envergonhados de lhes terem servido de condutores.

“Em geral, pode-se afirmar que os Espíritos similares se agrupam e que raramente Espíritos elevados se comuniquem por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, em uma palavra, bons médiuns.

“Os médiuns levianos e pouco sérios chamam os Espíritos da mesma natureza; por isso, suas comunicações estão cheias de banalidades, de frivolidades, de ideias sem sentido e, às vezes, heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, podem dizer, e dizem algumas vezes boas coisas; mas é nesse caso que se deve fazer um exame severo

e escrupuloso, porque em lugar de boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam com habilidade e com uma perfídia calculada fatos controversos, asserções mentirosas, a fim de enganar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se então eliminar sem piedade toda palavra, toda frase equivocada, e não conservar do ditado senão o que a lógica aceita ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações dessa natureza só são perigosas para os espíritas isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos; porque nas reuniões em que os adeptos são mais avançados e adquiriram experiência, não adianta o galo se enfeitar com as penas do pavão, vai ser impiedosamente descoberto.

“Não falarei dos médiuns que gostam de solicitar e ouvir comunicações obscenas; deixemos que se fartem na companhia de Espíritos cínicos. As comunicações dessa ordem procuram elas próprias a solidão e o isolamento; não poderiam, em todo caso, senão levantar desdém e desgosto entre os integrantes de grupos filosóficos e sérios. Mas onde a influência moral do médium se faz realmente sentir é quando este substitui com suas ideias pessoais aquelas que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir; e ainda tira de sua imaginação teorias fantásticas em que crê, de boa-fé, resultar de uma comunicação intuitiva. Pode-se apostar mil contra um que isso não passa do reflexo do próprio Espírito do médium; e acontece mesmo este fato curioso: que a mão do médium se move quase mecanicamente, empurrada que é por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que vêm se quebrar as imaginações ardentes; porque, levados pelo arrebatamento de suas próprias ideias, pelos artifícios de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um sábio Espírito, e abandonando a presa pela sombra, os substituem por uma paráfrase enfática. É contra essa dificuldade perigosa que vêm igualmente malograr personalidades ambiciosas que, à falta de comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como obras desses Espíritos. Eis por que é necessário que os chefes de grupos espíritas sejam dotados de muito tato e de uma rara sagacidade para discernir as comunicações autênticas das outras e para não ferir aqueles que estão na ilusão.”

“Na dúvida, abstenha-se, diz um antigo provérbio; não admita senão o que é uma evidência certa. Desde que uma opinião nova apareça, por pouco que pareça duvidosa, passe-a pelo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeite corajosamente. Mais vale rejeitar dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa. Com efeito, sobre essa falsa teoria poderiam edificar todo um sistema que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade como um monumento construído sobre areia movediça, enquanto que, se rejeitar hoje certas verdades, porque não são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar sua autenticidade.”

“Lembrem-se, entretanto, ó espíritas, de que não há impossível para Deus e os bons Espíritos, senão a injustiça e a iniquidade.

“O Espiritismo está muito difundido entre os homens e tem moralizado suficientemente os adeptos sinceros de sua santa doutrina, para que os Espíritos não sejam mais reduzidos a empregar maus utensílios, médiuns imperfeitos. Se, então, um médium, seja qual for, por sua conduta e seus costumes, por seu orgulho, por sua falta de amor e caridade, der um motivo legítimo de suspeição, rejeite suas comunicações, porque há uma serpente escondida na relva. Eis minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.” – **Erasto**

INFLUÊNCIA DO MEIO

231. *1ª O meio no qual se encontra o médium exerce influência sobre as manifestações?*

“Todos os Espíritos que rodeiam o médium ajudam-no tanto no bem como no mal.”

2ª Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhe serve de intérprete e dos que o rodeiam?

“Sim, quando julgam útil e segundo a intenção da pessoa que a eles se dirige. Já dissemos: os Espíritos mais elevados podem algumas vezes se comunicar por um favor especial, apesar da imperfeição do médium e do meio, mas estes permanecem completamente alheios.”

3ª Os Espíritos superiores procuram encaminhar as reuniões fúteis para ideias mais sérias?

“Os Espíritos superiores não vão a reuniões nas quais sabem que sua presença é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, vamos de boa vontade, mesmo quando aí só acharemos instrumentos medíocres. Nos meios instruídos onde a ironia domina, não vamos. Aí, é necessário falar aos olhos e aos ouvidos: é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que as pessoas que se vangloriam de sua ciência sejam humilhadas pelos Espíritos menos sábios e menos desenvolvidos.”

4ª O acesso às reuniões sérias é interdito aos Espíritos inferiores?

“Não, eles aí permanecem algumas vezes para aproveitar os ensinamentos que são dados; mas se calam *como estouvados numa assembleia de sábios.*”

232. Seria um erro crer que é necessário ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. O espaço está povoado deles, estão ao nosso redor, a nosso lado, nos veem e observam, se misturam em nossas reuniões, nos seguem ou fogem segundo os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica nada tem com isso: é apenas um meio de comunicação. Depois do que vimos sobre as causas de simpatia ou de antipatia dos Espíritos, se compreenderá facilmente que devemos estar rodeados daqueles que têm afinidade com nosso próprio Espírito, segundo seu grau de desenvolvimento, elevado ou inferior. Consideremos agora o estado moral de nosso globo e compreenderemos qual o gênero de Espíritos que deve predominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante dos habitantes, por suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos *humanitários*, as ordens de Espíritos que aí se encontram.

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados de seus prazeres; quais serão os Espíritos que aí se encontrarão de preferência? Com certeza não serão Espíritos superiores, nem nossos sábios e filósofos iriam aí passar seu tempo. Assim, todas as vezes que homens se reúnem, têm com eles uma assembleia oculta que simpatiza com suas qualidades ou suas imperfeições, *e isso sem qualquer ideia de evocação*. Admitamos agora que tenham a possibilidade de se ocupar com os seres do mundo invisível por um intérprete, quer dizer, por um médium; quais vão responder a seu apelo? É evidente que aqueles que estão lá, perto, e que procuram uma ocasião de se comunicar. Se, em uma reunião fútil, chama-se um Espírito superior, ele poderá vir e fazer ouvir palavras orientadoras, como um bom pastor vai ao meio de ovelhas desgarradas, mas no momento em que não se vê compreendido nem ouvido, ele se vai, como faria qualquer pessoa em seu lugar e deixa o campo livre para os outros.

233. Não basta que uma reunião seja séria para ter comunicações de ordem elevada; há pessoas que não riem nunca e cujo coração não é puro. Ora, é o coração que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral

exclui as comunicações espíritas, mas, se estamos em más condições, conversamos com nossos semelhantes que não perdem a ocasião de nos enganar e incentivar nossos preconceitos.

Por aí se vê a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência não se exerce como pretendiam algumas pessoas, quando não se conhecia o mundo dos Espíritos como se conhece hoje, e antes que experiências mais conclusivas tenham vindo esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com as opiniões dos assistentes, isso não é motivo para que essa opinião se reflita no Espírito do médium como num espelho; é porque os Espíritos que lhes são simpáticos, tanto para o bem como para o mal, participam das mesmas ideias. Isso prova que, se tiveram a força de atrair outros Espíritos que não os que os rodeiam, esse mesmo médium terá uma linguagem muito diferente, dando comunicações bastante afastadas de suas ideias e convicções.

Resumindo: as condições do meio serão tanto melhores quanto maior homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de se instruir sem segundas intenções.

MEDIUNIDADE ENTRE OS ANIMAIS

234. Os animais podem ser médiuns? Frequentemente se coloca essa questão e certos fatos parecem responder afirmativamente a ela. O que tem dado crédito a essa opinião são os sinais notáveis de inteligência de alguns pássaros adestrados que parecem adivinhar o pensamento e tiram de um pacote de cartas aquela que pode levar a resposta exata a uma dada pergunta. Observamos essas experiências com um cuidado todo particular, e o que mais admiramos é a arte que é necessária usar para a instrução desses pássaros.

Não se pode, sem dúvida, lhes recusar certa dose de inteligência relativa, mas é necessário convir que, nessa circunstância, sua perspicácia ultrapassaria de muito a do homem, porque não há pessoa que possa se gabar de fazer o que eles fazem; seria preciso mesmo, para certas experiências, supor um dom de segunda visão superior àquela dos sonâmbulos mais clarividentes. Com efeito, sabe-se que a lucidez é essencialmente variável e que é sujeita a frequentes intermitências, enquanto que entre esses animais seria permanente e funcionaria no caso, com uma regularidade e uma precisão que não se vê entre nenhum sonâmbulo; em uma palavra, não lhe faltaria nunca.

A maioria das experiências que vimos são da natureza daquelas que os prestidigitadores fazem e não tivemos dúvidas quanto ao emprego de alguns de seus artifícios, notadamente aquele das cartas marcadas. A

arte da prestidigitação consiste em dissimular esses meios, sem os quais os efeitos não teriam mais charme. O fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, não é menos interessante. Resta sempre a admirar o talento do instrutor tanto quanto a inteligência do aluno, porque a dificuldade a vencer é bem maior que se o pássaro só agisse em virtude de suas próprias faculdades. Ora, fazendo com que estes façam coisas que ultrapassam o limite do possível para a inteligência humana é provar, só por isso, o emprego de um procedimento secreto. É um fato conhecido que esses pássaros só chegam a esse grau de habilidade ao fim de um período de tempo, com a ajuda de cuidados particulares e perseverantes, o que não seria necessário se sua inteligência apenas fosse suficiente. Não é mais extraordinário adestrá-los a tirar cartas, que habituá-los a repetir árias, ou palavras.

A mesma coisa aconteceu quando a prestidigitação quis imitar a segunda visão; levava-se o assunto ao extremo para que a ilusão fosse duradoura. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão desse gênero, aí vimos uma imitação muito imperfeita de sonambulismo, revelando a ignorância de condições mais essenciais para essa faculdade.

235. Quaisquer que sejam as experiências expostas, deixam inteira a questão principal, porque a imitação do sonambulismo não impede a faculdade de existir, a imitação da mediunidade por meio dos pássaros não prova nada contra a possibilidade de uma faculdade análoga entre eles e outros animais.

Trata-se de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos para suas comunicações inteligentes. Parece mesmo muito lógico supor que um ser vivo, dotado de certa dose de inteligência, seja mais apropriado a esse efeito que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo; apesar disso é o que não se dá.

236. A questão da mediunidade dos animais se encontra completamente resolvida na dissertação seguinte, dada por um Espírito de onde se pode apreciar a profundidade e a sagacidade pelas citações que já tivemos ocasião de fazer. Para bem avaliar o valor de sua demonstração, é essencial se reportar à explicação dada ao papel do médium nas comunicações, e que reproduzimos aqui. (ver item nº 225.)

Esta comunicação foi dada em seguida a uma discussão, que teve lugar, sobre o assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

“Hoje abordo a questão da mediunidade dos animais levantada e sustentada por um de seus fervorosos adeptos. Ele pretende, em virtude deste axioma: *quem pode o mais pode o menos*, que podemos ‘mediunizar’ os pássaros e os outros animais e nos servir deles em nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamam em Filosofia, mais particularmente em Lógica, pura e simplesmente um sofisma. ‘Se se anima a matéria inerte, quer dizer, uma mesa, uma cadeira, um piano; com mais razão, deve-se animar a matéria já animada, notadamente a do pássaro.’ Pois bem, dentro das leis normais do Espiritismo isso não é possível e não pode ser assim.

“Primeiro, pesemos bem os fatos. O que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se com facilidade com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, nada de comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, nem de qualquer espécie que seja.

“Há um princípio, estou certo, que é admitido por todos os espíritas: é que os semelhantes agem com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos encarnados ou não. É preciso repetir se cessar? Pois bem, repetirei ainda: seu perispírito e o nosso são tirados do mesmo meio, são de naturezas idênticas, são semelhantes, em uma palavra; possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, nos colocar muito pronta e facilmente em relação. Enfim, o que pertence especificamente aos médiuns, o que é a essência mesma de sua individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo uma força de expansão particular que anulam neles toda refratariedade e estabelecem entre eles e nós uma espécie de corrente, uma espécie de fusão que facilita nossas comunicações. É, de resto, essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade entre a maior parte daqueles que não são médiuns.

“Os homens são sempre levados a tudo exagerar; não falo aqui dos materialistas, recusam uma alma aos animais. Outros querem lhes dar uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Por que querer confundir assim o perfectível com o imperfectível? Não, não, estejam convencidos. O fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover e falar em sua linguagem, não tem, até o presente, nenhuma aptidão a se misturar, a se unir, a se fundir com o sopro divino, a alma etérea, em uma palavra, o Espírito, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, esse rei da criação. Não é isso que faz a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres que essa condição essencial de perfectibilidade? Pois bem, reconheçam então que não se pode assemelhar ao homem, único perfectível em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo de outra espécie vivente na Terra.

“O cão que, por sua inteligência superior entre os animais, se tornou amigo e comensal do homem, é perfectível por si mesmo e por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmar isso, porque o cão não faz progredir o cão; aquele entre eles que é mais bem adestrado é sempre adestrado por seu mestre. Desde que o mundo é mundo, a lontra constrói sua casa sobre as águas, sempre nas mesmas proporções, seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram seu ninho diferente dos de seus pais. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais da época moderna, é sempre um ninho de pardais, edificadas nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de galinhos e pauzinhos recolhidos na primavera à época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas organizadas, jamais variaram seus hábitos de armazenamento, maneira de agir, em seus costumes na sua produção. Enfim, a aranha tece a sua teia sempre do mesmo modo.

“Por outro lado, se procurar as cabanas de folhagem e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrarão palácios e castelos da civilização moderna; as vestimentas de pele bruta sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo encontrarão a prova dessa marcha incessante da Humanidade em direção ao progresso.

“Desse progresso constante e invencível, irrecusável da espécie humana e desse estacionamento indefinido das outras espécies animadas, conclua comigo que existe princípios comuns àquele que vive e que morre sobre a Terra: o sopro e a matéria, não é menos verdade que apenas os Espíritos encarnados estão sujeitos a essa inevitável lei do progresso que os empurra para a frente, sempre para a frente. Deus colocou os animais ao lado dos homens como auxiliares para os alimentar, vestir, ajudar. Ele lhes deu uma certa dose de inteligência, para que, para ajudar seria necessário compreender. Ele proporcionou sua inteligência aos serviços que são chamados a executar, mas, na Sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, assim permanecerão até a extinção de suas raças.

“Diz-se: os Espíritos ‘mediunizam’ e fazem mover a matéria inerte, cadeiras, mesas, pianos; fazem mover, sim, mas ‘mediunizar’ não. Porque, ainda uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. Que há de extraordinário que, com a ajuda de um ou de muitos médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, é apropriada a sofrer os movimentos e os impulsos que desejamos lhes imprimir? Por isso temos necessidade de médiuns, é positivo; mas não é necessário que o médium esteja presente, ou *consciente*, porque podemos agir com os elementos que ele nos fornece, à sua revelia e fora de sua presença, principalmente nos fatos de tangibilidade e de transporte. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil que o mais sutil e imponderável dos gases conhecidos, se unindo, se casando, se combinando com o envoltório fluídico, mais *animalizado* do médium, cuja propriedade de expansão e penetrabilidade é incompreensível para seus sentidos grosseiros e quase inexplicáveis para os senhores, nos permite mover os móveis e mesmo quebrá-los nos aposentos vazios.

“Certamente os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis para os animais. Às vezes tal pavor súbito, que os toma e que parece sem motivo, é causado pela visão de um ou de mais Espíritos mal-intencionados para os indivíduos presentes ou para aqueles a quem pertencem esses animais. Muito frequentemente se veem cavalos que não querem

nem avançar nem recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem, tenham por certo que esse obstáculo imaginário é um espírito ou um grupo de Espíritos que se divertem em impedi-los de continuar. Lembrem-se da mula de Balaão que, vendo um anjo diante dela e temendo sua espada flamejante se obstinava a não se mexer; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível apenas para o animal. Repito, não mediunizamos diretamente os animais nem a matéria inerte. É necessário sempre o concurso consciente ou inconsciente de um médium humano, porque precisamos da união dos fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

“O sr. T..., dizem, magnetizou seu cão. A qual resultado chegou? Ele o matou, porque esse infeliz animal morreu depois de ter caído numa espécie de atonia, de langor, em consequência de sua magnetização. Com efeito, inundando-o de um fluido tirado de uma essência superior à essência especial à sua natureza, ele o esmagou e agiu sobre ele, ainda que mais lentamente, à maneira do raio. Então, como não há nenhuma assimilação possível entre nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais propriamente dito, nós os esmagaríamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

“Isso estabelecido, reconheço perfeitamente que entre os animais existe aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odiosos, segundo se age bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez de incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente aos animais selvagens que habitam as florestas. Mas daí a poderem servir de intermediário para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença das naturezas.

“Vocês sabem que tiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar a nosso pensamento uma forma sensível e apreensível. É com a ajuda dos materiais que possui que o médium traduz nosso pensamento para a linguagem comum. Pois bem, que elementos acharíamos no cérebro de um animal? Há palavras, números,

letras, sinais quaisquer, similares àqueles que existem entre os homens, mesmo o menos inteligente? Entretanto, os animais compreendem o pensamento do homem, o adivinham mesmo. Sim, os animais adestrados compreendem certos pensamentos, mas já os viram reproduzi-los? Não, conclua então que os animais não podem nos servir de intérpretes.

“Para resumir: os fatos mediúnicos não podem se manifestar sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns; e que é entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar aqueles que nos podem servir de médiuns. Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para fazer tais ou tais exercícios, isso é assunto dos senhores, não o nosso.” – **Erasto**

Nota: Encontra-se na *Revista Espírita*, de setembro de 1861 a explicação minuciosa de um procedimento empregado pelos adestradores de pássaros-sábios, para lhes fazer tirar de um pacote as cartas desejadas.

OBSESSÃO

Obsessão simples — Fascinação — Subjugação — Causas da obsessão — Meios de combatê-las.

237. Da obsessão. Ao número de dificuldades que apresenta a prática do Espiritismo, é necessário colocar em primeiro lugar a *obsessão*, ou seja, o império que alguns Espíritos podem exercer sobre certas pessoas. Ela acontece porque Espíritos inferiores procuram dominar; os bons Espíritos não fazem experimentar nenhum constrangimento, aconselham, combatem a influência dos maus, e se não os escutam, se retiram. Os maus, ao contrário, ligam-se aos que podem prender. Se conseguem dominar alguém, identificam-se com seu próprio Espírito e o conduz como uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos que é necessário distinguir, que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que ela produz. A palavra *obsessão* é um termo genérico pelo qual se designa esse gênero de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

238. A obsessão simples tem lugar quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se intromete contra a sua vontade nas comunicações que recebe, impede-o de se comunicar com outros Espíritos e se coloca no lugar daqueles que se evoca.

Não se está obsedado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium está exposto a isso, principalmente no

começo, quando lhe falta ainda a experiência necessária, como entre nós, as pessoas mais honestas podem ser vítimas de trapaceiros. Pode-se ser enganado sem ser obsedado. A obsessão está na tenacidade do Espírito do qual não se pode desembaraçar.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está lidando com um Espírito zombeteiro e este não se esconde; não dissimula nada de suas más intenções e seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a mistificação e, como está sempre prevenido, raramente é enganado. Esse gênero de obsessão é simplesmente desagradável, e não tem outro inconveniente que opor um obstáculo às comunicações que se quer ter com Espíritos sérios ou com aqueles aos quais se tem afeição.

Pode-se incluir nessa categoria os casos de *obsessão física*, quer dizer, aquela que consiste em manifestações barulhentas e obstinadas de certos espíritos que fazem ouvir espontaneamente pancadas ou outros ruídos. Voltaremos para esse fenômeno no capítulo V, “Das Manifestações físicas espontâneas.” (ver item nº 82.)

239. A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que paralisa de algum modo seu julgamento em relação às comunicações. O médium fascinado não crê ser enganado: o Espírito tem o poder de inspirar uma confiança cega que o impede de ver a trapaça e de compreender o absurdo do que escreve, ainda que salte aos olhos de todo mundo. A ilusão pode mesmo ir até lhe fazer ver o sublime na linguagem mais ridícula. Estão enganados os que acreditam que esse gênero de obsessão não pode atingir senão pessoas simples, ignorantes e desprovidas de julgamento. Os homens mais espiritualizados, mais instruídos e mais inteligentes em outros sentidos não estão isentos disso, o que prova que essa aberração é o efeito de uma causa estranha da qual sofrem a influência.

Dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. Com efeito, em favor dessa ilusão, que é a consequência, o Espírito conduz aquele que conseguir dominar, como o faria com um cego. Pode-lhe fazer aceitar as doutrinas mais bizarras, as teorias mais falsas como a única expressão da verdade; bem mais, pode levá-lo a ações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se liga a você é apenas um ser importuno por sua tenacidade e do qual se fica impaciente por se desembaraçar. Na segunda, é outra coisa. Para chegar a tais fins, é necessário um Espírito esperto, artiloso e profundamente hipócrita, porque ele não pode dar o troco e se faz aceitar com a ajuda de uma máscara que sabe usar e de uma falsa aparência de virtude; as grandes palavras de caridade, humildade e amor de Deus são para ele como cartas de fiança; mas, através de tudo isso, deixa perceber sinais de inferioridade que é preciso estar *fascinado* para não perceber. Por isso teme, mais que tudo, as pessoas que veem demasiado claro, isso porque sua tática é quase sempre de inspirar a seu intérprete o afastamento de quem quer que seja que possa lhe abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, está certo de ter sempre razão.

240. Subjugação. A subjugação é um aperto que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir à sua revelia. Ele fica sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é solicitado a tomar decisões às vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele crê sensatas; é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre seus órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Ela se traduz no médium escrevente por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos um que, à falta de lápis ou caneta, simulava escrever com o dedo, em todo lugar onde se encontrava, nas ruas, nas portas e nos muros.

A subjugação corporal vai algumas vezes mais longe; pode forçar os atos mais ridículos. Conhecemos um homem que não era nem jovem nem bonito, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se viu levado por uma força irresistível, a se pôr de joelhos diante de uma moça que não lhe interessava e pedi-la em casamento. De outras vezes, sentia sobre as costas e pernas uma pressão enérgica que o forçava, apesar de sua vontade a isso se opor, a se pôr de joelhos e beijar a terra

nos lugares públicos em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre seus conhecidos, mas estamos convencidos de que ele não estava, porque tinha plena consciência do ridículo que fazia contra sua vontade e sofria horrivelmente com isso.

241. Dava-se antigamente o nome de *possessão* ao domínio exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até a aberração das faculdades. A *possessão* seria, para nós, sinônimo de *subjugação*. Se não adotamos esse termo é por dois motivos: o primeiro implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, que todos podem se aperfeiçoar. O segundo, que implica igualmente a *possessão* do corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, enquanto que é apenas constrangimento. A palavra *subjugação* dá perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos* no sentido comum da palavra, apenas *obsedados*, *subjugados* e *fascinados*.

242. A *obsessão*, como dissemos, é uma das maiores dificuldades da mediunidade; é também uma das mais frequentes. Assim nunca seriam demais os cuidados para combatê-la, porque além dos inconvenientes pessoais que podem daí resultar, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A *obsessão*, em qualquer grau que seja, sendo sempre o efeito de um constrangimento e este constrangimento, não podendo nunca ser exercido por um bom Espírito, resulta que toda comunicação dada por um médium *obsedado* é de origem suspeita e não merece confiança. Se alguma vez encontrar algo de bom, é preciso restringir-se a isso e rejeitar tudo que é duvidoso.

243. Podemos reconhecer a *obsessão* pelos seguintes caracteres:

1º Persistência de um Espírito de se comunicar queira ou não, pela escrita, pela audição, pela *tiptologia* etc., opondo-se a que outros Espíritos possam fazê-lo;

2º Ilusão que, apesar da inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3º Crença absoluta na infalibilidade e na identidade dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4º Confiança do médium nos elogios que lhes fazem os Espíritos que se comunicam com ele;

5º Disposição para se afastar das pessoas que podem dar-lhe conselhos úteis;

6º Levar mal a crítica sobre as comunicações que recebe;

7º Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8º Um constrangimento físico qualquer que domina sua vontade e força-o a agir ou falar sem querer;

9º Ruídos e transtornos persistentes ao redor de si, do qual é a causa ou o objeto.

244. Diante do perigo da obsessão, pergunta-se se não é uma coisa inconveniente ser médium. Não é essa faculdade que a provoca; em uma palavra, não está aí uma prova do inconveniente das comunicações espíritas? Nossa resposta é fácil, e pedimos que meditem nela com cuidado.

Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas os Espíritos que demonstraram que há espíritas e médiuns. Os Espíritos não sendo senão as almas dos homens, então há Espíritos desde que há homens e, por consequência, em todos os tempos exerceram sua influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica não é para eles senão um meio de se manifestar, à falta dessa faculdade, o fazem de mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria um erro crer que os Espíritos não exercem sua influência senão pelas comunicações escritas ou verbais; essa influência é de todos os instantes e aqueles que não se ocupam dos Espíritos ou mesmo não creem neles são expostos como os outros e até mais por não disporem de meios de defesa. A mediunidade é para o Espírito um meio de se fazer conhecer; se for mau, se trai sempre, por mais hipócrita que seja. Pode-se dizer, então, que a mediunidade permite ver seu inimigo face a face, se podemos assim exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade, ele age na sombra e a favor de sua invisibilidade, pode e faz na realidade muito mal. A quantos atos o homem é impelido para sua infelicidade e que teriam sido evitados se houvesse um meio de se esclarecer! Os incrédulos não supõem dizer uma verdade, quando

dizem de um homem que se obstina no erro: “É seu mau gênio que o impele a se perder”. Assim, o conhecimento do Espiritismo, longe de dar o império aos maus Espíritos, deve ter por resultado, num tempo mais ou menos próximo e quando a doutrina for propagada, *destruir esse império*, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra suas sugestões, e aquele que sucumbir só poderá culpar a si mesmo.

Regra geral: aquele que tem más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob uma má influência. Essa influência se exerce sobre ele, escreva ou não escreva, quer dizer, que seja ou não médium, quer creia ou não. A escrita é um meio de se assegurar da natureza dos Espíritos que agem sobre ele e de combatê-los se são maus, o que se faz com maior sucesso quando se consegue conhecer o motivo que os faz agir. Se o médium está cego para não compreender, outras pessoas podem lhe abrir os olhos.

Em resumo: o perigo não está no Espiritismo, pois que ele pode, ao contrário, servir de controle e preservar-nos daqueles riscos que corremos à nossa revelia. Ele está na orgulhosa propensão de certos médiuns a se acreditarem, levemente, ser o instrumento exclusivo de Espíritos superiores e na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices das quais são intérpretes. Mesmo aqueles que não são médiuns podem se deixar levar. Citemos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto, que ele não conhece e que espalha contra ele, às escondidas, a calúnia e tudo o que a mais negra maldade possa inventar; ele vê sua fortuna se perder, seus amigos se afastarem, sua felicidade interior perturbada; não podendo descobrir a mão que o atinge, não pode se defender e sucumbe; mas um dia esse inimigo secreto lhe escreve e se trai, apesar de sua astúcia. Eis, o inimigo descoberto, o homem pode confrontá-lo e se reabilitar. Tal é o papel dos maus Espíritos que o Espiritismo nos concede a oportunidade de conhecer e de anular.

245. Os motivos da obsessão variam segundo o caráter do Espírito. Algumas vezes é uma vingança que exerce sobre um indivíduo do qual teve queixas durante sua vida ou em outra existência; às vezes não há outra razão a não ser o desejo de fazer o mal. Como ele sofre, quer ver

os outros sofrerem; encontra uma espécie de alegria a atormentá-los e humilhá-los. Assim a impaciência das vítimas o exacerba, porque tal é seu objetivo, enquanto que a paciência o cansa. Irritando-se, mostrando-se zangado, faz-se precisamente o que ele quer. Esses Espíritos agem por vezes por ódio e ciúmes do bem; por isso lançam suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se ligou como verdadeira “tinha” a uma conceituada família nossa conhecida, de que não teve a satisfação de tomar por vítima. Interrogado sobre o motivo pelo qual se ligou a essa boa família mais que a homens maus como ele, respondeu: “Estes não me fazem inveja”. Outros são guiados por sentimentos de covardia que os leva a aproveitar da fraqueza moral de certos indivíduos que sabem incapazes de resistir. Um destes últimos, que subjugava um homem jovem de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, nos respondeu: *Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa capaz me repeliria; ligo-me a um idiota que não pode resistir*”.

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que até são bons, mas têm o orgulho do falso saber. Possuem suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; querem fazer prevalecer sua opinião e procuram para isso médiuns suficientemente crédulos para aceitá-los de olhos fechados e que fascinam para impedi-los de discernir o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, porque os sofismas não lhes custam nada, podem fazer acreditar nas utopias mais ridículas. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm escrúpulo de se enfeitar como um daqueles diante dos quais todos se inclinam e não recuam mesmo diante do sacrilégio de se dizer Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Procuram ofuscar por uma linguagem pomposa, mais pretensiosa que profunda, erçada de termos técnicos, ornada de grandes palavras de caridade e moral. Evitarão dar maus conselhos porque sabem que seriam repelidos e os enganados os defendem, dizendo: Vejam que não dizem nada de mal. Mas a moral não é para eles senão um passaporte, é o menor de seus cuidados. O que querem, mais que tudo, é dominar e impor suas ideias, por mais irracionais que sejam.

247. Os Espíritos sistemáticos são quase sempre escrevinhadores, porque procuram os médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tratam de fazer instrumentos dóceis e entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Gostam de ditar a seus intérpretes volumosos escritos indigestos e pouco inteligíveis, que têm felizmente por antídoto a impossibilidade material de ser lido pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios nas palavras; dizem muitas coisas em poucas palavras. Essa fecundidade prodigiosa deve sempre ser suspeita.

Nunca será demais a prudência na ocasião de publicar semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades de que estão repletos, que chocam o bom senso, produzem má impressão sobre os principiantes dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem contar que são armas das quais os inimigos se utilizam para torná-lo ridículo. Entre essas publicações, há as que sem serem más e sem provir de uma obsessão, podem ser olhadas como imprudentes, *intempestivas* ou desastradas.

248. Acontece muitas vezes que um médium não possa se comunicar senão com um só Espírito, que se ligou a ele e responde pelos que são chamados. Isso não é uma obsessão, pode acontecer por uma falta de flexibilidade do médium, a uma afinidade especial de sua parte por tal ou tal Espírito. Não há obsessão propriamente dita senão quando o Espírito se impõe e afasta os outros por sua vontade, o que não é nunca o feito de um bom Espírito. Geralmente, o Espírito que se apossa do médium com vistas a dominá-lo não suporta o exame crítico de suas comunicações; quando vê que não são mais aceitas e são discutidas, ele não se retira, mas inspira ao médium a ideia de se isolar, e muitas vezes lhe ordena mesmo. Todo médium que se ofende pela crítica das comunicações que obtém é o eco do Espírito que o domina e esse Espírito não pode ser bom do momento que lhe inspira um pensamento ilógico, aquele de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre prejudicial para ele, porque não há nenhum controle para suas comunicações. Não somente deve se esclarecer por conselho de terceiros, mas lhe é necessário estudar todos os gêneros de comunicações para os comparar; restringindo-se nas que obtém, tão boas quanto pareçam,

se expõe a se iludir sobre seu valor, sem contar que ele não pode tudo conhecer e que giram quase sempre no mesmo círculo (Ver item nº 192, “Médiuns exclusivos”).

249. Meios de combater a obsessão. Os meios de combater a obsessão variam segundo o caráter de que se reveste. O perigo não existe realmente para o médium que está convencido de que lida com um mentiroso, como costuma acontecer na obsessão simples; é para ele apenas uma coisa desagradável. Mais precisamente por ser desagradável, o Espírito tem mais uma razão para insistir em aborrecê-lo. Duas coisas essenciais podem ser feitas no caso: provar ao Espírito que não se é sua vítima e que lhe é *impossível* enganar; segundo, cansar sua paciência mostrando-se mais paciente que ele. Se ficar convencido de que perde seu tempo, acabará por se retirar como fazem os importunos a quem não se dá atenção.

Nem sempre isso é suficiente e pode demorar bastante, porque há alguns que são tenazes, e para eles meses e anos são pouca coisa. O médium deve, além disso, apelar para seu anjo guardião, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, e pedir para assisti-lo. Em relação ao Espírito obsessivo, seja mau como for, é necessário tratar com severidade, mas com benevolência, e vencê-lo pelo bom procedimento, orando por ele. Se for realmente perverso, zombará no começo, mas moralizando-o com perseverança, terminará por se emendar. É uma conversão que se empreende, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, repugnante mesmo, mas cujo mérito está na dificuldade, e que, se é bem cumprida, dá sempre a satisfação de ter cumprido um dever de caridade e de ter trazido de volta ao bom caminho uma alma perdida.

Convém interromper toda comunicação escrita quando se reconhece que vem de um mau Espírito, que não quer ouvir a razão, a fim de não lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode ser útil cessar de escrever por um tempo; regula-se segundo as circunstâncias. Mas se o médium escrevente pode evitar essas conversações se abstendo de escrever, o mesmo não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue a todos os instantes com sua linguagem grosseira e obscena e que não tem o recurso de tampar os ouvidos. De resto, é necessário reconhecer que certas pessoas se divertem com a linguagem

trivial desses espíritos que provocam e encorajam rindo das bobagens, em lugar de lhes impor silêncio e os moralizar. Nossos conselhos não podem se aplicar àqueles que querem se afogar.

250. Há apenas aborrecimento, e não perigo, para o médium que não se deixa enganar, porque ele não pode ser confundido. É completamente diferente na *fascinação*, porque então, o domínio do Espírito sobre sua vítima não tem limites. A única coisa a fazer com ele é convencê-lo de que é enganado e reverter sua obsessão para o caso de obsessão simples. Nem sempre é fácil, senão quase impossível. A ascendência do Espírito pode ser tal, que torna o fascinado surdo a toda espécie de raciocínio e pode ir até a fazer duvidar, quando o Espírito comete uma grande heresia científica, se a Ciência não se engana. Como já dissemos, ele acolhe muito mal os conselhos; a crítica o aborrece, o irrita, lhe faz tomar prevenção contra todos que não participam sua admiração. Suspeitar de seu obsessor é quase uma profanação a seus olhos e é tudo o que o Espírito pede, porque o que ele quer é que se ponham de joelhos diante de sua palavra.

Um desses exercia sobre uma pessoa de nosso conhecimento uma fascinação extraordinária. Nós o evocamos e, depois de algumas fanfarrônicas, vendo que não podia nos enganar com sua identidade, terminou por confessar que não era aquele do qual usava o nome. Perguntando-lhe por que enganava assim essa pessoa, respondeu estas palavras que revelam nitidamente o caráter dessa espécie de Espírito: *Procurava um homem que eu pudesse manejar, encontrei-o e ficarei com ele.* — Mas se o esclarecermos, ele o rejeitará. — *É o que veremos!* Como não há pior cego do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de toda tentativa para abrir os olhos do fascinado, o que há de melhor a fazer é deixá-lo com suas ilusões. Não se pode tratar um doente que se obstina na doença e nela se compraz.

251. A subjugação corporal tira ao obsedado a energia necessária para dominar o mau Espírito, por isso é necessária a intervenção de uma terceira pessoa, agindo seja pelo magnetismo, seja pelo império da sua vontade. A falta de concurso do obsedado, essa pessoa deve ter ascendência sobre o Espírito; mas, como essa ascendência tem que ser

moral, não é dado senão a um ser *moralmente superior* ao Espírito de a exercer, e seu poder será tanto maior quanto maior for sua superioridade moral, porque ele se impõe ao Espírito que é forçado a inclinar-se diante dele. Por isso Jesus tinha tão grande força para expulsar o que se chamava de demônios, quer dizer, maus Espíritos obsessores.

Podemos dar aqui só conselhos gerais, porque não há nenhum procedimento material, nenhuma fórmula, nem nenhuma palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta algumas vezes ao obsedado é uma força fluídica suficiente; no caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode ajudar. De resto, é sempre bom procurar por um médium seguro, os conselhos de um Espírito superior ou de seu anjo guardião.

252. As imperfeições morais do obsedado são, às vezes, obstáculo à sua liberdade. Eis um exemplo notável que pode servir para instrução de todos.

Muitas irmãs estavam, há alguns anos, sendo vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas vestimentas estavam espalhadas por todos os cantos da casa e até sobre o teto, cortadas, rasgadas, cheias de furos, fossem quais fossem os cuidados que tomassem de trancá-las à chave. Essas senhoras, isoladas numa pequena localidade de província, jamais tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia foi naturalmente crer que estavam sendo vítimas de brincadeiras de mau gosto, mas a persistência e as precauções que tomavam afastavam essa ideia. Foi muito tempo depois que, seguindo indicações, elas se dirigiram a nós para conhecer a causa desses acontecimentos e os meios de encontrar a solução, se isso fosse possível. A causa era clara; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por tais atos era evidentemente malfazejo. Ele se mostrou na evocação, de uma grande perversidade e inacessível a todo bom sentimento. A prece, porém, parecia exercer uma influência salutar; mas depois de algum tempo de descanso, as depredações recomeçaram. Eis sobre o assunto o conselho que deu um Espírito superior.

“O que essas damas têm de melhor a fazer é pedir a seus Espíritos protetores para não abandoná-las; não tenho um conselho melhor a lhes

dar que mergulhar em suas consciências, para se confessarem consigo mesmas e examinar se elas sempre praticaram o amor ao próximo e a caridade; não digo a caridade que dá e distribui, mas a caridade da língua, porque infelizmente não sabem segurar as suas, e não justificam, por seus atos piedosos, o desejo que têm de serem libertadas de quem as atormenta. Gostam muito de falar mal do próximo, e o Espírito que as persegue toma sua revanche, porque ele foi seu bode expiatório em vida. É só procurar na memória e verão com quem estão lidando.

“Entretanto, se chegarem a se aperfeiçoar, seus anjos guardiães se reaproximarão delas e só sua presença será suficiente para expulsar o Espírito mau que se ligou principalmente a uma delas porque seu anjo guardião se afastou diante dos atos repreensíveis ou dos maus pensamentos. O que lhes falta são preces fervorosas por aqueles que sofrem e, sobretudo, a prática das virtudes impostas por Deus a cada um segundo sua condição.”

Sobre a observação de que essas palavras nos parecem severas, e que é necessário talvez abrandá-las para as transmitir, o Espírito ajunta:

“Devo dizer o que eu disse, e como disse, porque as pessoas em questão têm o hábito de crer que não fazem mal com a língua, enquanto que o fazem e muito. Por isso, é necessário chocar seu Espírito de maneira que seja para elas uma advertência séria.

Daí resulta um ensinamento de grande alcance; é que as imperfeições morais dão entrada aos Espíritos obsessores, e o meio mais seguro de se desembaraçar deles é atrair os bons pela prática do bem. Os bons Espíritos têm mais poder que os maus, sem dúvida, e sua vontade basta para afastar estes últimos. Mas assistem só os que os ajudam pelos esforços que fazem para se aperfeiçoarem, de outro modo eles se afastam e deixam o campo livre aos maus Espíritos que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, pois os bons os deixam agir com esse fim.

253. É necessário deixar de atribuir à ação direta dos Espíritos todos os acontecimentos desagradáveis que podem acontecer; eles são frequentemente consequência da incúria e da imprevidência. Um camponês nos escreveu um dia que, há doze anos, aconteciam todas as

espécies de infelicidade com seus animais; tanto eram suas vacas que morriam, ou não davam mais leite, quanto seus cavalos, seus carneiros e seus porcos. Fez muitas novenas que não remediaram o mal, nem mesmo as missas que fez rezar, nem os exorcismos que fez praticar. Então, segundo a crença do campo, se persuadiu que haviam jogado um feitiço sobre seus animais. Crendo-nos, sem dúvida, dotados de um poder maior que seu padre de aldeia, ele pediu nosso conselho. Eis a resposta que obtivemos:

“A mortalidade ou as doenças dos animais desse homem provêm de suas instalações que estão infectadas e que ele não repara porque isso *custa*”.

254. Terminamos este capítulo pelas respostas dadas pelos Espíritos a algumas perguntas que vêm apoiar o que dissemos.

1ª Porque certos médiuns não podem se livrar de Espíritos maus que se ligam a eles e como os bons Espíritos que chamam não são suficientemente poderosos para afastá-los e se comunicar diretamente?

“Não é o poder que falta ao bom Espírito, é o médium que não é suficientemente forte para ajudá-lo; sua natureza se presta mais a outras relações; seu fluido se identifica mais com um Espírito que com outro; é isso que dá uma grande força àqueles que querem enganar.”

2ª Entretanto, nos parece que há pessoas merecedoras, de uma moralidade a toda prova, que são impedidas de se comunicar com os bons Espíritos?

“Isso é uma prova; quem diz que não tem o coração um tanto manchado pelo mal, que o orgulho não domina um pouco a aparência de bondade? Essas provas, mostrando ao obsedado suas fraquezas, devem encaminhá-lo à humildade.

“Há alguém sobre a Terra que possa se dizer perfeito? E os que têm todas as aparências da virtude podem ter ainda muitos defeitos escondidos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizem que aquele que nada faz de mal, que é leal em suas relações sociais, é um homem bom e digno. Mas, sabemos, se essas boas qualidades não são manchadas pelo orgulho; se não há nele um fundo egoísta e inúmeras coisas que não percebemos, por que nossas relações com ele não nos deram ensejo de descobrir? O meio mais poderoso de combater

a influência dos maus Espíritos é se reaproximar o mais possível da natureza dos bons.”

3ª *A obsessão que se opõe a que um médium obtenha as comunicações que deseja é um sinal de indignidade de sua parte?*

“Não disse que é um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode se opor a certas comunicações; deve vencer os obstáculos que estão nele mesmo; sem isso suas preces, suas súplicas nada farão. Não basta que um doente diga a seu médico: dê-me a saúde, eu quero sarar: o médico nada pode fazer se o doente não fizer o que é necessário.”

4ª *A privação de se comunicar com certos Espíritos seria assim uma espécie de punição?*

“Em certos casos pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de comunicar com eles é uma recompensa que devem se esforçar por merecer.”(Ver “Perda e suspensão da mediunidade”, item nº 220.)

5ª *Não se pode combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?*

“Sim, é o que não se faz e o que não se poderia deixar de fazer; porque às vezes é uma tarefa que lhe é dada e que devem cumprir caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, pode-se levá-los ao arrependimento e apressar seu desenvolvimento.”

— Como um homem pode ter, nesse caso, mais influência que os próprios Espíritos?

“Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens, aos quais procuram atormentar, do que de Espíritos dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação com os humanos, quando encontram quem se dispõe a moralizá-los, primeiro não os escutam, riem, mas, se os homens sabem prendê-los, acabam por se deixar tocar. Os Espíritos elevados só podem falar em nome de Deus e isso os assusta. O homem não tem certamente mais poder que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica com a natureza dos Espíritos inferiores e, vendo a ascendência que pode exercer sobre eles, compreende melhor a solidariedade que existe entre o Céu e a Terra.

“Além disso, a ascendência que o homem pode exercer sobre os

Espíritos está em razão de sua superioridade moral. Não domina os Espíritos superiores, nem mesmo aqueles que, sem ser superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade.” (Ver item nº 279.)

6ª *A subjugação corporal, levada a certo grau, poderia ter por consequência a loucura?*

“Sim, uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida do mundo, mas que nada tem a ver com a loucura comum. Entre os que chamamos de loucos, muitos há que são apenas subjugados; precisam de um tratamento moral, enquanto os tornam loucos verdadeiros com os tratamentos corporais. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes que suas duchas.” (Ver item nº 221.)

7ª *Que se pode pensar daqueles que, vendo um perigo qualquer no Espiritismo, creem que o meio de o prevenir seria interditar as comunicações espíritas?*

“Se podem interditar certas pessoas de comunicar-se com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, porque não podem suprimir os Espíritos nem impedir sua influência oculta. Parecem crianças, que tapam os olhos e creem que não as vemos. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens, só porque imprudentes podem enganar. O meio de prevenir esses inconvenientes é fazê-la conhecida a fundo.”

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Provas possíveis de identidade — Distinção dos bons e maus Espíritos — Perguntas sobre a Natureza e a identidade dos Espíritos.

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo; é que eles não nos trazem nenhuma carteira de identidade, e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes emprestados. Assim, depois da obsessão, é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. De resto, em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real.

A identidade dos Espíritos de personagens antigos é a mais difícil de constatar, muitas vezes impossível e fica-se reduzido a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos como se julgam os homens, por sua linguagem. Se um Espírito se apresenta sob o nome de Fénelon, por exemplo, e diga trivialidades ou puerilidades, é certo que não pode ser ele, mas, se só diz coisas dignas do caráter de Fénelon e não o contradizem, há, senão a prova material pelo menos toda probabilidade moral que deve ser ele. Nesse caso, a identidade real é uma questão acessória. Do momento que o Espírito só diz boas coisas, pouco importa o nome sob o qual se apresenta.

Sem dúvida, há a objeção de que um Espírito mesmo que só diga coisas boas, ao tomar o nome de outro está cometendo uma falta, então não pode ser um bom Espírito. É aqui que surgem questões delicadas difíceis de resolver e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, os caracteres distintos de sua personalidade diminuem de alguma maneira, na uniformidade da perfeição; e nem por isso tem menos individualidade. Isso ocorre com os Espíritos superiores e os puros. Nessa posição, o nome que tinham sobre a Terra, em uma das mil existências corporais efêmeras pelas quais passaram, é uma coisa inteiramente insignificante. Vejamos ainda que os Espíritos são atraídos uns pelos outros pela semelhança de suas qualidades e que formam assim grupos ou famílias simpáticas. De outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter chegado nas primeiras fileiras, e se compararmos com o número tão restrito de homens que deixaram um grande nome sobre a Terra, se compreenderá que, entre os Espíritos superiores que podem se comunicar, a maior parte não deve ter nomes para nós. Mas, como é necessário nomes para fixar nossas ideias, podem tomar aquele de um personagem conhecido, cuja natureza se identifica mais com a dele. É assim que nossos anjos guardiães se fazem conhecer a maior parte das vezes sob o nome dos santos que veneramos e, geralmente, com aquele pelo qual temos mais simpatia. Daí segue-se que, se o anjo guardião de uma pessoa se diz São Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material que seja precisamente o apóstolo desse nome; tanto pode ser ele como pode ser um Espírito inteiramente desconhecido, pertencente à família de Espíritos da qual São Pedro faz parte. Acontece ainda que, qualquer que seja o nome pelo qual se invoca o nome do seu anjo guardião, ele virá ao apelo que lhe é feito, porque é atraído pelo pensamento e o nome lhe é indiferente.

O mesmo acontece todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de um personagem conhecido. Nada prova que seja precisamente o Espírito desse personagem, mas, se ele não diz nada que desminta a elevação do caráter desse último,

tem-se a *presunção* que seja ele, e em todo caso pode-se dizer que se não é ele, deve ser um Espírito do mesmo grau, ou talvez enviado por ele. Resumindo, a questão do nome é secundária, o nome pode ser considerado um simples indício do escalão que o Espírito ocupa na Escala Espírita.

A posição é diferente, quando um Espírito de uma ordem inferior se apossa de um nome respeitável para dar crédito às suas palavras. Esse caso é tão comum que não seria demais se manter em guarda contra essa espécie de substituição. É com o favor desses nomes de empréstimos e com a ajuda da fascinação, que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos que sábios, impingem as ideias mais ridículas.

A questão da identidade é então, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, desde que os melhores Espíritos podem substituir uns aos outros, sem que isso tenha consequência. Os Espíritos superiores formam um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não é sua pessoa, mas seu ensinamento. Do momento que o ensinamento é bom, pouco importa que aquele que o dá se chame Pedro ou Paulo. Julga-se a sua qualidade e não o seu nome. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. É muito diferente nas comunicações íntimas, porque é o indivíduo, sua pessoa mesma que nos interessa, e é com razão que, nessas circunstâncias, se procure assegurar se o Espírito que vem ao nosso apelo é bem aquele que se deseja.

257. A identidade é muito mais fácil de constatar, quando se trata de Espíritos contemporâneos dos quais se conhece o caráter e os hábitos, dos quais ainda não teve tempo de se despojar, pelos quais ele se faz reconhecer. Dizemos que aí está um sinal dos mais certos de identidade. O Espírito pode, sem dúvida, dar prova sobre o pedido que lhe é feito, mas não o faz se não lhe convém. Geralmente, esse pedido o ofende; por isso deve-se evitá-lo. Deixando seu corpo, o Espírito não se despojou de sua suscetibilidade; ofende-se com toda pergunta que tenha por finalidade colocá-lo à prova. *A pergunta que não se ousaria fazer quando vivo*, de medo de ferir as conveniências, por que o faria após a morte? Quando um homem se apresenta em um salão declinando seu nome, irão

dizer-lhe à queima-roupa para provar quem é exibindo seus títulos, sob o pretexto de que há impostores? Esse homem seguramente teria o direito de lembrar ao interrogador as regras de civilidade. É isso que fazem os Espíritos, não respondendo, ou se retirando. Tomemos um exemplo para comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse em uma casa onde não fosse conhecido e que o recebessem assim: o senhor diz que é Arago, mas como não o conhecemos, queira nos provar respondendo nossas perguntas; resolva tal problema de astronomia; diga-nos seu nome, sobrenome e o de seus filhos, o que fazia tal dia, a tal hora etc.; que teria respondido? Pois bem, como Espírito fará o que faria em vida, os outros Espíritos fazem o mesmo.

258. Enquanto que os Espíritos se recusam a responder perguntas pueris e absurdas, que se teria escrúpulos de dirigir à sua pessoa viva, eles dão frequentemente por si próprios e espontaneamente provas irrecusáveis de sua identidade, por seu caráter que se revela na linguagem, pelo emprego de palavras que lhes são familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de sua vida, algumas vezes desconhecida dos assistentes e cuja exatidão pode ser verificada. As provas de identidade ligam-se a inúmeras circunstâncias imprevistas que não se apresentam nunca à primeira vista, mas na continuação das manifestações. Convém, então, esperar, sem as provocar, observando com cuidado todas aquelas que podem provir da natureza das comunicações. (Ver o fato relatado no nº 70.)

259. Um meio que se emprega algumas vezes com sucesso para se assegurar da identidade, quando o Espírito que se comunica é suspeito, consiste em lhe fazer afirmar *em nome de Deus Todo-Poderoso*, que ele é aquele que diz ser. Acontece que aquele que toma um nome emprestado recua diante de um sacrilégio e, depois de ter começado a escrever: *afirmo em nome de...*, para e traça com cólera riscos insignificantes, ou quebra o lápis; se for mais hipócrita, desvia a questão por uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: *certifico que digo a verdade, ou ainda: atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo que falo etc.* Mas há uns que não são escrupulosos e que juram por tudo o que se quiser. Um deles se comunicou a um médium, dizendo-se *Deus*, e o médium, muito

honrado de tão alto favor, não hesitou em acreditar. Evocado por nós, não ousou sustentar sua impostura e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. — Então é Jesus? Isto não é provável, porque Jesus é muito elevado para usar de subterfúgio. Ousa, então, afirmar, em nome de Deus, que é o Cristo? — Não disse que era Jesus; disse que sou o filho de Deus, porque sou uma de Suas criaturas.

Deve-se concluir daí que a recusa da parte de um Espírito de afirmar sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova manifesta de que o nome que tomou é uma impostura, mas que a afirmação é apenas uma presunção, não uma prova certa.

260. Pode-se colocar entre as provas de identidade a semelhança de escrita e da assinatura, mas além de que não é dado a todo médium obter esse resultado, não é sempre uma garantia suficiente; há falsários no mundo dos Espíritos, como neste aqui; não é então, senão uma presunção de identidade que não tem valor senão pelas circunstâncias que a acompanham. O mesmo acontece com todos os sinais materiais que alguns dão como talismãs inimitáveis por Espíritos mentirosos. Para aqueles que ousam perjurar em nome de Deus ou falsificar uma assinatura, um sinal material qualquer não pode oferecer um obstáculo muito grande. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Diz-se que, sem dúvida, se um Espírito pode imitar uma assinatura, pode também imitar a linguagem. Isso é verdade; vimos um que tomou afrontosamente o nome do Cristo e, para melhor enganar, simulava o estilo evangélico e falava a torto e a direito essas palavras bem conhecidas: *Em verdade, em verdade vos digo*; mas quando se estuda o conjunto, *sem prevenção*; quando se examina o fundo dos pensamentos, o alcance das expressões, quando ao lado de belas máximas de caridade vê-se recomendações pueris e ridículas, é preciso estar *fascinado* para se enganar. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não a ideia; jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude; é então que o médium e o evocador precisam de toda a sua perspicácia e de seu julgamento para separar a verdade da mentira. Devem se persuadir de que os Espíritos

perversos são capazes de todas as trapaças, e quanto mais elevado o nome sob o qual um Espírito se anuncia, mais deve inspirar desconfiança. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou um santo venerado.

Distinção dos bons e dos maus Espíritos

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, não é a mesma coisa a distinção dos bons e dos maus Espíritos. Sua individualidade pode nos ser indiferente, sua qualidade, não. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre esse ponto que deve se concentrar toda a atenção, porque só ela pode nos dar a medida da confiança que podemos dar ao Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob o qual o faça. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A qual grau da Escala Espírita pertence? Aí estão as questões mais importantes. (Ver “Escala Espírita”, no *Livro dos Espíritos*, nº 100.)

263. Julgam-se os Espíritos, como se julgam os homens, por sua linguagem. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por numerosos sinais, enfim, julgará aquelas que são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. A mesma coisa acontece com os Espíritos; deve-se considerá-los correspondentes que jamais vimos e se perguntar o que pensaria do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse semelhantes coisas. Pode-se colocar como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com seu grau de elevação*. Não somente os Espíritos realmente superiores só dizem coisas boas, mas as dizem em termos que excluem da maneira mais absoluta toda trivialidade; por boas que sejam essas coisas, se forem manchadas por uma só expressão de baixeza, é um sinal indubitável de inferioridade, com a mais forte razão se o conjunto da comunicação fere a conveniência por sua grosseria. A linguagem revela sempre a origem, seja pelo pensamento que traduz, seja por sua forma, e mesmo que um Espírito queira nos enganar sobre sua pretendida superioridade, basta conversar algum tempo com ele para o julgar.

264. A bondade e a benevolência são ainda atributos essenciais dos Espíritos depurados; não têm ódio pelos homens nem pelos outros Espíritos; lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem amargura nem animosidade. Se admitirmos que os Espíritos verdadeiramente bons não podem querer senão o bem e não podem dizer senão coisas boas, concluímos que tudo aquilo que, na linguagem dos Espíritos, revela uma falta de bondade e de benevolência, não pode emanar deles.

265. A inteligência está longe de ser um sinal de superioridade, porque a inteligência e a moral não marcham juntas. Um Espírito pode ser bom, benevolente, e ter conhecimentos limitados, enquanto que um Espírito inteligente e instruído pode ser muito inferior em moralidade.

Acredita-se, geralmente, que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio em uma especialidade sobre a Terra, obtém-se a verdade com maior segurança. Isso é lógico, mas nem sempre é verdade. A experiência mostra que os sábios tanto quanto os outros homens, sobretudo aqueles que deixaram a Terra há pouco tempo, estão ainda sob o império dos preconceitos da vida corporal; não se livram imediatamente de espírito de sistema. Pode ser que, sob a influência das ideias que alimentaram em vida e das quais fizeram um título de glória, vejam menos claro que nós pensamos. Não damos esse princípio como uma regra, longe disso, dizemos apenas que isso se vê e que, por consequência, sua ciência humana não é sempre uma prova de sua infalibilidade como Espírito.

266. Submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, sondando e analisando as ideias e as expressões, como se faz quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando *sem hesitar* tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que se julga manifestar desencorajam-se os Espíritos zombeteiros, que acabam por se retirar, uma vez convencidos de que não podem nos enganar. Repetimos, esse meio é único, mas é infalível, porque não há má comunicação que possa resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos não se ofendem nunca, pois que eles próprios o aconselham e porque nada têm a temer; só os maus se formalizam e procuram nos dissuadir, porque têm tudo a perder. Por isso mesmo provam aquilo que são.

Eis a esse respeito, os conselhos dados por São Luís:

“Seja qual for a confiança que inspiram os espíritos que presidem seus trabalhos, há uma recomendação que não cansamos de repetir e que deveriam ter sempre presente no pensamento quando se entregarem a seus estudos é de pesar e de amadurecer, de submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que recebem; de não negligenciar, desde que um ponto lhe pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar sua opinião”.

267. Pode-se resumir os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos nos princípios seguintes:

1º Não há melhor critério para reconhecer o valor dos Espíritos, que o bom senso. Toda fórmula dada para isso pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores;

2º Julgam-se os Espíritos por sua linguagem e suas ações. Suas ações são os sentimentos que inspiram e os conselhos que dão;

3º Admitindo-se que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o que é bom, tudo o que é mal não pode vir de um bom Espírito;

4º Os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem mistura com trivialidade; dizem tudo com simplicidade e modéstia, não se vangloriam nunca, não fazem exibição de seu saber nem de sua posição entre os outros. Os Espíritos inferiores ou vulgares têm sempre um reflexo das paixões humanas; toda expressão que indica a baixeza, a suficiência, a arrogância, a fanfarronice, a mordacidade, é um indicador característico da inferioridade ou da trapaça, se um Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado;

5º Não é necessário julgar os Espíritos pela forma material e a correção do estilo, mas sondar o sentido íntimo, analisar suas palavras, pesá-las fria e maduramente sem prevenção. Toda falta de lógica, de razão e de sabedoria não pode deixar dúvida sobre sua origem, seja qual for o nome com o qual o Espírito se adorne. (Ver item nº 224.)

6º A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, não pela forma, mas pelo fundo. Os pensamentos são os mesmos, qualquer que seja o tempo e o lugar; podem ser mais ou menos desenvolvidos, segundo as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de se comunicar, mas

não serão contraditórios. Se duas comunicações, levando o mesmo nome, estão em oposição uma à outra, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela na qual nada desmente o caráter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, de São Vicente de Paulo, na qual prega a união e a caridade e na outra procura semear a discórdia, não há pessoa sensata que possa se enganar;

7º Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança sem se importar com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca o bom senso, mostra a fraude se o Espírito se apresenta como um Espírito esclarecido;

8º Podemos ainda reconhecer os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e precisam de fatos materiais que não nos é dado conhecer. Os bons Espíritos podem fazer pressentir as coisas futuras desde que esse conhecimento possa ser útil, mas não determinam nunca as datas; todo anúncio de acontecimentos à época fixa é indício de mistificação;

9º Os Espíritos superiores se exprimem simplesmente, sem prolixidade. Seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível para todos, não pede esforço para ser compreendido; têm a arte de dizer muito em poucas palavras, porque cada palavra tem o seu alcance. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, escondem sob frases enfáticas o vazio das ideias. Sua linguagem é sempre pretensiosa, ridícula ou obscura, à força de querer parecer profunda;

10º Os bons Espíritos não dão ordens nunca; não se impõem, aconselham, e se não os escutam, se retiram. Os maus são impetuosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam. Todo Espírito que se impõe trai sua origem. São exclusivos e absolutos em suas opiniões e pretendem ter sozinhos o privilégio da verdade. Exigem uma crença cega e não apelam à razão, porque sabem que a razão os desmascararia;

11º Os bons Espíritos não bajulam; aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reserva; os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade sempre pregando a humildade, procurando *exaltar a importância pessoal* daqueles que sabem conquistar;

12º Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades da forma em todas as coisas. Só os Espíritos vulgares podem dar importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com as ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é um sinal certo de inferioridade e de trapaça da parte de um Espírito que usa um nome imponente;

13º É necessário desconfiar de nomes bizarros e ridículos que certos Espíritos tomam para se impor à credulidade; seria absurdo tomar esses nomes a sério;

14º É necessário igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam muito facilmente sob nomes extremamente venerados e não aceitar suas palavras, senão com grande reserva. É aí que um controle severo é indispensável, porque é frequente uma máscara que usam para fazer crer a pretensas relações com Espíritos excelsos. Por esse meio, bajulam a vaidade do médium e aproveitam para induzi-lo a atos lamentáveis ou ridículos;

15º Os bons Espíritos são muito escrupulosos sobre os procedimentos que podem aconselhar; não têm nunca, em todos os casos, senão *um só objetivo sério* e eminentemente útil. Deve-se, então, olhar como suspeitos todos aqueles que não tenham esse caráter, ou sejam condenados pela razão, refletir maduramente antes de empreendê-los, porque se exporiam a mistificações desagradáveis;

16º Reconhecemos assim os bons Espíritos por sua prudente reserva sobre todas as coisas que podem comprometer. Repugnantes desvendar o mal; os Espíritos levanos ou malfazejos gostam de mostrá-lo. Enquanto que os bons procuram amenizar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a discórdia por insinuações pérfidas;

17º Os bons só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho *que não é estritamente conforme a mais pura caridade evangélica* não pode ser obra de bons Espíritos;

18º Os bons Espíritos não aconselham nunca senão coisas perfeitamente racionais; toda recomendação que se afastar *da linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza*, acusa um Espírito limitado e, por consequência, pouco digno de confiança;

19º Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, se traem ainda por sinais materiais que não poderiam enganar ninguém. Sua ação sobre o médium é algumas vezes violenta e provoca nele movimentos bruscos e nervosos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a doçura dos bons;

20º Os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de comunicação de que dispõem para dar pérfidos conselhos. Excitam e desconfiança e a animosidade contra aqueles que lhe são antipáticos; aqueles que podem desmascarar suas imposturas são o objeto de suas investidas. Os homens fracos são seus alvos preferidos, para induzi-los ao mal. Empregando sucessivamente os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até os sinais materiais de sua força oculta para melhor convencer, tratam de desviá-los da vereda da verdade;

21º O Espírito de homens que tiveram sobre a Terra uma única preocupação, material ou moral, se não estão livres da influência da matéria, estão ainda sob o império das ideias terrestres e levam com eles uma parte dos preconceitos, das predileções *e mesmo das manias* que tinham aqui. Isso é fácil reconhecer em sua linguagem;

22º Os conhecimentos que certos Espíritos se enfeitam com uma espécie de ostentação não são um sinal de sua superioridade. A inalterável pureza dos sentimentos morais é a verdadeira pedra de toque;

23º Não basta interrogar um Espírito para conhecer a verdade. É necessário, antes de tudo, saber a quem se dirige, porque os Espíritos inferiores, ignorantes, tratam com frivolidade as questões mais sérias. Não basta também que um Espírito tenha sido um grande homem sobre a Terra para ter no mundo espírita a soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, reaproximá-lo de Deus e aumentar seus conhecimentos;

24º Da parte dos Espíritos superiores, os gracejos são finos e espirituosos, mas nunca triviais. Entre os Espíritos zombeteiros que não são grosseiros, a sátira mordaz é feita a calhar;

25º Estudando com cuidado o caráter dos Espíritos que se apresentam, principalmente do ponto de vista moral, podemos reconhecer sua natureza e o grau de confiança que podemos lhes dar. O bom senso não se enganará;

26º Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é necessário primeiro saber julgar a si mesmo. Há infelizmente muitas pessoas que tomam sua opinião pessoal por medida exclusiva do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo aquilo que contradiz sua maneira de ver, suas ideias, o sistema que conceberam ou adotaram, é mau a seus olhos. De tais pessoas falta evidentemente a primeira qualidade para uma sadia apreciação: a retidão do julgamento, mas elas nem se apercebem disso; é o defeito que mais enganos produz.

Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dados pelos Espíritos. Nós os completamos pelas respostas dadas por eles sobre os pontos mais importantes.

268. Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos:

1ª *Por quais sinais pode-se reconhecer a superioridade ou inferioridade dos Espíritos?*

“Por sua linguagem, como se distingue um estouvado de um homem sensato. Como dissemos, os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas boas. Só querem o bem, é a sua preocupação.

“Os Espíritos inferiores estão ainda sob o império das ideias materiais; seus discursos se ressentem de sua ignorância e de sua imperfeição. Não é dado senão aos Espíritos superiores conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão.”

2ª *A Ciência, num Espírito, é sempre um sinal certo de sua elevação?*

“Não, porque ele ainda está sob a influência da matéria, pode ter seus vícios e seus preconceitos. Há pessoas que são neste mundo excessivamente ciumentas e orgulhosas; acredita que, ao deixar esse mundo, perdem seus defeitos? De resto, depois que partem daí, principalmente aquelas que tiveram paixões bem fortes, uma espécie de atmosfera que as envolve e lhes deixa todas essas más coisas.

“Esses Espíritos meio imperfeitos são mais perigosos que os maus, porque a maioria deles reúne a astúcia e o orgulho à inteligência. Por seu pretense saber, impõem às pessoas simples e aos ignorantes que aceitam sem controle suas teorias absurdas e mentirosas; ainda que essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, não fazem apenas um pequeno mal momentâneo, porque entram a marcha do Espiritismo

e os médiuns não enxergam ingenuamente, o mérito do que lhes é comunicado. Isso pede um estudo apurado da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é para distinguir o falso do verdadeiro que é necessário prestar toda a sua atenção.”

3ª Muitos Espíritos protetores se designam sob nomes de santos ou de personagens conhecidos: devemos crer nisso?

“Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não bastarão para fornecer um protetor para cada homem. Entre os Espíritos, poucos há que tenham seu nome conhecido sobre a Terra; é por isso que não dão seus nomes; mas todas as pessoas querem um nome; então, para os satisfazer, eles tomam aquele de um homem conhecido e respeitado.”

4ª Esse nome de empréstimo não pode ser considerado uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um mau Espírito que quisesse enganar; mas quando é para o bem, Deus permite que seja assim entre os Espíritos da mesma ordem, porque há entre eles solidariedade e similitude de pensamentos.”

5ª Assim, quando um Espírito protetor se diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo de São Paulo ou a alma do apóstolo desse nome?

“De maneira alguma, porque encontrarão milhares de pessoas a quem foi dito que seu anjo guardião é São Paulo ou um outro; mas o que importa, se o Espírito que o protege é tão elevado quanto São Paulo? Já disse, é necessário um nome, eles tomam um para se fazer chamar e reconhecer, como os homens tomam um nome de batismo para os distinguir dos outros membros da família. Podem também tomar aqueles dos arcanjos Rafael, São Miguel etc., sem que isso tenha maiores conseqüências.

“De resto, quanto mais um Espírito é elevado, maior é sua irradiação; acredita, então, que um Espírito protetor de ordem superior pode ter sob sua tutela centenas de encarnados. Entre os homens, na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias; por que querem fôssemos, espiritualmente falando, menos aptos à direção moral dos homens que aqueles na direção material de seus interesses?”

6ª *Por que os Espíritos que se comunicam tomam o nome de santos?*

“Eles se identificam com os hábitos daqueles a quem falam e tomam os nomes que são de natureza a fazer sobre o homem mais impressão em razão de sua crença.”

7ª *Certos Espíritos superiores que se evoca vêm sempre em pessoa, ou, como creem alguns, vêm por mandatários encarregados de transmitir seus pensamentos?*

“Por que não viria em pessoa, se o podem? Mas, se não puder vir, será forçosamente por um mandatário.”

8ª *O mandatário é sempre bastante esclarecido para responder como o faria o Espírito que o envia?*

“Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o cuidado de substituí-los. Além disso, quanto mais os Espíritos são elevados, mais se confundem num pensamento comum, de tal sorte que, para eles, a personalidade é indiferente, e o mesmo deve ser para os homens. Acredita, então, que não haja no mundo dos Espíritos superiores senão aqueles que conhecestes na Terra, capazes de instruí-los? Os homens são tomados por tipos universais, que creem que fora de seu mundo não há mais nada. Parecem verdadeiramente aqueles selvagens que nunca saíram de sua ilha e creem que o mundo não vai além dela.”

9ª *Compreendemos que seja assim, quando se trata de um ensinamento sério, mas como Espíritos adiantados permitem que aqueles de baixo nível usem nomes respeitáveis para induzir em erro por máximas às vezes perversas?*

“Não é com sua permissão que o fazem; isso não acontece em seu meio? Aqueles que enganam serão punidos, acredita, e sua punição será proporcional à gravidade da impostura. Além disso, se você não fosse imperfeito, teria só bons Espíritos ao seu redor, e se é enganado, a culpa é toda sua. Deus permite que seja assim para experimentar sua perseverança e seu julgamento e ensiná-lo a distinguir a verdade do erro; se não o faz é porque não está suficientemente elevado e tem necessidade de lições de experiência.”

10ª *Espíritos pouco elevados, mas animados de boas intenções e de desejo de progredir, não são algumas vezes delegados para substituir um Espírito superior, a fim de lhes fornecer a ocasião de se exercer no ensinamento?*

“Jamais, nos grandes centros; quero dizer, em centros sérios e para um ensinamento geral; aqueles que aí se apresentam o fazem sempre por decisão própria e, como disse, para se exercitar. Isso porque suas comunicações, ainda que boas, trazem sempre traços de sua inferioridade. Quando são delegados, só o são para as comunicações de pouca importância e para aquelas que se pode chamar pessoais.”

11ª *As comunicações espíritas ridículas são, às vezes, entremeadas de muito boas máximas. Como conciliar essa anomalia que parece indicar a presença simultânea de bons e de maus Espíritos?*

“Os Espíritos maus ou levianos põem-se a sentenciar sem pensar no alcance ou na significação do que dizem. Todos os que fazem isso entre os homens são pessoas superiores? Não, os bons e os maus Espíritos não trilham juntos, é pela uniformidade constante das boas comunicações que reconhecerá a presença dos bons Espíritos.”

12ª *Os Espíritos que induzem em erro têm consciência do que fazem?*

“Não. Há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem se enganar de boa-fé, quando têm consciência de sua pouca capacidade, reconhecem e só dizem o que sabem.”

13ª *Quando um Espírito faz uma falsa comunicação, o faz sempre com má intenção?*

“Não; se é um Espírito leviano, se diverte a mistificar, não tem outra finalidade.”

14ª *Certos Espíritos podem enganar por sua linguagem, podem também, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência?*

“Isso acontece, mas dificilmente. Em todo caso, isso se dá com uma finalidade que os próprios maus Espíritos não conhecem. Eles servem de instrumento para dar uma lição. O médium vidente pode ver os Espíritos levianos e mentirosos como outros os ouvem ou escrevem sob sua influência. Os Espíritos levianos podem se aproveitar dessa disposição para enganar com uma falsa aparência; isso depende das qualidades do Espírito do médium.”

15ª *Para não ser enganado, basta estar animado de boas intenções. Os homens perfeitamente sérios, que não misturam a seus estudos nenhum sentimento de vã curiosidade, são também expostos a ser enganados?*

“Menos que outros, evidentemente; mas o homem tem sempre algum comportamento que atrai os Espíritos zombeteiros. Ele se crê forte e não o é; deve, então, desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Não se levam muito em consideração essas duas causas das quais eles aproveitam, bajulando as manias estão certos de conseguir o que querem.”

16ª *Por que Deus permite que maus Espíritos se comuniquem e digam más coisas?*

“Mesmo nesse caso que é o pior, há um ensinamento. Cabe às pessoas daí tirar esse ensinamento. É necessário que haja comunicações de todas as espécies para ensinar a distinguir os bons Espíritos dos maus, e servir de espelho a todos.”

17ª *Os Espíritos podem, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças injustas contra certas pessoas e promover a discórdia entre os amigos?*

“Espíritos perversos e ciumentos podem fazer todo o mal que os homens fazem; por isso é necessário ficar atento. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando têm censuras; não dizem nada de mal; advertem com jeito. Se querem que duas pessoas, no interesse delas, cessem de se ver, farão nascer incidentes que as separarão de maneira natural. Uma linguagem própria a semear problemas e desconfiança é sempre proveniente de um mau Espírito, seja qual for o nome que use. Assim, acolha com circunspeção o mal que um Espírito possa dizer de um de vocês, sobretudo quando um bom lhe disse o bem. Desconfie de si próprio e de suas prevenções. Nas comunicações só tome o que há de belo, grande, racional e o que sua consciência aprova.”

18ª *Pela facilidade com que um mau Espírito se intromete nas comunicações, parece que nunca se está certo da verdade?*

“Sim, porque há um julgamento para os apreciar. À leitura de uma carta, podem saber reconhecer se é um grosseiro ou um homem bem educado, um tolo ou um sábio que escreve. Por que não poderia fazê-lo quando são Espíritos que escrevem? Se recebem uma carta de um amigo distante, o que prova que a carta seja dele mesmo? Sua escrita, mas não há falsários que imitam todas as letras; tratantes que podem conhecer seus

negócios? Entretanto, há sinais que não enganam. O mesmo acontece com os Espíritos. Imagine, então, que é um amigo que escreve, ou que você lê uma obra de um escritor. Julgue pelos mesmos meios.”

19ª *Os Espíritos superiores poderiam impedir os maus de tomar falsos nomes?*

“Certamente poderiam, mas quanto mais são maus, mais teimosos e resistem às injunções. É bom que saibam também que há pessoas pelas quais os Espíritos se interessam mais que a outras. Quando julgam necessário, eles sabem preservá-los do atentado da mentira; contra essas pessoas os zombadores são impotentes.”

20ª *Qual é o motivo dessa parcialidade?*

“Não é parcialidade, é justiça; os bons Espíritos se interessam por aqueles que levam seus conselhos a sério e trabalham seriamente para seu próprio aperfeiçoamento. Esses são seus preferidos e os ajudam. Pouco se inquietam com aqueles com os quais perdem seu tempo em belas palavras.”

21ª *Por que Deus permite aos Espíritos de cometer o sacrilégio de tomar falsamente nomes venerados?*

“Poderiam perguntar também por que Deus permite aos homens mentir e blasfemar. Os Espíritos, assim como os homens, têm seu livre-arbítrio tanto no mal como no bem; mas nem a um como ao outro a justiça de Deus faltará.”

22ª *Há fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos zombeteiros?*

“Fórmula é matéria, bom pensamento em Deus vale mais.”

23ª *Certos Espíritos disseram ter sinais gráficos inimitáveis, espécie de emblemas que podem fazer reconhecer e constatar sua identidade. Isso é verdade?*

“Os Espíritos superiores não têm outros sinais para se fazer reconhecer que a superioridade de suas ideias e de sua linguagem. Todos os Espíritos podem imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, eles se traem de tantas maneiras que é preciso ser cego para se deixar enganar.”

24ª *Os Espíritos zombeteiros não podem também imitar o pensamento?*

“Imitam o pensamento como os cenários de teatro imitam a Natureza.”

25ª *Parece fácil descobrir a fraude por um estudo atento?*

“Não duvidem. Os Espíritos não enganam senão aqueles que se deixam enganar. É necessário ter olhos de negociante de diamantes para distinguir a verdadeira pedra da falsa. Aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário.”

26ª *Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que dão mais valor a palavras que ideias, que tomam mesmo ideias falsas e vulgares por ideias sublimes. Como essas pessoas, que não são capazes de julgar as obras dos homens, podem julgar a dos Espíritos?*

“Quando essas pessoas têm modéstia suficiente para reconhecer sua incompetência, não confiam nelas mesmas. Quando por orgulho se creem mais capazes do que são, pagam o preço de sua vã vaidade. Os Espíritos zombeteiros sabem bem a quem se dirigem; há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar que outras que têm espírito e saber. Bajulando as paixões, fazem do homem tudo o que querem.”

27ª *Na escrita, os maus Espíritos se traem algumas vezes por sinais materiais involuntários?*

“Os habilidosos, não; os desajeitados se atrapalham. Todo sinal inútil e pueril é um índice certo de inferioridade; os Espíritos superiores nada fazem de inútil.”

28ª *Muitos médiuns reconhecem os bons e maus Espíritos por uma impressão agradável ou penosa que sentem à sua aproximação. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, em uma palavra, são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam?*

“O médium experimenta as sensações do estado no qual se encontra o Espírito que vem a ele. Quando o Espírito é feliz, está tranquilo, leve, calmo; quando é infeliz, ele fica agitado, febril e essa agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium. De resto, é assim que é o homem sobre a Terra: aquele que é bom é calmo e tranquilo; aquele que é mau está sempre agitado.”

Nota: Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. Aqui, como em tudo, devem ter-se em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é

um efeito de contraste, porquanto, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, nada ou muito pouco a proximidade deste o afetará. Todavia, é preciso se não confunda a rapidez da escrita, que deriva da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato dos Espíritos imperfeitos.

EVOCAÇÕES

Considerações gerais — Espíritos que podem ser evocados — Linguagem a manter com os Espíritos — Utilidade das evocações particulares — Perguntas sobre as evocações — Evocação de animais — Evocação de pessoas vivas — Telegrafia humana.

269. Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou vir a nosso chamado, quer dizer, sob evocação. Algumas pessoas pensam que se deve abster de evocar tal ou tal Espírito e que é preferível esperar aquele que quiser se comunicar. Elas se fundamentam sobre esta opinião: que chamando um determinado Espírito, não é certo que seja ele que se apresente, enquanto que aquele que vier espontaneamente e de sua própria vontade prova melhor sua identidade, porque anuncia o desejo que tem de conversar conosco. A nosso ver, aí está um erro; primeiro, porque sempre há Espíritos em volta de nós, na maioria das vezes de baixo estágio, que desejam se comunicar; não chamando nenhum em particular, é abrir a porta a todos que quiserem entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre para todos e sabe-se o que daí resulta. O apelo direto feito a um Espírito determinado é um laço entre ele e nós. Chamamos por nosso desejo e assim opomos uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um apelo direto, um Espírito não teria motivo de vir a nós, se não for o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de operar têm cada uma suas vantagens, e o inconveniente não seria senão na exclusão absoluta de uma das duas. As comunicações espontâneas não têm nenhum inconveniente quando se domina os Espíritos e quando se tem a certeza de não deixar se dominar pelos maus. Então, é sempre útil esperar a boa vontade daqueles que querem se manifestar, porque seu pensamento não sofre nenhum constrangimento e podemos obter dessa maneira coisas admiráveis; enquanto que não se sabe se o Espírito que foi chamado esteja disposto a falar, ou seja, capaz de o fazer no sentido que se deseja. O exame escrupuloso que aconselhamos é uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas em que se ocupa de um trabalho seguido, há sempre Espíritos habituados que se encontram nelas sem que os chamem; pela razão da regularidade das sessões, eles são prevenidos, frequentemente tomam a palavra espontaneamente para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deve fazer, e então são facilmente reconhecidos, seja pela forma de sua linguagem que é sempre idêntica, seja pela escrita, seja por certos hábitos que lhe são familiares.

270. Assim que se deseja comunicar com um espírito *determinado*, é necessário evocá-lo. (Ver item nº 203.) Se ele pode vir, obtém-se por resposta: *Sim, estou aqui*; ou ainda: *Que querem de mim?* Algumas vezes, entra diretamente na matéria respondendo por antecipação às perguntas que se lhe propunha dirigir.

Assim que um Espírito é evocado pela primeira vez é preciso designá-lo com precisão. Nas questões que lhe são dirigidas, é necessário evitar as formas secas e imperativas que seriam para ele motivo de afastamento. Essas perguntas devem ser afetuosas ou respeitosas, segundo o Espírito, e, em todos os casos, testemunhar a benevolência do evocador.

271. Frequentemente, fica-se surpreso pela prontidão com que um Espírito se apresenta, mesmo pela primeira vez. Dir-se-ia que ele foi prevenido. É o que acontece quando se preocupa antecipadamente com sua evocação, e como temos nossos Espíritos familiares que se identificam com nosso pensamento, eles preparam os caminhos de tal sorte que a isso nada se opõe, o Espírito que se quer chamar já

está presente. Do contrário, é o Espírito familiar do médium, ou o do interrogador, ou um dos frequentadores habituais que vão procurá-lo e, para isso, não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro (os pagãos teriam dito *Mercúrio*) marca um prazo, cinco minutos, um quarto de hora, uma hora ou mesmo muitos dias. Quando ele chega diz: *Estou aqui*; então se pode começar a fazer as perguntas que se deseja.

O mensageiro não é sempre um intermediário necessário, porque o apelo do evocador pode ser ouvido diretamente pelo Espírito, como está explicado no item nº 282, pergunta nº 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando falamos em fazer a evocação em nome de Deus, entendemos que nossa recomendação seja levada a sério e não levemente; aqueles que veem aí apenas uma fórmula sem consequência fariam melhor se abster de evocar.

272. As evocações oferecem às vezes mais dificuldades aos médiuns que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isso, são necessários médiuns especiais, *flexíveis* e *positivos*, e já se viu (Ver item nº 193.) que estes últimos são muito raros, porque, assim como dissemos, as relações fluídicas não se estabelecem sempre imediatamente com o primeiro Espírito que se apresenta. Por isso é útil que os médiuns não se entreguem às evocações detalhadas, senão depois de estarem seguros do desenvolvimento de sua faculdade e da natureza dos Espíritos que os assistem. Os que são mal assistidos as evocações não podem ter nenhum caráter de autenticidade.

273. Os médiuns são muito mais procurados pelas evocações de interesse privado do que pelas comunicações de interesse geral; isso se explica pelo desejo bem natural que se tem de conversar com os entes que nos são caros. Sobre esse assunto, devemos fazer muitas recomendações aos médiuns. Primeiro é não aceder a esse desejo, senão com reserva no tocante às pessoas, sobre a sinceridade das quais não estejam completamente seguros e de se pôr em guarda contra as armadilhas que pessoas malfazejas possam lhes preparar. Segundo, de

não se prestar sob nenhum pretexto, se perceberem uma finalidade de curiosidade e de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; de se recusar a toda questão ociosa que saia do círculo daquelas que se pode racionalmente dirigir aos Espíritos. As questões devem ser postas com clareza, nitidez e sem segundas intenções, se quiserem respostas categóricas. É necessário, então, rejeitar todas aquelas que teriam um caráter insidioso, porque se sabe que os Espíritos não gostam de perguntas que têm por finalidade pô-los à prova. Insistir em questões dessa natureza é querer ser enganado. O evocador deve ir franca e abertamente ao fim, sem subterfúgios e sem rodeios. Se teme se explicar, é melhor que se abstenha.

Convém ainda não fazer senão com muita prudência as evocações na ausência de pessoas que as pedem. É preferível não fazê-las. Só essas pessoas são aptas a controlar as respostas, a julgar a identidade, a provocar esclarecimentos, se forem necessários, e a fazer as perguntas ocasionais exigidas pelas circunstâncias. Além disso, sua presença é um laço que atrai o Espírito, frequentemente pouco disposto a se comunicar com estranhos pelos quais não têm nenhuma simpatia. O médium, em uma palavra, deve evitar tudo o que poderia transformá-lo em agente de consulta, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de leitor de sorte.

Espíritos que podem ser evocados

274. Podem-se evocar todos os Espíritos de qualquer grau da escala a que pertençam; os bons como os maus, aqueles que deixaram a vida recentemente, como aqueles que viveram nos tempos mais antigos, homens ilustres, como os obscuros, nossos parentes, nossos amigos, como aqueles que nos são indiferentes. Não foi dito que eles queiram ou possam sempre atender nosso apelo; independentemente de sua própria vontade ou da permissão que pode lhes ser recusada por um poder superior, podem estar impedidos por motivos que não nos é sempre dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que trataremos a seguir. Os obstáculos que podem impedir um Espírito de se manifestar são quase sempre individuais e frequentemente decorrem das circunstâncias.

275. Entre as causas que podem se opor às manifestações de um Espírito, umas são pessoais, outras lhe são estranhas. É necessário colocar entre as primeiras suas ocupações ou suas missões que cumpre e das quais não pode se afastar para ceder a nossos desejos; nesse caso sua visita é adiada.

Há ainda sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento a um certo momento dado, sobretudo quando tem lugar nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito é pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles onde os laços do Espírito e da matéria são muito tênues, a manifestação é quase tão fácil que no estado errante e em todos os casos mais fácil que naqueles onde a matéria corporal é mais compacta.

As causas estranhas ligam-se principalmente à natureza do médium, à pessoa que o evoca, ao meio no qual se faz a evocação, enfim, à finalidade que se propõe. Certos médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos; isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o estranho, que pode tomá-lo como intérprete com prazer ou com repugnância. Isso depende ainda, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os Espíritos se apresentam com melhor boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferecem nenhum obstáculo material. Quando há igualdade de condições morais, quanto mais um médium tenha facilidade para escrever ou para se exprimir, mais suas relações com o mundo espírita se ampliam.

276. É necessário considerar a facilidade que vem do hábito de comunicar-se com tal ou tal Espírito. Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com o daquele que o chama. A questão da simpatia à parte, estabelece-se entre eles uma relação fluidica que torna as comunicações mais fáceis; é por isso que a primeira manifestação não é tão satisfatória como se poderia desejar e também

porque os próprios Espíritos pedem para ser chamados de novo. O Espírito que vem habitualmente sente-se em casa: está familiarizado com seus ouvintes e seus intérpretes, fala e age livremente.

277. Resumindo, de tudo que foi dito, resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para o Espírito a obrigação de estar às nossas ordens; que ele pode vir em um momento e não em outro, com tal médium e tal evocador que lhe agrade e não com outro; dizer o que quer sem poder ser constrangido para dizer o que não quer; ir-se quando isso lhe convém. Enfim que, por causas dependentes ou não de sua vontade, depois de se mostrar assíduo durante certo tempo, pode de repente deixar de vir.

É por todos esses motivos que, quando se deseja chamar um Espírito novo, é necessário perguntar a seu guia protetor se a evocação é possível; no caso em que não for, geralmente ele dará os motivos. Então é inútil insistir.

278. Uma importante questão se apresenta aqui, aquela de saber se há ou não inconveniente de evocar maus Espíritos. Isso depende da finalidade que se propõe e do ascendente que se pode ter sobre eles. Não há inconveniente quando se chama com uma finalidade séria, instrutiva, tendo em vista seu aperfeiçoamento. O inconveniente será grande, ao contrário, se é por pura curiosidade ou diversão, ou se nos colocamos sob sua dependência pedindo-lhes um serviço qualquer. Os bons Espíritos, nesse caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazer o que lhes pedem, com a ressalva de punir severamente mais tarde o temerário que ousasse invocar seu auxílio acreditando que fossem mais poderosos que Deus. É em vão prometer aplicar no bem e de despedir o servidor uma vez o serviço prestado. Esse serviço solicitado, por mínimo que seja, é um verdadeiro pacto assinado com o mau espírito, e este não larga a presa com facilidade. (Ver item nº 212.)

279. Não se exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos reconhecem seus mestres nos homens de bem. Contra aqueles que só lhes oponham a vontade, uma espécie de força bruta, lutam, reagem e frequentemente são os mais fortes. A alguém que procurava dominar assim um Espírito

rebelde por sua vontade, o Espírito lhe respondeu: “Deixa-me tranquilo, com teus ares de mata-mouros, tu que não vales mais que eu; que diria de um ladrão pregando moral a outro ladrão?”.

Admira-se que o nome de Deus que se invoca contra eles seja insuficiente; São Luís deu a razão na resposta seguinte:

“O nome de Deus não tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, senão na boca daquele que pode dele se servir com autoridade por suas virtudes; na boca do homem que não tenha sobre o Espírito nenhuma superioridade moral, é uma palavra como outra qualquer. O mesmo acontece com as coisas santas que lhes opõem. A arma mais terrível é inofensiva nas mãos inábeis para delas se servir ou incapazes de usá-la”.

Linguagem a manter com os Espíritos

280. O grau de superioridade ou de inferioridade indica naturalmente o tom que convém tomar com eles. É evidente que, quanto mais elevados, mais direito têm ao nosso respeito, consideração e submissão. Não devemos testemunhar menos deferência do que faríamos se fossem vivos, mas por outros motivos: em vida iríamos considerar o cargo e a posição social; no mundo dos Espíritos, nosso respeito se dirige à sua superioridade moral. Sua elevação os coloca acima das puerilidades de nossas fórmulas aduladoras. Não é por palavras que se pode ganhar-lhes a benevolência; é pela sinceridade dos sentimentos. Seria, então, ridículo dar-lhes títulos que nossos usos consagram à distinção dos cargos e que, quando vivos, podiam bajular sua vaidade; se forem realmente superiores, não somente, não ligam para isso, como lhes desagrada. Um bom pensamento lhes é mais agradável que as palavras mais elogiosas. Se assim não fosse não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de um venerável eclesiástico que foi sobre a Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu um dia a quem o evocava dando-lhe o título de Monsenhor: “Deverias dizer ex-Monsenhor porque aqui só há um Senhor, que é Deus. Saibam que vejo aqui, aqueles que, sobre a Terra se punham de joelhos aos meus pés, diante deles me inclino”.

Quanto aos Espíritos inferiores, seu caráter nos mostra a linguagem que convém ter com eles. Entre eles há os que mesmo inofensivos e benfazejos, são levianos, ignorantes estouvados; tratá-los como igual a Espíritos sérios, assim como fazem certas pessoas, seria o mesmo que se inclinar diante de um aluno ou diante de um asno enfeitado com um boné de doutor. O tom da familiaridade não lhes causa estranheza nem os melindra; pelo contrário, lhes agrada.

Entre os Espíritos inferiores, há os que são infelizes. Sejam quais forem as faltas que expiam, seus sofrimentos merecem nossa comiseração, que ninguém se gabe de escapar dessa palavra do Cristo: “Aquele que está sem pecado que jogue a primeira pedra”. A benevolência que lhes testemunhamos é para eles um consolo. Na falta de simpatia, devem encontrar a indulgência que queríamos para nós mesmos. Os Espíritos que revelam sua inferioridade pelo cinismo de sua linguagem, suas mentiras, a baixeza de seus sentimentos, a perfídia de seus conselhos, são seguramente menos dignos de nosso interesse que aqueles cujas palavras atestam o arrependimento. Devemos ao menos a piedade que temos pelos grandes criminosos. O meio de os reduzir ao silêncio é de nos mostrarmos superiores a eles, pois estabelecem intimidade com aqueles de quem nada temem. Os Espíritos perversos reconhecem seus superiores entre os homens de bem, como reconhecem a dos Espíritos superiores.

Resumindo, tanto seria irreverente tratar de igual para igual os Espíritos superiores como seria ridículo ter a mesma deferência para todos, sem exceção. Tenhamos veneração por aqueles que a merecem, reconhecimento por aqueles que nos protegem e nos assistem, por todos os outros, uma benevolência da qual talvez um dia tenhamos necessidade. Penetrando no mundo incorporeal, aprendemos a conhecê-lo, e esse conhecimento deve regular nossas relações com aqueles que o habitam. Os antigos, na sua ignorância, levantaram altares; para nós são criaturas mais ou menos perfeitas, e não elevamos altares senão a Deus.

Utilidade das evocações particulares

281. As comunicações que se obtêm de Espíritos superiores, ou daqueles que animaram grandes personagens da Antiguidade,

são preciosas pelo alto ensinamento que encerram. Esses Espíritos alcançaram um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de ideias mais extensa, de penetrar mistérios que ultrapassam o alcance vulgar da Humanidade e, por consequência, de nos iniciar melhor que outros em certas coisas. Isso não quer dizer que as comunicações de Espíritos de ordem menos elevada sejam sem utilidade. O bom observador tira daí muitas instruções. Para conhecer os costumes de um povo, é necessário estudá-lo em todas as suas camadas. Aquele que o tiver visto em uma só face não o conhece. A história de um povo não é a de seus reis e das sumidades sociais; para julgá-lo é preciso conhecer a vida íntima, seus hábitos privados.

Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua elevação os coloca muito acima de nós e ficamos assustados com a distância que nos separa. Os Espíritos mais burgueses (que nos perdoem esta expressão) nos tornam mais palpáveis as circunstâncias de sua nova existência. Entre eles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima, nós a compreendemos melhor, porque ela nos toca de mais perto. Aprendendo por si próprios, o que se tornaram, o que pensam, o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do século, em uma palavra, os homens que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, dos quais conhecemos a vida real, as virtudes e os erros, compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos, partilhamos deles e daí tiramos um ensinamento moral, tanto mais aproveitável quanto maiores e mais íntimas as relações entre eles e nós. É mais fácil nos colocarmos no lugar daquele que foi nosso igual do que daquele que só vemos através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, das quais os Espíritos superiores nos ensinam a teoria. Além disso, no estudo de uma ciência, nada é inútil: Newton encontrou a lei das forças do Universo no fenômeno mais simples.

A evocação de Espíritos vulgares tem ainda outra vantagem, de nos colocar em relação com Espíritos sofredores, que se pode aliviar e facilitar seu desenvolvimento por meio de úteis conselhos. Podemos ser

úteis e nos instruímos ao mesmo tempo. Há egoísmo em procurar só sua própria satisfação na relação com os Espíritos, e aquele que desdenha estender uma mão caridosa àquele que é infeliz dá prova de orgulho. Para que serve obter belas recomendações de Espíritos de elite, se isso não o torna melhor para si mesmo, mais caridoso, mais benevolente para seus irmãos deste mundo e do outro? O que aconteceria com os pobres doentes, se os médicos recusassem tocar em suas feridas?

Perguntas sobre as evocações particulares

282. *1ª Pode-se evocar os Espíritos sem ser médium?*

“Todo mundo pode evocar os Espíritos, e se aqueles que chamou não podem se manifestar materialmente, estão por perto e o escutam.”

2ª O Espírito evocado se apresenta sempre que o apelo é feito?

“Isso depende das condições nas quais ele se encontra, porque há circunstâncias em que ele não pode.”

3ª Quais são as causas que podem impedir um Espírito de responder ao nosso apelo?

“Sua vontade, primeiro; depois, seu estado corporal, se está reencarnado, as missões de que pode estar encarregado, ou a permissão que lhe pode ser negada.

“Há Espíritos que não podem se comunicar nunca; são aqueles que, por sua natureza, pertencem ainda a mundos inferiores à Terra. Aqueles que estão nas esferas de punição também não podem, a menos que tenham permissão superior, que não é dada senão com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa se comunicar, é necessário que ele atinja o grau de desenvolvimento do mundo onde é chamado, pois, do contrário, seria estranho às ideias desse mundo e não teria nenhum ponto de comparação para exprimir-se. Isso não acontece com aqueles que são enviados em missão ou em expiação nos mundos inferiores, pois esses têm conhecimentos suficientes para responder.

4ª Por que motivo a permissão de se comunicar pode ser negada a um Espírito?

“Pode ser uma prova, ou uma punição, para ele, ou para aqueles que o chamam.”

5ª *Como Espíritos dispersos no espaço ou nos diferentes mundos podem ouvir de todos os pontos do Universo os apelos que lhe são feitos?*

“Frequentemente são prevenidos pelos Espíritos familiares que os rodeiam e que vão procurá-los, mas aqui se passa um fenômeno que é difícil de explicar porque não podem compreender ainda o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que posso dizer é que o Espírito evocado, afastado como esteja, recebe, por assim dizer, o contragolpe do pensamento como uma espécie de comoção elétrica que chama sua atenção do lado de onde vem o pensamento que se dirige a ele. Pode-se dizer que ele ouve o pensamento, como sobre a Terra ouve-se a voz.”

5ª a. *O fluido universal é o veículo do pensamento, como o ar é do som?*

“Sim, com a diferença de que o som não pode se fazer ouvir senão num raio muito limitado, enquanto que o pensamento atinge o infinito. O Espírito no espaço é como o viajante no meio de uma vasta planície, e que, de repente, ouvindo pronunciar seu nome, dirige-se para o lado de onde vem o chamado.”

6ª *Sabemos que as distâncias nada representam para os Espíritos, entretanto admira-se de vê-los algumas vezes responder tão prontamente ao apelo, como se estivessem muito perto.*

“É que às vezes estão mesmo. Se a evocação é premeditada, o Espírito é avisado com antecedência, e se acha lá um momento antes de ser chamado.”

7ª *O pensamento do evocador é mais ou menos facilmente ouvido segundo certas circunstâncias?*

“Sem dúvida alguma; o Espírito chamado por um sentimento simpático e benfazejo é mais vivamente tocado; é como uma voz amiga que ele reconhece. Sem isso, a evocação *não se completa*. O pensamento que salta da evocação atinge o Espírito; se é mal dirigida, atinge o vazio. Isso também acontece com os homens, se aquele que os chama lhe é indiferente ou antipático, eles podem ouvir, mas não atendem.”

8ª *O Espírito evocado vem voluntariamente ou é constrangido a isso?*

“Ele obedece à vontade de Deus, quer dizer, a lei geral que rege o Universo; portanto, constrangimento não é a palavra, porque ele

julga se é útil vir; e aí está seu livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre quando é chamado para um fim útil; não se recusa a responder, senão num meio de pessoas pouco sérias e que levam o assunto em brincadeira.”

9ª *O Espírito evocado pode se recusar a vir a um chamado que lhe é feito?*

“Perfeitamente. Onde estaria seu livre-arbítrio sem isso? Acreditam que todos os seres do Universo estejam às suas ordens? O senhor mesmo, se crê obrigado a responder a todos que pronunciam seu nome? Quando digo que ele pode se recusar, entendo sobre o chamado do evocador, porque um Espírito inferior pode ser constrangido a vir por um Espírito superior.”

10ª *Há um meio de obrigar um Espírito a vir contra a sua vontade?*

“Nenhum, se esse Espírito é seu igual ou seu superior em moralidade. Disse em *moralidade*, e não em inteligência, porque não tem sobre ele nenhuma autoridade; se é seu inferior, pode se é para o bem dele, porque então, outros Espíritos o ajudarão.” (Ver item nº 279.)

11ª *Há inconveniente em evocar Espíritos inferiores e pode-se temer que, chamando-os, dominem o evocador?*

“Eles só dominam aqueles que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem a temer; impõe-se aos Espíritos inferiores, estes não se impõem ao evocador. Quando os médiuns estão sozinhos, principalmente os que estão começando, devem se abster dessas espécies de evocações.” (Ver item nº 278.)

12ª *São necessárias algumas disposições especiais nas evocações?*

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se quer ter comunicação com Espíritos sérios. Com a fé e o desejo do bem, fica-se mais poderoso para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, identifica-se com os bons e os dispõem a vir.”

13ª *A fé é necessária para as evocações?*

“A fé em Deus, sim; para o mais, a fé virá se se almejar o bem e se tiver o desejo de se instruir.”

14ª *Os homens reunidos em uma comunidade de pensamento e de intenções têm mais poder para evocar os Espíritos?*

“Quando todos estão reunidos para a caridade e para o bem, obtêm grandes coisas. Nada é mais prejudicial para o resultado das evocações que a divergência de pensamento.”

15ª *A precaução de fazer uma corrente, dando-se as mãos durante alguns minutos no começo das reuniões é útil?*

“A corrente é um meio material que não promove a união entre as pessoas se ela não existe no pensamento; isso é mais útil que todo o restante, se unir num pensamento comum, cada um chamando os bons Espíritos. Vocês não sabem tudo o que se poderia obter numa reunião séria, de onde seria banido todo sentimento de orgulho e de personalismo e onde reinaria um perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16ª *São preferíveis as evocações em dias e horas fixos?*

“Sim, e se for possível no mesmo lugar. Os Espíritos aí comparecem com mais boa vontade e o desejo constante que você tem ajuda os Espíritos a vir se comunicar com os homens. Os Espíritos têm sua ocupação que não podem deixar *de repente* para sua satisfação pessoal. Digo, no mesmo lugar, mas não creia que seja uma obrigação absoluta, porque os Espíritos estão em toda parte; quero dizer que um lugar consagrado para isso é preferível, porque o recolhimento é mais perfeito.”

17ª *Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou afastar Espíritos, assim como dizem?*

“Essa crença é inútil, porque a matéria não tem nenhuma ação sobre os Espíritos. Estejam certos de que nunca um bom Espírito aconselha semelhantes absurdos; a virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão na imaginação de pessoas crédulas.”

18ª *Que pensar de Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas indevidas?*

“Esses Espíritos se divertem à custa daqueles que os escutam. É sempre inútil e frequentemente perigoso ceder a tais sugestões; porque aí não se ganha absolutamente nada a não ser mistificação; perigoso, não pelo mal que os Espíritos podem fazer, mas pela influência que isso exercer sobre cérebros fracos.”

19ª *Há dias e horas mais propícios para as evocações?*

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o

que é material. Seria superstição crer na influência de dias e horas. Os momentos mais propícios são aqueles quando o evocador pode estar menos distraído por suas ocupações habituais; quando seu corpo e seu Espírito estão mais calmos.”

20ª *A evocação é para os Espíritos uma coisa agradável ou penosa? Vêm de boa vontade quando os chamam?*

“Isso depende de seu caráter e do motivo que os fez chamar, quando a finalidade é louvável e quando o meio é simpático, é para eles uma coisa agradável e mesmo atraente; os Espíritos ficam sempre felizes com a afeição que lhes testemunham. Há os que sentem felicidade em se comunicar com os homens e que sofrem com o abandono em que os deixam. Mas, como já disse, isso depende de seu caráter; entre os Espíritos há também misantropos que não gostam de ser perturbados e cujas respostas indicam seu mau humor, sobretudo quando são chamados por pessoas indiferentes às quais não se interessam. Um Espírito não tem nenhum motivo para vir a um apelo de um desconhecido que lhe é indiferente, que é quase sempre movido pela curiosidade. Se vem, não faz senão curtas aparições, a menos que haja uma finalidade séria e instrutiva nas evocações.”

Nota: Veem-se pessoas que só evocam seus parentes para pedir as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo, um para saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber o lucro que tirará de uma mercadoria, o lugar onde o dinheiro foi depositado, se tal assunto será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo não se interessam por nós senão em razão da afeição que temos por eles. Se todo o nosso pensamento se limita a crê-los feiticeiros, se não pensamos neles senão para pedir informações, eles não podem ter por nós uma grande simpatia e não se deve ficar admirado com o pouco de benevolência que testemunham.

21ª *Há uma diferença entre os bons e os maus Espíritos em relação à solicitude com que se apresentam ao nosso chamado?*

“Há uma muito grande: os maus só vêm de boa vontade quando esperam dominar e fazer vítimas, mas experimentam uma viva contrariedade, quando são forçados a vir para confessar suas faltas, e pedem para ir

embora, como um escolar que se chama para uma repreensão. Podem ser obrigados por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons, quando são chamados inutilmente por futilidades; então não vêm ou se retiram.

“Pode-se dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que sejam, não gostam, como você, de servir de distração para os curiosos. Frequentemente, as pessoas não têm outra finalidade ao evocar um Espírito que ver o que ele dirá, ou de interrogá-lo sobre particularidades de sua vida que não lhe interessa fazer conhecer. Não há nenhum motivo para que lhe faça confidências. Acredita que ele vá se colocar no banco dos réus para lhe agradar? Desengane-se, o que ele não faria em vida, não fará em Espírito.”

Nota: A experiência prova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando é feita com finalidade séria e útil; os bons vêm com prazer nos instruir; aqueles que conhecemos ficam satisfeitos com nossa lembrança. Os levianos gostam de ser chamados por pessoas frívolas porque elas lhes fornecem ocasião de se divertirem à sua custa; não ficam à vontade com as pessoas sérias.

22ª Para se manifestarem, os Espíritos têm sempre necessidade de serem evocados?

“Não; às vezes se apresentam sem serem chamados, e isso prova que vêm de boa vontade.”

23ª Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, tem-se mais certeza de sua identidade?

“De maneira nenhuma, os Espíritos zombeteiros empregam às vezes esse meio para melhor enganar.”

24ª Quando se invoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem a nós, mesmo que não haja manifestação por escrito ou de outra maneira?

“A escrita é um meio para o Espírito atestar sua presença, mas é o pensamento que o atrai e não o ato de escrever.”

25ª Quando um Espírito inferior se manifesta pode-se obrigá-lo a se retirar?

“Sim, não o ouvindo. Mas, como querem que se retire, quando há pessoas que se divertem com suas asneiras? Os Espíritos inferiores se ligam àqueles que os ouvem com complacência, como os homens tolos.”

26ª *A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus?*

“O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas retém muitos deles. Por esse meio se afastam alguns, e afastarão mais ainda, se for feito do fundo do coração e não como uma fórmula banal.”

27ª *Poderíamos evocar nominativamente muitos Espíritos de uma só vez?*

“Não há nisso nenhuma dificuldade, e se tivesse três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos responderiam ao mesmo tempo, o que acontece quando há muitos médiuns.”

28ª *Quando muitos Espíritos são evocados ao mesmo tempo e que há um só médium, qual é o que responde?*

“Um deles responde por todos, exprime o pensamento coletivo.”

29ª *O mesmo Espírito poderia se comunicar de uma só vez, na mesma sessão, por dois médiuns diferentes?*

“Tão facilmente como há homens que ditam muitas cartas de uma só vez.”

Nota: Vimos um Espírito responder por dois médiuns questões que lhe dirigiam. A um em inglês, a outro em francês, e as respostas eram idênticas pelo sentido, algumas eram tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos evocados simultaneamente por dois médiuns podem estabelecer entre eles uma conversação. Esse modo de comunicação, não sendo necessário para eles, pois leem reciprocamente seus pensamentos, fazem isso para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos de paixões terrestres e ideias corporais, pode acontecer de brigar e dizerem palavrões, de reprovar mutuamente seus erros, e mesmo de lançar os lápis, cestas, pranchetas etc., um contra o outro.

30ª *O Espírito evocado ao mesmo tempo em diversos lugares pode responder simultaneamente às questões que lhe são dirigidas?*

“Sim, se é um Espírito elevado.”

30ª a. *Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?*

“O Sol é um, entretanto, irradia por todos os lados, levando longe seus raios sem se subdividir; o mesmo acontece com os Espíritos. O pensamento dele é como uma estrela que projeta ao longe sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Mais o Espírito é puro, mais seu pensamento *irradia* como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; não podem responder senão a uma única pessoa por vez e não podem vir se são chamados alhures.

“Um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, responderá às duas evocações se forem sérias e fervorosas uma como a outra; caso contrário, dá a preferência à mais séria.”

Nota: Assim é com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por sinais vistos de diferentes lados.

Em uma sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que a questão da ubiquidade havia sido discutida, um Espírito ditou espontaneamente a comunicação seguinte:

“Perguntaram esta noite qual era a hierarquia dos Espíritos para a ubiquidade. Comparem-nos a um balão que se eleva pouco a pouco no ar. Quando está junto à Terra, um círculo muito pequeno pode percebê-lo; à medida que se eleva o círculo se alarga e, quando chega a certa altura, ele aparece para um número infinito de pessoas. Assim somos nós: um mau Espírito, que está ainda ligado à Terra, permanece num círculo restrito no meio daqueles que o veem. Eleve-se na graça, aperfeiçoe-se, e poderá conversar com muitas pessoas. Quando se tornar um Espírito superior, irradiará como a luz do Sol, se mostrará a muitas pessoas e em muitos lugares de uma vez. – **Channing**

31ª *Podem-se evocar os puros Espíritos, aqueles que terminaram a série de suas encarnações?*

“Sim, muito raramente; eles não se comunicam senão aos corações puros e sinceros, e não aos *orgulhosos e egoístas*; assim é necessário desconfiar de Espíritos inferiores que tomam essa qualidade para se dar mais importância.

32ª *Como se explica que o Espírito de homens ilustres venha tão fácil e familiarmente ao apelo de homens mais obscuros?*

“Os homens julgam os Espíritos por si mesmos. Isso é um erro. Depois da morte do corpo, as posições terrenas não existem mais. Não há mais distinção entre eles senão pela bondade, e os que são bons vão por toda parte onde haja bem a fazer.”

33ª *Quanto tempo depois da morte pode-se evocar um Espírito?*

“Pode-se fazê-lo no instante mesmo da morte; mas, como nesse momento o Espírito está ainda perturbado, só responde imperfeitamente.”

Nota: A duração da perturbação é muito variada, não se pode marcar um prazo para a evocação. É raro que depois de oito dias o Espírito não se reconheça o suficiente para poder responder. Ele o pode, algumas vezes, responder dois ou três dias após a morte. Em todo caso, pode-se tentar com prudência.

34ª *A evocação, no momento da morte, é mais penosa que mais tarde?*

“Algumas vezes. É como se fosse arrancado do meio de um sono profundo. Entretanto, há uns que não ficam nem um pouco contrariados, e mesmo os ajuda a sair da perturbação.”

35ª *Como o Espírito de uma criança, morta na infância, pode responder com conhecimento de causa, se quando viva não tinha ainda consciência de si própria?*

“A alma da criança é um Espírito ainda envolto nos véus da matéria, mas, livre da matéria, goza de suas faculdades de Espírito, porque os Espíritos não têm idade, o que prova que o Espírito da criança já viveu. Entretanto, até que seja completamente desligado, pode conservar em sua linguagem alguns traços do caráter da infância.”

Nota: A influência corporal que se faz sentir mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança se faz igualmente sobre o Espírito daqueles que morreram em estado de loucura. O Espírito, por si mesmo, não é louco, mas sabe-se que certos Espíritos creem ser deste mundo durante algum tempo ainda. Não é de se admirar que o Espírito do louco ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida,

se opunha à sua livre manifestação, até que esteja completamente desligado. Esse efeito varia segundo as causas da loucura, porque há loucos que recobram toda a lucidez de suas ideias imediatamente após sua morte.

283. Evocação de animais

36ª *Pode-se evocar o Espírito de um animal?*

“Após a morte do animal, o princípio inteligente que estava nele fica em um estado latente; é logo utilizado por certos Espíritos encarregados desse cuidado para animar novos seres, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais errantes, mas somente de humanos. Isto responde à sua questão.”

36ª a. *Como se explica que certas pessoas, ao evocar animais, tenham obtido respostas?*

“Evoque um rochedo, ele responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra para responder tudo.”

Nota: É pela mesma razão que, se evocarmos um mito ou um personagem alegórico, ele responderá. Isso quer dizer que responderão por ele, e que o Espírito que se apresentar por ele tomará seu caráter e suas maneiras. Alguém teve um dia a ideia de evocar *Tartufo* e *ele* logo se apresentou. E mais ainda: ele falou de Orgon, de Elmira, de Damis e de Valéria, dos quais deu notícias. Quanto a ele, imitou Tartufo com tanta arte como se fosse um personagem real. Ele disse mais tarde que era o Espírito de um ator que tinha representado esse papel. Os Espíritos levianos se aproveitam sempre da inexperiência dos interrogadores, mas evitam manifestar-se aos que sabem que podem descobrir suas imposturas e não acreditariam em suas histórias. É o mesmo que acontece entre os homens.

Um senhor tinha no seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos, quais ele se interessava muito. Um dia, o ninho desapareceu. Estando seguro de que ninguém de sua casa era culpado do delito, como ele próprio era médium, teve a ideia de evocar a mãe dos filhotes; ela veio e lhe disse em bom francês: “Não acuse ninguém, assegure-se da sorte de meus pequenos; foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; será encontrado sob a relva juntamente com os filhotes que não foram comidos”. Verificação feita, a coisa era exata. Conclusão: foi o pássaro que respondeu? Não, seguramente, mas simplesmente um Espírito que conhecia

a história. Isso prova quanto é necessário desconfiar das aparências e quanto é justa a resposta acima: evoque um rochedo e ele responderá. (Ver o capítulo XXII, “Mediunidade dos animais”, item nº 234.)

284. Evocação de Pessoas Vivas

37ª A encarnação do Espírito é um obstáculo à sua evocação?

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita ao Espírito se libertar nesse momento. O Espírito encarnado vem mais facilmente quando o mundo em que se encontra é mais adiantado, porque aí o corpo é menos material.”

38ª Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?

“Sim, porque pode-se evocar o Espírito de uma pessoa encarnada. O Espírito de um vivo pode também, nesses momentos de liberdade, se apresentar *sem ser evocado*; isso depende da simpatia pelas pessoas as quais se comunica.” (Ver item nº 116, “A história do homem da tabaqueira”.)

39ª Em qual estado fica o corpo de uma pessoa cujo Espírito é evocado?

“Ele dorme ou cochila; é aí que o Espírito está livre.”

39ª.a. O corpo pode acordar enquanto o Espírito está ausente?

“Não, o Espírito é *forçado voltar para casa*; se, nesse momento, ele conversa com você, ele o deixa e frequentemente lhe diz o motivo.”

40ª Como o Espírito ausente do corpo é avisado da necessidade de sua presença?

“O Espírito de um corpo vivo não fica jamais completamente separado; a qualquer distância que se transporte, ele se liga por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando isso for necessário. Esse laço só é rompido com a morte.”

Nota: Esse laço fluídico tem sido frequentemente percebido por médiuns videntes. É uma espécie de traço fosforescente que se perde no espaço e na direção do corpo. Certos Espíritos disseram que por ele reconhecem os que ainda vivem.

41ª Que acontece se, durante o sono e em ausência do Espírito, o corpo for atingido mortalmente?

“O Espírito seria avisado e voltaria ao corpo antes que a morte fosse consumada.”

41^a a. *Assim não poderia acontecer que o corpo morresse na ausência do Espírito, e que este, na sua volta, não pudesse mais retomá-lo?*

“Não; seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.”

41^a b. *Mas se o golpe fosse desferido subitamente e de imprevisto?*

“O Espírito seria prevenido antes que o golpe fosse desferido.”

Nota: O Espírito de um vivo interrogado sobre esse fato respondeu: “Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, esse seria um meio muito cômodo de cometer suicídio hipócrita”.

42^a *O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é livre de se comunicar como aquele de um morto?*

“Não; a matéria influencia sempre mais ou menos.”

Nota: Uma pessoa nesse estado a quem se dirigiu essa pergunta respondeu: “Estou sempre encadeada a uma bola de ferro que arrasto atrás de mim”.

42^a a. *Nesse estado, o Espírito pode ser impedido de vir, por se achar em outro lugar?*

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja em um lugar onde quer permanecer e então ele não vem à evocação, principalmente quando é feita por alguém que não lhe interessa.”

43^a *É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?*

“Ainda que difícil, não é absolutamente impossível, se a evocação *a atinge*, ela pode adormecer, mas o Espírito não pode se comunicar, como Espírito, senão nos momentos quando sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.”

Nota: A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono ou, pelo menos, um estado vizinho do sono, mas esse efeito não pode ter lugar senão por uma vontade muito enérgica e se existe laços de simpatia

entre as duas pessoas. De outro modo, a evocação *não dá resultado*. No caso mesmo em que a evocação poderia provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se ela sucumbe, seu Espírito estará perturbado e dificilmente responderá. Daí se conclui que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é aquele de seu sono natural, porque seu Espírito, estando livre, pode ir em direção daquele que o chama, do mesmo modo pode ir a outro lugar.

Quando a evocação é feita com o conhecimento da pessoa e que ela procura dormir para isso, pode ser que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é ainda preferível.

44ª Uma pessoa viva evocada tem consciência disso ao despertar?

“Não, você mesmo é evocado mais do que pensa. Só seu Espírito o sabe e pode algumas vezes lhe deixar uma vaga impressão como de um sonho.”

44ª a. Quem pode nos evocar se somos seres obscuros?

“Em outras existências, pode ter sido pessoa conhecida nesse mundo ou em outros; seus parentes e amigos deste mundo ou de outros. Suponhamos que seu Espírito tenha animado o corpo do pai de uma outra pessoa. Pois bem, quando essa pessoa evocar seu pai, é seu Espírito que será evocado e que responderá”.

45ª O Espírito evocado de uma pessoa viva responde como Espírito ou com as ideias do estado de vigília?

“Isso depende de sua elevação; julga as coisas com mais lucidez e menos preconceitos, absolutamente como os sonâmbulos; é um estado quase semelhante.”

46ª Se o Espírito de um sonâmbulo em estado de sono magnético fosse evocado, seria mais lúcido que aquele de outra pessoa?

“Ele responderia sem dúvida mais facilmente, porque está mais desligado; tudo depende do grau de independência do Espírito e do corpo.”

46ª a. O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse a distância ao mesmo tempo em que respondesse verbalmente a outra pessoa?

“A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes pertence apenas aos Espíritos completamente desligados da matéria.”

47ª *Poderíamos modificar as ideias de uma pessoa no estado de vigília agindo sobre seu Espírito durante o sono?*

“Sim, algumas vezes o Espírito não está ligado à matéria por laços assim tão íntimos, isso porque ele é mais acessível às impressões morais, e essas impressões podem influir sobre a maneira de ver no estado comum. Infelizmente, acontece que, ao acordar, a natureza corporal lhe faz esquecer as boas resoluções que tenha podido tomar.”

48ª *O Espírito de uma pessoa viva é livre de dizer ou não o que quiser?*

“Ele tem suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, seu livre-arbítrio; e, como tem mais perspicácia, é mais cauteloso que no estado de vigília.”

49ª *Poderíamos obrigar uma pessoa, evocando-a, dizer o que ela quer calar?*

“Dissemos que o Espírito tem seu livre-arbítrio, mas acontece que, como Espírito, dá menos importância a certas coisas que no estado normal; sua consciência pode falar mais livremente. Além disso, se não quer falar, pode sempre escapar às importunações indo embora, porque não se pode reter seu Espírito como se pode reter seu corpo.”

50ª *O Espírito de uma pessoa viva não poderia ser obrigado por outro Espírito, de vir e de falar, como acontece com Espíritos errantes?*

“Entre os Espíritos, estejam mortos ou vivos, não há supremacia senão pela superioridade moral e deve acreditar que um Espírito superior não prestaria seu apoio a uma indiscrição covarde.”

Nota: Esse abuso de confiança seria uma ação má que não daria resultado, pois não se pode tirar um segredo de um Espírito que o quiser guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, confessasse o que em outras circunstâncias calaria.

Uma pessoa querendo saber, por esse meio, de um de seus parentes, se o testamento deste último era a seu favor, o Espírito respondeu: “Sim, minha querida sobrinha, logo terá a prova”. A coisa era real, mas, poucos dias depois, o parente destruiu seu testamento e teve a malícia de dar ciência disso à sobrinha, sem, entretanto, saber que tinha sido evocado. Um sentimento instintivo o levou sem dúvida a executar a resolução que seu Espírito havia tomado, depois da

pergunta que lhe tinha sido feita. É uma covardia perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo o que não se ousaria perguntar à sua pessoa, e essa covardia não tem nem mesmo o resultado que se espera.

51ª *Pode-se evocar um Espírito cujo corpo ainda está no seio da mãe?*

“Não. Como sabem, nesse momento, o Espírito está num estado de confusão completa.

Nota: A encarnação tem lugar só no momento em que o bebê respira, mas, desde a concepção, o Espírito designado para o animar é tomado por uma perturbação que aumenta à aproximação do nascimento e lhe tira a consciência de si próprio e, por consequência, a faculdade de responder. (Ver *O Livro dos Espíritos*, “Retorno à vida corporal — União da alma e do corpo”, item nº 344.)

52ª *Um Espírito zombeteiro poderia tomar o lugar daquele de uma pessoa viva que se evocasse?*

“Sem dúvida pode e isso acontece com frequência, principalmente quando a intenção do evocador não é pura. De resto, a evocação de pessoas vivas não tem interesse como estudo psicológico. Por isso convém se abster todas as vezes que não se pode ter um resultado instrutivo.”

Nota: Se a evocação dos Espíritos errantes *não os alcança*, para usarmos sua própria expressão, isso é mais frequente entre os encarnados. É, então, que os zombeteiros tomam seu lugar.”

53ª *Tem inconvenientes a evocação de uma pessoa viva?*

“Nem sempre é sem perigo; isso depende da posição da pessoa, porque se ela está doente, pode-se aumentar seus sofrimentos.”

54ª *Em qual caso mais pode ter inconvenientes?*

“Deve-se abster de evocar crianças muito pequenas e as pessoas gravemente doentes e os velhos. Pode ter inconvenientes todas as vezes que o corpo está enfraquecido.”

Nota: A brusca suspensão das qualidades intelectuais durante o estado de vigília pode oferecer perigo se a pessoa, nesse momento, tivesse necessidade de toda a sua capacidade mental.

55^a *Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo prova a fadiga por causa do trabalho ao qual se dedica o Espírito ainda que ausente?*

Uma pessoa nesse estado, que pensava que seu corpo se cansava, respondeu a essa pergunta:

“Meu Espírito é como um balão cativo amarrado em um poste; meu corpo é o poste que estremece com as sacudidas do balão.”

56^a *Por que a evocação de pessoas vivas pode ter inconvenientes, desde que a faça sem precauções, o perigo não existe também quando se evoca um Espírito que não se sabe se está encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?*

“Não, as circunstâncias não são as mesmas; ele não virá se não estiver em posição de fazê-lo. Além disso, já não recomendei para perguntar, antes de fazer a evocação, se ela era possível?”

57^a *Quando sentimos, nos momentos mais inoportunos, uma irresistível vontade de dormir, isso quer dizer que fomos evocados em algum lugar?*

“Isso pode, sem dúvida, acontecer, mas o mais frequente é um efeito puramente físico, seja porque o corpo tenha necessidade de repouso, seja porque o Espírito tenha necessidade de liberdade.”

Nota: Uma dama de nosso conhecimento, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto que dormia no mesmo quarto. A identidade foi constatada pela linguagem, as expressões familiares da criança e pelo relato muito exato de muitas coisas que lhe haviam acontecido no internato. Mas uma circunstância ainda a confirmou. De repente a mão do médium parou no meio de uma frase, sem que fosse possível obter nada mais; nesse momento, a criança, meio acordada, fez muitos movimentos em seu leito. Alguns instantes depois, tendo adormecido, a mão trabalha de novo, continuando a conversa interrompida. A evocação de pessoas vivas, feita em boas condições, prova da maneira menos contestável a ação distinta do Espírito e do corpo e, por consequência, a existência de um princípio inteligente independente da matéria.

(Ver *Revista Espírita*, de 1860, páginas 11 e 81, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

285. Telegrafia humana

58ª *Duas pessoas evocando-se reciprocamente poderiam transmitir seus pensamentos e corresponder-se?*

“Sim, e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência.”

58ª a. *Por que não é praticada desde já?*

“Já é para certas pessoas, mas não para todo mundo. É necessário que os homens se depurem para que seu Espírito se livre da matéria e, mais uma razão, que a faça em nome de Deus. Até lá, é circunscrita às almas de elite e desmaterializadas, o que se encontra raramente no estado atual dos habitantes da Terra.”

PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

Observações preliminares — Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos — Perguntas sobre o futuro — Sobre as existências passadas e futuras — Sobre os interesses morais e materiais — Sobre a sorte dos Espíritos — Sobre a saúde — Sobre as invenções e descobertas — Sobre os tesouros ocultos — Sobre os outros mundos.

286. Não seria demasiado dar mais importância à maneira de colocar as questões e ainda mais à natureza dessas questões. Duas coisas devem considerar nas perguntas: a forma e o fundo. No que se relaciona com a forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando questões complexas. Mas há outro ponto não menos importante: a ordem em que devem ser apresentadas. Quando um assunto requer uma série de perguntas, é essencial que se encadeiem com método de maneira a decorrer naturalmente umas das outras. Os Espíritos então respondem muito mais facilmente e mais claramente que quando são colocadas ao acaso, passando sem transição de um objeto a outro. É por essa razão que é sempre útil prepará-las com antecedência, deixando para intercalar

durante a sessão aquelas que surgirem pelas circunstâncias. Além de a redação ser melhor, sendo feita com a cabeça repousada, esse trabalho preparatório é, como dissemos, uma espécie de evocação antecipada à qual o Espírito pode ter assistido e estar disposto a responder. Notaremos que muito frequentemente o Espírito responde por antecipação a certas perguntas, o que prova que ele já as conhecia.

O fundo da pergunta requer uma atenção ainda mais séria, porque às vezes a natureza da pergunta provoca uma resposta justa ou falsa. Há aquelas que eles não podem ou não devem responder por motivos que nos são desconhecidos; então é inútil insistir. Mas o que se deve evitar, acima de tudo, são as perguntas feitas com a finalidade de lhes pôr à prova. Quando uma coisa existe, eles devem sabê-la; é precisamente porque a coisa é conhecida por todos, ou que tenham os meios de verificá-la que não se dão ao trabalho de responder. Essa suspeita os ofende e não se obtém nada de satisfatório. Não temos todos os dias exemplos em nosso meio? Homens superiores, que têm consciência de seu valor, se divertem a responder todas as tolas questões, como num exame de escolar? O desejo de fazer um adepto de tal ou tal pessoa não é de modo algum, para os Espíritos um motivo de satisfazer uma vã curiosidade; eles sabem que a convicção chega cedo ou tarde e os meios que empregam para conduzi-la não são sempre aqueles que pensamos.

Suponham um homem sério, ocupado com coisas úteis e sérias, constantemente perseguido pelas infantis perguntas de uma criança. Terão uma ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as tolices que ouvem. Isso não quer dizer que não se possa obter da parte dos Espíritos ensinamentos úteis e muitos bons conselhos, mas eles respondem mais ou menos bem, segundo os conhecimentos que possuem, o interesse que merecemos de sua parte e a afeição que nos têm. Enfim, segundo a finalidade que se propõe e a utilidade que veem na coisa; mas todo o nosso pensamento se limita a crê-los mais aptos que outros para nos informar sobre as questões deste mundo, não podem ter por nós uma profunda simpatia. Daí, só farão aparições muito curtas e às vezes, segundo o grau de perfeição, testemunham seu mau humor por terem sido incomodados inutilmente.

287. Certas pessoas pensam que é preferível se abster de colocar questões, que convém esperar ensinamentos sem os provocar; isso é um erro. Os Espíritos dão instruções espontâneas de grande alcance que não podemos desprezar, mas há explicações que esperaríamos muito tempo se não as pedisse. Sem as questões que propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* estariam ainda por fazer, ou, ao menos seriam muito menos completos e uma multidão de problemas de grande importância estariam ainda para resolver. As perguntas, longe de terem inconvenientes, são de grande utilidade no ponto de vista da instrução, quando se sabe formulá-las nos limites desejados. Elas têm outra vantagem, de ajudar a desmascarar os Espíritos zombeteiros que, sendo mais pretensiosos que sábios, raramente suportam a prova de um questionário feito com lógica cerrada, pelas quais são levados aos seus últimos redutos. Como os Espíritos verdadeiramente superiores nada têm a temer de semelhante controle, são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros. Os outros, ao contrário, temendo enfrentar argumentos mais fortes, têm grande cuidado de evitá-los. Também recomendam aos médiuns que querem dominar e aos quais querem fazer aceitar suas utopias, de se abster de toda controvérsia a respeito de seus ensinamentos.

Se bem compreendemos o que foi dito até agora nesta obra, pode-se fazer uma ideia da área na qual convém limitar as perguntas que se pode dirigir aos Espíritos. No entanto, para maior certeza, damos aqui as respostas sobre os principais assuntos, os quais as pessoas pouco experientes estão geralmente dispostas a interrogá-los.

Perguntas simpáticas e antipáticas aos Espíritos

288. *1ª Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são dirigidas?*

“Isso depende das perguntas. Os Espíritos sérios respondem sempre com prazer aquelas que têm por finalidade o bem e os meios de fazê-lo avançar. Não dão atenção às perguntas fúteis.”

2ª *Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?*

“Não, isso depende do Espírito que responde.”

2ª a. *Uma pergunta séria não afasta um Espírito leviano?*

“Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter daquele que a faz.”

3ª *Quais são as perguntas particularmente antipáticas aos bons Espíritos?*

“Todas aquelas que são inúteis e que são feitas por curiosidade e prova, então não respondem e se afastam.”

3ª a. *Há perguntas que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?*

“Não há senão aquelas que podem fazer descobrir sua ignorância ou sua trapaça quando procuram enganar; fora disso, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade.”

4ª *Que pensar de pessoas que não veem nas comunicações espíritas senão uma distração e um passatempo ou um meio de obter revelações sobre o que lhes interessa?*

“Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, do mesmo modo que elas, querem se divertir e ficam contentes quando as enganam.”

5ª *Quando um Espírito não responde a certas perguntas é por efeito de sua vontade ou por que um poder superior se opõe a certas revelações?*

“Uma coisa e outra; há coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece.”

5ª a. *Insistindo, o Espírito termina por responder?*

“Não; o Espírito que não quer responder tem sempre a facilidade de ir-se. Por isso é necessário esperar quando lhe dizem para o fazer e principalmente não insistir para ter uma resposta. A insistência por uma resposta é um meio certo de ser enganado.”

6ª *Todos os Espíritos estão aptos a compreender as perguntas que lhes fazem?*

“Bem longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas perguntas, o que não lhes impedem de responder bem ou mal, como acontece entre os homens.”

Nota: Em certos casos e quando a coisa é útil, acontece que um Espírito mais esclarecido venha ajudar um Espírito ignorante e lhe sobre o que deve dizer. Reconhece-se facilmente pelo contraste de certas respostas, porque frequentemente o próprio Espírito o confirma. Isso só ocorre com os Espíritos ignorantes de boa-fé, jamais com aqueles que fingem saber.

289. Perguntas sobre o Futuro

7ª Os Espíritos podem nos fazer conhecer o futuro?

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente.

“Aí está um ponto sobre o qual insistem sempre para ter uma resposta precisa; isso é um grande erro, porque a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se insistirem absolutamente em uma resposta, ela será dada por um Espírito leviano; nós o dizemos a todo instante.” (Ver *O Livro dos Espíritos* — “Conhecimento do futuro”, questão nº 868.)

8ª Não é certo, entretanto, que, às vezes, alguns acontecimentos futuros são anunciados espontaneamente e com verdade pelos Espíritos?

“Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que julga útil fazer conhecer ou que tem a missão de fazer conhecer, mas há que desconfiar de Espíritos zombeteiros que se divertem a fazer predições. Não é senão o conjunto das circunstâncias que podemos julgar o grau de confiança que elas merecem.”

9ª Qual o gênero de predições que se deve desconfiar mais?

“Todas aquelas que não tenham uma utilidade geral. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas apócrifas.”

10ª Qual é a finalidade dos Espíritos que anunciam espontaneamente acontecimentos que não têm lugar?

“O mais frequente é para se divertir com a credulidade, de medo ou de alegria que causam, depois riem do desapontamento. Essas predições mentirosas têm, entretanto, algumas vezes uma finalidade séria, é de pôr à prova aquele a quem elas são feitas, a fim de ver a maneira pela qual ele toma a coisa e a natureza dos sentimentos, bons ou maus, que ela faz nascer nele.”

Nota: Tal seria, por exemplo, o anúncio do que pode lisonjear a cupidez ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.

11ª *Por que os Espíritos sérios, quando predizem um acontecimento, não fixam ordinariamente a data, porque não podem ou porque não querem?*

“Uma coisa e outra. Eles podem, em certos casos, *predizer* um acontecimento; é um aviso que dão. Quanto a precisar a época, às vezes eles não devem, às vezes não o podem, porque eles próprios não sabem. O Espírito pode prever que uma coisa terá lugar, mas o momento preciso pode depender de acontecimentos que não foram ainda cumpridos e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm nenhum escrúpulo de enganar, indicam os dias, as horas sem se importarem com a verdade. Por isso toda predição *circunstanciada* deve ser suspeita.”

“Ainda uma vez: nossa missão é de lhes fazer progredir, nós os ajudamos tanto quanto podemos. Aquele que pede aos Espíritos superiores a sabedoria nunca será enganado, mas não acreditem que percamos nosso tempo a escutar todas as suas tolices e a lhes ler a sorte. Deixamos isso aos Espíritos levianos que se divertem como crianças travessas.”

“A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo que lhes é proibido fazer conhecer. Insistindo para ter uma resposta, expõe-se às mistificações dos Espíritos inferiores, sempre prontos a aproveitar a ocasião de colocar armadilhas à sua credulidade.”

Nota: Os Espíritos veem ou presentem por indução os acontecimentos futuros. Eles os veem se cumprir em um tempo que não medem como nós; para precisar a época, seria necessário se identificar com nossa maneira de calcular a duração, o que não julgam necessário. Daí vem a causa dos erros aparentes.

12ª *Não há homens dotados de uma faculdade especial que lhes fazem entrever o futuro?*

“Sim, aqueles de quem a alma se liberta da matéria; então é o Espírito que vê; e, quando isso é útil, Deus permite revelar certas coisas para o

bem; mas ainda há, entre esses, muitos impostores e charlatães. Essa faculdade será mais comum no futuro.”

13ª *Que pensar de Espíritos que têm prazer em predizer a alguém sua morte em dia e hora marcados?*

“São zombeteiros de mau gosto, com excesso de mau gosto, que não têm outra finalidade que gozar do medo que causam. Não há nada para se preocupar.”

14ª *Como se explica que certas pessoas sejam advertidas por pressentimentos da época de sua morte?*

“É, o mais das vezes, seu próprio Espírito que o sabe nos momentos de liberdade e que conserva uma intuição ao despertar. Por isso, essas pessoas, estando preparadas, não se assustam nem se emocionam. Não veem nessa separação do corpo e da alma senão uma mudança de situação, ou se gosta mais, para ser mais comum, o abandono da roupa de pano grosseira por uma roupa de seda fina. O medo da morte diminuirá à medida que se difundirem as crenças espíritas.”

290. Perguntas sobre as existências passadas e futuras.

15ª *Os Espíritos podem nos fazer conhecer nossas existências passadas?*

“Deus permite algumas vezes que sejam reveladas, segundo o objetivo. Se é para a sua edificação e sua instrução, elas serão verdadeiras e, nesse caso, a revelação é quase sempre feita espontaneamente e de maneira inteiramente imprevista, mas não para satisfazer uma vã curiosidade.

15ª a *Por que certos Espíritos não se recusam nunca a essas espécies de revelações?*

“São Espíritos brincalhões, que se divertem à sua custa. Em geral, devem olhar como falsas ou, ao menos, suspeitas, todas as revelações dessa natureza que não tenham um objetivo eminentemente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros se divertem bajulando o amor-próprio das pessoas com a revelação de pretensos antecedentes. Há médiuns e crentes que aceitam como verdadeiro o que lhes dizem a seu respeito e não veem que o estado atual de seu Espírito não justifica em nada a posição que pretendem ter ocupado; pequena vaidade da qual se divertem os Espíritos brincalhões tanto quanto os homens. Seria mais lógico e mais conforme a marcha progressiva dos seres que eles tivessem subido em vez de descer,

o que seria mais honroso. Para que se pudesse dar fé a essa espécie de revelações, seria necessário que elas fossem feitas espontaneamente por diversos médiuns estranhos uns dos outros e também daquele que primeiro a fez; então sim, haveria razão evidente para crer.”

15^o b. *Se não se pode conhecer sua individualidade anterior, dá-se o mesmo com o gênero de existência que tivemos, da posição social que se ocupou, das qualidades e dos defeitos que predominaram em nós?*

“Não, isso pode ser revelado, porque podem tirar proveito para a melhoria; mas, além disso, estudando seu presente, podem deduzir por si mesmos o seu passado.” (Ver *O Livro dos Espíritos*, “Esquecimento do passado”, questão n^o 392.)

16^a *Alguma coisa de nossa existência futura pode nos ser revelada?*

“Não, tudo o que disserem os Espíritos a esse respeito é uma brincadeira; isso se compreende. Sua existência futura não pode ser conhecida antes, pois será o reflexo de sua conduta sobre a Terra, e pelas resoluções que tomar quando for Espírito. Quanto menos tiver para expiar, mais feliz será. Saber onde e como será essa existência, ainda é impossível, salvo casos raros de Espíritos que estão sobre a Terra para cumprir uma missão importante, porque então sua rota é de algum modo traçado com antecedência.

291. Perguntas sobre interesses morais e materiais.

17^a *Pode-se pedir conselhos aos Espíritos?*

“Sim, certamente. Os bons Espíritos não se recusam nunca a ajudar os que os invocam com confiança, principalmente naquilo que toca a alma, mas repelem os hipócritas, aqueles que têm o ar de pedir a luz e se comprazerem nas trevas.

18^a *Os Espíritos podem dar conselhos sobre as coisas de interesse privado?*

“Algumas vezes, segundo o motivo. Isso depende daqueles a quem se dirige. Os conselhos referentes à vida privada são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque se ligam a uma pessoa e se interessam ao que a ela diz respeito. É o amigo, o confidente de seus mais secretos pensamentos. Frequentemente os cansa com questões tão bobas, que eles se afastam. Seria também absurdo perguntar coisas íntimas a Espíritos que lhes são estranhos como se dirigir ao primeiro

indivíduo que encontrar no seu caminho. Nunca se esqueça de que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É necessário ter em vista as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, segundo as simpatias pela pessoa à qual se liga. O Espírito de um homem mau é um mau Espírito, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede lugar a um Espírito melhor, se o próprio homem melhora. Aos semelhantes o semelhante.”

19ª *Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais por revelações?*

“Podem e o fazem algumas vezes segundo as circunstâncias, mas esteja seguro de que nunca os bons Espíritos se prestam a servir à cupidez. Os maus fazem brilhar mil atrativos para o aguilhoar e mistifica, em seguida, o levam à decepção. Saiba também que sua prova é de sofrer tal ou tal vicissitude, seus Espíritos protetores podem ajudá-lo a suportar com mais resignação, suavizar algumas vezes, mas no interesse mesmo de seu futuro não lhes é permitido afastá-la. É por isso que um bom pai não dá a seu filho tudo o que ele deseja.”

Nota: Nossos Espíritos podem, em muitas circunstâncias, nos indicar o melhor caminho, sem, entretanto, nos conduzir pela mão. De outro modo, perderíamos a toda a iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem pedir conselhos, e isso prejudicaria nosso aperfeiçoamento. Para progredir, o homem tem necessidade de adquirir experiência à sua custa. Por isso os Espíritos sábios, mesmo nos aconselhando, nos deixam frequentemente com nossas próprias forças, como um hábil professor faz por seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham pela inspiração e nos deixam assim todo o mérito do bem, como nos deixam toda a responsabilidade de uma má escolha.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e não compreender sua missão, interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais comuns, como o fazem certos médiuns. Há os que, por um sim ou por um não, pegam o lápis e pedem conselho para a ação mais simples. Essa mania denota a estreiteza de suas ideias, ao mesmo tempo ele tem a pretensão de que há sempre um Espírito às suas ordens, não tendo outra coisa a fazer que se ocupar de nós e de nossos pequenos interesses. Por outro lado, é aniquilar seu próprio julgamento e se reduzir a um papel passivo,

sem proveito para a vida presente e certamente prejudicial para o aperfeiçoamento futuro. Se há puerilidade em interrogar os Espíritos por coisas fúteis, não há menos da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente do que se pode chamar de rotina caseira; eles podem ser bons, mas seguramente são ainda bem terrestres.

20ª Se uma pessoa, ao morrer, deixa negócios embaraçados, pode pedir a seu Espírito que ajude a desembaraçá-los, e pode também interrogá-lo sobre os haveres reais que deixou, no caso em que esses haveres não sejam conhecidos, se é no interesse da justiça?

“Você se esquece de que a morte é uma libertação das preocupações da Terra; crê então que o Espírito que está feliz de sua libertação venha de boa vontade retomar suas cadeias e se ocupar de coisas que não lhe dizem mais respeito, para satisfazer a cupidez de herdeiros, que talvez se rejubilaram com sua morte na esperança de que lhes seria proveitosa? Falam de justiça, mas a justiça está na decepção da ganância dos herdeiros. É o começo das punições que Deus reserva à sua avidez de bens terrestres. Além disso, o embaraço no qual deixa algumas vezes a morte de uma pessoa faz parte das provas da vida. Não está no poder de nenhum Espírito afastá-lo, porque estão nos decretos de Deus.”

Nota: A resposta acima desapontará sem dúvida aqueles que imaginam que os Espíritos não têm nada de melhor a fazer que nos servir de auxiliares clarividentes para nos guiar, não em direção do Céu, mas sobre a Terra. Uma outra consideração vem ao apoio desta resposta. Se um homem deixou durante sua vida seus negócios em desordem por incúria, não é verossímil que depois da morte, tome mais cuidados, porque deve se sentir feliz de estar livre das preocupações que ela lhe causava, por pouco que seja elevado, ligará menos importância como Espírito que como homem. Quanto aos bens não sabidos que pode ter deixado, ele não tem nenhuma razão de se interessar em ávidos herdeiros que não pensariam mais nele se não esperassem tirar qualquer coisa. Se ainda estiver imbuído de paixões humanas, pode ter um prazer malicioso no desapontamento desses herdeiros.

Se, no interesse da justiça e das pessoas que ama, um Espírito julga útil fazer revelações desse gênero, ele o faz espontaneamente e, para isso, não tem necessidade de médium. Leva o conhecimento das coisas por circunstâncias fortuitas, mas

nunca é sobre o pedido que lhe é feito, visto que esse pedido não pode mudar a natureza das provas que se deve sofrer. Ela seria mais própria a agravá-las porque é quase sempre um indício de cupidez e prova ao Espírito que se ocupa dele por interesse. (Ver item nº 295.)

292. Perguntas sobre a situação dos Espíritos.

21ª *Pode-se pedir aos Espíritos informações sobre sua situação no mundo dos Espíritos?*

“Sim, dão de boa vontade, quando a pergunta é ditada pela simpatia ou o desejo de ser útil e não por curiosidade.”

22ª *Os Espíritos podem descrever a natureza de seus sofrimentos ou de sua felicidade?*

“Perfeitamente, e essas revelações são um grande ensinamento para todos, porque eles o iniciam à verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as ideias falsas que fazem a esse respeito, tendem a reanimar a fé e a confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos ficam felizes em descrever a felicidade dos eleitos. Os maus podem ser obrigados a descrever seus sofrimentos, a fim de provocar o arrependimento entre eles. Algumas vezes encontram nisso uma espécie de alívio: é o infeliz que dá vazão ao seu lamento pela esperança da compaixão.

“Não se esqueça de que o fim essencial, exclusivo, do Espiritismo, é seu aperfeiçoamento, e é para atingi-lo que é permitido aos Espíritos iniciá-los na vida futura, oferecendo exemplos com os quais podem se beneficiar. Quanto mais se identificar com o mundo que o espera, mais se desgosta daquele em que está agora. Esta é, em suma, a finalidade atual da revelação.”

23ª *Evocando uma pessoa, cuja sorte é desconhecida, pode-se saber por ela própria se vive ainda?*

“Sim, se a incerteza de sua morte não é uma necessidade ou uma prova para aqueles que têm interesse de saber.”

23ª a. *Se está morta, pode fazer conhecer as circunstâncias de sua morte, de maneira a se poder verificar?*

“Se ela der alguma importância a isso, o fará, do contrário, nem se incomoda.”

Nota: A experiência prova que, nesse caso, o Espírito não está empolgado pelos motivos de interesse que se pode ter de conhecer as circunstâncias de sua morte. Se estiver interessado a revelar, o fará por sua própria conta, seja por via mediúnica, seja por visões ou aparições. Pode assim dar as indicações mais precisas; em caso contrário, um Espírito zombeteiro pode perfeitamente enganar e se divertirá a indicar pesquisas inúteis.

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente constatada, traz aborrecimentos aos negócios da família. Não é senão em casos muito raros e excepcionais que vimos Espíritos apontar o caminho da verdade depois da pergunta que lhe foi feita. Se quisessem fazê-lo, poderiam sem dúvida, mas isso nem sempre lhes é permitido se esses embaraços são provas para aqueles que estão interessados em se eximir.

É, então, enganar-se com uma esperança quimérica prosseguir por esses meios de recuperação de heranças do qual o mais positivo é o dinheiro que se gasta para isso.

Não faltam Espíritos dispostos a alimentar semelhantes esperanças e que não têm escrúpulo em induzir os interessados em pesquisas das quais serão felizes se saírem apenas com um pouco de ridículo.

293. Perguntas sobre a saúde

24ª Os Espíritos podem dar conselhos para a saúde?

“A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve cumprir sobre a Terra, por isso eles se ocupam de boa vontade. Mas, como há ignorantes e sábios entre eles, nesse caso como em outros, não convém dirigir-se ao primeiro que se manifeste.”

25ª Dirigindo-se ao Espírito de uma celebridade médica é mais certo se obter um bom conselho?

“As celebridades terrestres não são infalíveis e frequentemente têm ideias sistemáticas que não são sempre justas, das quais a morte não as livra rapidamente. A ciência terrestre é bem pouco perto da ciência celeste; só os Espíritos superiores têm esta última. Sem ter seus nomes conhecidos podem saber muito mais que seus sábios sobre todas as coisas. Não é somente a ciência que faz um Espírito superior, vocês ficariam atônitos se soubessem o lugar que certos sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, então, não saber mais do que quando estava na Terra, se não progrediu como Espírito.”

26ª *Os sábios, tornados Espíritos, reconhecem seus erros científicos?*

“Se chegou a um grau bastante elevado, para se desembaraçar de suas vaidades e compreender que seu desenvolvimento não está completo, ele os reconhece e os confessa sem vergonha. Mas se não está ainda suficientemente desmaterializado, pode conservar alguns preconceitos dos quais estava imbuído sobre a Terra.”

27ª *Um médico poderia, evocando um de seus doentes que estão mortos, obter esclarecimentos sobre a causa de sua morte, as faltas que pode ter cometido no tratamento e adquirir assim um acréscimo de experiência?*

“Pode, e isso lhe seria muito útil, principalmente se for assistido por Espíritos esclarecidos que suplementariam falta de conhecimento de certos doentes. Mas, para isso, seria necessário que fizesse esse estudo de maneira séria, assídua, com um fim humanitário, e não como meio de adquirir, sem trabalho, saber e fortuna.”

294. Perguntas sobre invenções e descobertas.

28ª *Os Espíritos podem guiar nas pesquisas científicas e nas descobertas?*

“A ciência é obra de gênio; não deve ser adquirida senão pelo trabalho, porque só pelo trabalho o homem avança no seu caminho. Que mérito haveria quando bastasse apenas interrogar os Espíritos para tudo saber? Todo imbecil poderia se tornar sábio a esse preço. O mesmo acontece com as invenções e as descobertas da indústria. Depois, mais uma consideração, é que cada coisa deve vir a seu tempo e quando as ideias estão maduras para a receber. Se o homem tivesse esse poder, subverteria a ordem das coisas fazendo nascer os frutos antes da estação.

“Deus disse ao homem: tirarás teu alimento da Terra com o suor de teu rosto”; admirável figura que pinta a condição na qual vive aqui embaixo; deve progredir em tudo pelo seu trabalho; se recebesse as coisas todas prontas, para que lhe serviria sua inteligência? Seria como um escolar cujo dever seria feito por outro.”

29ª *Os sábios e o inventor nunca são assistidos pelos Espíritos em suas pesquisas?*

“Oh! Isso é bem diferente. Quando o tempo de uma descoberta é chegado, os Espíritos encarregados de dirigir a marcha procuram um homem capaz de a levar a um bom fim e lhes inspiram as ideias necessárias,

de maneira a lhes deixar todo o mérito, porque terá de elaborar essas ideias e colocá-las em execução. Assim é com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua esfera. Daquele que só sabe cavar a terra, não farão depositário dos segredos de Deus. No entanto, saberão tirar da obscuridade o homem capaz de ajudar Seus desígnios. Não se deixem nunca se arrastar pela curiosidade ou ambição para um caminho que não é o objetivo do Espiritismo e que resultaria nas mais ridículas mistificações.

Nota: O conhecimento mais esclarecido do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, muitos se vangloriavam de fazer por esse meio. Teriam até pedido aos Espíritos receitas para tingir e fazer renascer os cabelos, para curar calos nos pés etc. Vimos pessoas que acreditavam na sua fortuna feita e só tiveram resultados mais ou menos ridículos. O mesmo acontece quando se quer com a ajuda de Espíritos penetrar nos mistérios da origem das coisas. Certos Espíritos têm, sobre esses assuntos, suas opiniões que não valem mais que a dos homens e que é prudente acolher com muita reserva.

295. Perguntas sobre tesouros ocultos.

30ª *Os Espíritos podem fazer descobrir tesouros escondidos?*

“Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas, mas os brincalhões indicam muitas vezes tesouros que não existem. Podem também apontá-los num lugar, enquanto que estão em outro lugar. Isso tem a sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a Providência destina riquezas escondidas a alguém, ele a achará naturalmente; do contrário, não.”

31ª *Que pensar de Espíritos guardiães de tesouros escondidos?*

“Os Espíritos ainda não desmaterializados se ligam às coisas. Os avarentos que esconderam seus tesouros podem ainda vigiá-los e guardá-los depois da morte. A perplexidade de vê-los roubados é um de seus castigos, até que compreendam sua inutilidade para eles. Há também os Espíritos da Terra encarregados de dirigir as transformações interiores e que, por alegoria, foram transformados em guardiães das riquezas naturais.”

Nota: A questão dos tesouros escondidos está na mesma categoria das heranças desconhecidas. Bem louco seria aquele que acreditasse nas pretensas revelações que lhes podem ser feitas por zombeteiros do mundo invisível. Já dissemos que, quando o Espírito quer ou pode fazer semelhantes revelações, eles o fazem espontaneamente e não têm necessidade de médium para isso. Eis um exemplo:

Uma senhora acabava de perder seu marido, após trinta anos de casamento, e se achava ameaçada de ser expulsa de sua casa, sem nenhum recurso, por seus enteados, para os quais tinha sido uma segunda mãe. Seu desespero era enorme, quando, uma noite, seu marido lhe apareceu e a convidou a segui-lo ao seu gabinete. Lá mostra-lhe sua escrivania que estava ainda selada, e, por um efeito de segunda vista, ele a fez ver no interior, indica-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia, da qual lhe explica o mecanismo. Ele diz: “Previ o que está acontecendo e quero assegurar sua sorte, nessa gaveta estão minhas últimas disposições, dou-lhe o uso dessa casa e uma renda...” Depois desapareceu. No dia da retirada dos selos judiciais ninguém pôde abrir a gaveta. A senhora conta o que tinha acontecido. Ela a abriu seguindo as instruções de seu marido, e aí encontrou o testamento, conforme aquilo que lhe tinha sido anunciado.

296. Perguntas sobre outros mundos.

32ª *Qual o grau de confiança que se pode ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?*

“Isso depende do grau de desenvolvimento *real* dos Espíritos que dão essas descrições, porque compreendem que Espíritos vulgares são tão incapazes de informar a esse respeito como um ignorante é entre os homens, de descrever todos os países da Terra. Frequentemente, dirigem perguntas científicas a esses Espíritos que não podem resolver. São de boa-fé, falam segundo suas ideias pessoais; se são Espíritos levianos, se divertem a dar descrições bizarras e fantásticas, tanto mais que esses Espíritos, que não são desprovidos de imaginação na erraticidade como na Terra, tiram dessa faculdade o relato de muitas coisas que nada têm de real. Entretanto, não creia na impossibilidade absoluta de ter sobre esses mundos alguns esclarecimentos; os bons Espíritos se alegram mesmo em descrever aquele em que ele habita, a fim de servir de ensinamento para sua melhoria e os levar a seguir a via

que pode a eles conduzir; é um meio de fixar as ideias sobre o futuro e não nos deixar no vácuo.”

32ª a. *Que controle pode-se ter da exatidão dessas descrições?*

“O melhor controle é a concordância que pode haver entre elas. Lembre-se de que elas têm por finalidade sua melhoria moral e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes que você pode ser mais bem informado, e não sobre o estado físico ou geológico desses globos. Com seus conhecimentos atuais, não poderiam mesmo compreendê-lo. Esse estudo não servirá para seu progresso neste mundo e você terá a possibilidade de fazê-lo, quando lá se encontrar.”

Nota: As perguntas sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos entram na ordem das pesquisas científicas, das quais os Espíritos não devem poupar-nos o trabalho. Do contrário, um astrônomo acharia muito cômodo mandar os Espíritos fazer seus cálculos, que, sem dúvida, depois não confessaria. Se os Espíritos pudessem pela revelação, economizar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem em favor do sábio, modesto o bastante para reconhecer a fonte e não em proveito dos orgulhosos que os renegam e aos quais, pelo contrário, muitas vezes reservam decepções do amor-próprio.

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

Das contradições

297. Os adversários do Espiritismo não se esquecem de objetar que os adeptos não estão de acordo entre eles; que nem todos partilham as mesmas crenças; em uma palavra, que se contradizem. Se, dizem eles, o ensinamento é dado pelo Espírito, como se explica que não seja idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir esse argumento a seu justo valor.

Digamos logo que essas contradições, das quais certas pessoas fazem grande barulho, são em geral mais aparentes que reais; que se ligam mais à superfície que ao fundo da coisa, e que, por consequência, elas são sem importância. As contradições provêm de duas fontes: os homens e os Espíritos.

298. As contradições de origem humana têm sido suficientemente explicadas na primeira parte da presente obra (capítulo IV, “Sistemas”, item nº 36), ao qual nos reportamos. Cada um compreenderá que, no começo, quando as observações eram ainda incompletas, surgiram opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões das quais três quartas partes já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com bem poucas exceções, e à parte algumas pessoas que não abandonam facilmente ideias ou que acariciaram ou engendraram, pode-se dizer que hoje há unidade entre a

imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, ou talvez em alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é necessário estar identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado sob todas as suas faces. À primeira vista pode parecer chocante que os Espíritos não pensem todos do mesmo modo, mas isso não deve surpreender aquele que se dá conta do número infinito de graus que devem percorrer antes de atingir o alto da escala. Supor uma igual apreciação das coisas seria imaginar todos no mesmo nível. Pensar que todos devem ver com justiça seria admitir que todos chegaram à perfeição, o que não é, e o que não pode ser, se considerarmos que não são outra coisa senão a Humanidade despojada de seu envoltório material. Os Espíritos de todos os níveis, podendo se manifestar, resulta que suas comunicações levam o selo da sua ignorância ou de seu saber, de sua inferioridade, ou de sua superioridade moral. É para distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, que devem conduzir as instruções que demos.

É necessário não esquecer que entre os Espíritos, há, como entre os homens, falsos sábios, meio-sábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como não é dado senão aos Espíritos perfeitos tudo conhecer, há para os outros, como para nós, mistérios que eles explicam à sua maneira segundo suas ideias e sobre os quais podem ter opiniões mais ou menos justas, que por amor-próprio tentam fazer prevalecer e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O errado está em alguns de seus intérpretes terem esposado muito levemente opiniões contrárias ao bom senso e de fazer delas seus editores responsáveis. Assim, as contradições de origem espírita não têm outra causa senão a divergência na inteligência, nos conhecimentos, no julgamento e na moralidade de certos Espíritos que não estão ainda aptos a tudo conhecer e a tudo compreender. (Ver *O Livro dos Espíritos*, “Introdução”, nº XIII, e “Conclusão”, nº IX.)

300. Para que servem os ensinamentos dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se não nos oferecem mais certeza que os ensinamentos humanos? A isso a resposta é fácil. Não aceitamos com igual confiança o ensinamento de todos os homens, e entre duas doutrinas, damos preferência àquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, o

mais judicioso, o menos acessível às paixões? É preciso agir do mesmo modo com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, há os que já a ultrapassaram e estes podem nos dar instruções que pesquisaríamos em vão entre os homens mais instruídos. É para distinguir da turba de Espíritos inferiores que é necessário nos aplicar, se queremos nos esclarecer. É esta a distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo. Mas estas instruções mesmo têm um limite e, se não é dado aos Espíritos tudo saber, com mais forte razão o mesmo deve acontecer com os homens. Há, então, coisas sobre as quais os interrogamos em vão, seja porque lhes é proibido revelar, seja porque eles próprios ignoram, sobre as quais não podem dar senão sua opinião pessoal. Ora, são essas opiniões pessoais que Espíritos orgulhosos dão como verdades absolutas. É principalmente sobre o que deve permanecer escondido, como o futuro e o princípio das coisas, que mais insistem, a fim de dar a impressão de estar em possessão dos segredos de Deus. Assim é que sobre estes pontos há mais contradições. (Ver capítulo precedente, “Perguntas que se podem fazer aos Espíritos”.)

301. Eis as respostas dadas pelos Espíritos às perguntas seguintes, relativas às contradições:

1ª *O mesmo Espírito comunicando-se em dois centros diferentes transmitir sobre o mesmo assunto respostas contraditórias?*

“Se os dois centros diferem de opiniões e de ideias, a resposta pode chegar modificada, porque estão sob a influência de diferentes colônias de Espíritos. Não é a resposta que é contraditória, mas a maneira que é transmitida.”

2ª *Compreende-se que uma resposta possa ser modificada, mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como se explica que Espíritos superiores tenham linguagem diferente e contraditória sobre o mesmo assunto, para pessoas perfeitamente sérias?*

“Os Espíritos realmente superiores não se contradizem nunca, sua linguagem é sempre a mesma *com as mesmas pessoas*. Pode ser diferente, segundo as pessoas e os lugares; mas é preciso prestar atenção, a contradição, às vezes, é apenas aparente; está mais nas palavras que nas ideias; porque, refletindo, descobre-se que a ideia fundamental é a

mesma. Depois o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma pergunta, segundo o grau de perfeição daqueles que o evocam, porque não é sempre bom que todos tenham a mesma resposta, por não estarem todos no mesmo nível. É exatamente como se uma criança e um sábio fizessem a mesma pergunta; responderia a um e a outro de maneira a ser compreendido e a lhes satisfazer; a resposta, ainda que diferente, teria o mesmo sentido.”

3ª Com que fim os Espíritos sérios parecem acreditar perto de certas pessoas em ideias e mesmo preconceitos que combatem junto de outras?

“É necessário que sejamos compreendidos. Se alguém tem uma convicção bem fundamentada sobre uma doutrina, mesmo falsa, é preciso que o desviemos dessa convicção, mas pouco a pouco. É por isso que nos servimos às vezes de seus termos e aparentamos adotar suas ideias, a fim de que não se ofusque de repente e deixe de se instruir conosco.

“Além disso, não é bom cortar muito bruscamente os preconceitos; isso será um meio de não ser ouvido. Eis por que os Espíritos falam às vezes de acordo com os que os escutam, a fim de levá-los pouco a pouco à verdade. Eles apropriam a linguagem às pessoas, como faz você mesmo se é um orador um pouco hábil. Por isso não falarão a um chinês ou a um maometano, como falariam a um francês ou a um cristão, pois sabem que seriam repelidos.

“É necessário não tomar por contradição o que é apenas uma parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm sua tarefa marcada por Deus; eles a cumprem nas condições que julgam convenientes para o bem daqueles que recebem suas comunicações.

4ª As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas no Espírito de certas pessoas; que controle podemos ter para conhecer a verdade?

“Para discernir o erro da verdade, é preciso aprofundar suas respostas e meditar muito tempo de modo sério; é todo um estudo a fazer. É preciso tempo para isso, como para estudar outras coisas.

“Estuda, compara, aprofunda; dizemos sem cessar; o conhecimento da verdade tem esse preço. Como querem chegar à verdade, se interpretam tudo de acordo com suas ideias estreitas, que tomam por grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos será

uniforme para todos, tanto nos detalhes como nas coisas principais. Sua missão é destruir o erro, mas isso só acontece gradativamente.”

5ª Há pessoas que não têm nem o tempo, nem aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado e que aceitam o que lhes ensinam sem exame. Não há para elas o inconveniente de acreditar em erros?

“Que pratiquem o bem e não façam nenhum mal é o essencial. Para isso não há duas doutrinas, o bem é sempre o bem, quer o faça em nome de Alá ou de Jeová, porque há um só Deus para todo o Universo.”

6ª Como Espíritos que parecem desenvolvidos em inteligência poden ter ideias evidentemente falsas sobre certos assuntos?

“Eles têm sua doutrina. Aqueles que não são bem avançados, e creem o ser, tomam suas ideias pela verdade. É como no meio dos homens.”

7ª Que pensar das doutrinas que aceitam que só um Espírito pode se comunicar e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

“O Espírito que ensina isso quer dominar, quer fazer crer que é único, mas o infeliz que ousar tomar o nome de Deus expiará bem caro seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, se refutam a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais largamente averiguados. Não merecem exame sério, pois não têm fundamento.

“A razão lhe diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má. Por que quer que uma boa árvore dê maus frutos? Já colheu uva numa macieira? A diversidade nas comunicações é a prova mais patente da diversidade de sua origem. Além disso, os Espíritos que pretendem se comunicar esquecem de dizer por que os outros não o podem fazer. Sua pretensão é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e mais consolador: as relações do mundo visível e do mundo invisível, homens com seres que lhes são caros e que estariam perdidos para eles sem retorno. São essas relações que identificam o homem com seu futuro, que o destacam do mundo material. Suprimir essas relações é mergulhar na dúvida que faz o seu tormento; é dar alimento a seu egoísmo. Examinando com cuidado a doutrina desses Espíritos, aí se reconhece a cada passo contradições injustificáveis, traços de sua ignorância sobre as coisas mais evidentes e, por consequência, os sinais mais certos de sua inferioridade.” – **O Espírito de Verdade.**

8ª De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais chocantes é a relativa à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a explicam?

“Não sabem que há Espíritos cujas ideias são limitadas ao presente, como entre muitos homens da Terra? Acreditam que sua situação vai durar para sempre. Não enxergam para além do círculo de suas percepções e não se inquietam de saber de onde vêm ou para onde vão, portanto devem sofrer a lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade à qual nem sonham senão quando ela chega. Sabem que o Espírito progride, mas como? Isso, para eles, é um problema. Então, se lhes perguntar, falarão dos sete céus superpostos como andares. Alguns falarão da esfera de fogo, da esfera de estrelas, depois da cidade das flores, da cidade dos eleitos.”

9ª Compreendemos que os Espíritos pouco desenvolvidos possam não entender essa questão, mas como se explica que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falem espontaneamente de suas diferentes existências e de seu desejo de reencarnar para resgatar o passado?

“No mundo dos Espíritos se passam coisas que são bem difíceis de compreender. Não há, no seu meio, pessoas muito ignorantes sobre certas coisas e que são esclarecidas sobre outras; pessoas que têm mais julgamento que instrução e outras que têm mais espírito que julgamento? Não sabem também que certos Espíritos adoram manter os homens na ignorância, se dando ares de instruí-los e que aproveitam a facilidade com que aceitam suas palavras? Podem seduzir aqueles que não veem no fundo das coisas, mas quando os apertamos pelo raciocínio, não sustentam seu papel por muito tempo.

“É preciso, por outro lado, levar em conta a prudência geral dos Espíritos na propagação da verdade: uma luz muito viva e muito súbita ofusca, não esclarece. Podem então, em certos casos, julgar útil expandi-la gradualmente, segundo a época, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que Cristo ensinou, e o próprio Cristo disse muitas coisas, cuja compreensão estava reservada às gerações futuras. Falam da reencarnação, e você se admira que esse princípio não tenha sido ensinado

em certos países. Pense, então, que num país onde o preconceito da cor reina soberano, onde a escravidão está enraizada nos costumes, o Espiritismo seria repellido só por proclamar a reencarnação. A ideia de que aquele que é patrão pudesse se tornar escravo e, reciprocamente, teria parecido monstruosa. Não valia mais, primeiro fazer aceitar os princípios gerais, deixando para mais tarde as consequências? Oh! homens, como sua vista é curta para julgar os desígnios de Deus! Saibam então que nada se faz sem Sua permissão e sem um objetivo que às vezes não podemos penetrar. Já disse que a unidade se fará na crença espírita e que as dissidências, já menos profundas, se apagarão à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Tal é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer.” – **O Espírito de Verdade.**

10ª *As doutrinas errôneas, que são ensinadas por certos Espíritos, não retardam o progresso da ciência verdadeira?*

“Você quer ter tudo sem trabalho. Saiba, então, que não há campo onde não cresçam ervas daninhas, o lavrador deve arrancá-las. Essas doutrinas errôneas são consequência de inferioridade de seu mundo. Se os homens fossem perfeitos, não aceitariam senão o que é verdadeiro. Os erros são como pedras falsas, que só um olho exercitado pode distinguir. É necessário uma aprendizagem para distinguir o verdadeiro do falso. Pois bem, as falsas doutrinas têm por utilidade exercitá-lo a distinguir a verdade do erro.”

10ª a. *Aqueles que adotam o erro não retardam seu aperfeiçoamento?*

“Se adotam o erro, é porque não são bastante avançados para compreender a verdade.”

302. *Esperando que a unidade se faça, cada um crê ter a verdade para si e afirma que só ele tem a verdade. Ilusão que deixa de entreter os Espíritos zombeteiros. Sobre o que o homem imparcial e desinteressado pode se basear para fazer seu julgamento?*

“A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem mancha é aquele que tem mais valor; julguem então os Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. A unidade se fará do lado onde o bem não terá jamais se misturado ao mal; é desse lado que os homens se ligarão

pela força das coisas, porque julgarão que lá está a verdade. Note, além disso, que os princípios fundamentais são por toda parte os mesmos e devem uni-los em um pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Seja qual for o modo de progresso das almas, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem: não há duas maneiras de fazê-lo. Se há dissidências capitais, quanto ao princípio mesmo da doutrina, há uma regra certa para as apreciar: a melhor doutrina é aquela que satisfaz melhor o coração e a razão e que tem mais elementos para conduzir os homens ao bem. É essa que prevalecerá, garanto.” – **O Espírito de Verdade.**

Nota: As contradições que se apresentam nas comunicações espíritas podem ter as causas seguintes: a ignorância de certos Espíritos; a trapaça de Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que disse o Espírito do qual usurparam o nome; a vontade do próprio Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar útil não dizer tudo a todo mundo; a insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorporeal; a insuficiência dos meios de comunicação que não permitem sempre ao Espírito de fazer conhecer todo seu pensamento; enfim, à interpretação que cada um pode dar de uma palavra ou de uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos ou o ponto de vista sob o qual encara a coisa. Só o estudo, a observação, a experiência e a abnegação de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir essas diversas nuances.

Das mistificações

303. Se é desagradável ser enganado, é mais ainda ser mistificado. Esse é um dos inconvenientes mais fáceis de se preservar. Os meios de desmanchar as armadilhas dos Espíritos zombeteiros sobressaem de todas as instruções precedentes. Por isso, diremos pouca coisa. Eis as respostas dos Espíritos a esse respeito:

1ª As mistificações são uma das dificuldades mais desagradáveis do Espiritismo prático; há um meio de se preservar disso?

“Parece-me que pode encontrar a resposta em tudo o que foi ensinado. Sim, certo, há para isso um meio simples, é não perguntar ao Espiritismo o que não pode e não deve dar. Seu objetivo é a melhoria

moral da Humanidade; desde que não se afaste desse objetivo, não será enganado. Não há duas maneiras de compreender a verdadeira moral, aquela que pode admitir todo homem de bom senso.

“Os Espíritos vêm instruí-los e guiá-los na rota do bem e não das honras e da fortuna, ou para servir suas mesquinhas paixões. Se não lhes perguntassem nunca nada de fútil ou que fosse fora de suas atribuições, não se daria acesso aos Espíritos mistificadores; de onde se conclui que, aquele que é mistificado só tem o que merece.

“O papel dos Espíritos não é instruir sobre as coisas deste mundo, mas de o guiar seguramente para aquilo que pode ser útil para o outro. Quando falam de coisas daqui é porque julgam necessário, mas não é por sua pergunta. Se você vê nos Espíritos os suplentes dos adivinhos e dos feiticeiros, é então que será mistificado.

“Se os homens tivessem que se dirigir aos Espíritos para tudo saber, não teriam mais seu livre-arbítrio e sairiam da vida traçada por Deus para a Humanidade. O homem deve agir por si próprio. Deus não envia os Espíritos para aplinar a rota da vida material, mas para preparar aquela do futuro.”

1ª a. *Há pessoas que não perguntam nada e que são indignamente mistificadas por Espíritos que vêm espontaneamente sem serem chamados?*

“Se não pedem nada, aceitam o que dizem, o que vem a dar no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não os tomariam tão facilmente por vítima.”

2ª Por que Deus permite que pessoas sinceras, que aceitam o Espiritismo de boa-fé, sejam mistificadas; isso não poderia ter por inconveniente abalar sua crença?

“Se isso abalasse sua crença, sua fé não seria tão sólida; aquelas que renunciasses ao Espiritismo, por um simples desapontamento, provariam que não o compreendem e que não se ligam à parte séria. Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir aqueles que fazem do Espiritismo um objeto de divertimento.” – **O Espírito de Verdade.**

Nota: A malandragem dos Espíritos levianos ultrapassa algumas vezes tudo o que se pode imaginar; a arte com que usam suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa se não se tratasse senão de inocentes brincadeiras, mas essas mistificações podem ter conseqüências desagradáveis para os que não se têm em guarda. Somos bastante felizes por ter podido abrir *a tempo* os olhos de muitas pessoas que quiseram ouvir nossos conselhos e lhes termos economizado ações ridículas e comprometedoras. Entre os meios que esses Espíritos empregam é necessário colocar em primeiro lugar, como os mais frequentes, aqueles que têm por objetivo tentar a cupidez, como a revelação de pretensos tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de fortuna. Deve-se, por outro lado, olhar como suspeitas as predições em épocas fixas, assim como todas as indicações precisas no tocante a interesses materiais; tomar muito cuidado com a conduta prescrita ou aconselhada pelos Espíritos, quando a finalidade não for eminentemente racional. Não se deixar, jamais, se ofuscar com os nomes que tomam os Espíritos para dar uma aparência de verdade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados; enfim, de tudo o que se afasta do alvo moral das manifestações. Encheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que chegaram ao nosso conhecimento.

CHARLATANISMO E PRESTIDIGITAÇÃO

Médiuns interesseiros — Fraudes espíritas.

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada há de espantoso que quisessem explorar também os Espíritos. Resta saber como tomariam a coisa se uma tal especulação tentasse se introduzir. Diremos primeiro que nada se presta mais ao charlatanismo e à prestidigitação que semelhante assunto. Se vemos falsos sonâmbulos, veremos também ainda mais falsos médiuns. Só este fato seria motivo de desconfiança. O desinteresse é a resposta mais contundente que se possa opor àqueles que não veem nos fatos senão uma hábil manobra. Não há charlatanismo desinteressado. Qual seria o objetivo de pessoas que usassem a trapaça sem proveito, sobretudo quando sua notória honorabilidade os colocasse acima de qualquer suspeita?

Se o lucro que um médium tira de sua faculdade pode ser um motivo de suspeita, isso não prova que essa suspeita seja fundada. Ele poderia ter uma aptidão real e agir de boa-fé, fazendo-se retribuir. Vejamos se, nesse caso, pode-se razoavelmente esperar um resultado satisfatório.

305. Se bem compreenderam o que dissemos das condições necessárias para servir de intérpretes aos bons Espíritos, causas numerosas que podem afastá-los, circunstâncias independentes de sua vontade que são às vezes um obstáculo à vinda deles, enfim, de todas as condições

morais que podem exercer influência sobre a natureza das comunicações, como se poderia supor que um Espírito, por pouco elevado que fosse, estivesse a cada hora do dia às ordens de um empresário de sessões e submetido às suas exigências para satisfazer a curiosidade do primeiro curioso? Sabe-se a aversão dos Espíritos por tudo que cheira a cupidez e egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais, queriam que ajudassem traficar sua presença? Isso repugna a razão, e seria conhecer bem pouco o mundo espírita para crer que pudesse ser assim. Mas como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e procuram ocasião para se divertir à nossa custa, resulta que se não se é mistificado por um falso médium, temos a chance de o ser por um desses Espíritos. Apenas essas reflexões dão a medida do grau de confiança que se deve dar a comunicações desse gênero. De resto, para que serviriam hoje médiuns pagos, se não temos nós mesmos essa faculdade, podemos encontrá-la na sua família, entre seus amigos ou conhecidos?

306. Os médiuns interesseiros não são só aqueles que podem exigir uma retribuição fixa. O interesse não se traduz sempre pela esperança de lucro material, mas também pelas visões ambiciosas de toda natureza sobre as quais se podem fundar esperanças pessoais. Essa é uma fraqueza que os Espíritos mistificadores sabem servir-se bem, aproveitando com destreza, astúcia notáveis, embalando ilusões daqueles que se colocam sob sua dependência. Resumindo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretender desvirtuá-la para chegar ao que não está de acordo com os desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem, não se pode supor que venham servi-lo. Isso é tão racional que é inútil insistir mais sobre esse ponto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria; esses efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores menos escrupulosos. Não dizemos que os Espíritos sejam necessariamente maus por isso; um carregador pode ser um homem muito honesto¹. Um médium dessa categoria, que quisesse explorar sua faculdade, poderia

¹ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 427

achar um Espírito que o assistisse sem muita repugnância. Mas aí se apresenta outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, como o de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer. Ela lhe foi dada com a condição de fazer um bom uso. Ela pode ser retirada, ou tornada prejudicial a si próprio, porque os Espíritos inferiores estão a serviço dos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam de mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Prestam-se com prazer às brincadeiras, às coisas da curiosidade, porque gostam de se divertir, mas não gostam de ser explorados nem de servir de comparsas para ganhar dinheiro. Provam a cada instante que têm vontade própria, que agem quando e como melhor lhes parece, o que faz com que o médium de efeitos físicos se sinta menos seguro da regularidade das manifestações que os médiuns escreventes. Pretender produzi-los em dias e horas marcados seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fazer então para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é a isso que recorrem os que fazem disso uma profissão confessa, assim como pessoas simples em aparência que encontram um meio mais fácil e mais cômodo de ganhar a vida que trabalhar. Se o Espírito nada produz, suprem sua falta. A imaginação é muito fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! O interesse sendo um legítimo motivo de suspeita dá direito a um exame rigoroso, do qual ninguém poderia se ofender sem justificar as suspeitas. Essas suspeitas são legítimas nesse caso e ofensivas quando se trata de pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade mediúnica, mesmo restrita aos limites das manifestações físicas, não foi concedida para dela se fazer exibição nas feiras. Alguém que pretendesse ter às suas ordens Espíritos, para exhibir em público, pode com direito ser suspeito de charlatanismo ou de prestidigitação mais ou menos hábil. Que se lembrem disso todas as vezes que virem anúncios de pretensas sessões de *Espiritismo* ou de *Espiritualismo*, com entrada paga, e que se lembrem também do direito que se adquire ao entrar.

De tudo o que foi dito, concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo; se não assegura sempre

a bondade das comunicações inteligentes, tira aos maus Espíritos um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

309. Resta o que se poderia chamar de prestidigitação de amadores, quer dizer, as fraudes inocentes de alguns maus brincalhões. Sem dúvida, se poderia praticá-la por passatempo nas reuniões frívolas e levianas, mas não em assembleias sérias nas quais não se admite senão pessoas sérias. Pode-se bem ter o prazer de uma mistificação momentânea, mas seria necessário ser dotado de uma singular paciência para representar esse papel meses e anos, e cada vez durante muitas horas consecutivas. Só um grande interesse daria essa perseverança, e o interesse pode levar a suspeita.

310. Dirão, talvez, que um médium que dá seu tempo ao público no interesse da causa não o pode dar por nada, porque ele precisa viver. Mas é no interesse da causa ou *no seu interesse* que se dá; não é porque nisso entrevê um negócio lucrativo? Sempre se achará pessoas dedicadas a esse preço. E só haverá essa indústria à sua disposição? Não devemos esquecer que os Espíritos, seja qual for sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos e quando a moral e a religião fazem um dever respeitar seus restos, a obrigação de respeitar seus Espíritos não é maior ainda?

Que diriam de alguém que tirasse um corpo do túmulo e o exhibisse por dinheiro, porque esse corpo seria de natureza a despertar a curiosidade? É menos desrespeitoso exhibir o Espírito que o corpo sob o pretexto de que é curioso ver um Espírito agir? Note bem que o preço dos lugares será em razão dos truques que poderá fazer e dos atrativos do espetáculo. Certo, em vida, ele foi comediante, só não pensava que, depois da morte, acharia um diretor que o faria trabalhar de graça em seu proveito.

É necessário não esquecer que as manifestações físicas, tanto quanto as inteligentes, não são permitidas por Deus senão para nossa instrução.

311. Essas considerações morais à parte, não contestamos que pode haver médiuns interesseiros, honrados e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as profissões; falamos do abuso. Convenhamos que pelos motivos que expusemos que os abusos têm mais razão de ser

entre os médiuns pagos que entre aqueles que, vendo sua faculdade como um favor, só a empregam para prestar serviços.

O grau de confiança ou desconfiança que se pode dar a um médium pago depende da consideração de seu caráter e sua moralidade, além de outras circunstâncias. O médium que, em um fim eminentemente sério e proveitoso, fosse impedido de utilizar seu tempo de outra maneira e, por essa razão, *dispensado* de outras obrigações, não pode ser confundido com o médium *especulador*, aquele que, de caso pensado, faria de sua mediunidade uma indústria. Segundo o motivo e a finalidade, os Espíritos podem condenar, absolver ou mesmo favorecer; julgam mais a intenção que o fato material.

312. Os sonâmbulos que usam sua faculdade de maneira lucrativa, não estão no mesmo caso. Ainda que essa exploração seja sujeita a abusos e que o desinteresse seja uma maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, porque é seu próprio Espírito que age e, por consequência, sempre está à sua disposição. Na realidade eles exploram a si próprios, porque são livres de dispor de sua pessoa como entender, enquanto que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (ver item nº 172, “Médiuns sonâmbulos”.)

313. Não ignoramos que nossa severidade a respeito dos médiuns interesseiros açula contra nós todos aqueles que exploram ou que seriam tentados a explorar essa nova indústria, fazemos inimigos encarniçados, assim como de seus amigos que se doem por eles. Consolamo-nos pensando que os mercadores expulsos do templo por Jesus não deviam também encará-los com bons olhos. Temos contra nós também as pessoas que não encaram a coisa com a mesma gravidade. Entretanto, acreditamo-nos com o direito de ter uma opinião e de emití-la; não forçamos ninguém a adotá-la. Se uma imensa maioria a adota, é porque a acha justa. Não vemos como provar que há mais chance de encontrar a fraude e o abuso na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se nossos escritos contribuíram para jogar, na França e em outros países descrédito sobre a mediunidade interesseira, acreditamos que não será pequeno serviço que teremos prestado ao Espiritismo *sério*.

Fraudes Espíritas

314. Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas atribuem geralmente à fraude os efeitos produzidos. Eles se fundamentam em o que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, quando não se conhece seus segredos; de onde concluem que os médiuns não são mais que escamoteadores. Já refutamos esse argumento, ou melhor, essa opinião, notadamente nos artigos sobre o sr. Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; diremos apenas algumas palavras antes de falar de uma coisa mais séria. Há uma consideração que não escapará a quem reflete um pouco.

Há, sem dúvida, escamoteadores de uma habilidade prodigiosa, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamotagem, convenhamos que essa arte teria feito em pouco tempo progressos espantosos e teria se tornado subitamente bem comum, porque se encontraria em estado inato entre pessoas que dela nem suspeitavam, mesmo entre as crianças.

Desde que há charlatães que anunciam drogas em praças públicas, desde que há médicos que, sem ir à praça pública, enganam a confiança, segue-se que todos os médicos são charlatães e o corpo médico é atingido na sua consideração? Do fato que há pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os vendedores de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis e pode-se dizer que a fraude tem também seu gênio. Mas a fraude tem sempre uma finalidade, um interesse material qualquer; onde não há nada a ganhar, não há nenhum interesse a enganar. Dissemos também, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, aqueles que se prestam mais à fraude são os físicos, por motivos que é útil levar em consideração. Primeiro, porque se dirigindo aos olhos mais que a inteligência, são esses que a prestidigitação pode imitar mais facilmente. Segundo que, estimulando a curiosidade, são mais próprios a atrair a multidão e, por conseguinte, mais produtivos. A esse duplo ponto de vista, os charlatães têm, então, todo o interesse em simular essas espécies de manifestações; os

espectadores, na maioria estranhos à ciência, vão aí procurar uma distração bem mais que uma instrução séria. Sabemos que sempre se paga melhor o que diverte que o que instrui. Fora disso, há um motivo mais decisivo. Se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais para os quais é necessário apenas destreza, não conhecemos, até agora, o dom de improvisação que requer uma dose de inteligência pouco comum, nem o produzir esses belos e sublimes ditados, frequentemente tão a propósito, que os Espíritos transmitem em suas comunicações. Isso nos lembra o seguinte fato:

Um homem de letras muito conhecido veio um dia nos visitar e nos disse que era um bom médium escrevente *intuitivo* e que se colocava à disposição da Sociedade Espírita. Como temos o hábito de não admitir na sociedade senão médiuns cujas faculdades conhecemos, pedimos que viesse fazer suas provas em uma reunião particular. Ele veio; muitos médiuns experimentados deram dissertações, ou respostas de uma notável precisão sobre questões propostas de assuntos desconhecidos por eles. Quando chegou a vez desse senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que estava mal disposto esse dia, e depois nunca mais o vimos. Achou sem dúvida que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de representar do que havia acreditado.

316. Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de enganar são aquelas que não são do ofício. O mesmo acontece com o Espiritismo. Aqueles que não o conhecem são facilmente enganados pelas aparências; enquanto que um estudo prévio e atento os inicia, não somente nas causas dos fenômenos, mas nas condições normais nas quais eles podem se produzir, e lhes fornecer assim os meios de reconhecer a fraude, se ela existe.

317. Os médiuns mistificadores são estigmatizados como merecem, na carta seguinte que reproduzimos na *Revista* do mês de agosto de 1861.

“Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor,

“Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e em perfeito acordo em outros. Acabo de ler, à pagina 213 do último número de sua revista, reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou

espíritas), às quais estou feliz de me associar com todas as minhas forças. Ali, toda dissidência em matéria de teoria e de doutrinas desaparece como por encanto.

“Talvez eu não seja tão severo como o senhor em relação aos médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam remuneração como indenização do tempo que consagram a experiências às vezes longas e cansativas; mas o sou tanto quanto o senhor — não poderia ser mais — em relação àqueles que, em caso semelhante, suplementam, na ocasião, pelo embuste e pela fraude, a ausência ou insuficiência de resultados prometidos e esperados. (Ver item nº 311.)

“Misturar o falso ao verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral do médium que acreditasse poder fazê-lo sem escrúpulo. Assim como o senhor observou, *é jogar o descrédito sobre o assunto no Espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida*. Acrescentarei que é comprometer da maneira mais deplorável os homens honrados que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se tornam avalistas de sua boa-fé e os patrocina de alguma forma; é cometer com eles uma verdadeira perversidade.

“Todo médium que fosse surpreendido em manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão bem popular, com a boca na botija, mereceria ser banido por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, porque seria um dever desmascará-los.

“Se for conveniente, Senhor, inserir estas linhas na sua revista, elas estão à sua disposição.

“Aceita etc. — **Mateus**”.

318. Todos os fenômenos espíritas não são igualmente fáceis de imitar. Há os que desafiam toda a habilidade da prestidigitação; tais são os movimentos de objetos sem contato, a suspensão de corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições etc., salvo o emprego de truques e de compadrio; por isso dizemos que o que necessário se faz em semelhante caso é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das

pessoas, da finalidade e do interesse que pudessem ter em enganar. Aí está o melhor de todos os controles, porque é de tais circunstâncias que decorrem todo o motivo das suspeitas. Pensamos em princípio que seja necessário desconfiar de quem fizesse desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade ou de divertimento, e pretendesse produzi-lo à vontade, da maneira exigida, como já explicamos. Não será demais repetir: as inteligências ocultas que se manifestam têm suas suscetibilidades e querem nos provar que têm também seu livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos. (Ver item nº 38.)

Basta-nos assinalar alguns subterfúgios empregados, ou que é possível empregar em certos casos, para prevenir contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto às pessoas que se obstinam em julgar sem se aprofundar na observação, será trabalho perdido procurar dissuadi-las.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o dos golpes batidos na substância mesma da madeira, com ou sem movimento da mesa ou do objeto do qual se serve. Esse efeito é um dos mais fáceis de imitar, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalidos no móvel; mas há uma pequena manobra especial que é útil desvendar. Basta colocar as duas mãos abertas sobre a mesa, bem aproximadas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, com um movimento muscular inteiramente imperceptível, provoca-se um atrito que produz um pequeno ruído seco que tem uma grande analogia com aquele da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil que ouvir tantos golpes quanto se pedir, uma bateria de tambor etc. do que responder a certas perguntas por um sim ou um não, por números, ou mesmo pelas letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é possível, se as mãos estiverem longe uma da outra, e se está seguro de que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Os golpes reais oferecem outras características, mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode ter lugar quando é devido à causa que assinalamos ou a outra análoga; que saia da mesa para se reproduzir sobre um móvel qualquer que ninguém toca, sobre as paredes, o teto etc., que responde enfim a perguntas não previstas. (Ver item nº 41.)

320. A escrita direta é ainda mais fácil de imitar, sem falar dos agentes químicos bem conhecidos para fazer aparecer a escrita há um tempo dado sobre o papel branco, o que se pode frustrar com as precauções mais vulgares. Poderia acontecer que, por uma escamoteação hábil, se substituísse um papel por outro. Poderia ser também que aquele que quisesse fraudar tivesse a arte de desviar a atenção enquanto escrevesse rapidamente algumas palavras. Disseram-nos ainda ter visto escrever assim com um pedaço de grafite dissimulado embaixo da unha.

321. O fenômeno dos transportes não se presta menos à prestidigitação. Pode-se facilmente ser vítima de um escamoteador mais ou menos destro, sem que seja necessário ser um profissional. No parágrafo especial que publicamos acima (Ver item nº 96), os Espíritos determinam as condições excepcionais nas quais se pode produzir, de onde se conclui que a obtenção *fácil e facultativa* pode ser considerada suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo XVI, “Médiuns especiais”, na segunda parte, mencionamos, de acordo com os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e aquelas que são raras. Convém desconfiar de médiuns que pretendem ter essas últimas muito facilmente, ou que ambicionem a multiplicidade das faculdades, pretensão que não é senão raramente justificada.

323. As manifestações inteligentes são, segundo as circunstâncias, aquelas que oferecem mais garantias. Entretanto, não estão ao abrigo da imitação, pelo menos as que dizem respeito às comunicações banais e vulgares. Acredita-se ter mais segurança com os médiuns mecânicos, não somente pela independência de ideias, mas também contra as trapaças; é por essa razão que certas pessoas preferem os intermediários materiais. Pois bem, é um erro. A fraude penetra por tudo e sabemos que com habilidade pode-se dirigir à vontade tanto uma cesta ou uma prancheta que escreve e lhe dar todas as aparências de movimentos espontâneos. O que afasta todas as dúvidas são os pensamentos expressos por um médium mecânico, intuitivo, auditivo, falante ou vidente. Há comunicações que estão tão fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que seria um estranho

abuso lhe fazer as honras. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não reconhecemos nele o dom de dar saber a um ignorante, ou espírito àquele que não o tem.

Resumindo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade notória do médium e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio que poderia estimular nele o exercício das faculdades mediúnicas que possui, porque essas mesmas causas podem levá-lo a simular aquelas que não têm.

REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

Reuniões em geral — Sociedade propriamente dita — Assuntos de estudo — Rivalidade entre as sociedades.

324. As reuniões espíritas podem ter grandes vantagens, porque permitem esclarecimentos por troca recíproca de ideias, pelas perguntas e observações que cada um pode fazer das quais todo mundo aproveita. Mas, para colher todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais que iremos examinar, porque seria errado tratá-las como sociedades comuns. De resto, as reuniões sendo todas coletivas, o que a elas concerne é a consequência natural das instruções precedentes. Elas têm que tomar as mesmas precauções e se preservar das mesmas dificuldades que os indivíduos. Por isso, colocamos este capítulo por último.

As reuniões espíritas têm caracteres muito diferentes, segundo a finalidade a que se propõem, e sua condição de ser deve, por isso mesmo, diferir também. Segundo sua natureza, podem ser: *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*.

325. As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que não veem senão o lado alegre das manifestações, que se divertem com os gracejos dos Espíritos levianos que gostam dessas espécies de reunião e onde têm toda a liberdade de ação. É lá que se pergunta toda espécie de

banalidade, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se coloca sua perspicácia à prova para adivinhar a idade, o que se tem no bolso, desvelar pequenos segredos e mil outras coisas do mesmo teor.

Essas reuniões são sem consequência; mas, como os Espíritos levianos são por vezes muito inteligentes e, que em geral, são de humor fácil e jovial, aí se produzem coisas muito curiosas das quais o observador pode tirar proveito. Aquele que tivesse visto só essas sessões julgaria o mundo dos Espíritos segundo esse modelo, faria uma ideia falsa como se julgasse toda a sociedade de uma grande cidade por aquela de certos bairros. O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não podem vir a tais reuniões, nas quais os espectadores não são mais sérios que os atores. Se quisermos nos ocupar de coisas fúteis, é necessário chamar Espíritos levianos, como se chamariam bufões para divertir uma sociedade. Mas haveria aí uma profanação, convidar nomes venerados a misturar o sagrado e o profano.

326. As *reuniões experimentais* têm mais particularmente por objeto a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas, é um espetáculo mais curioso que instrutivo; os incrédulos saem mais admirados que convencidos quando não tenham visto outra coisa. Todo seu pensamento se vira na procura de artifícios, porque, nada entendendo do que viram, supõem a existência de truques. O contrário ocorre com aqueles que estudaram; esses compreendem previamente a possibilidade e os fatos positivos determinam em seguida a consolidação de suas convicções. Se houvesse truques, estariam em condições de descobri-los.

Não obstante isso, essas espécies de experimentações têm uma utilidade que ninguém poderia negar, porque foram elas que levaram a descobrir as leis que regem o mundo invisível, e, para muitas pessoas, elas são um poderoso motivo de convicção. Mas afirmamos que só elas não bastam para iniciar alguém na ciência espírita, como a vista de um engenhoso mecanismo não pode fazer conhecer a mecânica para aquele que não conhece suas leis. Contudo, se essas experiências forem conduzidas com método e prudência, os resultados seriam bem melhores. Logo voltaremos ao assunto.

327. As reuniões instrutivas têm um outro caráter e, como é nelas que podemos tirar o verdadeiro ensinamento, insistiremos nas condições que devem preencher.

A primeira de todas é de permanecer séria em toda a acepção da palavra. É necessário se convencer de que os Espíritos aos quais se quer dirigir são de uma natureza toda especial; que o sublime não podendo se aliar ao trivial, nem ao bem ao mal, se quisermos obter boas coisas, é preciso se dirigir aos bons; é necessário, como condição expressa, estar nas condições propícias para que eles *queiram* vir; ou Espíritos superiores não virão mais em reuniões de homens levianos e superficiais, como não viriam em vida.

Uma sociedade não é verdadeiramente séria senão com a condição de se ocupar de coisas úteis, com a exclusão de todas as outras. Se ela aspira obter fenômenos extraordinários por curiosidade ou por passatempo, os Espíritos que os produzem poderão vir, mas os outros logo se afastam. Em uma palavra, seja qual for o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a secundar as tendências dos que a compõem. Uma reunião séria se afasta de seu objetivo se deixa o ensinamento pelo divertimento. As manifestações físicas, como dissemos, têm sua utilidade; aqueles que querem ver devem frequentar as reuniões experimentais e os que querem compreender, as de estudo. É assim que uns e outros podem completar sua instrução espírita, como no estudo da medicina, uns vão aos cursos, outros vão à clínica.

328. A instrução espírita não compreende somente o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas o estudo dos fatos. É a ela que cabe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a constatação do que é possível e do que não é. Em uma palavra, a observação de tudo o que pode fazer a ciência avançar. Seria errado acreditar que os fatos estejam limitados aos fenômenos extraordinários; que aqueles que chocam mais os sentidos sejam os únicos dignos de atenção; encontra-se a cada passo nas comunicações inteligentes e que homens reunidos para o estudo não poderiam negligenciar; esses fatos que seria impossível de enumerar, surgem de uma multidão de circunstâncias fortuitas; embora menos gritantes

não são de menor interesse para o observador que aí encontra ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo que o leve a penetrar mais fundo nos mistérios do mundo invisível; essa é a filosofia.

329. As reuniões de estudo são de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, sobretudo para aqueles que têm um desejo sério de se aperfeiçoar e que não vêm com uma boba presunção de infalibilidade. Uma das grandes dificuldades da mediunidade é, como dissemos, a obsessão e a fascinação; eles podem se iludir de boa-fé sobre o mérito do que obtêm e compreende-se que os Espíritos zombeteiros têm liberdade de ação, quando tratam com pessoas ignorantes do assunto. Por isso afastam o médium de todo controle, chegando mesmo, quando necessário, a tomar aversão a quem quiser esclarecê-lo. A favor do isolamento e da fascinação podem, facilmente, fazer aceitar tudo o que quiserem.

Nunca é demais repetir: aí está não somente uma dificuldade, mas o perigo; sim, um verdadeiro perigo. O único meio de ele escapar é o controle das pessoas desinteressadas e benevolentes, que julgam as comunicações com sangue frio e imparcialidade, podem lhes abrir os olhos e lhes fazer perceber o que não podem ver por si mesmos. Todo médium que teme esse julgamento já está no caminho da obsessão; aquele que acredita que a luz não se faz senão para ele está completamente sob o jugo; se leva a mal as observações, se as rejeita, se irrita, não pode haver dúvida sobre a natureza do Espírito que o assiste.

Já dissemos que um médium pode não ter os conhecimentos necessários para compreender os erros; pode se deixar enganar por grandes palavras e linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, isso na melhor boa-fé. Isso porque, à falta de suas próprias luzes, ele deve modestamente procurar recursos com outros, seguindo o adágio que diz que quatro olhos veem mais que dois e que não se é bom juiz na sua própria causa. É nesse ponto de vista que as reuniões são para os médiuns de grande utilidade, se ele é bastante sensato para ouvir os conselhos, porque lá se encontrarão pessoas mais clarividentes que ele, que perceberão as nuances tão delicadas por onde o Espírito trai sua inferioridade.

Todo médium, que deseja sinceramente não ser joguete da mentira,

deve procurar produzir nas reuniões sérias e para aí levar o que obtenha nas reuniões particulares; aceitar com reconhecimento, solicitar o exame crítico das comunicações que recebe; se é alvo de Espíritos mistificadores, é o mais seguro meio de se desembaraçar provando que eles não podem enganá-lo. O médium, que se irrita pela crítica, tanto menos razão tem para isso quanto seu amor-próprio não está envolvido no assunto, porque o que ele diz não é dele, não é mais responsável que se lesse versos de um mau poeta.

Insistimos sobre esse ponto, porque, se está lá uma dificuldade para os médiuns, há também para as reuniões nas quais não deve confiar levemente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de todos os médiuns obsedados ou fascinados seria mais prejudicial que útil. Não devem aceitá-lo. Pensamos ter entrado nos desenvolvimentos necessários para que lhe seja impossível se enganar sobre as características da obsessão, se o próprio médium não pode reconhecê-la. Uma das mais evidentes é a pretensão de estar sozinho com a razão contra todo mundo. Os médiuns obsedados, que não querem reconhecer sua situação, parecem esses doentes que se iludem quanto à sua saúde, perdendo-se por não se submeter a um regime salutar.

330. O que uma reunião séria deve se propor é afastar os Espíritos mentirosos; ela estaria em erro se acreditasse ao abrigo por sua finalidade e pela qualidade de seus médiuns; só o conseguirá quando ela própria criar condições favoráveis.

Para bem compreender o que se passa nessa circunstância, pedimos que o leitor se reporte ao que dissemos antes, no nº 231, “Influência do meio”. É necessário representar cada indivíduo como rodeado de certo número de acólitos invisíveis, que se identificam com seu caráter, seus gostos e suas tendências; então, toda pessoa que entra em uma reunião leva com ela Espíritos que lhe são simpáticos. Segundo seu número e sua natureza, esses acólitos podem exercer sobre a assembleia e as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela cujos membros, animados de igual amor ao bem, levariam com eles só bons Espíritos; à falta da perfeição, a melhor é aquela em que o bem sobrepuja o mal. Isso é tão lógico que não é necessário insistir.

331. Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante de todos os seus membros, formando como que um feixe; este terá tanto mais força quanto mais homogêneo for. Se foi bem compreendido o que foi dito (Ver item nº 282, pergunta 5), sobre a maneira pela qual os Espíritos são avisados de nosso chamado, se compreenderá facilmente a pujança da associação do pensamento dos assistentes. Se o Espírito é atingido de alguma maneira pelo pensamento, como nós pela voz, vinte pessoas, se unindo com a mesma intenção, terão, necessariamente mais força que uma só; mas, para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo fim, é preciso que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode ter lugar senão no recolhimento.

De outro lado, o Espírito, chegando num meio completamente simpático, sente-se mais à vontade; aí encontrando amigos, vem de mais boa vontade e está mais disposto a responder. Aquele que seguiu com atenção as manifestações espíritas inteligentes pode se convencer desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resulta um choque de ideias desagradável para o Espírito e por consequência prejudicial à manifestação. O mesmo acontece com um homem que deve falar numa assembleia; se sente que todos os pensamentos lhe são simpáticos e benevolentes, a impressão que recebe reage sobre suas próprias ideias e lhe dá mais vivacidade; a unanimidade desse concurso exercer sobre ele uma espécie de ação magnética que decuplica seus meios, enquanto que a indiferença ou a hostilidade o perturbam e paralisam. É assim que os atores são eletrizados pelos aplausos; ora, os Espíritos bem mais impressionáveis que os humanos, devem sofrer bem mais ainda a influência do meio.

Toda reunião espírita deve procurar manter a maior homogeneidade possível. Falamos das que querem chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis; se quer simplesmente obter comunicações quaisquer, sem se incomodar com a qualidade daqueles que a dão, é evidente que todas estas precauções são desnecessárias. Então não se queixe da qualidade do produto.

332. O recolhimento e a comunhão de pensamentos sendo as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se que um

grande número de assistentes deve ser uma das causas mais contrárias à homogeneidade. É verdade que não há nenhum limite absoluto a esse número. Compreende-se que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições que dez distraídas e barulhentas. É evidente que, quanto maior é o número, mais difícil será preencher essas condições. É um fato provado pela experiência que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às belas comunicações e isso pelos motivos que expusemos.

333. Ainda há outro ponto não menos necessário: é a regularidade das reuniões. Em todas, há sempre Espíritos que podemos chamar de *habituais*. Não nos referimos a esses Espíritos que se encontram em toda parte e se intrometem em tudo; são Espíritos protetores, aqueles que são evocados mais frequentemente.

Não pense que esses Espíritos não tenham mais nada a fazer que nos escutar. Eles têm suas ocupações e podem se achar em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões têm lugar em dias e horas fixos, eles se colocam à disposição e é raro que faltem. Há os que levam a pontualidade ao excesso; ofendem-se com um quarto de hora de atraso, e se foram eles que marcaram a reunião será inútil começá-la uns minutos antes.

Embora os Espíritos prefiram a regularidade, aqueles que são verdadeiramente superiores não são tão meticulosos a esse ponto. A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade, como tudo que é pueril. Fora das horas consagradas, eles podem, sem dúvida, vir e vêm de boa vontade se a finalidade é útil; mas nada é mais prejudicial às boas comunicações que chamá-los a torto e a direito, quando a fantasia nos toma e sem motivo sério. Como não estão sujeitos aos nossos caprichos, poderiam nem se incomodar em atender, e então, outros podem tomar seu lugar e seu nome.

Das Sociedades propriamente ditas

334. Tudo o que dissemos sobre os médiuns em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas: estas têm que lutar contra algumas dificuldades especiais que nascem do liame que

une seus membros. Dos pedidos que tivemos muitas vezes sobre sua organização, resumimos aqui em algumas palavras.

O Espiritismo que acaba de nascer é ainda apreciado de maneiras diversas, muito pouco compreendido na sua essência por um grande número de adeptos, para oferecer um liame poderoso entre os membros do que se poderia chamar uma associação. Esse liame não pode existir senão entre aqueles que veem o objetivo moral, o compreendem e procuram *integrar-se nele*. Entre os que não veem senão fatos mais ou menos curiosos, não poderia haver uma ligação séria. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência na maneira de encará-los pode dividi-los. Isso não aconteceria com os primeiros, porque sobre a questão moral não pode haver dois modos de ver. Assim, nota-se que em qualquer lugar em que se encontrem uma confiança recíproca os atrai uns para os outros; a benevolência mútua que reina entre eles banuiu o mal-estar e o constrangimento que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se ofende com a mínima contradição, do egoísmo que quer tudo para si.

Uma sociedade onde tais sentimentos reinassem sem divisão, onde se reunissem com o objetivo de vir se instruir com os ensinamentos dos Espíritos e não na esperança de ver coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer sua opinião, uma tal sociedade, dizemos, seria não somente viável como indissolúvel. A dificuldade em reunir numerosos elementos homogêneos nesse ponto de vista nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e para o bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem visar a se multiplicar por pequenos grupos mais que procurar se constituir em grandes aglomerações. Esses grupos se correspondendo entre eles, se visitando, transmitindo suas observações podem desde já formar o núcleo da grande família espírita que congregará um dia todas as opiniões e unirá os homens num mesmo sentimento de fraternidade, marcado pela caridade cristã.

335. Vimos qual é a importância da uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados. Essa uniformidade é necessariamente tanto mais difícil de obter quanto maior o número de participantes. Nos pequenos grupos se conhece melhor, se está mais seguro dos elementos

que aí se introduzem. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo aí se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem locais especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo inúteis nos pequenos grupos. A divergência de caracteres, das ideias, das opiniões, aí se revela melhor e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidades para aí semear a discórdia. Mais a reunião é numerosa, mais é difícil contentar todo mundo. Cada um quer que os trabalhos sejam dirigidos à sua vontade, que se ocupem de preferência com assuntos que mais lhe interessem. Alguns acreditam que seu título de sócio lhe dá o direito de impor sua maneira de ver. Daí as dissensões, uma causa de mal-estar que leva cedo ou tarde à desunião, depois à dissolução, sorte das sociedades seja qual for seu objeto. Os pequenos grupos não estão sujeitos às mesmas flutuações, a queda de uma grande sociedade seria uma perda aparente para a causa do Espiritismo e seus inimigos não deixariam de prevalecer disso. A dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, além disso, se um se dispersa, vinte outros se formam ao lado, ou, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propagação, que uma assembleia de trezentas a quatrocentas pessoas.

Dir-se-á, sem dúvida, que os membros de uma sociedade, agindo como falamos, não são verdadeiros espíritas, porque o primeiro dever que a doutrina impõe é a caridade e a benevolência. Isso é perfeitamente justo; assim pensam aqueles que são espíritas de nome mais que de fato; não pertencem seguramente à terceira categoria. (Ver item nº 28.) Mas quem diria que podem ser chamados de espíritas? Aqui se apresenta uma consideração que não é sem gravidade.

336. Não nos esqueçamos de que o Espiritismo tem inimigos interessados a criar-lhe embaraços e que veem seu sucesso com despeito. Os mais perigosos não são os que o atacam abertamente, mas aqueles que agem na sombra: aqueles que acariciam com uma mão e atacam com a outra. Esses seres malfazejos se infiltram por todo lugar onde esperam fazer o mal. Como sabem que a união é uma força, se empenham em destruí-la jogando o facho da discórdia. Quem diz, então, que aqueles que, nas reuniões, semeiam perturbações e discórdia

não são agentes provocadores interessados na desordem? Seguramente, não são nem verdadeiros nem bons espíritas; não podem jamais fazer o bem e podem fazer muito mal. Compreende-se que têm muito mais facilidade de se insinuar nas reuniões numerosas que nos pequenos grupos onde todo mundo se conhece. A favor de manobras escusas que passam despercebidas, semeiam a dúvida, a desconfiança e a desafeição; sob a aparência de um hipócrita interesse pela causa, criticam tudo, formam conciliábulos e grupinhos que logo rompem a harmonia da assembleia; é isso que querem. Face a face com essas pessoas, fazer apelo aos sentimentos de caridade, de fraternidade é falar a surdos voluntários, porque sua finalidade é precisamente destruir esses sentimentos que são o maior obstáculo às suas manobras. Esse estado de coisas, prejudicial em todas as sociedades, o é ainda mais nas sociedades espíritas, porque, se não leva a uma ruptura, causa uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Se a reunião está num mau caminho, dirão, homens sensatos e bem-intencionados não têm o direito de crítica; devem compactuar com o mal, sem nada dizer, e aprovar pelo seu silêncio? Sem nenhuma dúvida, é seu direito: é mais um dever; mas, se sua intenção é realmente boa, emitem seus conselhos com conveniência e benevolência, abertamente e não às escondidas. Se não forem ouvidos, se retiram, porque não se compreende que alguém se obstine a permanecer numa sociedade onde se faz coisas com as quais não se concorda.

Pode-se estabelecer um princípio que aquele que em uma reunião provoque a desordem ou a desunião, ostensivamente ou às escondidas, por qualquer meio, é, ou um agente provocador ou, ao menos, um muito mau espírita, de quem se deve desembaraçar o mais depressa possível. Entretanto, os compromissos mesmos que ligam todos os membros aí colocam obstáculos; por isso convém evitar compromissos indissolúveis; os homens de bem estão sempre bastante engajados: os mal-intencionados o são de maneira excessiva.

338. Além das pessoas notoriamente malfazejas que se infiltram nas reuniões, há aqueles que, por caráter, levam perturbação com eles por todo lugar onde se encontram. Assim, não seria demasiado o cuidado

em admitir novos elementos. Os mais prejudiciais, no caso, não são os ignorantes sobre a matéria, nem mesmo aqueles que não creem: a convicção não se adquire senão pela experiência e há pessoas que querem se esclarecer de boa-fé. Aqueles de quem se deve preservar são as pessoas de sistemas preconcebidos, os incrédulos sistemáticos que duvidam de tudo, mesmo da evidência; os orgulhosos, que pretendem ter o privilégio da verdade, querem impor sua opinião e olham com desdém aquele que não pensa como eles. Não se deixe tomar com o pretenso desejo de esclarecimento; mais de um se aborreceria de confessar que está errado. Guarde-se desses oradores insípidos que querem sempre ter a última palavra e daqueles que não se alegram senão na contradição; uns e outros fazem perder seu tempo sem proveito para eles mesmos; os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Visto a necessidade de evitar toda causa de perturbação e de distração, uma sociedade espírita que se organiza deve dar toda a sua atenção sobre as medidas próprias a tirar aos promotores de desordem os meios de incomodar e a dar maiores facilidades para os afastar. As pequenas reuniões têm necessidade de um regulamento disciplinar muito simples para a ordem das sessões. As sociedades regularmente constituídas exigem uma organização mais complexa; a melhor seria aquela menos complicada. Uma e outras poderão tirar o que lhe será aplicável ou que eles creiam ser útil, dos regulamentos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas que damos a seguir.

340. As sociedades pequenas ou grandes e todas as reuniões, qualquer que seja a importância, têm que lutar contra outra dificuldade. Os promotores de perturbação não estão somente em seu seio, estão igualmente no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores para as sociedades, as cidades e os povos, Espíritos malfazejos se ligam aos grupos como aos indivíduos. Atacam primeiro os mais fracos, os mais acessíveis dos quais procuram fazer seus instrumentos, e pouco a pouco vão envolvendo todos, porque sua alegria maligna está em razão do número daqueles que estão sob seu jugo.

Todas as vezes que, em um grupo uma pessoa cai na armadilha, é necessário dizer que há um inimigo no campo, um lobo no redil, e

que se deve conservar em guarda, porque é provável que multiplique suas tentativas. Se não se desencorajar por uma resistência enérgica, a obsessão se torna um mal contagioso, que se manifesta entre os médiuns pela perturbação da mediunidade, e entre outros pela hostilidade dos sentimentos, a perversão do senso moral e a perturbação da harmonia. Como o mais poderoso antídoto desse veneno é a caridade, é a caridade que procuram sufocar. Não é necessário esperar que o mal se torne incurável para então levar o remédio; não é necessário nem mesmo esperar os primeiros sintomas; é necessária a prevenção. Para isso, há dois meios eficazes, se forem bem empregados: a prece do coração e o estudo atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos mistificadores. O primeiro atrai os bons Espíritos, que não assistem senão os que os ajudam, por sua confiança em Deus. O outro prova aos maus que têm que tratar com pessoas esclarecidas e suficientemente sensatas para não se deixarem enganar. Se um dos membros sofre influência, todos os esforços devem tender, desde os primeiros sinais, a lhe abrir os olhos, de modo que o mal se agrave, a fim de levá-lo a compreender que foi enganado e o desejo de ajudar os que o procuram livrar.

341. A influência do meio é a consequência da natureza dos Espíritos e de seu modo de ação sobre os seres vivos; dessa influência, cada um pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspira conciliar a simpatia dos bons Espíritos e a obter só boas comunicações afastando as más. Essas condições estão todas nas disposições morais dos assistentes; e se resumem nos pontos seguintes:

Perfeita comunidade de vista e de sentimentos;

Benevolência recíproca entre todos os membros;

Abnegação de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;

Desejo único de se instruir e de se aperfeiçoar pelo ensinamento dos bons Espíritos e aproveitamento de seus conselhos. Quem estiver persuadido de que os Espíritos superiores se manifestam com vistas a nos fazer progredir e não para nos agradar compreenderá que eles devem se afastar daqueles que se limitam a admirar seu estilo sem dele tirar nenhum fruto de suas palavras e só são atraídos às sessões pelo maior ou menor interesse que lhes possam oferecer segundo seus gostos particulares;

Exclusão de tudo o que, nas comunicações solicitadas aos Espíritos, tivesse por finalidade a curiosidade;

Recolhimento e silêncio respeitosos durante as conversações com os Espíritos;

Associação de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos que sejam evocados;

Concurso de médiuns de assembleia com abnegação de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e ter por único desejo de se tornar útil.

Essas condições são tão difíceis de preencher que não se possa satisfazê-las? Não pensamos assim; esperamos que as reuniões verdadeiramente sérias, como já existe em diferentes localidades, se multiplicarão. Não hesitamos em dizer que é a elas que o Espiritismo deverá sua mais poderosa propagação. Unindo os homens honestos e conscienciosos, elas imporão silêncio à crítica. Quanto mais puras suas intenções, mais serão respeitadas, mesmo pelos seus adversários. *Quando a zombaria ataca o bem, deixa de fazer rir, torna-se desprezível.* É nas reuniões desse gênero que um verdadeiro laço de simpatia, uma solidariedade mútua, se estabelecerão pela força das circunstâncias e contribuirão para o progresso geral.

342. Seria um erro acreditar que as reuniões em que se ocupa mais especialmente de manifestações físicas estejam fora desse concerto fraternal, que elas excluam todo pensamento sério. Se não requerem condições tão rigorosas, nem por isso podem ser realizadas e assistidas com leviandade, impunemente. Estaria enganado quem acreditasse que o concurso dos assistentes seja nulo. Temos a prova do contrário no fato que frequentemente as manifestações desse gênero, mesmo provocadas por poderosos médiuns, não podem se produzir em certos meios. Há, então, também influências contrárias e essas influências não podem ser senão a divergência ou hostilidade dos sentimentos que paralisam os esforços dos Espíritos.

As manifestações físicas, como dissemos, têm grande utilidade. Abre um vasto campo ao observador. Porque é toda uma outra ordem de fenômenos insólitos que se desenrola a seus olhos e dos quais as

consequências são incalculáveis. Uma reunião pode, portanto, ocupar-se dessas manifestações com objetivos muito sérios, mas não poderia atingir seu alvo, seja como estudo, seja como meio de convicção, se não se coloca nas condições favoráveis. A primeira de todas não é a fé dos assistentes, mas seu desejo de se esclarecer, sem segundas intenções, sem ideia preconcebida de rejeitar mesmo a evidência. A segunda é a restrição de seu número para evitar a mistura de elementos heterogêneos. Se as manifestações são produzidas pelos Espíritos menos avançados, nem por isso tem um objetivo menos providencial. Os bons Espíritos as favorecem todas as vezes que possam ter um resultado útil.

Assuntos de estudo

343. Quando se evocam seus parentes e amigos, algumas personalidades célebres para comparar suas opiniões de além-túmulo com aquelas que tinham em vida, fica-se, às vezes, embaraçado quando as conversações caem no campo das banalidades e futilidades. Muitas pessoas pensam que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série de perguntas de moral e de filosofia. Isso é um erro, e por isso pode ser útil a indicação da fonte da qual se pode tirar novos assuntos de estudo, por assim dizer ilimitados.

344. Se a evocação de homens ilustres, de Espíritos superiores, é eminentemente útil, pelos ensinamentos que nos podem dar, a dos Espíritos vulgares não o é menos, embora não possam resolver problemas de alto alcance. Por sua inferioridade, eles mesmos se retratam e, quanto menor é a distância que os separam de nós, mais encontramos aí relações com nossa própria situação, sem contar que nos oferecem às vezes traços característicos do mais alto interesse, assim como já explicamos no nº 281, falando da utilidade das evocações particulares. É então uma mina inesgotável de observações, ainda mesmo que evoquemos os homens que apresentem qualquer particularidade em relação ao seu gênero de morte, de idade, de boas ou más qualidades, de sua posição feliz ou infeliz sobre a Terra, hábitos, estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o quadro de estudos se amplia; além das questões psicológicas que têm um limite, podemos propor-lhes inúmeros problemas morais sobre todas as situações da vida, sobre a

melhor conduta a assumir nesta ou naquela circunstância dada, sobre nossos deveres recíprocos. O valor da instrução que se recebe sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga. Cabe a nós julgar.

345. Além das evocações propriamente ditas, os ditados espontâneos oferecem matérias de estudo ao infinito. Consiste em esperar o assunto que agrada aos Espíritos tratar. Muitos médiuns podem, nesse caso, trabalhar simultaneamente. Algumas vezes pode-se fazer apelo a um determinado Espírito; o mais comum é esperar aqueles que queiram se apresentar, eles vêm, às vezes, da maneira mais imprevista. Esses ditados podem dar lugar a inúmeras perguntas das quais o tema já se acha assim preparado. Elas devem ser comentadas com cuidado para estudar todos os pensamentos que encerram e julgar se trazem com elas o selo da verdade. Esse exame, feito com serenidade, é, como dissemos, a melhor garantia contra a intrusão de Espíritos mistificadores. Por esse motivo, tanto para instrução de todos, poderá ser dado conhecimento das comunicações obtidas fora da reunião. Há, como se vê, uma fonte inesgotável de elementos sumamente sérios e instrutivos.

346. As ocupações de cada sessão podem ser reguladas como se segue:

- 1ª Leitura das comunicações obtidas na última sessão, passadas a limpo;
- 2ª *Assuntos diversos*, Correspondência, Leitura de comunicações obtidas fora das sessões, Relação de fatos que interessam ao Espiritismo;
- 3ª *Trabalhos de estudo*, Ditados espontâneos, Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos, Evocações;
- 4ª *Conferência*, Exame crítico e analítico das diversas comunicações; Discussão sobre os diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos novos, em formação, são algumas vezes atrasados em seus trabalhos pela falta de médiuns. Os médiuns são seguramente um dos elementos essenciais nas reuniões espíritas, mas não são o elemento indispensável. Seria errado pensar que em sua falta nada se poderia fazer. Sem dúvida, aqueles que se reúnem com um fim de experimentação não podem sem o médium, como músicos em um concerto sem instrumentos; mas aqueles que têm em vista o estudo sério têm mil assuntos todos úteis e aproveitáveis que podem ser discutidos por eles.

Além disso, as reuniões que têm médiuns podem acidentalmente se encontrar sem eles. Seria lamentável se acreditassem, nesse caso, não ter mais nada a fazer que se retirar. Os próprios Espíritos podem, de tempos em tempos, colocá-los nessa posição, a fim de lhes ensinar a passar sem eles. Diremos mais: que é necessário, para aproveitar seus ensinamentos, consagrar um certo tempo a meditá-los.

Associedades científicas não têm sempre os instrumentos de observação sob os olhos. Entretanto, não são embaraçadas para encontrar temas de discussão; na ausência de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras de autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam sobre as escrituras. As sociedades espíritas devem fazer o mesmo e tirarão grande proveito para seu aperfeiçoamento, estabelecendo conferências nas quais se leriam e comentariam tudo o que tem relação ao Espiritismo, ou contra ele. Dessa discussão, a que cada um leva o tributo de suas reflexões, brotariam traços de luz que passam despercebidos em uma leitura solitária. Ao lado dessas obras especiais, os jornais fornecem fatos, relatos, acontecimentos, de virtudes e vícios que levantam graves problemas morais que só o Espiritismo pode resolver. Esse também é um meio de provar que o Espiritismo se liga a todos os ramos da ordem social.

Afirmamos que uma sociedade que organizasse seu trabalho nesse sentido, procurando os materiais necessários, não encontraria tempo a dar as comunicações diretas dos Espíritos. Por isso chamamos sobre esse ponto a atenção dos grupos verdadeiramente sérios, aqueles que desejam mais ardentemente se instruir que procurar um passatempo. (Ver item nº 207, capítulo “Formação de médiuns.”)

Rivalidades entre as Sociedades

348. As reuniões que se ocupam exclusivamente de comunicações inteligentes e aquelas que se entregam ao estudo das manifestações físicas têm cada uma sua missão. Nem umas nem outras estariam no verdadeiro espírito do Espiritismo se se olhassem com rivalidade. Aquela que jogasse pedra na outra provaria só por isso a má influência que a domina. Todos devem concorrer, mesmo por vias diferentes, para

um objetivo comum, que é a pesquisa e a propagação da verdade. Seu antagonismo seria o efeito do orgulho superexcitado, fornecendo armas aos detratores, só prejudicariam a causa que pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que poderiam divergir sobre alguns pontos da doutrina. Como dissemos, no capítulo “Contradições”, essas divergências não levam, a maior parte do tempo, apenas sobre acessórios, às vezes mesmo sobre simples palavras. Então, seria puerilidade, separar o grupo, porque não se pensa exatamente igual. Seria ainda pior se esses diferentes grupos se olhassem com ciúmes. Compreende-se que a inveja ou ciúme entre pessoas que se fazem concorrência e podem ter um prejuízo material, mas, quando não há especulação, a inveja não pode ser senão uma mesquinha rivalidade de amor-próprio.

Como não pode haver uma sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, aquelas que são animadas de um verdadeiro desejo de propagar a verdade, cuja finalidade é unicamente moral, deve ver com prazer se multiplicar as reuniões, e, se há concorrência entre elas, isso deve ser um estímulo ao bem. Aquelas que pretendessem estar na posse exclusiva da verdade deveriam provar, tomando por divisa: *Amor e Caridade*, porque essa é a de todo bom espírita. Querem se prevalecer da superioridade dos Espíritos que os assistem? Que provem pela superioridade dos ensinamentos e pela prática deles. Aí está um critério infalível para distinguir aquelas que estão no melhor caminho.

Certos Espíritos, mais presunçosos que lógicos, tentam por vezes se impor sistemas estranhos e impraticáveis, em favor de nomes venerados dos quais se enfeitam. O bom senso faz logo justiça de suas utopias, mas, esperando, podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos. Daí a causa de dissentimentos momentâneos. Além dos meios que indicamos para avaliar esses sistemas, há outro critério que dá a medida de seu valor: é o número de partidários que recrutam. A razão diz que o sistema que encontra mais eco nas massas deve estar mais perto da verdade que aquele que é rejeitado pela maioria e vê suas fileiras diminuírem. Também tenham por certo que os Espíritos que recusam a discussão de seus ensinamentos é porque compreendem a fraqueza deles.

350. Se o Espiritismo deve, como foi anunciado, realizar a transformação da Humanidade, só pode ser pelo melhoramento das massas, a qual chegará gradualmente e, pouco a pouco, pelo aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer nos Espíritos se essa crença não o torna melhor, mais benevolente e mais indulgente com seus semelhantes, mais humilde, mais paciente na adversidade? De que serve o avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se está sempre cheio de si; o invejoso, se permanece ciumento? Todos os homens poderiam crer nas manifestações e a Humanidade permanecer estacionária, mas tais não são os desígnios de Deus. É em direção ao objetivo providencial que devem caminhar todas as sociedades espíritas sérias, agrupando em torno delas todas que têm os mesmos sentimentos. Então, haverá entre elas, união, simpatia, fraternidade e não um vão e pueril antagonismo de amor-próprio, de palavras mais que de coisas. Agora sim, elas serão fortes e poderosas, porque se apoiarão sobre uma base inabalável: o bem para todos; então serão respeitadas e imporão silêncio às tolas zombarias, porque falarão em nome da moral evangélica respeitada por todos.

Tal é a via pela qual nos esforçamos em levar o Espiritismo. A bandeira que arvoramos bem alto é aquela do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno do qual somos felizes de ver já tantos homens se reunirem sobre todos os pontos do globo, porque compreende que lá está a âncora da salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma nova era para a Humanidade.

Convidamos todas as sociedades espíritas a concorrer nesta grande obra; que de uma ponta a outra do mundo se estendam uma mão fraternal, e apanharão o mal nas malhas de uma rede inextricável.

CAPÍTULO XXX

REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada a 1º de abril de 1858

Autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, segundo comunicação do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota: Embora este regulamento tenha resultado da experiência, não o damos como um modelo obrigatório, mas unicamente para facilitar às sociedades em formação, que poderão tomar por normas as disposições que considerem úteis e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam próprias. Não obstante já se apresente simplificada, sua estrutura poderá ser ainda mais reduzida, mas de pequenos grupos particulares que só necessitam estabelecer medidas de ordem interna, de preservação e de regularidade dos seus trabalhos.

Oferecemo-lo como informação às pessoas que queiram estabelecer relações com a Sociedade Parisiense, seja como seus correspondentes ou para a integrem como membros.

CAPÍTULO I — Fins e constituição da Sociedade

Artigo 1º — A Sociedade tem por fim o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e sua aplicação às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. As questões de política, de controvérsia religiosa e de economia social lhe são interditas. Ela toma por nome: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*.

Artigo 2º — A Sociedade compõe-se de membros titulares, de sócios livres e membros correspondentes.

Pode conferir o título de membro honorário a pessoas residentes na França ou no exterior, que, por sua posição ou seus trabalhos, possam prestar-lhe serviços importantes.

Os membros honorários são anualmente sujeitos a uma reeleição.

Artigo 3º — A Sociedade só admite pessoas que simpatizam com os seus princípios e o objetivo de seus trabalhos, aquelas que já estiverem iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita ou estiverem seriamente animadas do desejo de nelas se instruírem. Em consequência, ela exclui todos os que possam trazer motivos de perturbação às suas reuniões, seja por uma atitude de hostilidade e oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, fazendo-a assim perder tempo em discussões inúteis. Todos os membros se obrigam reciprocamente à benevolência e bom tratamento, devendo em todas as circunstâncias colocar o bem geral acima das questões pessoais e do amor-próprio.

Artigo 4º — Para ser admitido como sócio livre é necessário solicitar por escrito ao Presidente, apoiado pela assinatura de dois membros titulares que se tornam responsáveis pelas intenções do postulante.

O pedido deve relatar sumariamente: 1º) se o postulante já possui conhecimento de Espiritismo; 2º) quais as suas convicções sobre os pontos fundamentais da ciência espírita; 3º) o compromisso de sujeitar-se em tudo com este regulamento. O pedido será submetido à comissão que proporá, se for o caso, a admissão, o adiamento ou a rejeição. O adiamento é de rigor para todo candidato que ainda não possua nenhum conhecimento da ciência espírita e não simpatiza com os princípios da Sociedade.

Os sócios livres têm o direito de assistir a todas as sessões, de participar dos trabalhos e das discussões de estudo, mas em caso algum terão voto deliberativo, no que concerne às questões administrativas da Sociedade.

Os sócios livres só o serão pelo ano de sua admissão, devendo a sua permanência na Sociedade ser ratificada ao fim desse primeiro ano.

Artigo 5º — Para ser membro titular, é necessário ter sido sócio livre pelo menos durante um ano, ter assistido a mais de metade das sessões e haver dado, durante esse tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em relação ao Espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e de sua vontade de agir em todas as circunstâncias, no tocante aos seus colegas, segundo os princípios da caridade e da moral espírita.

Os sócios livres que durante seis meses tiverem assistido às sessões da Sociedade poderão ser admitidos como membros titulares, além disso, se cumprirem as demais condições.

A admissão será proposta ex-offício pela comissão, com assentimento do associado, se for apoiada por três membros titulares. Em seguida será, se for o caso, submetido ao pronunciamento da Sociedade em votação secreta, após um relatório verbal da comissão.

Somente os membros titulares têm o direito ao voto deliberativo e gozam da faculdade concedida pelo artigo 25.

Artigo 6º — A Sociedade limitará, se julgar conveniente, o número dos sócios livres e dos membros titulares.

Artigo 7º — Os membros correspondentes são os que, não residindo em Paris, mantenham relações com a Sociedade, fornecendo-lhe documentos úteis para os seus estudos. Podem ser nomeados com a apresentação apenas de um membro titulado.

CAPÍTULO II — Administração

Artigo 8º — A Sociedade será administrada por um Diretor-presidente assistido pelos membros de uma diretoria e de uma comissão.

Artigo 9º — A diretoria se constituirá de: presidente, vice-presidente, secretário-geral, dois secretários assistentes e um tesoureiro. Poderão ser

nomeados um ou mais presidentes honorários. Na falta do presidente e do vice-presidente, as sessões poderão ser presididas por um dos membros da comissão.

Artigo 10º — O diretor-presidente deverá dedicar todas as suas atenções aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabe-lhe a direção geral e a superintendência da administração, bem como a conservação dos arquivos. O presidente é nomeado por três anos, e os demais membros da diretoria por um ano, sendo indefinidamente reelegíveis.

Artigo 11º — A comissão se compõe dos membros da diretoria e de mais cinco titulares, escolhidos de preferência entre os que tenham prestado concurso ativo aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo ou revelado seu espírito benevolente e conciliador. Esses cinco membros são como os da diretoria, nomeados por um ano e reelegíveis. A comissão é presidida de direito pelo diretor-presidente ou na sua falta pelo vice-presidente ou por aquele de seus membros designado para esse fim. A comissão é encarregada do exame prévio de todas as questões administrativas e outras ligadas à Sociedade; do controle das receitas e despesas ordinárias e de todas as medidas que julgar necessárias. Deve ainda examinar as matérias de estudo propostas pelos diversos membros, a formulá-las ela mesmo, a seu turno, e fixar a ordem das sessões de acordo com o presidente. O presidente pode sempre se opor ao exame de certos assuntos e sua colocação na ordem do dia, salvo quando se recorrer à diretoria, que decidirá. A comissão se reúne regularmente antes da abertura das sessões para o exame dos assuntos em pauta, e também em qualquer outro momento que julgar conveniente. Os membros da diretoria e da comissão que estiverem ausentes durante três meses consecutivos, sem terem apresentado justificativa, serão considerados como renunciando às suas funções e será providenciada a sua substituição.

Artigo 12º — As decisões, sejam da Sociedade ou da comissão, serão tomadas por maioria absoluta dos membros presentes; em caso de empate, o voto do presidente decidirá. A comissão pode deliberar com a presença de quatro de seus membros. A votação secreta poderá ser feita se for pedida por cinco membros.

Artigo 13º — A cada três meses, seis membros escolhidos entre os titulares ou os sócios livres são escolhidos para cumprir as funções de *comissários*. Os comissários são encarregados de velar pela ordem e a boa realização das sessões, de verificar o direito de participação de qualquer pessoa estranha que se apresente para assisti-las. Para esse fim, os membros designados se entenderão, de maneira a que um deles esteja presente no início das sessões.

Artigo 14º — O ano social começa em 1º de abril. As designações para a diretoria e a comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa época.

Os membros titulares também pagarão uma joia de 10 francos quando de sua admissão. A cota é paga integralmente para o ano em curso. Os membros admitidos no correr do ano só pagarão, nesse primeiro ano, os trimestres que faltarem, compreendido o da admissão. Quando o marido e a mulher forem aceitos como sócios livres ou titulares só lhes será exigida uma taxa e meia para os dois. A cada seis meses, a 1º de abril e a 1º de outubro, o tesoureiro prestará contas à comissão do emprego e da situação dos fundos. As despesas correntes com aluguéis e outras obrigatórias, havendo sido pagas, se houver saldo a Sociedade determinará o seu emprego.

Artigo 16º — Será conferido a todos os membros admitidos, sócios livres ou titulares, um cartão de associado com especificação de seu título. Esse cartão fica depositado com o tesoureiro, do qual o novo membro poderá retirá-lo pagando sua taxa de admissão. O novo membro não pode assistir às sessões antes de retirar seu cartão. A falta de retirada, um mês após sua admissão, fará que ele seja considerado demissionário. Será igualmente considerado demissionário todo membro que não houver pago sua taxa anual no primeiro mês de renovação do ano social, desde que não tenha atendido ao aviso enviado pelo tesoureiro.

CAPÍTULO III— Das Sessões

Artigo 17º — As sessões da Sociedade realizam-se às sextas-feiras, às 8 horas da noite, salvo modificação que for determinada. As sessões

são particulares ou gerais e jamais serão públicas. Toda pessoa que fizer parte da Sociedade, com qualquer título, deve assinar em cada sessão uma lista de presença.

Artigo 18º — O silêncio e a concentração são rigorosamente exigidos durante as sessões e particularmente durante os estudos. Ninguém pode usar da palavra sem permissão do presidente. Todas as questões dirigidas aos Espíritos serão feitas por intermédio do presidente, que pode recusar-se a fazê-las, de acordo com as circunstâncias. São rigorosamente proibidas as perguntas fúteis, de interesse pessoal ou de simples curiosidade ou feitas com o fim de submeter os Espíritos à prova, assim como todas aquelas que não tiverem um fim de utilidade geral, o ponto de vista dos estudos. São igualmente proibidas todas as discussões que se desviarem do objetivo em causa.

Artigo 19º — Todo membro tem o direito de pedir que seja chamado à ordem aquele que se afaste das conveniências durante a discussão ou que perturbem as sessões de qualquer maneira. O pedido será posto a votos imediatamente e, uma vez aprovado, será inscrito em ata. Três advertências no espaço de um ano acarretam a eliminação do membro, qualquer que seja o seu título.

Artigo 20º — Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade poderá ser lida sem ter sido submetida ao presidente ou à comissão, que podem aprovar ou não a sua leitura. Uma cópia de cada comunicação procedente de fora, cuja leitura foi autorizada, deve permanecer nos arquivos. Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade. Os médiuns que a receberem podem tirar cópia.

Artigo 21º — As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade e se realizarão na primeira, na segunda, e se for possível na quinta sexta-feira de cada mês. A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões concernentes à sua administração, bem como as matérias de estudo que reclamem maior tranquilidade e concentração, ou que ela julgue conveniente aprofundar antes de tratá-las na presença de pessoas estranhas. Têm o direito de assistir às sessões particulares, além dos membros titulares e dos sócios livres, os

membros correspondentes de passagem por Paris e os médiuns que prestem seu concurso à Sociedade. Nenhuma pessoa estranha será admitida a sessões particulares, salvo os casos excepcionais e com o assentimento prévio do presidente.

Artigo 22º — As sessões gerais serão realizadas nas segundas, quartas e sextas-feiras de cada mês. Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos que podem assisti-las temporariamente, sem delas fazerem parte. Essa autorização pode ser suspensa quando ela julgar conveniente. Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ser apresentado ao presidente por um membro da Sociedade, que se torna fiador de seu interesse em não causar perturbação nem interrupção dos trabalhos.

A Sociedade só admite como ouvintes pessoas que desejem tornar-se membros ou que se interessem pelos trabalhos e já estejam suficientemente iniciados na ciência espírita para compreender o que se passa. Deve ser recusada a admissão, de maneira absoluta, a quem só tiver por motivo a curiosidade ou cujas opiniões forem hostis. É interdita a palavra ao ouvinte, salvo em casos excepcionais, a critério do presidente. Aquele que perturbar a ordem de qualquer maneira ou manifestar má vontade com os trabalhos da Sociedade pode ser convidado a se retirar e, em todos os casos, será anotado o fato na lista de admissão, sendo-lhe impedida a entrada no futuro.

O número de ouvintes deverá limitar-se aos lugares disponíveis e os que possam assistir às sessões deverão inscrever-se previamente, fazendo mencionar a indicação de quem os recomendou. Em consequência, todo o pedido de entrada na sessão deverá ser feito vários dias antes ao presidente, único autorizado a conceder os cartões de admissão até o fim da lista. Os cartões servem apenas para os dias e para as pessoas designadas.

Não pode ser concedida permissão ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo autorização do presidente e para os casos excepcionais. Nenhum membro pode apresentar mais de duas pessoas de cada vez. Não serão limitadas as permissões concedidas pelo presidente. Os ouvintes não podem ser admitidos após a abertura da sessão.

CAPÍTULO IV — Disposições diversas

Artigo 23º — Todos os membros da Sociedade lhe devem seu concurso. Em consequência, têm o dever de recolher no seu respectivo círculo de observações os casos antigos ou recentes que possam ter ligação com o Espiritismo e os comunicar. Ao mesmo tempo, deverão informar-se, quanto possível, da notoriedade desses casos. Têm igualmente o dever de anotar todas as publicações que possam ter uma relação mais ou menos direta com o objetivo de seus trabalhos.

Artigo 24º — A Sociedade fará a crítica das diversas obras publicadas sobre o Espiritismo, quando julgar conveniente. Para isso encarregará um de seus membros, sócio livre ou titular, de emitir um parecer que será impresso, quando houver espaço, na *Revista Espírita*.

Artigo 25º — A Sociedade instalará uma biblioteca especial constituída por obras que forem oferecidas e das que ela adquirir. Os membros titulares poderão consultar na sede da Sociedade essa biblioteca e os arquivos nos dias e horas fixados para esse fim.

Artigo 26º — A Sociedade, considerando que sua responsabilidade pode ser moralmente comprometida por publicações particulares feitas pelos seus membros, determina que ninguém poderá usar em nenhum escrito o título de *membro da Sociedade*, sem estar autorizado para isso e sem haver dado a ela conhecimento prévio do texto. A comissão será encarregada de fazer um relatório a respeito. Se a Sociedade considerar o escrito incompatível com os seus princípios, o autor, após ter sido ouvido, será convidado a modificá-lo ou renunciar à sua publicação, ou não publicá-lo com o título de membro da Sociedade. Se não quiser submeter-se à decisão, poderá ser eliminado.

Qualquer escrito publicado por um membro da Sociedade sob anonimato, sem nenhuma indicação pela qual se possa reconhecer o autor, entra na categoria das publicações ordinárias, cuja apreciação a Sociedade se reserva o direito de fazer. Entretanto, sem querer impedir a livre manifestação das opiniões pessoais, a Sociedade convida seus membros que tenham a intenção de fazer publicações dessa espécie, previamente lhe pedirem o parecer oficioso, no interesse da ciência.

Artigo 27º — A Sociedade, querendo manter em seu seio a unidade dos princípios e o espírito de benevolência recíproca, poderá eliminar todo membro que se transforme em causa de perturbação ou que se manifestar em hostilidade aberta contra ela por meio de escritos comprometedores para a doutrina, de opiniões subversivas ou por um procedimento que ela não possa aprovar. A eliminação não será feita, entretanto, senão depois de uma advertência sem efeito e, após ouvir o membro inculcado, se este não quiser explicar-se. A decisão será tomada em escrutínio secreto, por maioria de três quartos dos membros presentes.

Artigo 28º — Todo membro que se retire voluntariamente no correr do ano não poderá reclamar a devolução das diferenças de seu pagamento de taxa; essas diferenças serão reembolsadas no caso de eliminação feita pela Sociedade.

Artigo 29º — Este regulamento poderá ser modificado, se necessário. As propostas de modificação só poderão ser feitas por intermédio do presidente, ao qual serão transmitidas, no caso de serem aceitas pela comissão. A Sociedade, sem modificar seu regulamento nos pontos essenciais, pode adotar todas as medidas complementares que achar convenientes.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

Reunimos neste capítulo algumas dissertações espontâneas, que podem completar e dar forma aos princípios contidos nesta obra. Poderíamos inserir um número muito maior, mas nos limitamos àquelas que mais particularmente se referem ao futuro do Espiritismo, aos médiuns e às reuniões. Damos ao mesmo tempo como instruções e como modelos do gênero de comunicações realmente sérias. Encerramos o capítulo com algumas comunicações apócrifas, seguidas de observações apropriadas a fazê-las reconhecer.

SOBRE O ESPIRITISMO

I

Tende confiança na bondade de Deus e sede bastante esclarecidos para compreender que Ele vos prepara um novo destino. Não vos será possível, é verdade, desfrutá-lo nesta existência. Mas não serieis felizes, se, mesmo não revivendo neste globo, pudésseis apreciar do alto a obra que começastes e que se desenvolverá sob os vossos olhos? Revesti-vos de uma fé sólida, sem vacilações, para enfrentar os obstáculos que parecem levantar-se contra o edifício cujos fundamentos lançastes. As bases em que ele se apoia são firmes: o Cristo colocou a sua primeira pedra. Coragem, pois, arquitetos do divino Mestre! Trabalhai, construí e Deus completará a sua obra. Mas lembrai-vos de que o Cristo não considera Seus discípulos os que só têm a caridade nos lábios. Não

basta crer, é necessário dar o exemplo da bondade, da benevolência e do desinteresse. Sem isso, a vossa fé será estéril para vós. — **Santo Agostinho.**

II

O Cristo mesmo é quem preside os trabalhos de toda natureza que estão em vias de realização, para vos abrir a era da renovação e do aperfeiçoamento que vos foi predita pelos vossos guias espirituais. Se, com efeito, lançardes os olhos, além das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis, sem qualquer dificuldade, os sinais precursores que vos provam, de maneira indubitável, que os tempos são chegados.

Estabelecem-se as comunicações entre todos os povos. As barreiras materiais são derrubadas, os obstáculos morais que impedem a sua união e os preconceitos políticos e religiosos desaparecerão rapidamente. Assim o reino da fraternidade se estabelecerá de maneira sólida e durável. Observai desde já que os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomam, coisa inacreditável para vós, a iniciativa das reformas. As reformas que partem de cima, de maneira espontânea, são mais rápidas e duráveis que as que procedem de baixo, arrancadas pela força.

Apesar dos prejuízos de criação e de educação, malgrado o culto da tradição, eu já havia pressentido a época atual. Por isso sou feliz, e mais feliz ainda de poder vir aqui e vos dizer: irmãos, coragem! Trabalhai por vós e para o futuro dos vossos; trabalhai, sobretudo, para vos melhorardes pessoalmente e podereis desfrutar, na vossa próxima existência, de uma felicidade tão difícil de imaginar agora, quanto a mim de vo-la fazer compreender. — **Chateaubriand.**

III

Penso que o Espiritismo é um estudo inteiramente filosófico das causas ocultas, dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada esclarecidos até hoje. Explica, mais ainda do que desvenda, novos horizontes. A reencarnação e as provas que suportais antes de chegar ao alvo supremo não são mais apenas revelações, mas confirmações plenas

da verdade. Sou tocado pelas verdades que por *esse meio* são trazidas à luz. Digo meio com intenção, pois, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que derruba as barreiras da incompreensão.

A preocupação com as questões morais está sendo despertada por toda parte; discute-se a política que desperta o interesse geral; discutem-se os interesses particulares; despertam paixão os ataques ou a defesa de personalidades; os sistemas conquistam partidários e detratores; mas as verdades morais, que são o alimento da alma, o pão da vida, permanecem na poeira acumulada dos séculos. Todas as formas de aperfeiçoamento parecem úteis aos olhos do povo, menos as da alma. Sua educação, sua elevação parecem quimeras que servem apenas para ocupar os lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres, seja como simples moda ou a título de ensinamento.

Se o *Espiritismo* ressuscita o *Espiritualismo*, dará à sociedade o impulso que despertará em uns a dignidade interior, em outros a resignação e em todos a necessidade de elevar-se para o Ser Supremo, olvidado e desconhecido pelas suas ingratas criaturas. — **J. J. Rousseau.**

IV

Se Deus envia os Espíritos para instruir os homens, é com o fim de os esclarecer sobre os seus deveres, de lhes mostrar a rota pela qual podem abreviar suas provas, apressando assim o seu adiantamento. Da maneira que o fruto amadurece, o homem chega à perfeição. Mas, ao lado dos Espíritos bons que velam pelo vosso bem, há também os Espíritos imperfeitos que desejam o vosso mal. Enquanto uns vos impelem para a frente, outros vos puxam para trás. É em distingui-los que deveis pôr toda vossa atenção. O meio é fácil: tratai simplesmente de compreender que tudo o que vem de um Espírito bom não pode prejudicar ninguém, e que tudo o que for mau só pode vir de um Espírito mau. Se não ouvirdes os sábios conselhos dos Espíritos que vos querem bem, se vos ofenderdes com as verdades que eles vos disserem, é evidente que estais aceitando as influências dos Espíritos maus. Só o orgulho pode vos impedir que vejais o que sois realmente. Mas se não o podeis ver por vós mesmos, outros veem por vós, de maneira que sois

censurados pelos homens que riem de vós por trás, e pelos Espíritos. —

Um Espírito Familiar.

V

Vossa doutrina é bela e santa. Seu primeiro marco está plantado e solidamente plantado. Agora só tendes que marchar. O caminho está aberto, grande e majestoso. Bem-aventurado é aquele que chegar ao porto. Quanto mais prosélitos fizerem, mais lhe será contado. Mas para isso é necessário não abraçar a doutrina com frieza. É preciso fazê-lo com ardor, e esse ardor será multiplicado porque Deus está sempre convosco quando praticais o bem. Todos os que conduzirdes serão ovelhas que voltaram ao aprisco, pobres ovelhas que se haviam transviado! Acreditai que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um pequeno recanto no coração que desejaria poder ocultar a si próprio. Pois bem, é esse cantinho que se deve procurar, que se deve encontrar, porque esse é o lado vulnerável que se tem de atacar. É uma pequena brecha deixada aberta e expressamente por Deus para facultar à sua criatura o meio de retornar a Ele. — **São Bento.**

VI

Não vos receeis de certos obstáculos, de certas controvérsias.

Não atormenteis a ninguém com qualquer teimosia. A persuasão só chegará aos incrédulos pelo vosso desinteresse, pela vossa tolerância e a vossa caridade com todos, sem exceção. Guardai-vos, sobretudo, de violentar a opinião, mesmo por simples palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos, mais conseguireis a apreciação dos outros. Que nenhum móvel pessoal vos leve a agir e encontrareis nas vossas consciências uma força de atração que só o bem proporciona.

Os Espíritos, por ordem de Deus, trabalham para o progresso de todos, sem exceção. Vós, Espíritas, fazei o mesmo. — **São Luís.**

VII

Qual a instituição humana ou mesmo divina que não teve de vencer obstáculos e cismas, contra os quais teve de lutar? Se tivésseis apenas

uma existência triste e preguiçosa ninguém vos atacaria, sabendo que sucumbiríeis de um momento para outro. Mas, como a vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore tem fortes raízes, supondo que pode viver longo tempo tentam cortá-la a machadadas. Que fazem esses invejosos? Cortarão quando muito alguns ramos, que renascerão com nova seiva e serão mais fortes do que nunca. — **Channing.**

VIII

Quero falar-vos sobre a firmeza que deveis ter nos trabalhos espíritas. A respeito desse assunto já vos foi feita uma citação que vos aconselho a estudar de todo coração, aplicando-a a vós mesmos, pois, como São Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito. Os fariseus e os incrédulos de hoje vos hão de escarnecer e injuriar, mas nada deveis temer, pois se trata de uma prova que vos fortalecerá se a souberdes entregar a Deus, pois assim vereis os vossos esforços mais tarde, coroados de sucesso. Será esse para vós um grande triunfo à luz da eternidade, enquanto neste mundo já será uma consolação para todos os que perderam parentes e amigos. Saber que eles estão felizes e que podem comunicar-se convosco é uma felicidade. Marchai avante, portanto, cumprindo a missão que Deus vos dá. Ela vos será contada no dia em que comparecerdes ante o Todo-Poderoso. — **Channing.**

IX

Sou eu que venho, o teu salvador e o teu juiz. Venho como outrora entre os filhos transviados de Israel. Venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Ouvi-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos materialistas que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus Poderoso que faz germinar as plantas e levanta as ondas. Revelei a divina doutrina. Como um ceifeiro, liguei em feixes o bem esparso pela Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis!

Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana. Quer, não mais por intermédio dos profetas, não mais por meio dos apóstolos, mas que

vos ajudeis uns aos outros, mortos e vivos, ou seja, mortos segundo a carne, porque a morte não existe, que vos socorrais mutuamente e que a voz dos que não mais existem se faça ouvir ainda para clamar: orai e crede! Porque a morte é a ressurreição, e a vida a prova escolhida, durante a qual as vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Crede nas vozes que vos respondem: são as próprias almas daqueles que evocais. Só raramente me comunico. Meus amigos, os que assistiram à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos dos desígnios de meu Pai.

Homens fracos, que acreditais no engano de vossas inteligências obscuras, não apagueis a chama que a clemência divina colocou em vossas mãos para clarear o caminho e vos levar, filhos extraviados, ao regaço de vosso Pai.

Eu vos digo, em verdade, crede na diversidade, na *multiplicidade* dos Espíritos. Estou bastante tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não estender a mão protetora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai, compreendi as verdades que vos são reveladas. Não misturem o joio com o bom trigo, os sistemas com as verdades.

Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo. Os erros que nele se enraizaram são de origem humana. E eis que do além-túmulo, que julgais vazio, as vozes clamam: Irmãos! Nada perece, Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.

Nota: Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, foi assinada por um nome que o respeito só nos permitiria reproduzir com absoluta reserva, tão grande seria a insigne graça de sua autenticidade, e porque já muito se abusou desse nome em comunicações evidentemente apócrifas. Esse nome é o de Jesus de Nazaré. Não duvidamos absolutamente que Ele possa manifestar-se. Mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores só o fazem em circunstâncias excepcionais, a razão nos impede de aceitar que o Espírito puro por excelência responda a qualquer apelo. Haveria pelo menos profanação em Lhe atribuímos uma linguagem indigna dele.

É por essas considerações que temos sempre evitado publicar tudo o que traz o Seu nome. Acreditamos que nunca seríamos demasiados cuidadosos no tocante a publicações dessa espécie, que só têm autenticidade para o amor-próprio dos interessados e cujo menor inconveniente é o de fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Como temos dito, quanto mais elevados são os Espíritos, mais desconfiança se deve ter da assinatura de seus nomes. Seria necessária uma grande dose de orgulho para alguém se vangloriar de ter o privilégio de Suas comunicações, julgando-se digno de conversar com Ele como se fosse com seus iguais. Na comunicação acima constatamos apenas a incontestável superioridade da linguagem e dos pensamentos, deixando a cada um o cuidado de apreciar se aquele de quem ela traz o nome a rejeitaria ou não.

Sobre os médiuns

X

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial, quer outros o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras; acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que se arrasta e se enreda mais do que avança, dessa razão que se perde no emaranhado dos interesses materiais e grosseiros, mas da razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para as regiões desconhecidas, flama sagrada que inspira o artista e o poeta, ideia divina que eleva o filósofo, impulso que arrebatava os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do conhecido ao desconhecido e o faz realizar os atos mais sublimes. Ouvi, pois, essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda que vos estende a mão do alto do céu. Repito: a

voz interior que fala ao coração é a dos Espíritos bons. E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns. — **Channing.**

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns. Os mistérios de Elêusis foram fundados sobre a mediunidade; os caldeus, os assírios possuíam médiuns. Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios de sua filosofia. Ele ouvia a sua voz. Todos os povos tiveram seus médiuns. As inspirações de Joana d'Arc nada mais eram que a voz dos Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom que hoje tanto se expande havia se tornado mais raro nos tempos medievais, mas jamais desapareceu. Swedenborg e seus adeptos constituíram uma numerosa escola. A França dos últimos séculos, irônica e voltada para uma filosofia que, desejando destruir os abusos da intolerância religiosa asfixiava no ridículo tudo quanto era ideal, devia afastar o Espiritismo que não cessava de progredir no norte. Deus permitira essa luta das ideias positivas contra as ideias espiritualistas porque o fanatismo se transformara na arma destas últimas. Hoje, que os progressos das indústrias e das ciências desenvolveram a arte de bem viver, de tal maneira que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Ele quer que o aperfeiçoamento do homem moral se transforme naquilo que deve ser, isto é, na finalidade e no alvo da vida.

O Espírito humano segue sua marcha necessária, semelhante à graduação por que passam todas as coisas no Universo visível e invisível. Todo progresso chega na sua hora: a da elevação moral chegou para a Humanidade. Ela não se cumprirá ainda nos vossos dias, mas agradecei ao Senhor por assistirdes a essa alvorada bendita. — **Pierre Jouty (pai do médium)**

XII

Deus me encarregou de uma missão que devo cumprir juntos aos crentes favorecidos pelo mediunato. Quanto mais graças eles recebem do Alto, mais perigos enfrentam, e esses perigos são tanto maiores quanto provêm dos próprios favores que Deus lhes concedem. As

faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens, os cumprimentos e as adulações: eis o seu tropeço. Esses mesmos médiuns que deviam sempre se lembrar de sua incapacidade anterior, a esquecem. Fazem ainda mais: aquilo que só devem a Deus atribuem-no ao seu próprio mérito.

Que acontece com isso? Os Espíritos bons o abandonam e eles se tornam joguetes dos maus, não dispondo mais de bússola para se guiarem. Quanto mais se tornam capazes, mais são levados a se atribuírem um mérito que não lhes pertence, até que Deus os castigue retirando-lhes uma faculdade que já então só lhes poderia ser fatal.

Nunca seria demais lembrar-vos de pedir assistência ao vosso anjo da guarda, para que ele vos ajude a estar sempre vigilantes contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho; lembrai-vos bem, vós que tendes de ser intérpretes entre os Espíritos e os homens, que sem o amparo de nosso Divino Mestre seríeis punido ainda mais severamente, porque fostes mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza seus frutos e desejo que ela possa ajudar aos médiuns a se manterem vigilantes contra o escolho em que poderiam quebrar-se. Esse escolho, como já vos disse, é o orgulho.

— **Joana d’Arc.**

XIII

Quando quiserdes receber as comunicações dos Espíritos bons, preparai-vos para essa graça através da concentração, das intenções puras e do desejo de praticar o bem em favor do progresso geral, lembrai-vos de que o egoísmo sempre retarda a evolução, lembrai-vos de que se Deus permite a alguns de vós receber o sopro de Seus filhos que, por sua conduta, souberam merecer a ventura de compreender Sua infinita bondade, é porque deseja, atendendo às nossas solicitações e tendo em conta as vossas boas intenções, conceder-vos os meios de avançar nesse caminho. Assim, pois, médiuns! aproveitai essa faculdade que Deus vos concedeu. Tende fé na mansuetude de nosso Mestre. Ponde a caridade sempre em ação. Não deixeis jamais de praticar essa virtude sublime, bem como a tolerância. Que vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência. É esse um meio certo de centuplicar vossa felicidade nesta vida passageira e de vos preparar uma existência mil vezes mais suave.

Que o médium que não se sinta com forças de perseverar no ensino espírita, se abstenha, pois, não tornando proveitosa a luz que o esclareceu, será mais culpado e terá de espiar a sua cegueira. — **Pascal.**

XIV

Hoje vos falarei do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, tanto quanto a modéstia e a abnegação. Deus lhes deu essa faculdade para que eles ajudem a propagar a verdade, mas não para fazerem dela um comércio. Por este não entendo somente os que desejassem explorá-la como o fariam com uma faculdade comum, os que se fizessem médiuns como outros que se fazem dançarinos ou cantores, mas todos os que pretendessem utilizar a mediunidade com fins interesseiros de qualquer espécie.

Seria racional supor que os Espíritos bons e, mais ainda, os Espíritos superiores que condenam a cupidez consentissem em participar de espetáculos e se pusessem à disposição de um empresário de manifestações espíritas, como comparsas? Não é mais racional supor que os Espíritos bons possam favorecer as intenções do orgulho e das ambições. Deus lhes permite comunicar-se com os homens para tirá-los do lamaçal terreno e não para servirem de instrumento às paixões mundanas. Não pode, pois, ver com prazer os que se desviam de seu verdadeiro fim o dom que lhes concedeu. Eu vos asseguro que eles serão punidos por isso, mesmo neste mundo, pelas mais amargas decepções. — **Delphine de Girardin.**

XV

Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo na medida de suas faculdades. Mas são poucos os que não se deixam levar pelo amor-próprio. É essa uma pedra de toque que raramente falha. Entre cem médiuns se encontra um, se possível, que não tenha julgado, por humilde que seja a sua condição, nos primeiros tempos de sua mediunidade, destinada a obter resultados superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a essa vaidosa missão, e o número é grande, tornam-se presas inevitáveis de Espíritos obsessores

que não tardam a subjugar-lhes, excitando-lhes o orgulho e apanhando-os pelo seu lado fraco. Quanto mais eles desejam elevar-se, mais ridícula é a sua queda quando não for até mesmo desastrosa para eles.

As grandes missões são confiadas aos homens excepcionais e Deus os coloca, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que o seu concurso possa ser eficaz. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem daquilo que certos Espíritos poderão dizer-lhes, quanto ao pretensão papel que eles são chamados a exercer, porque, se o tomarem a sério, só recolherão decepções neste mundo e um severo castigo no outro.

Que se convençam, portanto, os médiuns de que podem prestar grandes serviços na esfera modesta e obscura em que se acham, ajudando a converter os incrédulos ou dando consolações aos aflitos. Se eles tiverem de sair da obscuridade, serão conduzidos por mão invisível, que lhes preparará o caminho colocando-os em evidência, por assim dizer, malgrado eles mesmos. Que se lembrem destas palavras: “Quem quiser se elevar será rebaixado e quem se rebaixar será elevado.” — **O Espírito de Verdade.**

Sobre as sociedades espíritas

Nota: Entre as comunicações seguintes, algumas foram dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou endereçadas a ela. Outras, transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre os grupos, sua organização e as dificuldades que podem enfrentar.

XVI

Por que não iniciais as vossas sessões por uma invocação geral, uma espécie de prece, que pudesse dispor-vos à concentração? Porque é bom saberdes que sem recolhimento só tereis comunicações levianas; os Espíritos bons só comparecem onde são chamados com fervor e sinceridade. Eis o que ainda não se compreendeu devidamente. Compete a vós, portanto, dar o exemplo, a vós que se o quiserdes, podereis tornar-vos uma das colunas do novo edifício. Observamos os vossos trabalhos com satisfação e vos

ajudamos, mas com a condição de também nos ajudardes, mostrando-vos à altura da missão que fostes chamados a cumprir. Formai um feixe e sereis fortes. Os Espíritos maus não prevalecerão contra vós. Deus ama os simples de Espírito, o que não quer dizer os tolos, mas os que sabem renunciar a si mesmos e procurá-Lo sem orgulho. Podeis tornar-vos um farol para a Humanidade. Aprendei a distinguir o joio do trigo. Semeai apenas o trigo e evitai espalhar o joio, porque este impedirá que o trigo germine e sereis responsáveis por todo o mal que decorrer disso. Assim, sereis responsáveis pelas doutrinas errôneas que divulgardes. Lembrai-vos de que um dia o mundo pode voltar os olhos sobre vós. Esforçai-vos para que nada possa empanar o brilho das boas coisas que sairão do vosso esforço. É por isso que vos recomendamos pedir a Deus que vos assista. — **Santo Agostinho.**

Solicitado a ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu:

Sabeis que não existe nenhuma fórmula absoluta. Deus é bastante grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Não acrediteis que seja suficiente pronunciar algumas palavras para afastar os Espíritos maus. Guardai-vos, sobretudo, de usar uma dessas fórmulas banais que são recitadas por desencargo de consciência. Sua eficácia está na sinceridade do sentimento e na unanimidade da intenção, pois aqueles que não se associarem de coração não serão beneficiados nem poderão beneficiar os outros. Escrevei-a, vós mesmos, e submetei-a, se o quiserdes, a mim que eu vos ajudarei.

Nota: A fórmula seguinte de invocação geral foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em vários pontos:

“Suplicamos a Deus Todo-Poderoso que nos envie os Espíritos bons para nos assistirem, que afaste de nós os que pudessem nos induzir em erro. Dai-nos a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

Afastai também os Espíritos malfazejos que pudessem lançar a desunião em nosso meio suscitando a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem entrar em nosso recinto, em nome de Deus, determinamos que se retirem.

Espíritos bons que presidis os nossos trabalhos, vinde instruir-nos e tornar-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei que todo sentimento pessoal desapareça entre nós, ante o pensamento do bem geral.

Pedimos especialmente a nosso protetor particular dar-nos hoje o seu concurso.

XVII

Meus amigos, deixai-me vos dar um conselho, porque estais marchando sobre um terreno novo e, se seguirdes o caminho que vos indicamos, não vos perdereis. Disseram-vos uma verdade que desejamos lembrar: que o Espiritismo é uma moral e não deve sair dos limites da filosofia, se não quiser cair no campo da curiosidade. Deixai de lado as questões científicas. A missão dos Espíritos não é a de resolvê-las, poupando-vos o trabalho das pesquisas. Tratai antes de vos melhorardes, pois é assim que realmente avançareis. — **São Luís.**

XVIII

Zombaram das mesas girantes, mas jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Foram elas o vestíbulo da ciência. Ao passar por elas, devemos deixar os preconceitos como se deixa uma capa. Eu vos pediria demasiado para fazer de vossas reuniões um centro de trabalho sério. Que se façam demonstrações físicas onde quiserem, *que por aí se observe, que por aí se ouça, mas que entre vós se compreenda e se ame.* O que julgais ser aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar ou levantar-se uma mesa? Simples colegiais. O sábio passaria seu tempo a repetir o *a b c* da ciência? Entretanto, ao ver-vos interessados nas comunicações sérias, eles vos consideram como homens sérios em busca da verdade. — **São Luís.**

Perguntamos a São Luís se, com isso, ele queria condenar as manifestações físicas e ele respondeu:

Eu não poderia condenar as manifestações, desde que, se elas ocorrem é com a permissão de Deus e com uma finalidade útil. Ao dizer que elas representaram o vestíbulo da ciência, assinalei seu verdadeiro lugar e a sua utilidade. Não censuro senão os que a produzem por divertimento e curiosidade, sem delas tirar o ensinamento consequente. Elas estão para

a filosofia espírita como a gramática para a literatura. Aquele que chegou a determinado grau numa ciência não perde mais tempo em reestudar suas partes elementares.

XIX

Meus amigos e crentes fiéis, sou sempre feliz de poder vos guiar na senda do bem. É uma doce missão que Deus me concede e à qual me dedico, porque ser útil já é em si mesmo uma recompensa. Que o espírito de caridade vos una, tanto a caridade que dá como a que ama. Sede pacientes com as injúrias dos vossos detratores, sede firmes no bem e humildes perante Deus. O que eleva é somente a humildade: ela é a única grandeza que Deus reconhece. Somente assim os Espíritos bons vos atenderão; do contrário os do mal se apoderarão de vossa alma. Bendizei o nome do Criador e vos engrandecereis aos olhos dos homens, ao mesmo tempo em que aos de Deus. — **São Luís.**

XX

A união faz a força. Uni-vos para serdes fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas e vai estender sobre a Terra a sua ramagem benfazeja. É necessário que vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegar a isso, uma indulgência e uma benevolência recíprocas devem presidir às vossas relações; vossos defeitos devem passar despercebidos e vossas qualidades, somente elas, devem ser observadas. A chama da amizade pura deve unir, iluminar e aquecer os vossos corações. Assim podereis resistir aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável resiste às vagas furiosas. — **São Vicente de Paulo.**

XXI

Meus amigos, quereis formar um grupo espírita e eu vos aprovo, pois os Espíritos não podem ver com satisfação os médiuns que se conservam isolados. Deus não lhes concedeu essa faculdade sublime para eles somente, mas para o benefício geral. Na relação com os outros eles têm

mil ocasiões de se esclarecer quanto ao mérito das comunicações que recebem, enquanto que sozinhos estão mais sujeitos ao domínio dos Espíritos mentirosos, encantados de verem o médium sem controle. Eis o que vos deixo e, se não estiverdes dominados pelo orgulho, compreendereis e aproveitareis. Eis agora para os outros.

Sabeis realmente o que é uma reunião espírita? Não, porque no vosso zelo pensais que o melhor a fazer é reunir o maior número de pessoas, a fim de as convencer. Desenganai-vos disso. Quanto menos pessoas, mais obtereis. É, sobretudo, pela ascendência moral que encaminhareis os incrédulos, muito mais que pelos fenômenos. Se apenas os atrairdes por meio de fenômenos, irão vê-los por curiosidade e encontrareis curiosos que não acreditarão e rirão dos vossos esforços; se entre vós só existem pessoas dignas, talvez não creiam imediatamente, mas vos respeitarão e o respeito inspira sempre confiança. Estais convencidos de que o Espiritismo deve produzir uma reforma moral. Que o vosso grupo seja o primeiro a dar o exemplo das virtudes cristãs, porque neste tempo de egoísmo é nas sociedades espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar refúgio. Assim deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. De outra vez vos darei outros conselhos. — **Fénelon.**

XXII

Perguntastes se a multiplicidade dos grupos numa mesma localidade não poderia provocar rivalidades prejudiciais para a doutrina. A isso responderei que se estiverem imbuídos dos verdadeiros princípios dessa doutrina, serão irmãos em todos os espíritas e não rivais. Os que vissem outras reuniões com ciúmes provariam estar com segundas intenções, por interesse ou amor-próprio, não sendo guiados pelo amor da verdade. Garanto-vos que se pessoas assim estivessem entre vós provocariam logo a perturbação e a desunião. O verdadeiro Espiritismo tem por divisa *benevolência e caridade*. Dele se excluiu toda rivalidade que não seja a do bem que se pode fazer. Todos os grupos que inscreverem essa divisa em sua bandeira poderão dar-se as mãos como bons vizinhos, que não são menos amigos por não morarem na mesma casa. Os que pretendessem

ter por guia os melhores Espíritos deveriam prová-lo mostrando melhores sentimentos. Que haja luta, pois, entre eles, mas uma luta de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e humildade. Aquele que atirasse uma pedra no outro provaria estar influenciado por Espíritos maus. A natureza dos sentimentos que dois homens manifestem um pelo outro é a pedra de toque pela qual podemos conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem. — **Fénelon.**

XXIII

O silêncio e a concentração são as condições essenciais para todas as comunicações sérias. Jamais obtereis essas comunicações quando a atração para as vossas reuniões for apenas curiosidade. Fazei, pois, que os curiosos vão se divertir em outro lugar, porque a sua distração seria a causa de perturbações.

Não deveis tolerar nenhuma conversação quando os Espíritos estão sendo interpelados. Às vezes aparecem comunicações que exigem réplicas sérias de vossa parte e respostas não menos graves dos Espíritos evocados, que se sentem, notai bem, aborrecidos com os cochichos de certos assistentes. Daí nada se obter de maneira completa nem realmente séria. O médium que escreve experimentalmente, ele também, distrações bastante nocivas ao seu trabalho.— **São Luís.**

XXIV

Falarei da necessidade de observardes a maior regularidade na realização das vossas sessões, evitando toda a confusão e divergência de ideias. A divergência favorece a intromissão dos maus Espíritos em lugar dos bons, e quando isso acontece quase sempre são eles que respondem às perguntas formuladas.

De outra parte, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos entre si, como se poderiam evitar as ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda, uma vaga e brincalhona indiferença? Esse meio, eu o desejaria encontrar, eficiente e seguro. Talvez se encontre na concentração dos fluidos em torno dos médiuns. Eles somente, mas, sobretudo, os que são estimados, retêm os Espíritos bons na reunião,

mas a sua influência consegue apenas dissipar a perturbação dos Espíritos levianos. O trabalho de exame das comunicações é excelente. Nunca seria demais aprofundar o estudo das perguntas e principalmente das respostas. O erro é fácil mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto, que se esgota tão logo o concebeu, a instabilidade e a indiferença por certas formas convencionais, todas essas razões e muitas outras vos tornam um dever só confiar de maneira limitada, e sempre sujeita ao exame, mesmo quando se trate das comunicações autênticas — **Georges (Espírito Familiar)**.

XXV

Com que fim, na maioria das vezes, pedis comunicações dos Espíritos? Para obter belos trechos que mostrais aos vossos conhecidos como amostra do nosso talento e conservais preciosamente nos álbuns, sem lhes dar acolhida no vosso coração? Pensais que ficamos lisonjeados de comparecer às reuniões como a um concurso, disputando eloquência para que possais dizer que a sessão foi muito interessante? O que acontece quando recebeis uma comunicação admirável? Julgais que buscamos os vossos aplausos? Pois estais enganados: já não gostamos mais de vos distrair de uma maneira ou de outra. De vossa parte é ainda a curiosidade que vos impele e procurais dissimulá-la em vão.

A nossa finalidade é vos tornar melhores. Quando verificamos que as nossas palavras não produzem efeito e que tudo se reduz, de vossa parte, a uma aprovação estéril, vamos procurar outras almas que sejam mais dóceis. Deixamos então que venham substituir-nos os Espíritos que só gostam de falar e que nunca faltam. Admirai-vos de deixarmos que tomem o nosso nome. Que vos importa isso, desde que para nós tanto faz como tanto fez?

Sabei, entretanto, que não permitiríamos isso com aqueles que realmente nos interessam, quer dizer, aqueles que não nos fazem perder tempo. Esses são os nossos preferidos e os preservamos da mentira. Não vos queixeis senão de vós mesmos se sois frequentemente enganados. Para nós o homem sério não é aquele que evita o riso, mas aquele cujo

coração é tocado pelas nossas palavras, que as medita e as põe em prática. (Ver item nº 268, perguntas 19 e 20.) — **Massillon.**

XXVI

O Espiritismo deveria ser em si mesmo uma defesa contra o espírito de discórdia e dissensão. Mas esse espírito vem desde todos os tempos brandindo a sua tocha contra as criaturas, porque tem inveja da felicidade dos que buscam a paz e a união. Espíritas! Ele pode penetrar nas vossas assembleias e não duvideis que pode semear nelas a inimizade, mas será impotente contra aqueles que forem animados pela verdadeira caridade.

Ponde-vos, portanto, em guarda e vigiai sem cessar a porta de vosso coração, bem como as das vossas reuniões, para não deixar o inimigo entrar. Se vossos esforços forem impotentes para os que vos rodeiam, dependerá sempre de vós não lhes permitir o acesso em vossa alma. Se as dissensões agitam o vosso meio, só podem ser provocadas por Espíritos maus, pois os que se elevaram ao mais alto grau do sentimento do dever e à compreensão do verdadeiro Espiritismo sabem portar-se com urbanidade, mostrando-se mais pacientes, mais dignos e mais compreensivos. Os Espíritos bons podem às vezes permitir essas lutas para que os bons e os maus sentimentos tenham ocasião de se revelar, a fim de separarem o trigo do joio. Eles ficarão sempre ao lado dos que tiverem mais humildade e verdadeira caridade — **SãoVicente de Paulo.**

XXVII

Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que se querem fazer conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de fasciná-los e mantê-los sob o seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder. Tiranos políticos ou particulares, quando vivos, querem ainda tiranizar outras vítimas depois da morte. Desconfiai em geral das comunicações que revelam um caráter místico e estranho ou que prescrevem cerimônias e práticas bizarras. Há sempre, nesses casos, motivos de suspeita.

De outro lado, lembrai-vos de que quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade ela é comunicada, por assim dizer instantaneamente, a todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios e não a este ou aquele em particular, com exclusão dos demais.

Ninguém pode ser médium perfeito se estiver obsedado e a obsessão é evidente quando um médium só recebe comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure se colocar a si mesmo. Em consequência, todo médium, todo grupo que se acredita privilegiado por comunicações que só ele pode receber, e que, por outro lado, estão submetidos a práticas de natureza supersticiosa, encontram-se inegavelmente sob uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se vangloria de um nome que todos, Espíritos e encarnados, devem honrar e respeitar e não deixar que o profanem a qualquer propósito.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todas as informações e comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode estar fascinado, um grupo enganado, mas o controle severo de outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos dirigentes, nas comunicações dos principais médiuns que recebem, com lógica e autenticidade reconhecidas, de Espíritos esclarecidos, farão rapidamente justiça a esses ditadores mentirosos e astuciosos, provenientes de uma turba de Espíritos mentirosos e malévolos. — **Erasto (discípulo de São Paulo).**

Nota: Um dos caracteres distintivos desses Espíritos que querem impor-se, fazendo aceitar suas ideias bizarras e sistemáticas é a pretensão, como se fossem eles os únicos a saberem, a ter razão contra todo mundo. Sua tática é a de evitar a discussão. Quando se veem combatidos de maneira vitoriosa pelos argumentos irresistíveis da lógica, recusam-se desdenhosamente a responder e determinam aos seus médiuns que se afastem dos Centros onde suas ideias não são aceitas. Esse isolamento é o que há de mais fatal para os médiuns, porque sofrem sem defesa o jugo desses Espíritos obsessores, que os levam como cegos, frequentemente, pelos caminhos mais perigosos.

XXVIII

Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados. Encontram-se também, em número muito grande, entre os Espíritos orgulhosos que, sob as falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, ao lançarem entre as criaturas seus sistemas absurdos, que fazem os médiuns aceitar. Para melhor fascinar os que eles querem enganar, para dar mais peso às suas teorias, eles se enfeitam, sem escrúpulos de nomes que os homens pronunciam com respeito, como os de santos justamente venerados, os nomes de Jesus, de Maria e do próprio Deus.

São eles que semeiam os fermentos da discórdia entre os grupos, que os impelem a isolar-se uns dos outros e a se olharem enciumados. Bastaria isso para os desmascarar, pois, agindo assim, eles mesmos dão o mais formal desmentido ao que dizem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam apanhar em armadilha tão grosseira.

Mas há muitos outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer devem ser não só muito bons, mas também eminentemente lógicos e racionais. Pois bem, passai os seus sistemas pela peneira da razão e do bom senso e vereis o que deles restará. Concordai, pois, comigo, que toda vez que um Espírito indica, como remédio para os males da Humanidade, ou como meio de se atingir a sua transformação, medidas utópicas e impraticáveis, pueris e ridículas, quando formula sistemas contraditórios como as mais vulgares noções da Ciência, não pode ser mais do que um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, lembrai-vos de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom senso das massas e esse é também um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida de seu valor intrínseco vendo qual deles encontrará mais ressonância e simpatia. Seria lógico, com efeito, admitir que uma doutrina, cujo número de partidários esteja diminuindo, fosse mais verdadeira que a outra, cujo número aumenta? Deus, querendo que a verdade atinja a todos, não a confina num círculo restrito: faz que ela apareça em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz brilhe ao lado das trevas. — **Erasto.**

Nota: A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade está no fato de ser ensinado por vários Espíritos, através de médiuns estranhos uns aos outros, em diferentes lugares e além disso confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode dar raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode muito bem conseguir alguns adeptos, mas como lhe falta a primeira condição de vitalidade terá apenas uma existência efêmera. Eis por que não há motivo para inquietações: ele se mata pelos próprios erros e cairá inevitavelmente diante da poderosa arma da lógica.

Comunicações apócrifas

Há muitas vezes comunicações de tal maneira absurdas, embora assistidas por nomes os mais respeitáveis, que o mais vulgar bom senso demonstra a sua falsidade. Mas há aquelas em que o erro é disfarçado pela mistura com princípios certos, iludindo e impedindo às vezes que se faça a distinção à primeira vista. Mas elas não resistem a um exame sério. Daremos algumas, a seguir, como exemplo.

XXIX

A criação perpétua e incessante dos mundos é para Deus como uma espécie de gozo perpétuo, porque Ele vê continuamente seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. Não há número para Deus, como não há tempo. Eis por que centenas ou milhões não são mais nem menos para Ele. É um pai, cuja felicidade se forma da felicidade coletiva de Seus filhos. A cada segundo da criação Ele vê uma nova felicidade vir se fundir na felicidade geral. Não há parada nem suspensão nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a Terra e o Céu. Não conhecemos do mundo mais que uma pequena fração e tendes irmãos que vivem em latitudes que o homem ainda não conseguiu atingir. Que significam esses calores terríveis e esses frios mortais que paralisam os esforços dos mais audaciosos? Acreditais simplesmente haver chegado aos limites do vosso mundo, quando não mais podeis avançar com os vossos precários recursos? Podeis então medir com precisão o vosso planeta? Não acrediteis nisso. Há no vosso planeta mais regiões desconhecidas do que as conhecidas. Mas como é

inútil propagar ainda mais as vossas más instituições, todas as vossas leis imperfeitas, ações e modos de vida, há um limite que vos detém aqui ou ali e que vos deterá até que possais transportar as boas sementes que o vosso livre-arbítrio produzir. Oh! não, vós não conheceis o mundo que chamais Terra. Vereis na vossa existência um grande começo de provas desta comunicação. Eis que a hora vai soar, em que haverá uma outra descoberta além da última que foi feita; vereis que vai se alargar o círculo de vossa Terra conhecida, e quando toda imprensa cantar essa hosana em todas as línguas, vós, pobres crianças, que amais a Deus e procurais o Seu caminho, o sabereis antes mesmo que aqueles que darão o seu nome à nova Terra. — **São Vicente de Paulo.**

Nota: Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não suporta crítica. As incorreções, os pleonasmos, os torneios viciosos saltam aos olhos de quem quer que seja um pouco letrado. Mas isso não provaria nada contra o nome com que está assinada, atendendo-se que essas imperfeições poderiam provir da insuficiência do médium, como já demonstramos. O que pertenceria ao Espírito seria a ideia. Ora, quando ele diz que há no nosso planeta mais regiões desconhecidas do que conhecidas, que um novo continente vai ser descoberto, isso, é, para um Espírito que se diz superior, dar prova da mais profunda ignorância. Não há dúvida de que se podem descobrir, além das regiões geladas, alguns recantos de terra ainda desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as ocultou aos homens, a fim de que eles não levassem para elas as suas más instituições, é ter demasiada confiança na cegueira daqueles que recebem semelhantes absurdos.

XXX

Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual, que tão pouco ainda se conhece, são como dois pratos de uma balança perpétua. Até aqui as nossas regiões, as nossas leis, os nossos costumes e as nossas paixões fizeram de tal maneira pender o prato do mal para elevar o do bem, que temos visto o mal reinar soberano sobre a Terra. Pelos séculos é a mesma lamentação que sai da boca do homem, e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Há mesmo os que vão até a negação da existência de Deus. Vedes tudo aqui e nada lá; vedes o supérfluo que fere a

necessidade, o ouro que brilha junto à lama, todos os contrastes, os mais chocantes, que deveria provar a vossa dupla natureza. De onde vem isso? De quem a falta? Eis o que é necessário procurar com tranquilidade e com imparcialidade. Quando se deseja sinceramente se encontrar um bom remédio, encontra-se. Pois bem, malgrado essa dominação do mal sobre o bem, pelas vossas próprias faltas por que não vedes o restante seguir direito a linha traçada por Deus? Vedes as estações se desarranjarem? O calor e o frio se chocarem inconsideradamente? A luz do Sol esquecer-se de clarear a Terra? A Terra esquecer no seu seio a semente que o homem ali depositou? Vedes cessarem os mil milagres perpétuos que se produzem aos nossos olhos, desde a germinação da erva até o nascimento da criança, futuro homem? Mas, se tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isso? É bem simples: aproximar-se de Deus. Amarem-se, unirem-se, entenderem-se e seguirem tranquilamente a estrada cujas marcas se percebem com os olhos da fé e da consciência. — **São Vicente de Paulo.**

Nota: Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo da anterior, mas que diferença com a precedente! Não somente pelos pensamentos, mas ainda pelo estilo. Tudo é justo, profundo, sensato e certamente São Vicente de Paulo não a renegaria. Porque sem temor podemos atribuí-la a ele.

XXXI

Avante, filhos, cerrai as vossas fileiras! Quer dizer; que vossa união faça a vossa força. Vós que trabalhais na fundação do grande edifício, velai e trabalhai sempre para consolidar a sua base e poderdes então elevá-lo alto, bem alto. O progresso é imenso por todo o nosso globo. Uma quantidade inumerável de prosélitos se enfileira sob nossa bandeira. Muitos cétricos e mesmo os mais incrédulos também se aproximam. Avante, filhos, marchai de coração erguido, cheios de fé. A rota que seguis é bela, não esmoreçais. Segui sempre em linha reta, servindo de guias aos que vêm atrás. Eles serão felizes, muito felizes.

Marchai, filhos! Não precisais da força das baionetas para sustentar a vossa causa, precisais apenas da fé. A convicção, a fraternidade e a

união, eis as vossas armas. Com elas, sois fortes, mais poderosos que todos os potentados do mundo reunidos, não obstante seus exércitos, suas frotas, seus canhões e suas metralhas!

Vós que combateis pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, avançai, filhos, coragem e perseverança que Deus vos ajudará. Boa noite e até a vista. — **Napoleão.**

Nota: Napoleão foi, em vida, um homem grave e sério como poucos. Todos conhecem seu estilo breve e conciso. Teria degenerado após a morte, tornando-se verboso e burlesco? Esta comunicação pode ser de algum soldado que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, não se pode trocar de religião quando não se pode ao mesmo tempo satisfazer ao senso comum e à inteligência que se tem. Que possa, sobretudo, dar ao homem consolações presentes. Não, não se troca de religião, tomba-se de inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Vamos, vamos, pequena armada! Vamos e não temais as balas inimigas; aquelas que devem vos matar não foram ainda feitas, se estiverdes sempre, do fundo do coração no caminho de Deus, quer dizer, se quiserdes sempre combater pacífica e vitoriosamente pela comodidade e pela liberdade. — **São Vicente de Paulo.**

Nota: Quem reconhece São Vicente de Paulo com essa linguagem, com esses pensamentos descosidos e desprovidos de sentido? Que significam essas palavras: não, não se troca de religião, tomba-se de inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com suas balas, que ainda não foram feitas, suspeitamos muito ser esse Espírito o mesmo que se assinou, mais acima, Napoleão.

XXXIII

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida sob as ondas interesseiras a filosofia dos materialistas, segui-me pelo caminho da Judeia, segui a paixão de minha vida, contemplai agora os inimigos, vede os meus sofrimentos, os meus tormentos e o meu sangue derramado.

Filhos espiritualistas da minha nova doutrina, estais prontos a suportar, a enfrentar as ondas da adversidade, os sarcasmos de vossos inimigos. A fé avança sem cessar seguindo vossa estrela, que vos levará ao caminho da felicidade eterna, como a estrela conduziu pela fé os magos do Oriente à manjedoura. Sejam quais forem as vossas adversidades, sejam quais forem as vossas penas e as lágrimas que derramardes nessa esfera de exílio, tende coragem, persuadi-vos que a alegria que vos inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos de vossa existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que deve desaparecer para dar lugar à brilhante morada da alegria, da fraternidade e da união, à qual, por vossa obediência à santa revelação, chegareis. A vida, meus caros irmãos, nesta esfera terrestre, inteiramente preparatória, não pode durar mais que o tempo necessário para se viver bem preparado para essa vida que não poderá jamais passar. Amai-vos, amai-vos como Eu vos amei, irmãos! Eu vos abençoo; no céu vos espero. — **Jesus.**

Destas brilhantes e luminosas regiões em que o pensamento humano mal pode chegar, o eco de vossas palavras veio tocar meu coração.

Oh! de quanta alegria me sinto inundado em vos vendo, vós, os continuadores de minha doutrina. Não, nada se aproxima do testemunho dos vossos pensamentos! vós vedes, filhos, a ideia regeneradora lançada por mim outrora no mundo, perseguida, retida um momento sob a pressão dos tiranos, como vai agora, sem obstáculos, esclarecendo os caminhos da Humanidade, tão longo tempo mergulhada nas trevas.

Todo sacrifício grande e desinteressado, meus filhos, cedo ou tarde produz os seus frutos, meu martírio vo-lo provou; meu sangue derramado por minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados.

Sede benditos, vós que hoje tomais lugar na família regenerada! Ide, coragem, filhos! — **Jesus.**

Nota: Nada há de mau nessas duas comunicações. Mas o Cristo teve algum dia essa linguagem pretensiosa, enfática e empolada? Compare-se ambas com a que inserimos antes, assinada com o mesmo nome e se verá de que lado está o selo da autenticidade.

Todas essas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Observa-se no estilo um ar familiar, torneios de frases semelhantes, as mesmas expressões frequentemente repetidas, como por exemplo: *ide, ide, filhos etc.* de onde se pode concluir ser o mesmo Espírito que ditou todas elas sob nomes diferentes. Nesse círculo, que é, entretanto, muito consciencioso, mas um tanto crédulo demais, não se faziam evocações nem perguntas, tudo se esperava das comunicações espontâneas e vemos que isso não é uma garantia de identidade. Com perguntas um tanto exigentes e dispostas com lógica facilmente teriam colocado esse Espírito no seu lugar. Mas ele sabia que nada tinha a temer, desde que nada lhe perguntavam, aceitando sem controle e de olhos fechados tudo o que ele dizia. (Ver item nº 269.)

XXXIV

Que bela é a Natureza! Como a providência é prudente em sua providência! Mas a vossa cegueira e as vossas paixões humanas vos impedem de adquirir paciência na prudência e na bondade de Deus. Vós vos lamentais pela menor contrariedade, pelo menor atraso nas vossas previsões. Sabei, então, vacilantes impacientes, que nada ocorre sem um motivo previsto, sempre determinado em benefício de todos. A razão desses atrasos é a necessidade de reduzir a nada, impacientes doutores, as vossas previsões de anos maus para vossas colheitas.

Deus inspira aos homens a preocupação do futuro para os levar à providência. Vede como são grandes os recursos para resolver os vossos temores, propositalmente suscitados, e que no mais ocultam intenções ávidas, mais que a de aprovisionar com prudência, inspirada num sentimento de humanidade em favor dos pequenos. Vede as relações de nações para nações que daí resultarão; vede quantas transações deverão realizar-se; quantos recursos virão concorrer para remediar os vossos temores! Porque, vós o sabeis, tudo se encadeia, grandes e pequenos terão trabalho.

Então, não vedes desde logo nesse movimento uma fonte de certo bem-estar para a classe mais trabalhadora dos Estados, classe realmente interessante, que vós, os onipotentes da Terra, considerais como pessoas que se pode talhar à vontade, criada para as vossas satisfações?

Pois bem, o que acontece depois desse vaivém de um extremo a outro? Acontece que, uma vez bem providos, muitas vezes o tempo muda. O

Sol, obedecendo os desígnios de Seu criador, amadureceu em alguns dias as vossas colheitas. Deus pôs a abundância onde a vossa cobiça pensava na escassez. E, malgrado vosso, os pequenos poderão viver; sem suspeitardes, fostes a contragosto a causa de uma era de abundância.

Entretanto, acontece — Deus às vezes o permite — que os maus consigam êxito em seus projetos cúpidos. Mas então é um ensinamento que Deus quer dar a todos. É a providência humana que ele quer estimular. É a ordem infinita que reina na Natureza e que os homens devem imitar para enfrentar os acontecimentos com coragem, para suportá-los com resignação.

Quanto aos que se aproveitam calculadamente dos desastres, crede que serão punidos. Deus quer que todos os seres vivam. O homem não deve jogar com a necessidade nem traficar com o supérfluo. Justo nos Seus benefícios, grande na Sua clemência, demasiado bom ante a nossa ingratidão, Deus, nos Seus desígnios, é impenetrável. — **Bossuet.**
Alfredo de Marignac.

Nota: Esta comunicação não contém seguramente nada de mau. Contém mesmo ideias filosóficas profundas e conselhos muito prudentes, que poderiam enganar, quanto à identidade, pessoas pouco versadas em literatura. O médium que a recebeu, submetendo-se ao exame da Sociedade Espírita de Paris, viu que esta se levantou numa só voz para declarar que ela não podia ser de Bossuet. São Luís consultado a respeito respondeu:

— Esta comunicação, em si mesma, é boa, mas não acrediteis que foi Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a sua inspiração, e pôs embaixo o nome do grande bispo para que mais facilmente ela fosse aceita, mas pela linguagem deveis reconhecer a substituição. É do Espírito que colocou o seu nome após o de Bossuet. Esse Espírito, interrogado sobre o motivo que o levou a agir dessa maneira, declarou:

— Eu tinha desejo de escrever alguma coisa, a fim de me fazer lembrar pelos homens. Vendo que era fraco, quis juntar-lhe o prestígio de um grande nome.

— Mas não pensaste que podiam reconhecer que não era de Bossuet?

— Quem sabe o que pode acontecer ao certo? Vós podereis enganar-vos. Outros menos esclarecidos a teriam aceito.

Com efeito, a facilidade com que certas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível sob a cobertura de um grande nome é o que encoraja os Espíritos mistificadores. Devemos aplicar toda a nossa atenção em desfazer as tramas desses Espíritos, mas só o podemos fazer com a ajuda da experiência, adquirida por meio de um estudo sério. Por isso repetimos sem cessar: estudaí, antes de praticar, pois é esse o único meio de não terdes de adquirir a experiência à vossa própria custa.

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Agêner — (do grego: *a*, privativo, e *gêiné, géinomai*, gerar —; não gerado) variedade de aparição tangível. Estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir completa ilusão.

Batedor — Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são aqueles que revelam sua presença por golpes e ruídos de diversas naturezas.

Erraticidade — Estado dos Espíritos errantes, não encarnados, durante os intervalos de suas existências corporais.

Espírita — Aquele que se relaciona com o Espiritismo; partidário do Espiritismo; aquele que crê nas manifestações do Espírito.

Espiritismo — Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista — Essa palavra, empregada no princípio para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso, a palavra *espírita* prevaleceu.

Espírito — No sentido especial da Doutrina Espírita, os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo além do mundo material e que constituem o mundo invisível. Não são seres de uma criação particular, mas as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outras esferas e que deixaram seu envoltório corporal.

Espiritualismo — Diz-se no sentido oposto àquele de materialismo; crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões.*

Espiritualista — Aquele que se relaciona com o espiritualismo. Quem quer que creia que não somos apenas matéria é espiritualista, o que não implica a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente espiritualista; pode-se ser *espiritualista* sem ser espírita. O materialista não é nem um nem outro. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. Uma obra escrita com ideias *espiritualistas*. As

manifestações espíritas são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. A moral espírita decorre dos ensinamentos dados pelos Espíritos. Há *espiritualistas* que ironizam as crenças *espíritas*. Nestes exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pela palavra *espírita* produziria uma confusão evidente.

Estereótipo — (do grego, *stereos*, sólido); qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico — Qualidade da faculdade do médium — *Faculdade medianímica*.

Medianimidade — Faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Essas duas palavras são empregadas indiferentemente. Se quiser fazer uma distinção, poderíamos dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade* um sentido mais restrito: o dom da *mediunidade*; a *medianimidade mecânica*.

Médium — (do latim, *medium*, meio, intermediário); pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediunato — Missão providencial dos médiuns. Essa palavra foi criada pelos Espíritos. (Ver o capítulo XXXI, no XII.)

Mediunidade — ver *medianimidade*.

Perispírito — (do grego *peri*, em volta): envoltório semimaterial do Espírito. Entre os encarnados, ele serve de ligação ou de intermediário entre o Espírito e a matéria; entre os Espíritos errantes constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia — (do grego *pneuma*, e de *phoné*, som ou voz): voz de Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o auxílio da voz humana.

Pneumatografia — (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, Espírito e *graphô*, escrevo): escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão do médium.

Psicofonia — Comunicação de um Espírito pela voz de um médium falante.

Psicografia — Escrita dos Espíritos pela mão do médium.

Psicógrafo — (do grego *psiké*, borboleta, alma e *graphô*, escrevo): aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação — Retorno do Espírito à vida corporal, pluralidade das existências.

Sematologia — (do grego *sema*, signo, e *logos*, discurso): linguagem de sinais. Comunicação dos Espíritos pela movimentação de objetos inertes.

Tiptologia — (do grego *tipto*, eu bato, e *logos*, discurso): linguagem por meio de golpes batidos, modo de comunicação dos Espíritos; *tiptologia alfabética*.

Tiptólogo — Gênero de médiuns aptos à tiptologia. *Médium tiptólogo*.

NOTA EXPLICATIVA

“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita, de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre por meio de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite *“resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.”* (Revista Espírita, 1862, p. 401.) De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade.” (O Livro dos Espíritos, item 207.)

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.” (Revista Espírita, 1861, p. 432.)

“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente

a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes”. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p.373.)

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É firmado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”. (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1863 – 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005 – janeiro de 1863.)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVII, item 3.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No Capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversa, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita

pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica”. (A Gênese, Cap. XI, item 43.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações”. (Revista Espírita, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“*benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas*”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora